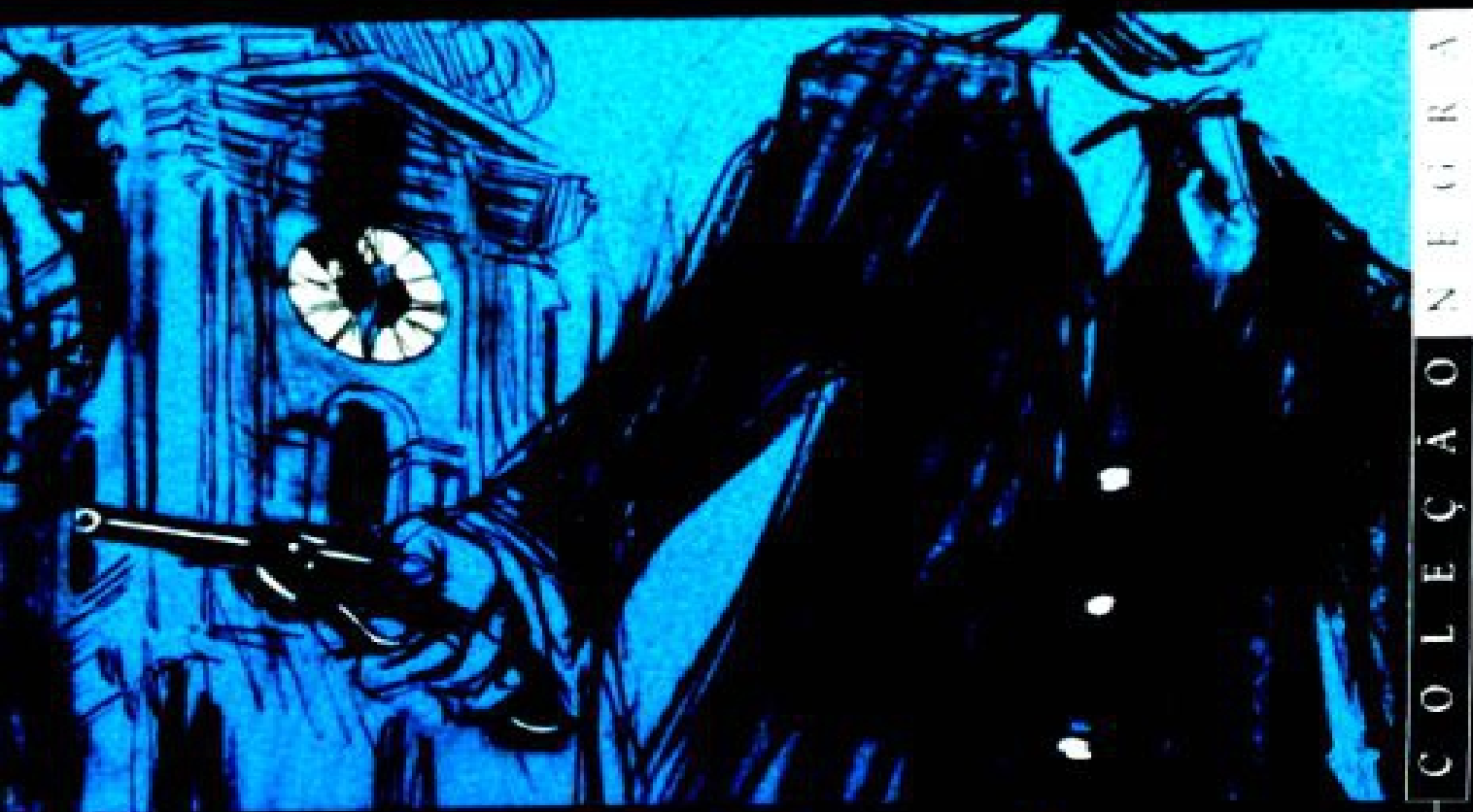


RÉQUIEM ALEMÃO

Uma nova aventura do detetive Bernie Gunther

Philip Kerr

"Um escritor brilhante e inovador." – Salman Rushdie



TERCEIRO VOLUME
DA TRILOGIA *BERNIE GUNTER*





RÉQUIEM ALEMÃO

Philip Kerr

TRADUÇÃO DE: Gilson B. Soares
EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2001

CIP-Brasil Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Kerr, Philip, 1956—

K48r Réquiem alemão / Philip Kerr; tradução Gilson Soares. -

Rio de Janeiro. Record, 2001

368p.—(Coleção Negra)

Tradução de: A german requiem

ISBN 85-01-05394-5

1. Romance inglês. I. Soares, Gilson Baptista. II. Título. III. Série.

CDD—823

01-1024 CDU-820-3

Título original inglês: A GERMAN REQUIEM

Copyright © 1991 by Philip Kerr

Projeto gráfico: Glenda Rubinstein Ilustrações: Marcello Gaú

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A. Rua
Argentina 171 -Rio de Janeiro, RJ-20921-380-Tel.: 2585-2000 que se reserva a
propriedade literária desta tradução Impresso no Brasil
ISBN 85-01-05394-5

Para Jane, e em memória de meu pai

Não é o que eles construíram. É o que eles derrubaram.

Não são as casas. São os espaços entre as casas.

Não são as ruas que existem. São as que não existem mais.

Não são suas lembranças que o assombram.

Não é o que você escreveu.

É o que você esqueceu, que você deve esquecer.

Que deve continuar esquecendo pelo resto da sua vida.

De "Um réquiem alemão", de James Fenton

Primeira Parte

BERLIM, 1947

Se você é um alemão na época atual, passa seu tempo no Purgatório antes de morrer, em sofrimento terreno por todos os pecados impunes e sem arrependimento do seu país, até o dia em que, com o auxílio das preces das Potências—ou três delas, de qualquer modo—, a Alemanha é finalmente purificada.

Por ora, vivemos com medo. Medo principalmente dos russos, somente igualado pelo pavor quase universal das doenças venéreas, o que se transformou em algo como uma epidemia, embora as duas aflições sejam consideradas como sinônimos.

CAPÍTULO I

Era um dia lindo e frio, do tipo que seria mais bem apreciado com uma lareira para atizar o fogo e um cachorro para coçar. Eu não tinha lareira nem cachorro, e também não havia qualquer lenha para queimar, além do que nunca fui muito chegado a cães. Mas eu estava aquecido graças ao cobertor que enrolara em volta das pernas e, mal começava a me congratular por ser capaz de trabalhar dentro de casa—na sala de estar adaptada como meu escritório—, quando houve uma batida no que se fazia passar por porta de entrada. Ergui-me do sofá com um palavrão.

— Só vai levar um minuto—gritei através da porta—, portanto não se vá.—Enfie a chave na fechadura e comecei a puxar a enorme maçaneta de latão.—Seria bom se você empurrasse do seu lado gritei de novo. Ouvi o arrastar de sapatos no patamar e a seguir senti uma pressão do outro lado da porta, que finalmente se escancarou.

Deparei com um homem de seus sessenta anos. Tinha malares salientes, nariz fino e curto, usava suíças fora de moda e ostentava uma expressão furiosa, que me recordava um irascível babuíno chefe de clã.

— Acho que devo ter arrancado alguma coisa—grunhiu ele, esfregando o ombro.

— Lamento—repliquei e me afastei para deixá-lo entrar.—Houve um pouco de afundamento no prédio. As portas precisam ser desempenadas, mas é claro que você não teria as ferramentas.—Eu o conduzi à sala de estar.—Mesmo assim, você não se sentirá tão desconfortável. Temos vidraças novas e o teto ainda parece capaz de proteger da chuva. Sente-se.—Apontei para a única poltrona e retomei meu lugar no sofá.

O homem depositou sua pasta, tirou o chapéu-coco e sentou-se com um suspiro fatigado. Ele não afrouxara o sobretudo cinzento e não o censurei por isso.

— Vi seu pequeno anúncio numa parede da Kurfürstendamm explicou ele.

— Nem precisa dizer—falei, lembrando vagamente as palavras que usara num pequeno quadrado de cartolina na semana anterior. Ideia de Kirsten. Com todos os anúncios de oferta e procura de casamento e amigação que cobriam as paredes dos prédios abandonados de Berlim, eu imaginara que ninguém se incomodaria em ler o meu. Mas ela, no fim das contas, estava certa.

— Meu nome é Novak—disse ele.—Dr. Novak. Sou engenheiro de processamento metalúrgico, numa fábrica em Wernigerode. Meu trabalho relaciona-se com a extração e produção de metais não-ferrosos.

— Wernigerode—repeti.—Fica nas montanhas Harz, não é? Na Zona Oriental? Ele assentiu.

— Vim a Berlim para fazer uma série de palestras na universidade. Esta manhã recebi um telegrama no meu hotel, o Mitropa...

Franzi o cenho, tentando me lembrar.

— É um daqueles hotéis casamata—explicou Novak. Por um momento ele pareceu propenso a me contar a respeito, mas depois mudou de ideia.—O telegrama era de minha esposa, pedindo-me para cancelar a viagem e voltar para casa.

— Algum motivo especial? Ele me entregou o telegrama.

— Diz que minha mãe não está bem.

Descobri o papel, dei uma olhada na mensagem datilografada e notei que de fato dizia que a mãe dele estava gravemente doente.

— Lamento saber.

O Dr. Novak sacudiu a cabeça.

— Não acredito é que minha mulher tenha mandado isto—replicou ele.—Minha mãe pode de fato estar idosa, mas goza de excelente saúde. Apenas dois dias atrás, estava cortando lenha. Não, o que acho é que este telegrama foi forjado pelos russos, a fim de me fazer voltar o mais depressa possível.

— Por quê?

— Há uma grande carência de cientistas na União Soviética. Acho que eles pretendem me deportar para trabalhar em uma de suas fábricas.

Dei de ombros.

— Então por que o deixaram viajar até Berlim, para início de conversa?

— Isso daria à Autoridade Militar Soviética um grau de eficiência que simplesmente não tem. Meu palpite é de que uma ordem para minha deportação acabou de chegar de Moscou, e que a AMS deseja me mandar de volta na primeira oportunidade.

— Telefonou para sua esposa? Para confirmar o telegrama?

— Sim. Ela respondeu apenas que eu devia voltar imediatamente.

— Então você quer saber se ela está em poder dos russos.

— Estive na polícia militar aqui em Berlim—disse ele—,mas... Seu profundo suspiro me disse que não teve sucesso.

— Não, eles não vão ajudar—repliquei.—Você acertou em ter vindo aqui.

— Pode me ajudar, Herr Gunther?

— Isto significa ir até a Zona—eu disse, meio para mim, como se precisasse de alguma persuasão, de que precisava mesmo.—Até Potsdam. Há alguém que sei que posso subornar no quartel-general do Grupo de Forças Soviéticas na Alemanha. Isso irá lhe custar alguma coisa, e não me refiro a duas barras de chocolate.—Ele assentiu, solene.—Por acaso não teria alguns dólares, teria, Dr. Novak?

— Ele fez que não com a cabeça.—Depois, há também a questão dos meus honorários.

— O que sugeriria? Acenei para sua pasta.

— O que leva aí?

— Apenas papéis, receio.

— Deve ter alguma coisa. Pense. Talvez alguma coisa no seu hotel.

Ele baixou a cabeça e soltou outro suspiro enquanto tentava se lembrar de algum pertence que tivesse algum valor.

— Olhe, Herr Doktor, já se perguntou o que fará se sua esposa estiver mesmo em poder dos russos?

— Sim—disse ele, desalentado, seus olhos embaçando-se por um momento.

Isto foi suficientemente articulado. As coisas não pareciam boas para o lado de Frau Novak.

— Espere um momento—disse ele, enfiando a mão no bolso da lapela do casaco e extraindo uma caneta-tinteiro de ouro.—Tenho isto.—Entregou-me a caneta.—É uma Parker. Dezoito quilates.

Rapidamente calculei seu valor.

— Cerca de 1.400 dólares no mercado negro—eu disse.—Sim, isso resolve o caso da propina dos russos. Eles adoram canetas, tanto quanto adoram relógios.—Ergui as sobrancelhas sugestivamente.

— Receio que não possa me desfazer do relógio—disse Novak. Foi um presente... de minha esposa.—Ele sorriu levemente ao perceber a ironia.

Assenti com simpatia e decidi apressar as coisas antes que ele fosse derrotado pelo sentimento de culpa.

—Agora, os meus honorários. Você mencionou metalurgia. Teria por acaso acesso a um laboratório?

— Mas é claro.

— E a uma fundição?

Ele assentiu pensativo, depois mais vigorosamente, ao entender do que se tratava.

— Você quer carvão, não é?

— Pode conseguir algum?

— Quanto você quer?

— Cinquenta quilos estaria bom.

— Muito bem.

— Volte daqui a 24 horas—eu disse a ele. —Até lá, já deverei ter alguma informação.

Trinta minutos mais tarde, após deixar um bilhete para minha mulher, eu estava fora do apartamento e a caminho da estação ferroviária.

No final de 1947, Berlim ainda parecia uma colossal acrópole de alvenaria derrubada e edificação em ruínas, um vasto e inequívoco monumento ao desperdício da guerra e ao poder de 75 mil toneladas de alto explosivo. Sem comparação, foi a destruição que caiu sobre a capital da ambição de Hitler: devastação em escala wagneriana, com o Anel completando o círculo—a iluminação final do crepúsculo dos deuses.

Em muitas partes da cidade, um mapa de ruas teria sido um pouco mais útil do que um pano para limpar vidraças de janelas. As ruas principais serpenteavam como rios em volta de altas barrancas de destroços. Trilhas para pedestres enveredavam íngremes sobre montanhas inseguras de cascalho traiçoeiro, que às vezes, em tempo mais quente, davam às narinas uma pista inconfundível de que algo mais que mobília doméstica estava enterrado ali.

Sem uma bússola para se orientar, você precisava de um bocado de calma para achar o caminho ao longo de ruas de mentira, nas quais só as fachadas de lojas e hotéis permaneciam instavelmente de pé, como um cenário de cinema abandonado; e você precisava de boa memória para os prédios, onde as pessoas ainda viviam em porões úmidos, ou mais precariamente nos andares inferiores de blocos de apartamentos dos quais uma única parede havia sido caprichosamente removida, expondo todos os cômodos e a vida no seu interior, como uma casa de bonecas gigante. Quase ninguém se arriscava nos andares superiores, não só porque havia poucos telhados não danificados como também muitas escadas perigosas.

A vida em meio aos destroços da Alemanha era com frequência tão insegura quanto havia sido nos últimos dias da guerra: uma parede desabando aqui, uma bomba não detonada ali. Ainda parecia muito uma loteria.

Na estação ferroviária, comprei o que esperava pudesse ser um bilhete premiado.

CAPÍTULO II

Aquela noite, no último trem de volta a Berlim, sentei-me sozinho num vagão. Deveria ter sido mais cuidadoso, ao menos porque me sentia satisfeito comigo mesmo por ter concluído com sucesso o caso do doutor. Mas também estava cansado, já que esse negócio ocupara quase todo o dia e uma parte considerável da noite.

Embora boa parte do meu tempo tivesse sido gasto na viagem. Geralmente ela levava duas ou três vezes mais tempo do que antes da guerra; e o que uma vez tinha sido uma jornada de meia hora até Potsdam, levava agora quase duas horas. Eu estava fechando os olhos para um cochilo, quando o trem começou a reduzir a velocidade e depois a frear para uma parada.

Vários minutos se passaram antes que a porta do vagão se abrisse e um soldado russo corpulento e extremamente malcheiroso embarcasse. Ele resmungou uma saudação para mim, à qual retribuí educadamente com um aceno de cabeça. Mas quase de imediato preendi a respiração, quando, oscilando suavemente nos seus pés enormes, o russo tirou do ombro a carabina Mosin Nagant e a engatilhou. Em vez de apontá-la para mim, ele virou-se e disparou a arma pela janela do vagão e, após a breve pausa, meus pulmões voltaram a funcionar, enquanto eu percebia que ele só estava dando um sinal para o maquinista.

O russo arrotou, sentou-se pesadamente quando o trem recomeçou a andar, empurrou o seu gorro de pele de carneiro com as costas da mão suja e, recostando-se, fechou os olhos.

Tirei do bolso do casaco um exemplar da edição britânica do Telegraf. Fingi ler, mantendo um olho no Ivan, como chamávamos todos os russos. A maior parte das notícias era sobre crime: estupros e assaltos na Zona Oriental eram tão comuns quanto a vodca ordinária que, com maior ou menor frequência, provocava o recrutamento deles.

Às vezes parecia que a Alemanha continuava sob a pressão sangrenta da Guerra dos Trinta Anos.

Eu conhecia bem poucas mulheres que não pudessem relatar um incidente no qual tivessem sido estupradas ou molestadas por um russo. E mesmo se alguma delas faz uma concessão às fantasias de uns poucos neuróticos, ainda era um número assombroso de crimes sexuais. Minha mulher conhecia várias garotas que apenas recentemente haviam sido atacadas, na véspera do trigésimo aniversário da Revolução Russa. Uma dessas garotas, estuprada por nada menos que cinco soldados do Exército Vermelho num posto policial em Rangsdorff, e que acabaria contraindo sífilis, tentou levar o caso à Justiça, só para ser submetida a um exame médico forçado e acusada de prostituição.

Mas havia também algumas que diziam que os Ivans simplesmente tomavam à força aquilo que as mulheres alemãs estavam muito bem dispostas a vender aos britânicos e aos americanos.

Queixas à Kommendatura soviética de que você tinha sido roubado por soldados do Exército Vermelho eram igualmente inúteis. E ainda corria o risco de ser informado de que "tudo que o povo alemão tem é um presente do povo da União Soviética". Isto bastava para estimular o roubo indiscriminado através da Zona Oriental, e você às vezes tinha sorte em sobreviver para relatar o caso. As predações do Exército Vermelho e seus muitos desertores tornavam as viagens pela Zona apenas um pouco menos perigosas do que um vôo no dirigível Hindenburg. Viajantes da ferrovia Berlim-Magdeburg tinham sido despídos e jogados para fora do trem; e a estrada de Berlim para Leipzig era tão perigosa que os veículos costumavam viajar em comboio; o Telegraf havia noticiado um assalto no qual quatro pugilistas, viajando para lutar em Leipzig, foram rendidos e despojados de tudo exceto suas vidas. Os mais famosos de todos foram os 75 assaltos cometidos pela gangue da Limusine Azul, que havia atuado na rodovia Berlim-Michendorf e incluía entre seus líderes o subchefe de polícia de Potsdam sob controle soviético.

Às pessoas que estavam pensando em visitar a Zona Oriental eu dizia "não faça isso"; e se elas insistiam em ir, dizia: "Então não leve relógio. Os Ivans adoram roubá-los; não use nada senão suas roupas e sapatos velhos... os Ivans gostam de qualidade; não argumente nem discuta... os Ivans não hesitariam em atirar em você. Se tiver que falar com eles, fale em voz alta sobre os fascistas americanos; e não leia nenhum jornal, exceto o seu próprio Taegliche Rundschau."

Eu mesmo devia ter seguido todos esses bons conselhos, pois de repente o Ivan no meu vagão levantou-se e parou inseguro a minha frente.

— Vi vihodeetye (vai saltar)?—perguntei-lhe.

Ele pestanejou de modo malévolos para mim antes de arrebatá o jornal de minhas mãos.

Ele tinha o tipo montanhês tribal, um enorme checheno estúpido de olhos negros amendoados, a mandíbula nodosa tão vasta quanto as estepes e um peito que parecia um sino de igreja virado para cima: o tipo de Ivan sobre o qual fazíamos piadas—como eles não sabiam o que era um lavatório e como guardavam sua comida nos vasos sanitários pensando que fossem geladeiras (algumas dessas histórias costumavam até ser verdade).

(mentiras)—rosnou ele, sacudindo o jornal, a boca babenta aberta exibindo grandes dentes amarelados. Apoiando a bota no assento ao meu lado, ele chegou mais perto.—Lganyo—repetiu em tom mais fraco do que o odor de salsicha e cerveja que seu hálito transportava até minhas indefesas narinas.

Ele pareceu sentir meu desagrado e revolveu a ideia em sua cabeça grisalha como se fosse um doce quente. Jogando o Telegraf no chão, estendeu a mão calosa.

— Ya hachoo padaroíc—disse ele, e depois mais lentamente, em alemão:—Quero presente.

Sorri para ele, assentindo como um idiota, e percebi que teria de matá-lo para não ser morto.

— Padarok—repeti.—Padarok.

Levantei-me lentamente e, ainda sorrindo e assentindo, arregacei gentilmente a manga do meu braço direito para revelar o pulso nu. O Ivan também sorria agora, pensando que ia se dar bem. Encolhi os ombros.

— Oo menya nyet chasov—eu disse, explicando que não tinha relógio para dar a ele.

— Shto oo vos yest (o que você tem)?

— Nichto—respondi, sacudindo a cabeça e convidando-o a vasculhar os bolsos do casaco.—Nada.

— Shto oo vás yestl—perguntou ele de novo, agora mais alto. Era como se eu estivesse falando ao pobre do Dr. Novak. Aliás, eu conseguira confirmar que sua mulher estava de fato em poder da MVD, a polícia política soviética. Tentando descobrir o que ele podia negociar.

— Nichto—repeti.

O sorriso sumiu do rosto do Ivan. Ele cuspiu no chão do vagão.

— Vroon (mentiroso)—grunhiu e examinou meu braço. Sacudi a cabeça e disse-lhe que não estava mentindo.

Ele se adiantou para me revistar de novo, só que desta vez deteve sua mão e segurou a manga do casaco com o polegar e o indicador sujos.

— Doraga (caro)—disse de modo apreciador, sentindo o tecido. Neguei com um aceno de cabeça, mas o casaco era de cashmere preto, o tipo de casaco que eu não devia estar usando na Zona Oriental—e não adiantava argumentar: o Ivan já estava desatando seu cinturão.

— Ya hachoo vashi koyt—disse ele, retirando seu próprio sobretudo surrado. Depois, seguindo até o outro lado do vagão, abriu a porta e me avisou para entregar-lhe o casaco, ou me jogaria fora do trem.

Eu não tinha qualquer dúvida: ele me lançaria para fora quer eu lhe entregasse o casaco ou não. Foi a minha vez de cuspir.

— Ny, nyelzya (nada feito)—eu disse.—Você quer este casaco?

Então venha pegá-lo, seu svinya fedido, seu feio kryestyarís idiota. Venha, tire-o de mim, seu bêbado escroto.

O Ivan rosnou ferozmente e pegou sua carabina no assento onde a deixara. Foi seu primeiro erro. Tendo visto o Ivan fazer sinal para o maquinista disparando sua

arma pela janela, eu sabia que não poderia haver um cartucho não detonado na culatra. Foi um processo dedutivo que ele só fez um momento depois de mim, mas na hora em que o Ivan acionava o ferrolho uma segunda vez, desferi um pontapé na sua virilha.

A carabina caiu estrondosamente no chão enquanto o Ivan se vergava de dor, uma das mãos entre as pernas, a outra me golpeando tão duramente a coxa esquerda que toda a perna ficou dormente. Enquanto ele se reaprumava, brandi a mão direita para descobrir meu pulso capturado firmemente por sua enorme pata. Ele agarrou minha garganta, e desferi-lhe uma cabeçada em cheio no rosto, o que o fez soltar meu pulso enquanto instintivamente levava as mãos em concha ao nariz do tamanho de um nabo. Brandi a mão de novo, mas desta vez ele se esquivou e me aferrou pelas lapelas do casaco. Foi o seu segundo erro, mas, por um breve e confuso instante, não o percebi. Inexplicavelmente, ele gritou e se afastou de mim, as mãos erguidas no ar diante dele como as de um cirurgião em serviço, as pontas dos dedos laceradas pingando sangue. Foi só então que me lembrei das giletes que costurara sob as lapelas muitos meses antes, só para esta eventualidade.

Meu ataque de pés juntos o arremessou ao chão, fazendo-o ficar com metade do tronco além da porta aberta do trem em alta velocidade. Deitando-me sobre suas pernas escoiceantes, esforcei-me para evitar que o russo se impulsionasse de volta ao vagão. Mãos viscosas de sangue me agarraram o rosto e depois se firmaram desesperadamente em volta do pescoço. Seu aperto aumentava e ouvi o gorgolejar de minha própria garganta, como o som de uma máquina de café expresso.

Acertei-o firme sob o queixo, não uma, mas várias vezes, e depois pressionei a quina da mão contra ele como se procurando empurrá-lo de volta ao ar noturno em disparada.

A pele da minha testa se retesava enquanto eu arfava para respirar.

Um estrondo terrível encheu meus ouvidos, como se uma granada houvesse explodido bem na minha cara, e por um segundo seus dedos pareceram se afrouxar. Investi contra sua cabeça e fiz contato com o espaço vazio que estava agora misericordiosamente assinalado por um coto sangrento de vértebra humana abruptamente interrompida. O

russo fora decapitado por uma árvore ou um poste telegráfico.

Caí de costas no vagão, exausto demais para ceder à onda de náusea que começava a me dominar. Mas, após uns poucos segundos, não pude mais resistir e, chamado à frente pela súbita contração do meu estômago, vomitei copiosamente sobre o corpo do soldado morto.

Decorreram vários minutos antes que eu me sentisse forte o bastante para empurrar o cadáver porta afora, o mesmo fazendo em seguida com a carabina. Peguei do assento o malcheiroso sobretudo do Ivan para jogá-lo fora também, mas

seu peso me fez hesitar. Vasculhando os bolsos, encontrei uma automática tcheca calibre 38, um punhado de relógios—provavelmente todos roubados—e uma garrafa pela metade de vodca Moscovskaya. Após decidir ficar com a arma e os relógios, destampeei a vodca, limpei o gargalo e ergui a garrafa ao céu noturno congelante.

— Alia rasi bo sun (Deus o proteja)—disse e tomei um generoso gole. A seguir, arremessei a garrafa e o capote fora do trem e fechei a porta.

Quando o trem chegou à estação, a neve flutuava no ar como fragmentos de algodão e se juntava para formar pequenas rampas de esqui no ângulo entre o muro da estação e a rua. Estava mais frio do que estivera a semana inteira e o céu parecia pesado com a ameaça de algo pior. Uma névoa pairava sobre as ruas brancas como fumaça de cigarro flutuando através de uma bem engomada toalha de mesa. Nas imediações, uma lâmpada de rua brilhava sem grande intensidade, mas o suficiente para iluminar meu rosto ao escrutínio de um soldado britânico cambaleando de volta para casa com várias garrafas de cerveja em cada mão. O estúpido sorriso de bêbado em seu rosto mudou para algo mais circunspecto ao captar um vislumbre meu. E praguejou, um tanto apavorado.

Passei manquejando rapidamente e ouvi o som de uma garrafa se quebrando no chão ao escorregar de dedos nervosos. De súbito, ocorreu-me que minhas mãos e rosto estavam cobertos com o sangue do russo, sem falar do meu próprio. Eu devia estar parecendo Júlio César em sua última toga.

Entrando num beco próximo, lavei-me com um pouco de neve, que pareceu remover não só o sangue como também a pele, e provavelmente deixou meu rosto um pouco mais vermelho do que estava antes. Completada minha toalete, caminhei o mais rápido possível e cheguei em casa sem maiores contratempos.

Passava de meia-noite quando meti o ombro na minha porta pelo menos, era mais fácil entrar do que sair. Esperando que minha mulher estivesse na cama, não fiquei surpreso ao descobrir o apartamento às escuras, mas quando fui para o quarto vi que ela não estava.

Esvaziei os bolsos e me preparei para dormir.

Coloquei os relógios do Ivan sobre a mesinha de cabeceira—um Rolex, um Mickey Mouse, um Patek e um Doxa—, todos funcionando e acertados com diferença de um ou dois minutos um para o outro. Mas observar uma marcação de tempo tão acurada só serviu para acentuar o atraso de Kirsten. Eu poderia ter ficado preocupado por ela, não fosse a minha suspeita de onde ela estava e o que estava fazendo, além do fato de estar esgotado até as tripas.

Minhas mãos tremiam de fadiga, meu córtex doendo como se golpeado por um amaciante de carne. Arrastei-me para a cama mais desanimado do que se tivesse sido afastado do convívio humano para pastar como um boi.

CAPÍTULO III

Acordei com o som de uma explosão distante. Estavam sempre dinamitando escombros perigosos. O uivo de lobo do vento fustigou a janela. Aconcheguei-me ao corpo quente de Kirsten enquanto minha mente decodificava lentamente as pistas que me levaram de volta ao labirinto escuro da dúvida: o aroma no seu pescoço, o odor de fumaça de cigarro que impregnava o seu cabelo.

Eu não a tinha visto vir para a cama.

Gradualmente, um dueto de dor entre minha perna direita e a cabeça começou a se fazer ouvir. Fechando de novo os olhos, resmunguei e deitei-me cansadamente de costas, lembrando os pavorosos eventos da noite anterior. Eu havia matado um homem. Pior de tudo: havia matado um soldado russo. O fato de ter agido em legítima defesa, eu sabia, seria de somenos importância para um tribunal manipulado pelos soviéticos. Só havia uma punição para quem matasse soldados do Exército Vermelho.

Agora me perguntava quantas pessoas poderiam ter-me visto saindo da estação com as mãos e o rosto de um caçador de cabeças sul-americano. Decidi que seria melhor ficar longe da Zona Oriental por pelo menos vários meses. Mas, olhando para o teto do quarto danificado pelas bombas, lembrei-me da possibilidade de que a Zona Oriental poderia optar por vir a mim: lá estava Berlim, um retalho fasquiado aberto sobre uma vastidão de reboco de outro modo imaculada, enquanto no canto do quarto estava a sacola de gesso de construção comprada no mercado negro, com o qual estive um dia pretendendo cobri-lo. Eram poucos os que não achavam, eu inclusive, que Stalin estava preparando uma missão similar para cobrir o pequeno retalho exposto de liberdade que era Berlim.

Levantei-me do meu lado da cama, lavei-me na jarra, vesti-me e fui à cozinha procurar algum desjejum.

Sobre a mesa havia vários artigos de mercearia que não estavam lá na noite anterior: café, manteiga, uma lata de leite condensado e duas barras de chocolate—tudo do reembolsável ou da cantina, as únicas lojas que tinham de tudo, e que eram restritas aos militares americanos. Racionamento significava que as lojas alemães se esvaziavam quase tão rápido quanto eram abastecidas.

Qualquer alimento era bem-vindo: com cupons totalizando menos de 3.500 calorias diárias a ser divididas entre mim e Kirsten, estávamos o tempo todo famintos—eu havia perdido mais de quinze quilos desde o final da guerra. Ao mesmo tempo tinha minhas dúvidas acerca do método de Kirsten para obter esses suprimentos extras.

Mas por ora pus de lado minhas suspeitas e fritei umas batatas com borra de café ersatz para dar-lhes algum sabor.

Atraída pelo cheiro, Kirsten surgiu à porta da cozinha.

— Dá para dois?—perguntou.

— Claro—eu disse e pus um prato diante dela. Ela notou o machucado em minha face.

— Meu Deus, Bernie, o que foi que aconteceu com você?

— Tive uma briga com um Ivan a noite passada.—Deixei-a tocar meu rosto e demonstrar sua preocupação por um momento, antes de sentar para comer meu desjejum. -

O sacana tentou me roubar. Nos atracamos por um minuto e a seguir ele deu no pé. Creio que deve ter tido uma noite atarefada. Deixou alguns relógios para trás.

— Eu não ia contar-lhe que o russo estava morto. Não fazia sentido deixar nós dois apreensivos.

— Eu os vi. Parecem coisa fina. Devem valer uns dois mil dólares.

— Irei até o Reichstag esta manhã para ver se consigo vendê-los para algum Ivan.

— Cuidado para que ele não esteja por lá procurando você.

— Não se preocupe. Vai correr tudo bem.—Levei algumas batatas à boca, peguei a lata de café americano e olhei para ela impassível. Chegou um pouquinho tarde a noite passada, hem?

— Você dormia como um bebê quando cheguei.—Kirsten ajeitou o cabelo com a palma da mão e acrescentou:—Estivemos muito atarefados ontem. Um dos ianques fechou a casa para sua festa de aniversário.

— Entendo.

Minha esposa era professora primária, mas trabalhava como garçonne num bar em Zehlendorf, exclusivo para soldados americanos. Debaixo do sobretudo que o frio a obrigava a usar dentro do apartamento, ela já estava vestida com a túnica vermelha de chintz e o minúsculo avental de babados que formavam seu uniforme.

Sopesei o café em minha mão.

— Você afanou este troço?

Ela assentiu, evitando meu olhar.

— Não sei como conseguiu sair com isso—comentei.—Eles não revistam vocês? Não dão por falta na despensa?

Ela riu.

— Você não faz ideia de quanta comida há naquele lugar. Aqueles ianques consomem mais de quatro mil calorias por dia. Um soldado come a nossa ração para um mês em apenas uma noite, e ainda sobra lugar para sorvete.—Ela terminou seu desjejum e tirou um maço de Lucky Strike do bolso do sobretudo.—Quer um?

— Também afanou os cigarros?—eu disse, mas mesmo assim aceitei um. Abaixei a cabeça até o fósforo que ela riscou.

— Sempre o detetive—resmungou e acrescentou, com um pouquinho de irritação:—Na verdade, esse maço de cigarros foi um presente de um dos ianques. Alguns deles não passam de garotos, você sabe. E podem ser muito amáveis.

— Aposto que podem—me ouvi resmungando.

— Eles gostam de conversar, isso é tudo.

— Estou certo de que seu inglês deve estar melhorando.—Dei um amplo sorriso para disfarçar qualquer sarcasmo em minha voz. Não era hora, não ainda. Imaginei se ela diria qualquer coisa sobre o frasco de Chanel que eu achara escondido em uma de suas gavetas. Mas ela não o mencionou.

Muito tempo após Kirsten ter saído para o bar, houve uma bati' da na porta. Ainda nervoso com a morte do Ivan, pus a automática dele no bolso antes de atender.

— Quem é?

— O Dr. Novak.

Nosso negócio foi rapidamente concluído. Expliquei que meu informante no quartel-general do GFSA havia confirmado, com um telefonema para a polícia de Magdeburg, que era a cidade mais próxima de Wernigerode, na Zona Oriental, que Frau Novak estava de fato sendo mantida em "custódia protetora" pela MVD. Tão logo Novak voltasse para casa, ele e a mulher seriam deportados imediatamente para "trabalho vital aos interesses dos povos da URSS" na cidade de Kharkov, Ucrânia. Novak assentiu gravemente.

—Já era esperado—suspirou.—A maior parte da pesquisa metalúrgica deles está centralizada lá.

— O que fará agora?—perguntei.

Ele sacudiu a cabeça com um ar tão desanimado que quase senti pena dele. Mas não tanta quanto sentia por Frau Novak. Ela estava frita.

— Bem, sabe onde me encontrar se eu puder fazer outro serviço para você.

Novak acenou de cabeça para a sacola de carvão que eu o ajudara a carregar desde o táxi e disse: — Pelo aspecto de seu rosto, eu imaginaria que você mereceu este carvão—disse ele.

— Digamos apenas que queimá-lo todo de uma vez não aqueceria metade desta sala.—Fiz uma pausa.—Não é da minha conta, Dr. Novak, mas o senhor vai voltar?

— Tem toda razão. Não é da sua conta.

Desejei-lhe sorte, de qualquer modo, e, quando ele se foi, carreguei uma pá de carvão até a sala de estar, e com um cuidado só perturbado por minha crescente expectativa de ver minha casa novamente aquecida, acendi um fogo na estufa.

Passei uma agradável manhã deitado no sofá e fiquei quase propenso a permanecer em casa o resto do dia. Mas à tarde encontrei uma bengala no armário

e fui claudicando até Kurfürstendam, onde, após ficar na fila por meia hora, peguei um bonde para a direção leste.

— Mercado negro—gritou o condutor quando nos aproximamos das velhas ruínas do Reichstag. O bonde se esvaziou.

Nenhum alemão, mesmo respeitável, se considerava acima de um pequeno operador de mercado negro de vez em quando, e tendo uma renda média semanal de cerca de duzentos marcos—o bastante para comprar um pacote de cigarros—,mesmo os negócios legítimos tinham mil oportunidades para contar com as mercadorias do mercado negro para pagar empregados. As pessoas usavam seus Reichmarks virtualmente sem valor só para pagar o aluguel e comprar suas míseras rações permitidas. Para o estudante de economia clássica, Berlim apresentava o modelo perfeito de um ciclo comercial que era determinado pela ganância e a necessidade.

Diante do enegrecido Reichstag, num terreno do tamanho de um campo de futebol, cerca de mil pessoas reuniam-se em pequenos nós de conspiração, segurando à sua frente o que tinham para vender, como passaportes numa fronteira congestionada: pacotes de sacarina, cigarros, agulhas de máquina de costura, café, cupons de racionamento (na maioria falsificados), chocolate e camisas de venus. Outras vagueavam, relanceando com deliberado desdém para os artigos expostos e procurando o que precisavam comprar. Aqui não havia nada que não pudesse ser comprado: nada, desde a escritura de alguma propriedade bombardeada até um certificado falso de desnazificação, o qual garantia que o portador era livre da "infecção" nazista e portanto empregável em qualquer especialidade sob controle aliado, de regente de orquestra a gari.

Mas não eram só os alemães que vinham negociar. Longe disso. Os franceses vinham comprar joias para as namoradas, os ingleses preferiam câmeras para seus feriados à beira-mar. Os americanos compravam antiguidades que tinham sido falsificadas com perícia em uma das muitas oficinas da Savignyplatz. E os russos vinham com seus meses de pagamento atrasado comprar relógios; ou assim eu esperava.

Coloquei-me ao lado de um homem de muletas cuja perna metálica sobressaía do alto da mochila que carregava nas costas. Segurei meus relógios pelas correias. Após um momento, acenei amistosamente com a cabeça para meu vizinho de uma perna só, que parecia não ter nada para expor. Perguntei a ele o que estava vendendo.

Ele fez um gesto com a nuca para sua mochila.

— Minha perna—disse sem qualquer sinal de arrependimento.

— Isso é muito chato.

Seu rosto registrou uma resignação tranquila. Depois, olhou para os meus relógios.

— Bonitos—disse.—Há uns quinze minutos apareceu um Ivan por aqui procurando um bom relógio. Se me der dez por cento, posso encontrá-lo para você.

Pensei em quanto tempo eu ficaria ali no frio até conseguir uma venda.

— Cinco—me ouvi dizendo.—Se ele comprar.

O homem assentiu e se apressou, como um tripé em movimento, na direção da Ópera Kroll. Dez minutos depois estava de volta, ofegando e acompanhado não por um, mas dois soldados russos, que, após uma longa barganha, compraram o Mickey Mouse e o Patek por 1700 dólares.

Quando eles se foram, separei nove das notas sebatas do bolo que recebera dos Ivans e entreguei a ele.

— Talvez possa conservar sua perna agora.

— Talvez—disse ele com uma fungada. Porém, mais tarde, eu o vi trocá-la por cinco pacotes de cigarros Winston.

Não tive melhor sorte aquela tarde. Fixando os dois relógios restantes nos pulsos, decidi ir para casa. Mas ao passar perto da fantasmagórica estrutura do Reichstag, com suas janelas fechadas com tijolos e sua cúpula de aspecto precário, mudei de ideia devido a uma pichação especial rabiscada na parede, reproduzindo-se no revestimento do meu estômago: "O que nossas mulheres fazem para um alemão chorar e para um soldado ianque gozar nas calças?"

O trem para Zehlendorf e o setor americano de Berlim deixou-me a curta distância ao sul de Kronprinzenallee e do Johnny's American Bar, onde Kirsten trabalhava, a menos de um quilômetro do quartel-general das forças americanas.

Estava escuro na hora em que encontrei o Johnny's, um bar animado e barulhento com janelas esfumaçadas e com vários jipês estacionados à porta. Um letreiro acima da entrada de aparência modesta anunciava que o bar só estava aberto para as Três Primeiras Patentes, o que quer que isso fosse. Do lado de fora da porta estava um velho com uma curvatura nas costas que mais parecia um iglu—um dos milhares de cidadãos que viviam de gorjetas para catar guimbas de cigarro. Tal como as prostitutas, cada catador de guimbas tinha seu próprio ponto, sendo que os mais cobiçados eram as calçadas à porta dos bares e clubes noturnos, onde um bom catador podia recolher umas cem pontas, o que equivalia a dez ou quinze cigarros inteiros, ou cerca de cinco dólares.

— Ei, tio—eu disse a ele.—Quer ganhar quatro Winstons?—Tirei o maço que comprara no Reichstag e pus quatro cigarros na palma da mão. Os olhos remelentos do velho adejaram rapidamente dos cigarros para o meu rosto.

— Qual é o serviço?

— Dois agora e dois quando você voltar e me disser quando esta dama sair do serviço.—Dei-lhe a fotografia de Kirsten que trazia na carteira.

— Ela é um pedaço—disse ele, malicioso.

— Isso não é da sua conta.—Apontei para um café de aparência imunda rua acima, na direção do quartel-general americano.—Vê aquele café? Estarei esperando lá.

O catador de guimbas ergueu o polegar e, embolsando rapidamente a foto e os dois cigarros, começou a virar-se para vasculhar a calçada. Mas eu o agarrei pelo imundo lenço que usava em volta do pescoço hirsuto.

— Não vai esquecer agora, vai?—eu disse, torcendo o lenço apertadamente.—Este aqui parece ser um bom ponto. De modo que saberei onde procurá-lo se você não se lembrar de voltar para me dizer.

Entendeu?

O velho pareceu sentir minha ansiedade. Ele sorriu de modo horrível.

— Ela poderia até esquecê-lo, senhor, mas pode ficar certo de que eu não vou esquecer. -Seu rosto, um autêntico chão de garagem com nódoas reluzentes e manchas oleosas, enrubesceu quando apertei mais ainda o lenço em seu pescoço.

— Cuide para que não—avisei e o deixei ir, sentindo uma certa culpa por tê-lo tratado tão rudemente. Passei-lhe outro cigarro à guisa de compensação e, pondo de lado esses endossos exagerados do meu próprio bom caráter, caminhei rua acima para o decrépito café.

Pelo que pareceram horas, mas não foram mais que duas, fiquei sentado em silêncio, acalentando um conhaque duplo e de sabor medíocre, fumando vários cigarros e ouvindo as vozes ao meu redor. Quando o catador de guimbas chegou me procurando, suas feições escrofulosas ostentavam um sorriso triunfante. Eu o segui até lá fora, de volta à rua.

— A dama, senhor—disse ele, apontando urgentemente na direção da estação ferroviária.—Ela foi para lá.—Fez uma pausa enquanto eu pagava o restante de seus "honorários" e depois acrescentou:

— Com seu schátzi. Um capitão, acho. De qualquer modo, um cara boa-pinta, quem quer que seja.

Não fiquei para ouvir mais nada e caminhei o mais rápido que podia na direção apontada por ele.

Tão logo avistei Kirsten e o oficial americano que a acompanhava, ele pôs o braço em volta dos ombros dela. Eu os segui de longe, a lua cheia me permitindo uma visão nítida do vagaroso progresso deles, até que chegaram a um prédio de apartamentos bombardeado, com seis camadas de andares de reboco esfarelado caindo um sobre o outro. Eles desapareceram lá dentro. Devia ir atrás deles?, perguntei-me. Precisava ver tudo?

A bile amarga filtrou-se do meu fígado para desfazer a dúvida gordurosa que pesava em minhas tripas.

Como mosquitos, eu os ouvi antes mesmo de vê-los. Seu inglês era fluente demais para que eu entendesse, mas ela parecia estar explicando que não podia chegar tarde em casa duas noites seguidas. Uma nuvem encobriu a lua, escurecendo a paisagem, e rastejei para trás de uma enorme pilha de entulho, de onde achei que podia ter uma visão melhor. Quando a nuvem se afastou e o luar brilhou sem diminuir através dos caibros nus do teto, tive uma clara visão deles, em silêncio agora. Por um momento eles foram um simulacro de inocência enquanto ela se ajoelhava diante dele, que pousava as mãos sobre a sua cabeça como se concedendo uma bênção. Fiquei intrigado: por que a cabeça de Kirsten estaria balançando sobre os ombros?

Mas quando ele gemeu, minha compreensão do que estava acontecendo foi tão rápida quanto a sensação de vazio que a acompanhou. Escapuli silenciosamente, considerando-me um idiota.

CAPÍTULO IV

Passei a noite no sofá, um acontecimento que Kirsten, adormecida na cama na hora em que finalmente voltei cambaleando para casa, teria atribuído erradamente à bebedeira.

Fingi dormir até ouvi-la deixar o apartamento, embora não esquecesse de me beijar na testa antes de sair. Ela assoviava enquanto descia as escadas para a rua. Levantei-me e observei-a da janela enquanto caminhava rumo norte pela Fasanenstrasse na direção da Estação do Zoo e do trem para Zehlendorf.

Quando a perdi de vista, ocupei-me em tentar salvar algum resquício de mim mesmo com o qual pudesse encarar o dia. Minha cabeça pulsava como um dobermann agitado, mas após uma lavada com uma flanela gelada, duas xícaras do café do capitão e um cigarro, comecei a me sentir um pouco melhor. Ainda assim, estava preocupado demais com a lembrança de Kirsten chupando o capitão americano e pensamentos do mal que podia causar a ele, chegando mesmo a me lembrar do mal que eu já havia causado a um soldado do Exército Vermelho. Por isso é que não fui tão cauteloso ao atender à batida na porta quanto deveria ter sido.

O russo era baixo, e mesmo assim parecia mais alto que o homem mais alto do Exército Vermelho, graças às três estrelas de ouro e às divisas azul claras com alamares nas ombreiras prateadas do seu sobretudo, identificando-o como um palkomik, um coronel da MVD—a polícia política soviética.

— Herr Gunther?—perguntou polidamente.

Assenti taciturno, furioso comigo mesmo por não ter tido mais cuidado. Imaginei onde teria deixado a pistola do Ivan morto e se eu ousaria tentar uma fuga com ela.

Ou teria ele homens postados ao pé das escadas justamente para essa eventualidade?

O oficial tirou seu quepe, bateu os calcanhares como um prussiano e abanou a cabeça.

— Palkovnik Poroshin, ao seu dispor. Posso entrar?—Ele não esperou resposta. Não era do tipo de esperar por qualquer outra coisa a não ser o que lhe desse na telha.

Não tendo mais que trinta anos, o coronel usava o cabelo comprido para um militar. Focalizando seus olhos azul-claros e jogando para trás a cabeça estreita, ele deu um simulacro de sorriso enquanto voltava-se para me encarar. Estava apreciando meu desconforto.

— E Herr Bernhard Gunther, não é? Preciso ter certeza.

Ele saber meu nome já foi um tanto surpreendente. Bem como ter aberto diante de mim uma linda cigareira de ouro. As manchas nas pontas de seus dedos

cadavéricos sugeriam que ele não se importava nem em vender cigarros nem em fumá-los. E a MVD normalmente não se importava em oferecer um cigarro a um homem que iam prender.

Assim, tirei um e confirmei o meu nome.

Ele enfiou um cigarro em sua mandíbula proeminente e surgiu com um isqueiro Dunhill.

— E você é um...—ele recuou quando a fumaça pairou sobre seus olhos... stipek... como é mesmo que se diz em alemão?

— Detetive particular—revelei, traduzindo automaticamente e lamentando quase no mesmo instante o meu entusiasmo.

As sobrancelhas de Poroshin se ergueram em sua testa alta.

— Bem, bem—declarou ele com uma tranquila surpresa que rapidamente se transformou primeiro em interesse e depois num prazer sádico—,você fala russo.

Dei de ombros.

— Um pouco.

— Mas esta é uma palavra incomum. Não é para qualquer um que só fala um pouco de russo. Stipek é também a palavra russa para banha de porco salgada. Sabia disso?

— Não—respondi. Mas como prisioneiro de guerra dos soviéticos eu havia comido muita banha besuntada em pão preto ordinário para conhecê-la bem. Ele saberia desse detalhe?

— Nfye shootí (sério)?—ele sorriu.—Aposto que sabe. Tal como aposto que sabe que sou da MVD, ha?—Agora ele riu alto.—Vê como sou bom no meu trabalho? Não falamos nem por cinco minutos e já sou capaz de dizer que você toma cuidado para esconder que fala bem o russo. Mas por quê?

— Por que não me diz o que deseja, coronel?

— Ora, vamos—disse ele.—Como um oficial de informação, é simplesmente natural para mim fazer especulações. Você, entre todas as pessoas, deve entender este tipo de curiosidade, não é?—Fumaça saiu de suas narinas de tubarão enquanto ele franzia os lábios

num ricto de desculpas.

— Não é bom para os alemães serem curiosos demais—repliquei.

— Não hoje em dia.

Ele deu de ombros, foi até minha mesa e olhou para os dois relógios sobre ela.

— Talvez—murmurou, pensativo.

Esperei que ele não decidisse abrir a gaveta onde eu agora lembrava ter posto a automática do Ivan morto. Tentando trazê-lo de volta ao motivo por que me procurara, falei:

— Não é verdade que todas as agências de detetives particulares e de informação estão proibidas na Zona Soviética?

Por fim, ele se afastou da mesa.

— Vyerno (exatamente), Herr Gunther. E isto é porque tais instituições não têm razão de ser numa democracia...

Poroshin se impacientou quando comecei a interromper.

— Não, por favor não diga isto, Herr Gunther. Você ia dizer que a União Soviética dificilmente poderia ser chamada de democracia. Mas, se o fizesse, o camarada presidente poderia ouvi-lo e enviar homens terríveis como eu para sequestrar você e sua esposa. É claro que ambos sabemos que as únicas pessoas que ganham a vida nesta cidade são as prostitutas, os operadores do mercado negro e os espões. Sempre haverá prostitutas, e os operadores do mercado negro só vão durar enquanto a moeda alemã permanecer desvalorizada. Resta a espionagem. É a nova profissão para seguir, Herr Gunther. Devia esquecer esta história de ser um detetive particular, quando há tantas oportunidades para pessoas do seu nível.

— Parece até que está me oferecendo um emprego, coronel. Ele deu um sorriso torto.

— Até que não é má ideia. Mas não foi por isso que vim.—Ele olhou para a poltrona,—Posso me sentar?

— À vontade. Só receio nada poder oferecer além de café.

— Não, obrigado. Descobri que é uma bebida um tanto estimulante.

Acomodei-me no sofá e esperei que ele começasse.

— Temos um amigo comum, Emil Becker, que está comendo o pão que o diabo amassou, como vocês dizem.

— Becker?—Pensei por um momento e recordei um rosto do tempo da ofensiva russa de 1941; e, antes disso, da Kripo, a polícia criminal do Reich.—Faz um bom tempo que não o vejo. E não o chamaria exatamente de amigo. Mas o que foi que ele fez? Por que o prenderam?

Poroshin sacudiu a cabeça.

— Você entendeu mal. Ele não está encrencado conosco, mas com os americanos. Para ser mais exato, com a polícia militar deles em Viena.

— Então, se vocês não o prenderam e os americanos o fizeram, ele deve ter realmente cometido um crime.

Poroshin ignorou meu sarcasmo.

— Ele foi acusado da morte de um oficial americano, um capitão do exército.

— Bem, às vezes sentimos vontade de fazer a mesma coisa. Sacudi a cabeça ao olhar indagador de Poroshin.—Não, isso não importa.

— O que importa aqui é que Becker não matou esse americano

— disse ele firmemente.—Ele é inocente. Não obstante, os americanos têm um bom caso, e ele certamente será enforcado se alguém não sair em sua ajuda.

— Não vejo o que eu possa fazer.

— Ele, naturalmente, deseja empregá-lo na sua qualidade de detetive particular. Para que prove sua inocência. Para isto está disposto a pagar generosamente. Perca ou ganhe, a soma é de cinco mil dólares.

Ouvi a mim mesmo assoviar.

— É um bocado de dinheiro.

— Metade paga agora, em ouro. O restante depois de sua chegada a Viena.

— E qual seu interesse em tudo isto, coronel?

Ele flexionou o pescoço dentro do colarinho apertado da túnica imaculada.

— Como eu disse, Becker é um amigo.

— Se importaria de me explicar como?

— Ele salvou minha vida, Herr Gunther. Devo fazer o que puder para ajudá-lo. Mas seria politicamente difícil para mim fazer isso através dos trâmites oficiais, você entende.

— Como veio a ficar tão a par dos desejos de Becker neste caso? É difícil imaginar que ele lhe telefone de uma cadeia americana.

— Ele tem um advogado, claro. Foi esse advogado quem me pediu para tentar localizá-lo. E pedir que ajude o seu velho camarada.

— Ele nunca foi isso. E verdade que trabalhamos juntos uma vez. Mas "velhos camaradas", não.

Poroshin deu de ombros.

— Como queira.

— Cinco mil dólares. Onde foi que Becker arranjou toda essa grana?

— Ele é um homem de recursos.

— O que não explica nada. O que ele está fazendo agora?

— Dirige um negócio de importação e exportação, aqui e em Viena.

— Um eufemismo bastante adequado. Mercado negro, suponho. Poroshin assentiu meio que se desculpando e ofereceu-me outro cigarro da cigarreira de ouro. Fumei-o com deliberada lentidão, imaginando que pequena parcela daquilo tudo seria verdade.

— Bem, o que me diz?

— Não posso fazer isso—eu disse por fim.—Darei primeiro a razão educada.

Levantei-me e fui até a janela. Na rua abaixo estava estacionado um reluzente BMW com uma flâmula russa no capo; encostado no carro estava um enorme e rijo soldado do Exército Vermelho.

— Coronel Poroshin—continuei—, não deve ter escapado da sua atenção que não é nada fácil sair desta cidade. Afinal, vocês cercaram Berlim com metade do Exército Vermelho. Mas, deixando de lado as habituais restrições a viagens que afetam os alemães, as coisas parecem ter piorado durante as últimas semanas, mesmo para os seus assim chamados aliados. E com tantas pessoas deslocadas tentando entrar na Áustria ilegalmente, os austríacos estão bastante contentes com o desestímulo a essas viagens. Tudo bem. Esta é a razão educada.

— Mas nada disso constitui problema—disse Poroshin polidamente.—Para um velho amigo como Ernil, eu prazerosamente enviaria uns poucos telegramas. Salvo-condutos ferroviários, um passe vermelho, passagens... tudo isso pode ser facilmente arranjado. Pode confiar em mim para cuidar de todos os arranjos necessários.

— Bem, suponho que esta seja a segunda razão por que não vou entrar nessa. A razão menos educada. Não confio em você, coronel. Por que deveria? Você fala em mexer uns pauzinhos para ajudar Emil. Mas poderia facilmente mexê-los de outra maneira. As coisas são um tanto instáveis do seu lado da cerca. Conheço um homem que voltou da guerra para encontrar funcionários do Partido Comunista morando em sua casa... funcionários para os quais não havia nada mais simples do que mexer uns pauzinhos a fim de que o infeliz fosse internado num hospício, de modo que pudessem continuar morando na casa dele. E, faz apenas um ou dois meses, deixei um casal de amigos bebendo num bar no seu setor de Berlim, só para descobrir mais tarde que, minutos após eu sair, tropas soviéticas cercaram o local e enviaram a todos no bar para duas semanas de trabalhos forçados. Por isso repito, coronel: não confio em você e não vejo razão por que deveria confiar. Por tudo que sei, eu poderia ser preso no minuto em que pisasse no seu setor. Poroshin riu alto.

— Mas por quê? Por que você seria preso?

— Nunca achei que vocês tivessem tanta necessidade de uma razão.—Dei de ombros, exasperado.—Talvez porque eu seja um detetive particular. Pois para a MVD isto é tão bom quanto ser um espião americano. Acredito que o velho campo de concentração de Sachsenhausen, que sua gente tomou dos nazistas, esteja agora repleto de alemães acusados de espionar para os americanos.

— Se me permite uma pequena arrogância, Herr Gunther: acredita sinceramente que eu, um palkovnik, consideraria que a questão de sua trapaça e prisão seria mais importante que os assuntos do Conselho de Controle Aliado?

— Você é um membro da Kommendatural—Eu estava surpreso.

— Tenho a honra de ser o oficial de informação para o governador militar soviético designado. Pode indagar no quartel-general do conselho, na Elsholzstrasse, se não acredita em mim.—Ele fez uma pausa, esperando por uma reação minha.—Ora, vamos. O que diz?

Como continuei sem dizer nada, ele suspirou e sacudiu a cabeça.

— Nunca entenderei vocês, alemães.

— Você fala a língua bastante bem. Não se esqueça, Marx era alemão.

— Sim, mas era também um judeu. Seus compatriotas passaram doze anos tentando tomar essas duas circunstâncias mutuamente exclusivas. É uma das coisas que não consigo entender. Mudou de ideia?

Fiz que não com a cabeça. — Muito bem.

O coronel não deu nenhum sinal de irritação após ter ouvido minha recusa. Consultou o relógio e se levantou.

— Preciso ir—disse. Tirou um caderninho de notas e começou a escrever num pedaço de papel.—Se mudar de ideia pode me procurar neste número em Karlshorst. E 55-16-44.

Chame a Seção de Segurança Especial do general Kaverntsev. E aqui está também o número de minha residência: 05-00-19.

Poroshin sorriu e acenou para a anotação quando a peguei.

— Se for apanhado pelos americanos, eu não os deixaria ver isso se fosse você. Provavelmente vão pensar que é um espião.

Ele ainda estava rindo enquanto descia as escadas.

CAPÍTULO V

Para aqueles que acreditaram na pátria, não foi a derrota que revelou a mentira daquela visão patriarcal da sociedade, mas sim a reconstrução. E com o exemplo de Berlim, arruinada pela vaidade dos homens, podia ser aprendida a lição de que quando uma guerra foi travada, quando os soldados estão mortos e as paredes destruídas, uma cidade consiste de suas mulheres.

Caminhei na direção de um desfiladeiro de granito cinzento que poderia ter escondido uma mina pesadamente ativada, de onde um pequeno comboio de caminhões carregados de tijolos emergia sob a supervisão de um grupo de mulheres entulho. Do lado de um caminhão estava escrito a giz: "Sem tempo para o amor". Você não precisava deste lembrete ao ver seus rostos empoeirados e corpos de lutador de vale-tudo. Mas elas tinham corações tão grandes quanto seus bíceps.

Sorrindo em meio às vaias e assobios de escárnio das mulheres

— onde estavam minhas mãos agora que a cidade precisava ser reconstruída?— e agitando minha bengala como um sinal de incapacidade, prossegui até chegar à Pestalozzistrasse, onde Fnednch Kersch (um velho amigo de meu tempo na Kripo e agora em Komnussair da força policial de Berlim sob domínio comunista) me disse que eu poderia encontrar a esposa de Emil Becker.

O número 21 era um danificado prédio de cinco andares com janelas tampadas por papel. Do lado de dentro da porta de entrada, cheirando demais a torrada queimada, havia um letreiro com os dizeres: "Escada insegura. Uso por conta e risco do visitante". Felizmente para mim, os nomes e números dos apartamentos, rabiscados a giz na parede interna, me disseram que Frau Becker morava no térreo. Desci um corredor escuro até sua porta. Entre ela e o patamar, uma velha estava arrancando grandes nacos de fungos da parede úmida e juntando-os numa caixa de papelão.

— Você é da Cruz Vermelha?—perguntou ela. Eu disse que não, bati na porta e esperei. Ela sorriu.

— Está tudo bem, você sabe. Estamos realmente em ótima situação aqui.— Havia uma tranquila insanidade em sua voz.

Bati de novo, mais alto desta vez, e ouvi um som abafado, e depois ferrolhos sendo destrancados no interior.

— Não passamos fome—continuou a velha.—O Senhor provê.

— Ela apontou para seus fragmentos de fungos na caixa.—Veja, há até cogumelos frescos brotando aqui.—E, assim dizendo, ela arrancou um pedaço de fungo da parede e comeu.

Quando a porta afinal se abriu, a náusea me deixou incapaz de falar por um momento. Frau Becker, captando uma visão da velha, passou por mim e marchou decidida pelo corredor, onde, com muitos insultos berrados, a enxotou.

— Velha porca—resmungou.—Está sempre entrando no prédio para comer aquele mofo. A mulher é louca, uma doida varrida.

— Pelo que ela comeu, não há dúvida—comentei, nauseado.

Frau Becker fitou-me com seus olhos penetrantes cobertos por óculos.

— Quem é você e o que deseja?—perguntou bruscamente.

— Meu nome é Bernhard Gunther...—comecei.

— Ouvi falar de você. Era da Kripo.

— Exato.

— É melhor entrar.—Ela introduziu-me na gélida sala de estar, bateu a porta e passou os ferrolhos como se estivesse com medo mortal de alguma coisa. Notando o quanto isso me surpreendia, acrescentou à guisa de explicação:—Cuidado nunca é demais nestes dias.

— Tem razão.

Olhei em torno para as repulsivas paredes, para o carpete puído e a mobília velha. Não era grande coisa, mas mantida caprichosamente. Havia pouco que ela pudesse fazer contra a umidade.

— Charlottenburg não está tão mal—ofereci como consolo—,em comparação com outras áreas.

— Talvez—respondeu ela—,mas devo lhe dizer: se tivesse chegado depois de escurecer e batido na porta até o juízo final, eu não teria atendido. Durante a noite aparecem todos os tipos de ratos por aqui.—Assim dizendo, ela pegou do sofá uma ampla folha de madeira compensada e por um momento, na penumbra do lugar, pensei que estivesse trabalhando num quebra-cabeça. Depois vi os numerosos papéis de cigarro Olleschau, os sacos de guimbas, as pilhas de tabaco recuperado e as fileiras de reenrolados.

Sentei-me no sofá, tirei meu maço de Winston e ofereci-lhe um.

— Obrigada—disse ela, relutante, e enfiou o cigarro atrás da orelha.—Vou fumar mais tarde.—Mas eu não tinha dúvida de que ia vendê-lo com o resto.

— Quanto rende em média um desses cigarros reciclados?

— Cerca de cinco marcos—disse ela.—Pago a meus coletores cinco dólares por 150 guimbas, que depois de enroladas dão uns vinte cigarros. Vendo-os por dez dólares.

Por quê? Está escrevendo algum artigo a respeito para o Tagesspiegel? Poupe-me desse blablablá pela salvação de Berlim, Herr Gunther. Veio aqui por causa daquele nojento do meu marido, não é? Bem, já faz um bom tempo que não o vejo. E

espero nunca mais bater com os olhos nele. Creio que sabe que ele está numa prisão vienense, não?

— Sim, eu sei.

— Precisa saber também que quando a polícia militar dos americanos veio me dizer que ele estava em cana, fiquei contente. Eu poderia perdoá-lo por me abandonar, mas não ao nosso filho.

Não havia como dizer se Frau Becker tornou-se uma bruxa antes ou depois que seu marido caiu fora. Mas, à primeira vista, ela não era do tipo que me convencesse de que seu marido fugido tinha feito a escolha errada. Frau Becker tinha uma boca amarga, maxilar inferior proeminente e pequenos dentes aguçados. Eu mal havia explicado o objetivo de minha visita e ela começou a encher meus ouvidos. Precisei dar o resto dos meus cigarros para acalmá-la o suficiente para responder minhas perguntas.

— O que aconteceu exatamente? Pode me dizer?

— Os PMs disseram que ele baleou e matou um capitão do exército americano em Viena. Parece que o pegaram em flagrante. Foi o que me disseram.

— E quanto a este coronel Poroshin? Sabe alguma coisa sobre ele?

— Quer saber se pode confiar nele ou não. É isso que gostaria de saber. Bem, ele é um Ivan—zombou ela.—É tudo que precisa saber sobre ele.—Ela sacudiu a cabeça e acrescentou, impaciente:

— Oh, eles se conheceram em Berlim por causa de uma das muambas de Emil. Penicilina, acho. Emil disse que Poroshin pegou sífilis de uma garota por quem era gamado.

Mais do que era correspondido, eu acharia. De qualquer forma, era o pior tipo de sífilis: o tipo que faz a pessoa inchar. Parece que Salvarsan não funcionou. Emil então conseguiu penicilina. Bem, você sabe como isso é raro, a boa, quero dizer. Este poderia ser um dos motivos por que Poroshin está tentando ajudar Emil. Esses russos são todos iguais. Não é só o cérebro deles que está nos bagos. Seus corações também. A gratidão de Poroshin vem direto de seu saco escrotal.

— E o outro motivo?—Sua expressão ficou sombria.—Disse que poderia haver outro motivo.

— Bem, é claro. Não pode ser simplesmente uma questão de salvar o rabo de Poroshin, pode? Eu não ficaria de todo surpresa se Emil estivesse espionando para ele.

— Conseguiu alguma prova disso? Ele se encontrava muito com Poroshin quando ainda estava em Berlim?

— Não posso dizer que sim nem que não.

— Mas ele não está sendo acusado de nada mais além de assassinato. Não foi acusado de espionagem.

— E o que importaria isso? Já têm o suficiente para enforcá-lo.

— Não é assim que a coisa funciona. Se Emil esteve espionando, eles iriam querer saber de tudo. Aqueles PMs americanos lhe teriam feito um monte de perguntas acerca das ligações de seu marido.

Eles fizeram?

Ela encolheu os ombros.

— Não que eu me lembre.

— Se houvesse qualquer suspeita de espionagem eles a teriam investigado, no mínimo para descobrir que tipo de informação ele havia conseguido. Revistaram este apartamento?

Frau Becker sacudiu a cabeça.

— Seja como for, espero que ele seja enforcado—disse ela amargamente.—Pode dizer isso a ele, se o vir. Eu certamente não verei.

— Quando o viu pela última vez?

— Faz um ano. Ele voltou de um campo de prisioneiros de guerra soviético em julho e se mandou três meses depois.

— E quando foi capturado?

— Em fevereiro de 1943, em Briansk.—Sua boca se franziu.—E pensar que esperei três anos por aquele homem. Todos aqueles outros homens que dispensei. Eu me guardei para ele, e veja o que aconteceu.—Um pensamento pareceu ocorrer-lhe.—Eis aqui sua prova para espionagem, se precisa de alguma. Como foi que ele conseguiu ser libertado, ha? Responda-me. Como foi que voltou para casa quando tantos outros ainda estão lá?

Levantei-me para ir embora. Talvez a situação de minha própria vida me deixasse mais inclinado a tomar o partido de Becker. Mas eu já ouvira o bastante para perceber que ele precisaria de toda ajuda que pudesse obter—possivelmente mais, se esta mulher tivesse algo a ver com isso.

— Também fui prisioneiro de guerra num campo soviético, Frau Becker. Por menos tempo que seu marido, é bem verdade. Isso não fez de mim um espião. Sortudo, talvez, mas não um espião.—Caminhei até a porta e hesitei.—Precisaria lhe dizer o que isso fez comigo? Com pessoas como a polícia, com pessoas como você, Frau Becker, com pessoas como a minha própria esposa, que mal permite que eu toque nela desde que voltei para casa? Precisaria lhe dizer o que isso fez comigo? Tornou-me um indesejável.

CAPÍTULO VI

Costuma-se dizer que um cão faminto come até carne estragada. Mas a fome não afeta somente os padrões de higiene. Ela também oblitera os sentidos, embota a memória—para não falar do impulso sexual—e geralmente produz uma sensação de apatia. Assim, não foi surpresa para mim que houvesse uma infinidade de ocasiões no decorrer de 1947 em que, com os sentidos afligidos pela necessidade de nutrição, eu tivesse quase me envolvido num acidente. Foi por esta exata razão que decidi refletir sobre minha atual e um tanto irracional propensão a assumir o caso de Becker, em benefício de um estômago forrado.

Nos velhos tempos o mais fino e famoso hotel de Berlim, o Adlon era agora pouco mais que uma ruína. De alguma forma permanecia aberto para hóspedes, com quinze quartos disponíveis que, por se situarem no setor soviético, costumavam ser ocupados por oficiais russos. Um pequeno restaurante não apenas sobreviveu no porão como também deu margem a negócios ativos, em consequência de ser exclusivo para alemães que, com cupons de racionamento, poderiam assim almoçar ou jantar lá sem medo de ser expulsos da mesa em favor de americanos ou britânicos obviamente mais abonados, como acontecia na maioria dos restaurantes berlinenses.

A entrada improvável do Adlon ficava debaixo de uma pilha de entulhos na Wilhelm-strasse, a apenas uma curta distância do bunker onde Hitler tinha encontrado a morte, o qual podia ser visitado ao preço de dois cigarros na mão dos policiais que supostamente deviam manter as pessoas afastadas do local. Desde o fim da guerra que os tiras estavam fazendo bicos por toda Berlim.

Meu almoço foi sopa de lentilhas, um "hambúrguer" de nabo e fruta em conserva; após ter revolvido suficientemente o problema de Becker em minha mente metabolizada, entreguei meus cupons e fui até o que se fazia passar por recepção do hotel para usar o telefone.

Minha chamada para a AMS, a Autoridade Militar Soviética, em Karlshorst, foi completada com bastante rapidez, mas me pareceu uma espera infinita até ser posto em contato com o coronel Poroshin. Nem falando em russo consegui acelerar o progresso da ligação; isto só serviu para ganhar um olhar de suspeita do camareiro do hotel.

Quando finalmente entrei em contato com Poroshin, ele pareceu genuinamente contente por eu ter mudado de ideia e disse-me que esperasse perto do retrato de Stalin na Unter den Linden, onde seu carro oficial me pegaria em quinze minutos.

A tarde havia se tornado tão feia quanto o beijo de um pugilista e fiquei parado à porta do Adlon por dez minutos antes de voltar às pequenas escadas de serviço e subir até o topo da Wilhelm-strasse. A seguir, deixando para trás a Porta de

Brandemburgo, caminhei até o retrato do tamanho de uma casa do camarada Stalin, que dominava o centro da avenida, flanqueado por duas colunas menores, cada qual ostentando a foice e o martelo soviéticos.

Enquanto esperava pelo carro, Stalin parecia me observar, uma sensação que, eu suponha, era intencional: os olhos eram tão profundos, escuros e desagradáveis quanto o interior de uma botina de carteiro, e sob o bigode de barata o sorriso era duro como gelo. Sempre me intrigou por que as pessoas se referiam a este monstro assassino como "Tio" Joe: ele me parecia tão avuncular quanto o rei Herodes. O carro de Poroshin chegou, seu motor abafado pelo barulho de uma esquadrilha de três caças YAK

passando acima. Embarquei e rolei impotente para o assento traseiro, enquanto o chofer de Ombros largos com cara de tártaro pisava no acelerador do BMW, lançando o carro em disparada rumo leste, na direção da Alexanderplatz e mais além, para Frankfurter Allee e Karlshorst.

— Sempre achei que os civis alemães fossem proibidos de viajar em carros oficiais—eu disse em russo para o chofer.

— É verdade — confirmou ele—,mas o coronel disse que, se formos parados, eu só preciso dizer que você está indo preso.

O tártaro riu ruidosamente ante meu ar de óbvio alarme e só pude me consolar com o fato de que, enquanto estivéssemos rodando em tal velocidade, era improvável que pudéssemos ser parados por outra coisa que não um canhão antitanque. Chegamos a Karlshorst dez minutos depois. Uma filial colonial com uma pista de corrida, Karlshorst, apelidada de "o pequeno Kremlin", era agora um enclave russo completamente isolado, onde os alemães só podiam entrar com permissão especial. Ou com o tipo de flâmula exibida na frente do carro de Poroshin. Fomos orientados através de vários postos de verificação e finalmente seguimos ao longo do velho hospital St. Antonius na Zeppelin Strasse, agora abrigando a AMS em Berlim. O carro parou à sombra de uma coluna de cinco metros de altura, no topo da qual estava uma grande estrela vermelha soviética. O chofer de Poroshin pulou fora do seu assento, abriu minha porta com desenvoltura e ignorando as sentinelas, conduziu-me degraus acima até a porta da frente. Fiquei parado por um instante no umbral, examinando os reluzentes carros e motos BMW novos em folha no estacionamento. — Alguém esteve fazendo compras?

— Eram da fábrica BMW em Eisenbach—disse orgulhosamente o chofer.— Agora são russos.

Com este pensamento deprimente, ele deixou-me numa sala de espera que cheirava fortemente a carbólico. A única concessão à decoração na sala era outro retrato de Stalin com um slogan embaixo "Stalin, o sábio mestre e protetor do povo

trabalhador". Até mesmo Lenin, retratado numa moldura menor ao lado da do sábio, pela sua expressão, parecia discordar deste sentimento específico.

Encontrei estes mesmos dois rostos populares pendendo da parede do gabinete de Poroshin, no último andar do prédio da AMS. A túnica castanho oliva impecavelmente passada do coronel estava pendurada nas costas da porta de vidro, e ele usava uma camisa em estilo circassiano, cingida com uma faixa preta. Mas, pelo polimento de suas botas de macio couro de bezerro, ele poderia passar por um estudante da Universidade de Moscou. Ele pousou a caneca e se levantou de sua mesa enquanto o tártaro me introduzia no escritório.

— Sente-se, por favor, Herr Gunther—disse Poroshin, apontando para uma cadeira de madeira de lei. O tártaro ficou esperando ser dispensado. Poroshin ergueu a caneca e segurou-a para minha inspeção.—Quer um achocolatado, Herr Gunther?

— Achocolatado? Não, obrigado, detesto essa coisa.

— É mesmo?—Ele pareceu surpreso.—Eu adoro.

— E um pouco cedo para pensar em ir dormir, não é? Poroshin sorriu paciente.

— Talvez prefira uma vodca.—Ele abriu a gaveta da sua escrivaninha e tirou uma garrafa e um copo, que colocou diante de mim.

Servi-me generosamente. Com o canto de olho vi o tártaro esfregar sua sede com as costas da manopla. Poroshin viu também. Ele encheu outro copo e pousou-o sobre o arquivo, de modo que ficou bem próximo da cabeça do homem.

— Você tem que treinar esses malditos cossacos como se fossem cachorros—explicou.—Para eles a embriaguez é quase um ritual religioso. Não é mesmo, Yeroshka?

— É, senhor—confirmou ele estupidamente.

— Ele destruiu um bar, agrediu uma garçonete, socou um sargento, e por mim poderia ter levado um tiro. E ainda pode levar um tiro, hem, Yeroshka? No minuto em que tocar aquele copo sem a minha permissão. Entendeu?

— Sim, senhor.

Poroshin sacou um enorme e pesado revólver e o depositou sobre a mesa para enfatizar o aviso. Depois, voltou a sentar-se.

— Com seu currículo, imagino que conheça um bocado sobre disciplina, hem, Herr Gunther? Onde foi que disse que serviu durante a guerra?

— Eu não disse.

Ele se recostou na cadeira e jogou as botas sobre a mesa. A vodca quase entornou do meu copo quando elas bateram sobre o mata-borrão.

— É verdade, não disse, mas imagino que, com suas qualificações, tenha servido em alguma unidade de informação.

— Que qualificações?

— Ora, vamos, está sendo muito modesto. Sua pronúncia russa, sua experiência na Kripo. Ah, sim, o advogado de Emil me contou a respeito. Soube que você e ele uma vez fizeram parte da Comissão do Crime de Berlim. E que você também é um Kommissar. É experiência de sobra, não?

Beberiquei minha vodca e tentei manter a calma. Disse a mim mesmo que deveria ter esperado algo desse tipo.

— Fui apenas um soldado raso, cumprindo ordens—expliquei. Nem sequer fui membro do partido.

— Bem poucos foram, é o que pareceria agora. Acho isso realmente notável.—Ele sorriu e ergueu um salutar dedo indicador.—Seja tão esquivo quanto quiser, Herr Gunther, mas descobrirei a seu respeito. Grave minhas palavras. Ao menos para satisfazer minha curiosidade.

— Às vezes a curiosidade parece um pouco com a sede de Yeroshka—eu disse.—É melhor deixá-la insatisfeita. A não ser que seja o tipo de curiosidade intelectual e desinteressada, que é mais própria dos filósofos. Respostas têm o péssimo hábito de decepcionar. Esvaziei meu copo e o pousei no mata-borrão, perto de suas botas.

— Mas não vim aqui para aguentar o seu irritante interrogatório da tarde, coronel. Portanto, que tal me dar outro daqueles Luckys que estava fumando esta manhã e satisfazer minha curiosidade? Pelo menos um ou dois fatos a respeito desse caso?

Poroshin chegou-se à frente e abriu uma cigarreira de prata sobre a mesa.

— Sirva-se—disse.

Peguei um e o acendi com um isqueiro fantasia de prata que era moldado no formato de uma peça de artilharia de campanha; a seguir examinei-o criticamente, como se avaliando o seu valor numa loja de penhores. Ele havia me irritado e eu queria revidar de algum modo.

— Você obteve uma boa pilhagem—eu disse.—Essa é uma peça de campanha alemã. Comprou-a ou não havia ninguém em casa quando telefonou?

Poroshin fechou os olhos, soltou uma pequena risada, depois se levantou e foi até a janela. Soltou a faixa da cintura e desabotoou a braguilha.

— Esse é que é o problema em beber muito achocolatado—disse, parecendo imperturbável pela minha tentativa em insultá-lo.—Desce direto por dentro da gente. -

Quando ele começou a urinar, relanceou por sobre o ombro para o tártaro, que permanecia de pé junto ao arquivo e ao copo de vodca pousado nele.—Beba e caia fora, seu porco!

O tártaro não hesitou. Esvaziou o copo com um movimento de cabeça e desapareceu rapidamente do gabinete, fechando a porta atrás de si.

— Se você visse como os campônios como ele deixam os banheiros aqui, entenderia por que prefiro mijar pela janela - disse Poroshin, abotoando-se. Ele fechou a janela e retomou seu assento. As botas bateram sobre o mata-borrão.—Às vezes, meus camaradas russos podem tornar a vida neste setor um tanto penosas. Dou graças a Deus por pessoas como Emil. Ele é um dos homens mais divertidos para se ter por perto de vez em quando. E é muito safo também. Não há simplesmente nada que ele não consiga.

Como é mesmo que vocês chamam esses caras do mercado negro?

— Quebra-galhos.

— Isso, quebra-galhos. Se você quisesse diversão, Emil se viraria para providenciar.—Ele riu a valer ao se lembrar de Emil, o que era mais do que eu poderia fazer.

— Nunca encontrei um homem que conhecesse tantas garotas. Claro que eram todas prostitutas ou chocodamas, aquelas que dão por uma barra de chocolate, mas isto não constitui tanto um crime atualmente, não é?

— Isso depende da chocodama.

— Emil também é muito engenhoso para obter coisas através da fronteira... vocês chamam de Fronteira Verde, não?

Assenti.

— Através das florestas.

— Um contrabandista de mão cheia. Ele ganhou muito dinheiro. Até ser preso, ele vivia muito bem em Viena. Uma grande casa, carro de luxo, uma garota atraente.

— Utilizou os serviços dele algum dia? E não me refiro ao seu trânsito entre as chocodamas.

Poroshin limitou-se a repetir que Emil podia arranjar de tudo.

— Isto inclui informação? Ele deu de ombros.

— De vez em quando. Mas qualquer coisa que Emil faça, ele o faz por dinheiro. Custa a crer que ele não tivesse fazendo coisas também para os americanos. Neste caso, contudo, ele estava trabalhando para um austríaco. Um homem chamado König, que estava no negócio de importação e exportação. A empresa se chamava Reklame & Werbe Zentrale, e tinha escritórios aqui em Berlim e em Viena. König queria que Emil recolhesse layouts do escritório de Viena para levá-los a Berlim numa base regular.

Ele dizia que o trabalho era importante demais para ser confiado aos correios ou a um mensageiro, e König não poderia ir pessoalmente enquanto estivesse aguardando a desnazificação. Claro que Emil suspeitava que os pacotes continham algo mais que anúncios, mas o dinheiro era bom demais para que ele fizesse

perguntas, e uma vez que ia e vinha de Berlim numa base razoavelmente regular, isso não lhe acarretaria problemas extras. Ou assim ele pensava.

"Por algum tempo, as entregas de Emil correram sem problemas. Quando estava levando cigarros ou algum contrabando semelhante para Berlim, poderia levar também um dos pacotes de König. Entregava-os a um homem chamado Eddy Holl e recolhia o dinheiro. Era simples assim.

"Bem, certa noite Emil estava em Berlim e foi a um clube noturno na Berlim-Schönberg chamado Gay Island. Por acaso encontrou lá esse tal de Eddy Holl, que estava bêbado e o apresentou a um capitão de exército americano chamado Linden. Eddy descreveu Emil ao capitão Linden como 'o mensageiro de Viena deles'. No dia seguinte, Eddy telefonou para Emil e desculpou-se por ter estado bêbado e que seria melhor para a segurança de todos se Emil esquecesse tudo sobre o capitão Linden.

"Várias semanas depois, quando estava de volta a Viena, Emil recebeu um telegrama deste capitão Linden, dizendo que gostaria de reencontrá-lo. Assim, marcaram encontro num bar e o americano começou a fazer perguntas sobre a firma de publicidade Reklame & Werbe. Não havia muito que Emil pudesse contar-lhe, mas a presença de Linden lá o preocupava. Ele achava que se Linden estava em Viena poderia não haver mais necessidade de seus serviços. Seria uma vergonha, pensou, ver o fim de tanto dinheiro fácil. Assim, ele seguiu Linden em Viena por uns tempos. Uns dois dias depois, Linden se encontrou com outro homem e, seguidos por Emil, foram até um antigo estúdio de cinema. Minutos depois, Emil ouviu um tiro e o homem saiu, sozinho. Emil esperou até que este homem se fosse. Depois entrou e descobriu o cadáver do capitão Linden e um carregamento de tabaco roubado. É mais do que claro que ele não comunicou nada à polícia. Emil tenta evitar os tiras o máximo possível.

"No dia seguinte, König e um terceiro homem vieram vê-lo. Não me pergunte o seu nome, eu não sei. Disseram que um amigo havia desaparecido e que estavam preocupados que alguma coisa pudesse ter acontecido com ele. Como Emil já foi detetive na Kripo, talvez pudesse, por uma generosa recompensa, cuidar disso para eles. Emil concordou, vendo aí uma maneira fácil de ganhar dinheiro e, talvez, uma oportunidade para se apossar de uma parte do tabaco.

"Após um dia ou dois, e com o estúdio já sendo observado há algum tempo, Emil e dois de seus rapazes decidiram que era mais seguro voltar com um furgão. Mas encontraram a Patrulha Internacional esperando por eles. Os rapazes de Emil eram chegados a uma troca de tiros e acabaram mortos. Emil foi preso.

— Ele sabe quem os denunciou?

— Pedi ao meu pessoal em Viena que descobrisse isso. Parece que a denúncia foi anônima.—Poroshin sorriu de modo apreciativo. Agora vem a parte boa. A

arma de Emil é uma Walther P38. Ele a levou consigo para o estúdio. Mas quando foi preso e entregou a pistola, notou que não era a sua, afinal. Esta tinha uma águia alemã gravada no punho. E havia outra diferença importante. O perito em balística local rapidamente identificou a pistola como sendo a mesma arma que disparou e matou o capitão Linden.

— Alguém a trocou pela de Becker, ha?—falei.—Sim, é o tipo de coisa que não se notaria na hora, não é? Muito hábil. Um homem, convenientemente portando a arma do assassinato, volta à cena do crime, ostensivamente, para recolher seu tabaco roubado. Um caso realmente grave, eu diria.

Dei uma última tragada no meu cigarro, antes de apagá-lo no cinzeiro de prata na mesa de Poroshin e servir-me de outro.

— Não sei ao certo o que eu seria capaz de fazer—declarei.—Transformar água em vinho não é a minha linha de trabalho habitual.

— Emil está ansioso, por isso o advogado dele, o Dr. Liebl, me diz que você descobriria este tal de Kõnig. Parece que desapareceu.

— Eu apostaria que sim. Acha que foi Kõnig quem fez a troca, quando foi à casa de Becker?

— Assim parece. Se não Kõnig, talvez o terceiro homem.

— Sabe alguma coisa sobre Kõnig, ou sua firma de publicidade?

— Nyet.

Houve uma batida na porta e um oficial entrou no gabinete de Poroshin.

— Am Kupfergraben está na linha, senhor—anunciou ele em russo.—Dizem que é urgente.

Apurei os ouvidos. Am Kupfergraben era a sede da maior prisão da MVD em Berlim. Com tantas pessoas deslocadas e desaparecidas na minha linha de trabalho, valia a pena manter os ouvidos abertos.

Poroshin relanceou para mim, quase lendo meus pensamentos, e depois disse ao oficial:

— Isso vai ter que esperar, Jegoroff. Outras chamadas?

— Zaisser, do K-5.

— Se a porra deste nazista quiser falar comigo, vai ter de esperar do lado de fora de minha porta. Pode dizer isso a ele. Agora saia, por favor.—Ele esperou até que a porta se fechasse atrás de seu subordinado.—K-5 significa algo para você, Gunther?

— Deveria?

— Ainda não. Mas, com o tempo, quem sabe?—Ele não continuou; em vez disso, consultou seu relógio.—Acho que realmente preciso encerrar. Tenho um encontro esta noite. Jegoroff providenciará todos os papéis necessários... passe

vermelho, permissão de viagem, cupom de racionamento, um cartão de identidade austríaco... você tem uma fotografia? Não, esqueça.

Jegoroff vai bater uma. Oh, sim, seria uma boa ideia se você tivesse uma das nossas novas licenças para tabaco. Permitem que você venda cigarros na Zona Oriental e obriga todo o pessoal soviético a prestar-lhe assistência sempre que for possível. Isso poderia livrá-lo de qualquer encrenca.

— Pensava que o mercado negro fosse ilegal na sua zona—comentei, curioso quanto à razão para esta espalhafatosa peça de hipocrisia oficial.

— E ilegal—disse Poroshin, sem o menor sinal de embaraço. Este é um mercado negro oficialmente licenciado. Permite-nos acumular algumas moedas estrangeiras. Sem dúvida, uma boa ideia, não acha? Naturalmente nós o supriremos com uns poucos pacotes de cigarros para a coisa parecer mais convincente.

— Vocês parecem ter pensado em tudo. E quanto ao meu dinheiro?

— Será entregue em sua casa juntamente com seus papéis. Depois de amanhã.

— E de onde vem o dinheiro? Deste tal Dr. Liebl, ou das suas concessões de cigarros?

— Liebl me mandará o dinheiro. Até lá, esta questão será conduzida pela AMS.

Não gostei muito disso, mas não havia alternativa. Ou recebia o dinheiro dos russos, ou ia para Viena confiando que o dinheiro seria pago em minha ausência.

— Certo—falei.—Só mais uma coisa. O que sabe sobre o capitão Linden? Você disse que Becker o conheceu em Berlim. Ele servia lá?

— Sim. Eu já ia me esquecendo dele, não é?—Poroshin se levantou e foi até o arquivo onde o tártaro deixara o copo vazio. Abriu uma das gavetas e procurou entre as pastas até encontrar a que estava procurando.—Capitão Edward Linden—leu, voltando para sua cadeira.—Nascido no Brooklin, Nova York, em 22 de fevereiro de 1907. Formado pela Universidade Cornell, com um diploma em alemão, 1930; servindo no 970S Corpo de Contra Informação; antes, na 26a Infantaria, estacionada no Centro de Interrogatório de Camp King, Oberusel como oficial de desnazificação; atualmente adido ao Centro de Documentação dos EUA em Berlim, como oficial de ligação do Registro Central de Suspeitos de Crimes de Guerra e Segurança do Exército dos EUA. Não é muita coisa, receio.

Ele jogou a pasta aberta na minha frente. As letras estranhas parecendo grego cobriam não mais que meia folha de papel.

— Não sou muito bom em cirílico—eu disse. Poroshin não pareceu muito convencido.

— O que é exatamente o Centro de Documentação dos EUA?

— É um edifício no setor americano, perto da orla do Grünewald. O Centro de Documentação de Berlim é o repositório para os documentos dos ministérios e do partido capturados pelos americanos e pelos britânicos perto do fim da guerra. É

bastante abrangente. Eles conseguiram os registros completos dos membros do Partido Nacional Socialista, o que torna fácil descobrir quando as pessoas mentem nos seus questionários de desnazificação. Eu apostaria até que eles descobriram o seu nome em algum lugar.

— Como já disse, nunca fui membro do partido.

— Não—riu ele—,claro que não.—Poroshin pegou a pasta e devolveu-a ao seu lugar no arquivo.—Você esteve apenas cumprindo ordens.

Era óbvio que ele não acreditava em mim mais do que acreditava que eu fosse incapaz de decifrar o alfabeto bizantino de São Cirilo: pelo menos nisso ele teria razão.

— E agora, se não tem mais perguntas, realmente devo dispensá-lo. Tenho que estar na Ópera Estatal, no Admiralspalast, dentro de meia hora.—Ele tirou o cinto e, gritando os nomes de Yeroshka e Jegoroff, enfiou-se em sua túnica.—Já esteve em Viena?—perguntou, fixando o talabarte debaixo de sua ombreira.

— Não, nunca.

— As pessoas de lá são iguais à arquitetura—disse ele, inspecionando sua aparência no reflexo do vidro da janela. -Não passam de fachada. Tudo que há de interessante nelas parece estar na superfície. Por dentro são muito diferentes. Mas são uma gente com quem eu gostaria de trabalhar. Todos os vienenses nasceram para ser espiões.

CAPÍTULO VII

— Chegou tarde de novo a noite passada—eu disse.

— Não acordei você, acordei?—Ela deslizou nua para fora da cama e foi até o espelho de corpo inteiro no canto de nosso quarto.—De qualquer modo, você também chegou um tanto tarde na outra noite.

— Ela começou a examinar seu corpo.—É tão bom ter de novo uma casa aquecida. Onde foi que conseguiu o carvão?

— Com um cliente.

Observando-a parada ali, cofiando os pelos pubianos e alisando o ventre com a palma da mão, levantando os seios, examinando a boca firme e finamente alinhada com seu brilho ceroso, as maçãs salientes e as gengivas retraídas, e finalmente retorcendo-se para alcançar o traseiro delicadamente arqueado, sua mão ossuda, com os anéis nos dedos levemente mais frouxos do que antes, repuxando a carne de uma das nádegas, ninguém precisava me dizer o que passava por sua mente. Ela era uma mulher madura e atraente empenhada em fazer pleno uso do que o tempo lhe deixara.

Sentindo-me magoado e irritado, eu me verguei para fora da cama para encontrar minha perna deformada abaixo de mim.

— Você parece ótima—eu disse, entediado, e fui capengando até a cozinha.

— Isto soa um pouquinho curto para um soneto de amor—gritou ela.

Havia mais alguns artigos de reembolsável na mesa da cozinha: duas latas de sopa, uma barra de sabão de verdade, alguns envelopes de sacarina e uma caixinha de preservativos.

Ainda nua, Kirsten seguiu-me até a cozinha e observou-me examinando seus ganhos. Aquilo era só de um americano? Ou haveria outros?

— Vejo que esteve novamente atarefada—comentei, pegando a caixinha de preservativos.—Quantas calorias tem isso?

Ela tapou seu riso com a mão.

— O gerente mantém um estoque debaixo do balcão.—Ela sentou-se.—Pensei que seria legal. Você sabe, já tem um bocado de tempo que fizemos alguma coisa.—Ela escancarou as coxas para me deixar ver mais um pouco dela.—Há tempo agora, se você quiser.

Foi feito rapidamente, apressado, com uma indiferença quase profissional da parte dela, como se estivesse aplicando uma ducha ginecológica. Mal eu havia terminado e ela já se dirigia ao banheiro sem o menor rubor no rosto, carregando a camisinha usada como se fosse um camundongo morto encontrado debaixo da cama.

Meia hora mais tarde, vestida e pronta para ir trabalhar, ela parou na sala de estar, onde eu aticara as cinzas na estufa e estava agora acrescentando mais carvão.

Ela ficou por um momento me observando reavivar o fogo.

— Você é bom nisso—disse ela. Não consegui dizer se houve alguma intenção de sarcasmo. Depois, ela deu-me um beijo peremptório e se foi.

A manhã estava mais fria do que a faca de circuncisão de um mohel e fiquei contente em começar o dia numa biblioteca na Hardenbergstrasse. O atendente era um homem com uma boca tão horivelmente cicatrizada que era impossível dizer onde estavam seus lábios até que começou a falar.

— Não—disse ele, numa voz que se adequaria mais a um leão-marinho—, não existem livros sobre o Centro de Documentação. Mas houve dois artigos de jornal publicados nos últimos meses. Um foi no Telegraf, acho, e o outro no Boletim Informativo do Governo Militar.

Ele recolheu suas muletas e foi com a única perna até uma estante que continha um fichário de cartões, onde, conforme se lembrava, encontrou referências a ambos os artigos: um, publicado no Telegraf de maio, uma entrevista com o oficial comandante do Centro, o tenente-coronel Hans W. Helm; o outro, um relato histórico antigo, escrito em agosto por um principiante.

Agradei ao atendente, que me disse onde encontrar exemplares das duas publicações.

— Sorte sua ter vindo hoje—disse ele.—Estou viajando para Giessen amanhã, para colocar minha perna mecânica.

Ao ler os artigos percebi que nunca imaginei os americanos capazes de tal eficiência. Admitidamente, houve uma certa dose de sorte envolvida no acúmulo de certas coleções documentais do Centro. Por exemplo, tropas do VIII Exército dos Estados Unidos haviam esbarrado nos registros completos dos membros do Partido Nazista numa fábrica de papel perto de Munique, onde estavam a ponto de ser picotados. Mas a equipe do Centro havia montado a criação e organização do arquivo mais abrangente, de modo que pudesse ser determinado com inteira acurácia quem era um nazista. Tal como os arquivos principais do Partido Nacional Socialista, o Centro incluía em sua coleção as propostas de filiação, correspondência, registro da SS, do RHSA, registros raciais da SS, procedimentos da Suprema Corte do Partido—tudo, desde pastas de membros da Organização de Professores Nacional Socialistas a uma pasta detalhando expulsões da Juventude Hitlerista.

Outro pensamento me ocorreu quando saía da biblioteca e seguia para a estação ferroviária. Eu jamais teria acreditado que os nazistas pudessem ter sido estúpidos o bastante para registrar suas próprias atividades em detalhes tão abrangentes e incriminatórios.

Deixei a U-Bahn uma parada antes, numa estação do setor americano que, sem que tivesse qualquer coisa a ver com a ocupação da cidade, foi apelidada de Cabana do Pai Tomás, e caminhei até a Argentinische Allee.

Circundado pelos altos abetos do Grünewald, e apenas a uma curta distância de um pequeno lago, o Centro de Documentação de Berlim situava-se nos bem guarnecidos terrenos ao final da Wasserkäfersteig, um beco de paralelepípedos. No interior de uma cerca, o Centro abrigava numerosos prédios, mas a parte principal parecia ser um de dois andares ao final

de uma trilha elevada, pintado de branco e com persianas verdes nas janelas. Era um lugar de aparência agradável, embora eu logo recordasse dele como o quartel-general do velho Forschungsamt—o centro nazista de escuta telefônica.

O soldado no portão, um enorme negro com uma fenda entre os dentes, olhou-me com suspeita quando fui parado para inspeção. Ele provavelmente estava mais acostumado a lidar com civis ou militares motorizados do que com um pedestre solitário.

— O que deseja, Fritzzy?—indagou ele, esfregando as mãos enluvadas e batendo as botas para se manter aquecido.

— Fui amigo do capitão Linden—eu disse no meu inglês vacilante.—Acabei de ouvir a terrível notícia e vim dizer o quanto eu e minha mulher lamentamos. Ele foi muito bom com a gente, nos dava pacotes do reembolsável.—Tirei do bolso a breve carta que escrevinhara no trem.—Talvez pudesse fazer a gentileza de entregar isto ao coronel Helm.

O tom do soldado mudou imediatamente.

— Sim, senhor, darei a ele.—Ele pegou a carta e leu-a embaraçosamente.—Muito amável de sua parte lembrar-se dele.

— Somente uns poucos marcos, para algumas flores—continuei, sacudindo a cabeça.—E um cartão. Minha esposa e eu queremos pôr alguma coisa no túmulo do capitão Linden. A gente iria ao funeral se fosse em Berlim, mas achamos que a família gostaria de levar o corpo para casa.

— Não, senhor—disse ele.—O funeral vai ser em Viena, sexta feira de manhã. A família preferiu assim. Menos trabalhoso do que embarcar o corpo para casa, eu acho.

Dei de ombros.

— Para um berlinense, Viena é tão longe quanto a América. Não é fácil viajar atualmente.—Suspirei e consultei meu relógio.—Acho melhor ir andando. Tenho uma longa caminhada pela frente.

Quando voltei-me para ir embora, soltei um gemido e, segurando o joelho com uma feia careta, sentei-me apertado no chão em frente à barreira, minha bengala caindo nos paralelepípedos. Bela representação. O soldado saiu da guarita.

— O senhor está bem?—disse, apanhando a bengala e ajudando-me a levantar.

— Um estilhaço de granada russa. Me causa problemas de vez em quando. Estarei bem dentro de um ou dois minutos.

— Ei, venha para a guarita e sente-se um pouco.—Ele me ajudou a contornar a barreira e a cruzar a pequena porta da guarita.

— Obrigado. Muito amável de sua parte.

— Que nada. Qualquer amigo do capitão Linden... Sentei-me pesadamente e esfreguei meu joelho sem dor.

— Você o conhecia bem?

— Sou um simples soldado de primeira classe. Não posso dizer que o conhecesse bem, mas fui chofer dele de vez em quando.

Sorri e sacudi a cabeça.

— Poderia falar mais devagar, por favor? Meu inglês não é muito bom.

— Fui chofer dele de vez em quando—repetiu o soldado com a voz mais alta e imitou o ato de girar um volante.—Você diz que ele lhe dava compras do reembolsável?

— Sim, ele era muito amável.

— É bem típico de Linden. Sempre cheio de pacotes do reembolsável para dar.

—Fez uma pausa como se um pensamento lhe ocorresse. — Houve um casal em particular...

... bem, o capitão era como um filho para eles. Sempre levando-lhes mantimentos. Talvez os conheça: os Drexler?

Franzi o cenho e esfreguei o queixo, pensativo.

— Não é o casal que mora em...—Estalei os dedos como se o nome da rua estivesse na ponta da minha língua.—... onde é mesmo?

— Steglitz—disse ele, me ajudando.—Na Handjery Strasse. Sacudi a cabeça.

— Não, eu devo ter me enganado. Desculpe.

— Ora, esqueça isso.

— Imagino que a polícia tenha feito a vocês um monte de perguntas sobre o assassinato do capitão Linden.

— Que nada. Nem nos interrogaram, pois já tinham posto as mãos no cara que o matou.

— Eles pegaram alguém? Isto é bom. Quem é?

— Um austríaco.

— Mas por que fez isso? Ele contou?

— Nada. E um louco, acho. Como conheceu o capitão, por falar nisso?

— Foi num clube noturno. O Gay Island.

— Conheço. Eu mesmo nunca fui lá. Prefiro aqueles da Ku-damm: Ronny's Bar, Club Royale. Mas Linden costumava ir muito ao Gay Island. Ele tinha um bocado

de amigos alemães, acho, e era lá que gostavam de ir.

— Bem, ele falava muito bem o alemão.

— E verdade. Como se fosse da terra.

— Minha esposa e eu ficávamos imaginando por que ele nunca teve uma garota fixa. Até nos oferecemos para apresentar-lhe algumas. Garotas direitas, de boa família.

O soldado deu de ombros.

— Imagino que estivesse ocupado demais.—Ele deu um risinho.

— Ele certamente tinha muitas da outra espécie. Ora, o homem gostava de se irmanar.

Após um momento percebi o que ele queria dizer com "irmanar": era o eufemismo usado nos meios militares para o que aquele outro oficial americano estava fazendo com minha mulher.

Esfreguei meu joelho, como se o experimentasse e me levantei.

— Tem certeza de que está melhor agora?—perguntou o soldado.

— Sim, muito obrigado. Você foi muito gentil.

— Que nada. Qualquer amigo do capitão Linden...

CAPÍTULO VIII

Indaguei sobre os Drexler na agência de correios local, na Sintenis Platz, uma tranquila praça que já tinha sido coberta de grama e que agora era usada para o cultivo de comestíveis.

A funcionária, uma mulher com um enorme cacho jônico de cada lado da cabeça, informou-me rudemente que sua repartição só sabia que os Drexler e a maioria da população da área vinham apanhar sua correspondência na agência. Portanto, explicou, seu endereço exato na Handjery Strasse era desconhecido. Mas ela acrescentou que a correspondência geralmente considerável dos Drexler estava agora maior, visto que já fazia vários dias desde que se haviam dignado a recolhê-la. Ela usou a palavra "dignado" com mais do que um pequeno desprazer e especulei se havia algum motivo para não gostar dos Drexler. Meu oferecimento para entregar sua correspondência foi de pronto recusado. Isso não seria adequado. Mas ela me disse que eu podia certamente lembrar aos Drexler que viessem buscá-la, como se já estivesse se tornando um incômodo.

A seguir, decidi tentar o posto policial de Schönberg, na Grünewald Strasse, ali perto. Caminhando até lá, sob a sombra insegura de paredes rachadas que se inclinavam à frente como se permanentemente na ponta dos pés, passei por prédios incólumes a não ser por uma balaustrada faltando, como um bolo de casamento ilicitamente provado, e me vi diante do Gay Island, onde Becker relatou ter conhecido o capitão Linden. Era um local de mau aspecto, com um letreiro barato de néon. Sentime quase contente por estar fechado.

O tira na recepção do posto policial tinha um rosto comprido como a unha do polegar de um mandarim, mas era um tipo obsequioso e, enquanto consultava os registros locais, me disse que os Drexler não eram desconhecidos da polícia de Schönberg.

— São um casal judeu—explicou.—Advogados. Bem conhecidos por aqui. Pode-se mesmo dizer que são notórios.

— É mesmo? Por quê?

— Não porque tenham desrespeitado as leis, claro.—O dedo grosso como salsichão do sargento descobriu o nome deles no livro e atravessou a página até a rua e o número.—Aqui está. Handjery Strasse, 17.

— Obrigado, sargento. O que há sobre eles?

— É amigo deles?—Ele soou circunspecto.

— Não, não sou.

— Bem, senhor, simplesmente as pessoas não gostam desse tipo de coisa. Elas querem esquecer o que aconteceu. Não creio que seja uma boa coisa remexer no passado desse jeito.

— Desculpe-me, sargento, mas exatamente o que é que eles fazem?
— Caçam os assim chamados criminosos de guerra nazistas. Assenti.
— Sim, dá para sentir que isto não os torna muito populares entre os vizinhos.
— Foi errado o que aconteceu. Mas temos que reconstruir, recomeçar. E dificilmente poderemos fazê-lo se a guerra nos acompanhar como um mau cheiro.

Eu precisava de mais informação dele, por isso concordei. A seguir, perguntei sobre o Gay Island.

— Não é o tipo de lugar que eu frequentaria com minha esposa. E dirigido por uma marafona chamada Kathy Fiege. O lugar fica cheio delas. Mas nunca houve confusão lá, a não ser por um ou outro ianque bêbado. Mas não se pode chamar isso de confusão. E se os boatos são verdadeiros, em breve seremos todos ianques... pelo menos nós aqui do setor americano, não acha?

Agradei a ele e caminhei até a porta do posto policial.

— Mais uma coisa, sargento—eu disse, dando meia-volta.—E os Drexler? Eles descobriram algum criminoso de guerra?

O rosto comprido do sargento assumiu um ar divertido e matreiro.

— Não que saibamos, senhor.

Os Drexler moravam não muito longe do posto policial, num edifício recém-reformado perto da linha da S-Bahn e em frente a uma pequena escola. Mas não houve resposta quando bati à porta de seu apartamento no último andar.

Acendi um cigarro para livrar minhas narinas do forte odor de desinfetante que impregnava o patamar e bati de novo. Ao olhar para baixo, vi duas guimbas de cigarro, inexplicavelmente não recolhidas, no chão diante da porta. Não parecia que alguém tivesse estado perto da porta recentemente. Inclinando-me para pegá-las, senti o odor tornar-se mais forte. Abaixando-me numa postura de flexão, enfiei o nariz na fenda entre o assoalho e a porta e recuei quando o ar que veio do apartamento invadiu minha garganta e pulmões. Rolei rapidamente para trás e tossi metade de minhas entranhas escadas abaixo.

Quando recuperei o fôlego, levantei-me e sacudi a cabeça. Dificilmente seria possível que alguém vivesse em tal atmosfera. Olhei pelo poço das escadas. Ninguém à vista.

Tomei distância da porta e chutei firmemente a fechadura com minha perna boa, mas ela mal se moveu. Mais uma vez verifiquei o poço da escada, para ver se o barulho atraía alguém. Vendo que não tinha sido notado, chutei de novo.

A porta se escancarou e um cheiro terrível e pestilento se espalhou, tão forte que recuei por um momento e caí pelas escadas. Tapando o nariz e a boca com a lapela do casaco, saltei para dentro do apartamento às escuras, percebendo a débil silhueta de um dossel de cortina, puxei as pesadas dobras de veludo para o lado e abri a janela.

O ar frio varreu as lágrimas dos meus olhos enquanto eu ofegava para respirar. Crianças de volta da escola acenaram para mim. Retribuí fracamente o aceno.

Quando me certifiquei de que a corrente de ar entre a porta e a janela havia ventilado a sala, entrei para descobrir o que quer que fosse que deveria ser descoberto.

Não achei que aquele tipo de cheiro significasse tomar cuidado com alguma praga menor do que um elefante desgarrado.

Fui até a porta da frente e empurrei-a para a frente e para trás nas dobradiças a fim de aumentar a ventilação, enquanto examinava a mesa, as cadeiras, as estantes, os arquivos e as pilhas de livros e papéis que atulhavam a pequena sala. Mais além estava uma porta aberta e a beirada de uma cama de metal.

Meu pé chutou algo no chão enquanto me dirigia para o quarto. Era uma dessas bandejas baratas de latão que se vêem em bares e cafés.

Mas pela congestão nos dois rostos que jaziam lado a lado em seus travesseiros, se pensaria que estavam ainda dormindo. Se o seu nome está na carta da morte de alguém, há maneiras piores do que a asfixia durante o sono para cumprir a previsão.

Puxei a colcha e abri a parte superior do pijama de Herr Drexler, revelando um estômago intumescido marcado de veias, como uma fatia de roquefort. Pressionei com meu indicador: parecia firme. Porém uma pressão mais forte de minha mão produziu uma flatulência do cadáver, indicando ruptura gasosa dos órgãos internos. Parecia que o casal já estava morto pelo menos há uma semana.

Puxei a colcha de novo sobre eles e voltei à sala. Por algum tempo fiquei olhando desesperançado para os livros e papéis sobre a mesa, mesmo fazendo uma tentativa incoerente para descobrir alguma pista, mas como eu só tinha uma vaga ideia do quebra-cabeças, logo a abandonei como perda de tempo.

Lá fora, sob um céu colorido de madrepérola, eu começava a subir a rua na direção da S-Bahn quando algo captou meu olhar. Havia muito equipamento militar descartado sobre Berlim, mas, pela maneira como os Drexler haviam morrido, tive que dar a devida atenção ao que vi. Jazendo sobre uma pilha de entulho reunido na sarjeta havia uma máscara contra gases. Uma lata vazia rolou aos meus pés quando puxei a tira de borracha da máscara. Rapidamente dando novas cores à esboçada cena do crime, descartei a máscara e me agachei para ler o rótulo na lata enferrujada: "Zyklon-B. Gás venenoso! Perigo! Manter em lugar frio e seco! Proteger do sol e de chamas. Abrir e usar com extrema cautela. Kaliwerke A. G. Kolin".

No olho de minha mente retratei um homem de pé do lado de fora da porta dos Drexler. Era tarde da noite. Nervosamente, ele fumou dois cigarros pela metade antes de pôr a máscara contra gases, verificando as tiras para se certificar de que

estava bem ajustada. Depois, abriu a lata de ácido prússico cristalizado, despejou as pelotas — já se liquefazendo em contato com o ar—na bandeja que trouxera, enfiando-a rapidamente por debaixo da porta para dentro do apartamento. O casal ressonava profundamente, mergulhando na inconsciência enquanto o gás Zyklon-B, inicialmente usado em seres humanos nos campos de concentração, começava a bloquear a tomada de oxigênio em sua corrente sanguínea. Com aquele tempo, dificilmente os Drexler teriam deixado uma janela aberta. Mas talvez o assassino tivesse colocado alguma coisa—um casaco ou um cobertor — na fenda entre o chão e a porta, para impedir uma lufada de ar fresco no apartamento, ou para evitar que alguém mais no prédio morresse. Uma duomilésima parte do gás era letal. Finalmente, após quinze ou vinte minutos, quando as pelotas de cristal estivessem plenamente dissolvidas, e o assassino certo de que o gás fizera seu silencioso e mortal efeito—que mais dois judeus tinham, por qualquer razão, se juntado aos seis milhões—,ele teria recolhido seu casaco, a máscara e a lata vazia (talvez não tivesse pretendido deixar a bandeja: não que isso importasse, pois certamente havia usado luvas para manipular o Zyklon-B) e saído no meio da noite.

Podia-se quase admirar a simplicidade da coisa.

CAPÍTULO IX

De algum lugar rua acima, um jipe roncou na escuridão carregada de neve. Com a manga do casaco, limpei a condensação no vidro da janela e vi o reflexo de um rosto que reconheci.

— Herr Gunther—disse ele enquanto eu me virava na minha cadeira.—Achei que era você.—Uma fina camada de neve cobria a cabeça do homem. Com seu crânio quadrado e proeminente e orelhas perfeitamente redondas, ele me lembrava um balde de gelo.

— Neumann—exclamei.—Eu pensava que você já estivesse morto, com toda certeza.

Ele limpou a cabeça e tirou o sobretudo.

— Importa-se que eu o acompanhe? Minha garota ainda não apareceu.

— Desde quando tem uma garota, Neumann? Pelo menos que não seja paga?

Ele se crispou, nervoso.

— Olhe, se já vai começar...

— Relaxe e sente-se—eu disse e acenei para o garçom.—O que vai querer?

— Só uma cerveja, obrigado.—Ele sentou-se e fitou-me de modo crítico, estreitando os olhos.—Você não mudou muito, Herr Gunther.

Aparência mais velha, um pouco mais grisalho e mais magro do que costumava ser, mas ainda o mesmo.

— Detesto imaginar como eu pareceria se achasse que estou mudado—repliquei.—Mas o que você diz faz sentido como uma descrição acurada de oito anos.

— Faz esse tempo todo? Desde que nos vimos pela última vez?

— Desconte aí uma guerra mundial. Ainda espia pelos buracos de fechadura?

— Hen Gunther, você não sabe nem a metade—bufou ele. Agora sou carcereiro em Tegel.

— Não acredito! Você? Você é mais oscilante que uma cadeira de balanço roubada.

— Sério, Herr Gunther, é verdade. Os ianques me puseram para guardar criminosos de guerra nazistas.

— E agora está trabalhando duro, não é? Neumann se crispou de novo.

— Aqui está sua cerveja—disse o garçom, depositando o caneco diante dele.

Comecei a falar, mas os americanos na mesa ao lado irromperam em altos risos. Depois um deles, um sargento, disse mais alguma coisa, e desta vez até mesmo Neumann riu.

— Ele disse que não acredita nessa de se irmanar—explicou-me.

— Diz que não quer tratar nenhuma fráulein do jeito que trata seu irmão.

Sorri e olhei para os americanos.

— Você aprendeu a falar inglês em Tegel?

— Claro. Aprendi um monte de coisas.

— Você sempre foi um bom informante.

— Por falar nisso—ele baixou a voz—,ouvi dizer que os soviéticos pararam um trem militar britânico na fronteira e mandaram desengatar dois vagões contendo passageiros alemães. Dizem que foi uma retaliação pelo estabelecimento da Bizona.—Ele se referia à fusão das zonas americana e britânica da Alemanha. Neumann bebeu um gole da cerveja e deu de ombros.—Isso talvez acabe em outra guerra.

— Não vejo como. Ninguém tem mais estômago para outra dose disso.

— Não sei, não. Talvez.

Ele depositou seu caneco e fez surgir uma caixa de rapé, que me ofereceu. Sacudi a cabeça e fiz uma careta ao vê-lo dar uma fungada e passar o rapé debaixo do lábio.

— Esteve em alguma ação durante a guerra?—continuou ele. -Ora, Neumann, você deveria saber melhor que ninguém. Não é o tipo de pergunta que se faça nos dias de hoje. Você me ouviu perguntar como conseguiu o seu certificado de desnazificação?

— Pois fique sabendo que o obtive de modo inteiramente legítimo.—Ele pegou um pedaço de papel na carteira e o desdobrou. — Nunca me envolvi em nada. Livre da infecção nazista, diz aqui. E é exatamente o que sou, e me orgulho disso. Nem sequer me juntei ao exército.

— Só porque eles não o aceitariam.

— Livre da infecção nazista—repetiu ele, furioso.

— Deve ser a única infecção que você já teve.

— O que está fazendo aqui, de qualquer modo?—zombou ele de volta.

— Adoro vir ao Gay Island.

— Nunca vi você aqui antes, e olhe que tenho vindo um bocado.

— Sim, parece o tipo de lugar onde você se sente à vontade. Mas como consegue, com o salário de carcereiro?

Neumann deu de ombros, evasivo.

— Você deve fazer um bocado de mandados para as pessoas—sugeri.

— Bem, é preciso fazer, não é?—Ele sorriu de leve.—Aposto que você está aqui trabalhando num caso, acertei?

— Talvez.

— Eu poderia ajudar. Como disse, venho aqui bastante.

— Tudo bem, então.—Puxei minha carteira e extraí uma nota de cinco dólares. - Já ouviu falar num homem chamado Eddy Holl? Ele vem aqui às vezes. Está no negócio de publicidade. Uma firma chamada Reklause & Werbe Zentrale.

Neumann engoliu em seco e olhou sombrio para a nota.

— Não—disse, relutante.—Não o conheço. Mas poderia indagar por aí. O barmann é um amigo. Ele poderia...

—Já tentei. Ele não é do tipo falador. Mas, pelo que diz, não creio que conheça Holl.

— Essa turma de publicidade... qual é mesmo o nome?

— Reklaue & Werbe Zentrale. Situada na Wilmerrsdorfer Strasse. Estive lá esta tarde. Segundo disseram, Herr Eddy Holl está nos escritórios da companhia holding, em Pullach.

— Bem, talvez esteja. Em Pullach.

— Nunca ouvi falar. Não posso imaginar a sede de qualquer coisa num lugar chamado Pullach.

— Bem, você deve estar equivocado.

— Tudo bem. Estou pronto para ser surpreendido. Neumann sorriu e acenou de cabeça para a nota de cinco dólares que eu já ia devolver à carteira.

— Por cinco dólares eu poderia lhe contar tudo que sei a respeito.

— Não qualquer bobagem.—Assenti e passei-lhe a nota.—Tem de ser coisa quente.

— Pullach é um pequeno subúrbio de Munique. É também o quartel-general das Autoridades de Censura Postal do Exército dos Estados Unidos. A correspondência para todos os pracinhas em Tegel tem de passar por lá.

— É só isso?

— O que você quer? A média pluviométrica?

— Tudo bem. Não estou muito certo do que me diz, mas, obrigado assim mesmo.

— Talvez eu possa manter os olhos abertos para esse tal de Eddy Holl.

— Por que não? Parto para Viena amanhã. Quando chegar lá, vou telegrafar a você para dar o endereço de onde estarei, caso consiga alguma coisa. Dinheiro contra entrega.

— Puxa, eu bem que gostaria de ir. Adoro Viena. -Você nunca me pareceu o tipo cosmopolita, Neumann.

— O que acha de entregar umas poucas cartas quando estiver lá, hem? Há um bocado de austríacos em minha galeria.

— O quê?! Servir de carteiro para criminosos de guerra nazistas? Não, obrigado. —Terminei meu drinque e consultei o relógio.—Você acha que essa sua garota vai aparecer?—Levantei-me para sair.

— Que horas são?—perguntou ele, franzindo o cenho.

Exibi a ele o mostrador do Rolex em meu pulso. Tinha mais ou menos decidido não vendê-lo. Neumann estremeceu ao ver a hora.

- Espero que ela não lhe dê o bolo—falei. Ele sacudiu tristemente a cabeça.
- Ela não vai vir agora. Essas mulheres... Dei-lhe um cigarro.
- Nesses dias, a única mulher confiável é a casada com outro homem.
- Este é um mundo podre, Herr Gunther.
- É, mas não vá contar a ninguém, tá?

CAPÍTULO X

No trem para Viena conheci um homem que contava sobre o que tínhamos feito aos judeus.

— Olhe—disse ele—,não podem nos culpar pelo que aconteceu. Estava predestinado. Estávamos meramente cumprindo a própria profecia do Velho Testamento deles: aquela sobre José e seus irmãos. Temos então José, filho caçula e o mais favorecido de um pai repressor, e a quem podemos tomar como simbólico de toda a raça judia. E então você tem todos os outros irmãos, que simbolizam os gentios por toda parte, mas vamos presumir que eles sejam alemães que estão naturalmente ciumentos do caçula adulado.

Ele é mais bem tratado do que os outros. Tem uma túnica de várias cores. Meu Deus, não admira que o odeiem. Não admira que o vendam como escravo. Mas o detalhe importante a notar é que o que os irmãos fazem é tanto uma reação contra um pai autoritário e inflexível... uma pátria, se preferir, como contra um irmão evidentemente super privilegiado.

— O homem encolheu os ombros e começou a coçar pensativo o lóbulo da orelha em forma de ponto de interrogação.—Realmente, quando se pensa a respeito, eles deviam nos agradecer.

— Como chegou a essa conclusão?—perguntei, com considerável falta de fé.

— Não fosse pelo que os irmãos de José fizeram, os filhos de Israel nunca teriam sido escravizados no Egito, nunca teriam sido levados por Moisés para a Terra Prometida. Similarmente, não fosse pelo que nós alemães fizemos, os judeus nunca teriam voltado para a Palestina. Agora mesmo eles estão prestes a estabelecer um novo Estado.—Os olhinhos do homem se estreitaram como se tivesse sido um dos poucos a ter permissão de dar uma olhada no diário de Deus.

— Oh, sim, foi uma profecia plenamente cumprida.

— Não entendo nada de profecias—resmunguei e girei meu polegar para a cena que passava pela janela do vagão: um comboio de tropas do Exército Vermelho, aparentemente infinito, se movimentava para o sul ao longo da autobahn, paralela à linha férrea—,mas isso certamente parece como se fôssemos terminar no mar Vermelho.

O nome caía bem para esta coluna infinita de selvagens e onívoras formigas vermelhas, devastando a terra e recolhendo tudo que podiam carregar—mais do que o peso individual de seus corpos para levar de volta às suas colônias semipermanentes de trabalho. E tal qual algum agricultor brasileiro que tivesse sua lavoura de café devastada por essas criaturas sociais, meu ódio pelos russos era temperado por uma igual medida de respeito. Por sete longos anos eu os combati, os matei, fui aprisionado por eles, aprendi sua língua e finalmente escapei de um de

seus campos de trabalho. Sete espigas de milho finas crestadas pelo vento leste devorando as sete espigas boas.

Quando estourou a guerra eu tinha sido um Kriminalkommissar na Seção 5 do RSHA, o Serviço Central de Segurança do Reich, e automaticamente promovido a primeiro-tenente da SS. A não ser pelo juramento de lealdade a Adolf Hitler, ser um ObersturmführerSS não foi um problema até junho de 1941, quando Arthur Nebe, ex-diretor da Kripo e recém-promovido a Grulpenführer-SS, recebeu o comando de um Grupo de Ação como parte da invasão da Rússia.

Eu era apenas um dos vários ex-policiais alistados no grupo de Nebe, cujo objetivo, assim eu acreditava, era seguir a Wehrmacht até a Rússia Branca ocupada e combater a quebra da lei e o terrorismo de qualquer descrição. Meus próprios deveres no quartel-general do Grupo de Minsk envolveram o confisco dos arquivos da NKVD soviética e a captura de seu esquadrão da morte, que massacrara centenas de presos políticos russos-brancos para evitar que fossem libertados pelo exército alemão. Mas o assassinato em massa é endêmico em qualquer guerra de conquista, e logo ficou evidente para mim que meu próprio lado estava massacrando arbitrariamente prisioneiros russos. Depois veio a descoberta de que o propósito primário dos Grupos de Ação não era a eliminação de terroristas, mas o assassinato sistemático de civis judeus.

Em todos os meus quatro anos de serviço na Primeira Guerra, nunca vi nada que causasse efeito mais devastador sobre meu espírito do que aquilo que testemunhei no verão de 1941. Embora não estivesse pessoalmente encarregado da tarefa de comandar qualquer desses esquadrões de execução em massa, concluí que poderia ser apenas questão de tempo até que assim me ordenassem e, como inevitável corolário, eu fosse fuzilado por me recusar a obedecer. Portanto, requisitei uma transferência imediata para a Wehrmacht e a linha de frente.

Como comandante geral do Grupo de Ação, Nebe poderia ter-me enviado para um batalhão punitivo. Podia até mesmo ter ordenado minha execução. Em vez disso, acatou meu pedido de transferência e, após várias semanas mais na Rússia Branca, tempo durante o qual assessoriei a Seção de Informação dos Exércitos Estrangeiros do Leste, do general Gehlen, na organização dos arquivos capturados da NKVD, fui transferido não para a linha de frente, mas para o Departamento de Crimes de Guerra do Alto Comando Militar, em Berlim. Por esta época, Arthur Nebe supervisionou pessoalmente os assassinatos de mais de trinta mil homens, mulheres e crianças.

Após meu retorno a Berlim, nunca mais o vi. Anos mais tarde, encontrei um velho amigo da Kripo, que me disse que Nebe, sempre um tipo ambíguo de nazista, havia sido executado no início de 1945, como um dos participantes do complô do conde Stauffenberg para matar Hitler.

Isso sempre me deu a estranha sensação de saber que eu, muito possivelmente, devia a vida a um assassino em massa.

Para meu grande alívio, o homem com o curioso interesse em hermenêutica deixou o trem em Dresden, e consegui dormir entre esta cidade e Praga. Mas a maior parte do tempo pensei em Kirsten e no bilhete escrito às pressas que havia deixado para ela, explicando que me ausentaria por várias semanas e tornando-a responsável pela presença dos soberanos de ouro no apartamento, relativos à metade dos meus honorários para assumir o caso de Becker, e que Poroshin encarregara-se de entregar no dia anterior.

Amaldiçoei-me por não escrever mais, por falhar em dizer que não havia nada que eu não fizesse por ela, nenhuma tarefa hercúlea que não executasse de bom grado em seu benefício. Tudo isso ela sabia, é claro, manifestado como estava no pacote de cartas em escrita extravagante que ela mantinha na gaveta. Perto do frasco não mencionado de Chanel.

CAPÍTULO XI

A viagem entre Berlim e Viena é um tempo muito longo para se passar ruminando sobre a infidelidade da esposa, de modo que foi ótimo o ajudante de ordens de Poroshin ter-me conseguido passagem num trem que seguia o caminho mais direto—19 horas e meia, via Dresden, Praga e Brno—em vez das 27 horas do trem que fazia a rota de Leipzig e Nuremberg. Com um guinchar de rodas, o trem reduziu a marcha até parar na Franz Josef Bahnhof, cobrindo os poucos ocupantes na plataforma com uma nuvem de vapor.

Na barreira de verificação apresentei meus papéis a um policial militar americano e, tendo explicado minha presença em Viena para sua satisfação, caminhei até a estação, pousei minha mala e olhei em volta, procurando por algum indício de que minha chegada era tão esperada quanto bem-vinda por alguém na pequena multidão de pessoas à espera.

A aproximação de um homem grisalho e de altura mediana confirmou que eu estava certo na primeira dessas estimativas, embora logo ficasse ciente da veleidade da segunda.

Ele me disse que seu nome era Dr. Liebl e que tinha a honra de atuar como representante legal de Emil Becker.

— Tenho um táxi à espera—disse, olhando incerto para minha bagagem.— Mesmo assim, não estamos longe de meu escritório e poderíamos ir a pé, se tivesse trazido uma bagagem menor.

— Sei que isso parece pessimista — repliquei —, mas achei que viria para passar a noite.

Eu o segui através da estação.

— Espero que tenha feito uma boa viagem, Herr Gunther.

— Estou aqui, não estou?—eu disse, com uma risada um tanto forçada.—É o suficiente para definir uma boa viagem nestes dias.

— Realmente eu não saberia dizer—replicou ele asperamente.

— Eu nunca saio de Viena.—Ele acenou com a mão afastando um grupo de enraivecidos deslocados de guerra, que pareciam ter acampado na estação.—Hoje em dia, com o mundo inteiro empenhado em algum tipo de viagem, parece imprudente eu esperar que Deus zelasse pelo tipo de viajante que só deseja retornar ao ponto de origem.

Ele me conduziu até o táxi. Entreguei a mala ao chofer e me acomodei no banco traseiro só para descobrir que a mala veio atrás de mim.

— Há uma taxa extra para levar bagagem no porta-malas—explicou Liebl, pondo a mala no meu colo.—Como eu disse, não fica muito longe e os táxis são caros. Enquanto estiver aqui, recomendo que use os bondes... é um serviço muito

bom.—O carro saiu em velocidade e, na primeira curva, juntou-nos como um casal de namorados no escuro do cinema. Liebl riu.—E também mais seguro, já que os táxis de Viena são desse jeito.

Apontei para nossa esquerda.

— Este é o Danúbio?

— Meu Deus, não. Este é o canal. O Danúbio fica no setor russo, mais a leste.— Ele apontou à direita, para um prédio de aparência soturna.—Esta é a prisão da polícia, onde nosso cliente reside atualmente. Temos um encontro aqui às primeiras horas da manhã, após o que você pode ir ao funeral do capitão Linden, no Cemitério Central.

— Liebl acenou de volta para a prisão.—A propósito, Herr Becker não está aqui há muito tempo. Os americanos estavam dispostos inicialmente a tratar o caso como um assunto de segurança militar e por isso o mantiveram no seu xadrez de prisioneiros de guerra na Stiftskaserne... o quartel-general de sua polícia militar em Viena.

Tive um trabalhão para entrar e sair de lá, pode crer. Contudo, o chefe da Segurança Pública do Governo Militar decidiu agora que o caso é da alçada dos tribunais austríacos e, portanto, ele será mantido lá até o julgamento, seja lá quando for.

Liebl inclinou-se à frente, bateu no ombro do chofer e disse-lhe para pegar o retorno na altura no Hospital Geral.

—Já que estamos pagando por isto, podemos também aproveitar para deixar a sua bagagem—disse.—É apenas um curto desvio. Pelo menos você já viu onde seu amigo está, de modo que pode avaliar a gravidade de sua situação. Não desejo ser rude, Herr Gunther, mas devo lhe dizer que fui contra a sua vinda a Viena. Não é como se houvesse falta de detetives aqui. Nós os temos. Eu mesmo já utilizei muitos deles, e conhecem Viena melhor que você. Espero que não se importe que o diga. Quero dizer, você não conhece mesmo a cidade, não é:

— Aprecio sua franqueza, Dr. Liebl—eu disse, apesar de não estar apreciando muito.—E tem razão, não conheço a cidade. Na verdade, nunca estive aqui em minha vida. Portanto, deixe-me falar francamente. Com 25 anos de polícia nas costas, não estou particularmente disposto a dar a menor bola para o que o senhor está pensando.

Por que Becker preferiu me contratar, em vez de um detetive local, é problema dele. O fato de ele estar preparado para me pagar generosamente é problema meu. Não há nada nesse meio tempo para o senhor ou qualquer outro. Não agora. Quando for para o tribunal, eu me sentarei no seu colo e pentearei o seu cabelo, se quiser.

Mas, até lá, trate de ler seus livros jurídicos e deixe que eu me preocupe com o que vai dizer para tirar aquele sacana da prisão.

— Gostei de ver—resmungou Liebl, sua boca oscilando para um quase sorriso.—A veracidade torna você bastante bom. Como a maioria dos advogados, tenho uma secreta admiração por pessoas que parecem acreditar no que dizem. Sim, tenho o maior apreço pela probidade dos outros, no mínimo porque nós, advogados, somos cheios de artifício.

— Achei que falou com bastante franqueza.

— Mera dissimulação, eu lhe asseguro—disse ele, arrogante. Deixamos minha bagagem numa pensão de aparência confortável no 8a Bezirk, no setor americano, e seguimos para o escritório de Liebl, na cidade interior. Como Berlim, Viena estava dividida entre as Quatro Potências, cada uma delas controlando um setor separado. A única diferença era que a cidade interior de Viena, circundada pelos amplos bulevares, hotéis de luxo e palácios, que era chamada de Anel, estava sob o controle de todas as quatro Potências na forma da Patrulha Internacional. Outra diferença mais imediatamente notável estava no estado de reforma da capital austríaca. Era verdade que a cidade havia sido um bocado bombardeada, mas, em comparação com Berlim, Viena parecia mais arrumada do que uma vitrine de agente funerário.

Quando afinal nos sentamos no escritório de Liebl, ele pegou as pastas de Becker e repassou comigo os fatos envolvidos no caso.

— Naturalmente, a prova mais forte contra Herr Becker foi estar de posse da arma do crime—disse Liebl, passando-me duas fotografias da arma que matara o capitão Linden.

— Walther P38—eu disse.—Coronha da SS. Eu mesmo usei uma no último ano de guerra. Chacoalha um pouco, mas logo que você se acostuma com o gatilho incomum geralmente pode dispará-la com bastante perícia. Eu porém nunca dei muita importância ao cão externo. Não, prefiro a PPK.—Devolvi as fotos.—Tem alguma foto da autópsia?

Libel passou-me um envelope com evidente desprazer.

— Engraçado como eles parecem quando estão limpos outra vez

— eu disse enquanto examinava as fotografias.—Você atira no rosto de um homem com um .38 e ele não parece pior do que se tivesse extraído um dente. Um sacana boa-pinta, eu diria em favor dele. Encontraram a bala?

— Na próxima foto.

Acenei com a cabeça quando a encontrei. Não o suficiente para matar um homem, pensei.

— A polícia também encontrou vários pacotes de cigarro na casa de Herr Becker—disse Liebl.—Cigarros do mesmo tipo dos que estavam no estúdio onde Linden

foi morto.

Dei de ombros.

— Ele gosta de fumar. Não vejo em que alguns pacotes de cigarros possam incriminá-lo.

— Não? Então deixe-me explicar. Estes foram cigarros roubados da fábrica de tabaco na Thaliastrasse, que fica bem perto do estúdio. Quem roubou os cigarros estava usando o estúdio para guardá-los. Quando Becker encontrou o corpo do capitão Linden, serviu-se de alguns pacotes antes de voltar para casa.

— Bem do estilo de Becker—comentei.—Ele sempre teve a mão leve.

— Bem, é o pescoço dele que está em jogo agora. Não preciso lembrar-lhe que isto é um crime capital, Herr Gunther.

— Pode me lembrar disso com a frequência que achar adequado, doutor. Digame, a quem pertence o estúdio?

— À Drittemann Film-und Senderaum GMBH. Pelo menos este é o nome da empresa que está no contrato de arrendamento. Mas ninguém parece lembrar de qualquer filme feito lá. Quando a polícia vasculhou o lugar, não encontrou mais nada além de um velho refletor.

— Eu poderia dar uma olhada lá?

— Verei se posso conseguir. Bem, se tiver mais perguntas, Herr Gunther, sugiro que as guarde até amanhã, quando visitarmos Herr Becker. Enquanto isso, há uns dois acertos que temos de concluir, tal como o restante de seus honorários e suas despesas. Por favor, desculpe-me por um momento enquanto apanho o dinheiro no cofre.

— Ele levantou-se e deixou a sala.

O escritório de Liebl, em Judengasse, ficava no primeiro andar de uma sapataria. Quando ele voltou para a sala carregando dois maços de notas, viu-me de pé à janela.

— Dois mil e quinhentos dólares americanos, em espécie, como combinado—disse ele—, e mil xelins austríacos para cobrir suas despesas. Qualquer coisa mais terá de ser autorizada por Fräulein Braunsteiner... ela é a namorada de Herr Becker. Os custos de sua hospedagem serão bancados por este escritório.—Ele entregou-me uma caneta.—Pode assinar este recibo, por favor?

Dei uma lida no contrato e assinei.

— Eu gostaria de conhecê-la—declarei.—Gostaria de conhecer todas as amigas de Becker.

— Minhas instruções são para que ela o procure na pensão.

Pus o dinheiro no bolso e voltei à janela.

— Posso confiar na sua descrição se a polícia o pegar com todos esses dólares? Existem regulamentos sobre moeda que...

— Deixarei seu nome fora disso, não se preocupe. Por falar nisso, o que me impede de pegar o dinheiro e voltar para casa?

— Você simplesmente repete o meu aviso para Herr Becker. Em primeiro lugar, ele disse que você era um homem honrado e que, se for pago para um serviço, vai fazê-lo.

Não é do tipo de deixar casos pendentes. Ele foi muito dogmático a seu respeito.

— Sinto-me lisonjeado. E em segundo lugar?

— Posso ser franco?

— Por que parar agora?

— Muito bem. Herr Becker é um dos piores contrabandistas de Viena. Apesar de seu atual apuro, ele não é inteiramente sem influência em certos, digamos, círculos mais nefastos desta cidade.—Seu rosto parecia dolorido.—Eu ficaria relutante em dizer mais para não soar como um bandido comum.

— Bastante sincero de sua parte, Herr Doktor. Obrigado. Ele veio até a janela.

— O que está olhando?

— Acho que fui seguido. Vê aquele homem?

— O que está lendo jornal?

— Tenho certeza de tê-lo visto na estação.

Liebl retirou seus óculos do bolso da lapela e pendurou-os em volta das orelhas peludas.

— Ele não parece austríaco—disse por fim.—Qual é o jornal que está lendo?

Semicerrei os olhos por um momento.

— O Wiener Kurier.

— Hum. Não é um comunista, de qualquer forma. Provavelmente é um americano, um agente de campo da Seção de Investigação Especial da polícia militar deles.

— Usando roupas civis?

— Creio que eles não são mais obrigados a usar uniforme. Pelo menos em Viena.—Ele tirou os óculos e afastou-se.—Ouso dizer que será alguma coisa rotineira. Devem estar querendo saber tudo sobre qualquer amigo de Herr Becker. Você pode esperar ser detido a qualquer momento, para interrogatório.

— Obrigado pelo aviso.—Comecei a me afastar da janela, mas descobri minha mão se detendo no enorme postigo, com sua sólida barra transversal.—Eles por certo sabiam construir esses antigos lugares, não acha? Esta coisa parece preparada para repelir um exército.

— Não um exército, Herr Gunther. Uma turba. Isto aqui já foi o coração do gueto. No século XV, quando a casa foi construída, tinham que estar preparados para um ocasional pogrom. Nada muda tanto, não é?

Sentei-me em frente a ele e fumei um Memphis do maço que havia trazido dos suprimentos de Poroshin. Estendi o maço a Liebl, que tirou um e o pôs cuidadosamente numa cigarreira. Nós não havíamos tido o melhor dos começos. Era hora de aparar certas arestas.

— Fique com o maço—eu disse a ele.

— Você é muito amável—retrucou ele, entregando-me um cinzeiro em retribuição.

Observando-o acender um cigarro, imaginei que genealogia de devassidão tinha estragado o seu rosto que já fora bonito. Suas faces grisalhas estavam pesadamente vincadas com estrias quase glaciais e seu nariz era levemente franzido, como se alguém lhe tivesse contado uma piada suja. Os lábios eram muito vermelhos e finos, e ele sorria como uma velha serpente astuta, o que só realçava o aspecto de dissipação que os anos e, mais provavelmente, a guerra haviam desenhado nas suas feições. Ele próprio forneceu uma explicação.

— Estive num campo de concentração por uns tempos. Antes da guerra fui membro do Partido Social Cristão. Você sabe, as pessoas preferem esquecer, mas houve uma admiração muito grande por Hitler na Áustria.—Ele tossiu um pouco enquanto a primeira tragada enchia seus pulmões.—É muito conveniente para nós que os Aliados tenham decidido que a Áustria foi uma vítima da agressão nazista em vez de colaboradora. Mas isto também é absurdo. Somos burocratas perfeitos, Herr Gunther. É notável o número de austríacos que vieram a ocupar papéis cruciais na organização dos crimes de Hitler. E muitos desses mesmos homens, e bem poucos deles alemães, estão vivendo exatamente aqui em Viena. Agora mesmo o Diretório de Segurança para a Alta Áustria está investigando o roubo de inúmeras carteiras de identidade do Departamento de Imprensa Estatal de Viena. Portanto, você pode ver que, para aqueles que desejam ficar aqui, sempre há meios de se conseguir. A verdade é que esses homens, esses nazistas, adoram viver no meu país.

Sobrevivem aqui quinhentos anos de ódio aos judeus para que se sintam em casa.

"Estou mencionando essas coisas porque como um pifke...—ele sorriu como se desculpando—... como prussiano, você pode achar que vai encontrar uma certa hostilidade em Viena. Atualmente os austríacos tendem a rejeitar tudo que é alemão. Estão se esforçando demais para ser austríacos. Um sotaque como o seu poderia fazer alguns vienenses recordarem os sete anos em que foram nacional socialistas. Um fato intragável, que a maioria das pessoas agora prefere acreditar que foi pouco mais que um sonho ruim.

— Mantereí isso em mente.

Quando encerrei meu encontro com Liebl, voltei à pensão em Skodagasse, onde encontrei um recado da garota de Becker dizendo que iria aparecer por volta das seis, para saber se eu estava bem instalado. A Pensão do Cáspio era um lugarzinho de primeira classe. Eu tinha um quarto com saleta e banheiro adjacentes. Havia até uma varandinha coberta onde se poderia sentar no verão. O lugar era aquecido e parecia haver um suprimento infinito de água quente—um luxo raro. Eu mal saíra do banho—cuja duração até mesmo Marat teria recusado—quando houve uma batida na porta da saleta. Consultei o relógio e vi que eram quase seis. Vesti o roupão e fui abrir a porta.

Ela era baixa e de olhar vivaz, com faces rosadas de criança e cabelo preto que parecia como se raramente soubesse o que era um pente. Seu sorriso de dentes perfeitos se corrigiu um pouco quando viu meus pés descalços.

— Herr Gunther?—disse ela, hesitante.

— Fräulein Traudl Braunsteiner? Ela assentiu.

— Entre. Acho que me demorei no banho mais do que deveria, mas a última vez em que tive água quente de verdade foi quando voltei de um campo de trabalho na União Soviética. Sente-se, enquanto me visto.

Quando voltei à saleta, vi que ela tinha trazido uma garrafa de vodca e estava servindo dois copos sobre uma mesa junto à janela. Ela entregou meu drinque e sentou-se.

— Bem-vindo a Viena. Emil disse que eu deveria trazer-lhe uma garrafa.—Ela bateu na sacola junto a sua perna.—Na verdade, comprei duas. Elas ficaram pendendo da janela do hospital o dia inteiro, de modo que a vodca está ótima e gelada. Não suporto vodca de outra maneira.

Brindamos e bebemos, e o fundo do copo dela bateu no tampo da mesa antes do meu.

— Você não está doente, está? Mencionou um hospital.

— Sou enfermeira no Hospital Geral. Você pode vê-lo rua acima. Em parte foi por isso que o hospedei aqui... porque fica tão perto. Mas também porque conheço a proprietária, Frau BlumWeiss. Ela foi amiga de minha mãe. Também achei que você preferiria ficar perto do Anel, e do lugar onde o capitão americano foi morto. Fica em Dettergasse, do outro lado do anel externo de Viena, o gurtel.

— Adorei este lugar. Para ser sincero, é bem mais confortável do que eu estava acostumado na minha casa, em Berlim. As coisas estão difíceis por lá.—Servi-me de outro drinque.—O quanto sabe exatamente sobre o que aconteceu?

— Sei tudo que o Dr. Liebl disse a você. E tudo que Emil vai dizer amanhã de manhã.

— E sobre os negócios de Emil?

Traudl Braunsteiner sorriu recatadamente e soltou um risinho.

— Também não há muito que eu não saiba sobre os negócios de Emil.— Notando um botão que pendia de um fio de sua capa de chuva enrugada, ela o tirou e guardou no bolso. Ela era como um lenço de renda fina que estava precisando ser lavado.—Sendo enfermeira, acho que estou um pouco relaxada acerca desse tipo de coisa: mercado negro. Eu mesma já roubei uns poucos medicamentos, nem me incomodo em admitir. Na verdade, todas as garotas fazem isso vez por outra. Para algumas, é uma escolha simples: vender penicilina ou vender o corpo. Imagino que tenhamos muita sorte por ter algo para vender. — Ela deu de ombros e serviu-se de outra vodca.

— Ver pessoas sofrendo e morrendo não alimenta um respeito muito saudável pela lei e a ordem.—Ela riu de modo escusatório.—O dinheiro não é bom se você não estiver preparado para gastá-lo. Meu Deus, qual é a fortuna da família Krupp? Bilhões, provavelmente. Mas um deles está internado num hospício aqui em Viena.

— Está tudo bem—comentei.—Eu não estava pedindo que você se justificasse para mim.—Mas ela nitidamente procurava se justificar para si mesma.

Traudl sentou-se sobre as pernas. Estava sentada descuidadamente na poltrona, não parecendo se importar que eu tivesse uma visão das suas ligas e de um naco das coxas lisas e brancas.

— O que se pode fazer?—disse ela, mordendo a unha.—Vez por outra, qualquer um em Viena tem que comprar alguma coisa em Ressel Park.—Ela explicou que este era o principal ponto de mercado negro da cidade.

— Em Berlim é na Porta de Brandemburgo.—eu disse.—E diante do Reichstag.

— Que engraçado—riu ela, maliciosa.—Em Viena seria um escândalo se esse tipo de coisa ocorresse na porta do nosso parlamento.

— Isto é porque vocês têm um parlamento. Aqui os Aliados apenas supervisionam. Mas na Alemanha eles governam de fato.—Minha visão de suas ligas desapareceu, quando ela puxou a bainha da saia.

— Eu não sabia disso. Não que fosse me importar. Mesmo assim haveria escândalo em Viena, com ou sem parlamento. Os austríacos são uns hipócritas. Você pensaria que eles deveriam estar acostumados com esse tipo de coisa. Tem havido mercado negro aqui desde os Habsburgos. Não havia cigarros à época, claro, mas sim favores, proteção.

Contatos pessoais ainda contam muito.

— Por falar nisso, como conheceu Becker?

— Ele arranjou uns papéis para uma amiga minha, uma enfermeira do hospital. E roubamos um pouco de penicilina para ele. Isso foi quando ainda havia alguma aqui e ali. Não foi muito tempo após minha mãe ter morrido.—Seus olhos se alargaram como se ela lutasse para compreender alguma coisa.—Ela jogou-se

debaixo de um bonde.—Forçando um sorriso e uma espécie de riso confuso, ela conseguiu refrear seus sentimentos.

— Minha mãe era do tipo de austríaca muito vienense, Bernie. Nós sempre cometemos suicídio, você sabe. É um meio de vida para nós.

"De qualquer modo, Emil era muito gentil e alegre. Ele me afastou do meu pesar, realmente. Não tenho mais nenhum parente. Meu pai morreu num ataque aéreo. E meu irmão morreu na Iugoslávia, combatendo os partisanos. Sem Emil, não sei o que teria sido de mim. Se alguma coisa acontecer com ele agora...—A boca de Traudl enrijeceu enquanto ela visualizava o destino que muito provavelmente se abateria sobre o seu amante.—Você fará o melhor por ele, não? Emil disse que você é a única pessoa em quem confiaria para descobrir alguma coisa que pudesse dar-lhe um fio de esperança.

— Farei tudo que puder por ele, Traudl, tem a minha palavra. Acendi dois cigarros e dei um a ela.—Talvez lhe interesse saber que normalmente eu condenaria minha própria mãe se a visse de pé diante de um cadáver com uma arma na mão. Mas, sem qualquer garantia, acredito na história de Becker, quando muito por ser tão implausível.

Pelo menos até ouvir a versão dele. Pode não surpreendê-la muito, mas é certo como o diabo que me impressiona.

"Apenas olhe para os meus dedos. Eles são um tanto curtos para uma aura de santo. E o chapéu ali no aparador? Não significa um disfarce. Portanto, se vou guiá-lo para fora daquela cela de condenado, seu namorado vai ter que me dar um fio da meada. É melhor que ele tenha algo a dizer a seu favor amanhã de manhã, ou este espetáculo teatral não vai valer nem o preço da maquiagem.

CAPÍTULO XII

A mais terrível punição da Lei é sempre aquela que acontece na própria imaginação do homem: a perspectiva própria de um assassinato executado judicialmente serve de alimento para pensamentos do tipo mais engenhosamente masoquista. Colocar um homem em um julgamento que vale a vida de alguém enche sua mente com pensamentos mais cruéis do que a pior das punições. E é bastante natural que a ideia do que seja cair alguns metros de um alçapão, para ser parado pouco acima do solo por uma corda atada em volta do pescoço, cobre seu tributo a um homem. Ele não consegue dormir, perde o apetite e não é incomum que seu coração comece a sofrer sob a tensão do que sua própria mente impôs. Mesmo o intelecto mais bronco e sem imaginação precisa apenas girar a cabeça em torno dos ombros e ouvir o som esmigalhado da cartilagem de suas vértebras, a fim de apreciar, na boca do estômago, o chocante horror do enforcamento.

Assim, não me surpreendi ao ver em Becker um esboço mais magro e definhado de seu antigo ser. Nós nos encontramos num parlatório pequeno e despojado da prisão em Rossauer Lande. Ao chegar, ele apertou-me a mão em silêncio antes de se voltar para o carcereiro, que se plantara encostado à porta.

— Ei, Pepi—disse Becker jovialmente—,importa-se?—Ele tirou um maço de cigarros do bolso da camisa e jogou-o através da sala.

O carcereiro chamado Pepi o pegou com a ponta dos dedos e inspecionou a marca.—Dê umas tragadas do outro lado da porta, tá?

— Tudo bem—disse Pepi e saiu.

Becker assentiu apreciativamente, enquanto nós três nos sentávamos em volta da mesa pregada à parede azulejada de amarelo.

— Não se preocupe—disse ele ao Dr. Liebl.—Todos os carcereiros aqui são assim. Muito melhor do que na Stiftskaserne, garanto. Nenhum daqueles ianques fodidos pode ser amaciado. Os sacanas têm tudo de que precisam.

— Acredito—eu disse e achei meus próprios cigarros. Liebl sacudiu a cabeça quando lhe ofereci um.—Estes vieram de seu amigo Poroshin—expliquei enquanto Becker tirava um.

— Um boa-praça, não é?

— Sua esposa acha que ele é seu patrão.

Becker acendeu nossos cigarros e soprou uma nuvem de fumaça através de meu ombro.

— Você falou com a Ella?—disse, mas sem parecer surpreso.

— A não ser pelos cinco mil, ela é a única razão por que estou aqui. Com ela envolvida no seu caso, achei que você provavelmente ia precisar de toda a ajuda que possa obter. Até onde interessa a ela, você já está balançando na corda.

— Ela me odeia um bocado, hem?

— Que nem herpes labial.

— Bem, ela tem o direito, acho.—Ele suspirou e sacudiu a cabeça. Depois deu uma tão longa e nervosa tragada no cigarro que mal restou papel sobre o tabaco. Por um momento ele me olhou fixamente, seus olhos injetados piscando através da fumaça. Vários segundos depois, tossiu e sorriu ao mesmo tempo.—Vá em frente e me pergunte.

— Muito bem. Você matou o capitão Linden?

— Deus sabe que não.—Ele riu.—Estou liberado agora, senhor?

— Ele deu outra tragada desesperada.—Você acredita em mim, não é, Bernie?

— Acredito que você teria uma história melhor se estivesse mentindo. Acredito em você, mas, como estava dizendo para sua garota...

— Esteve com Traudl? Bom. Ela é bacana, não é?

— Sim, é. Só Deus sabe o que ela vê em você.

— Ela aprecia minha conversa depois do jantar, é claro. É por isso que não gosta de me ver preso aqui. Ela sente falta de nossas conversas sobre Wittgenstein ao pé da lareira.—O sorriso desapareceu e sua mão se estendeu sobre a mesa agarrando meu antebraço.—Olhe, você precisa me tirar daqui, Bernie. Os cinco mil foram só para ter você na jogada. Se provar minha inocência aumentarei seus honorários.

— Ambos sabemos que isso não será fácil. Becker interpretou mal.

— Dinheiro não é problema: tenho dinheiro a rodo. Tem um carro estacionado numa garagem em Hernals com trinta mil dólares no porta mala. São seus se me tirar daqui.

Liebl estremeceu enquanto seu cliente continuava a demonstrar sua evidente falta de tino comercial.

— Herr Becker, na qualidade de seu advogado devo protestar. Esta não é a maneira de...

— Cale-se—disse Becker rudemente.—Quando quiser seu conselho, pedirei.

Liebl encolheu os ombros diplomaticamente e recostou-se na cadeira.

— Olhe—eu disse—,vamos falar de bonificação quando você sair. O pagamento é justo. Você já me pagou muito bem. Eu não estava falando de dinheiro. Não, o que eu gostaria agora é de umas poucas ideias. Portanto, que tal começar me contando sobre Herr Kónig? Onde se conheceram, como ele é, se você acha que ele gosta de creme no café. Certo?

Becker assentiu e esmagou seu cigarro no chão. Ele abria e fechava as mãos e começou irritantemente a esfregar o nó dos dedos. Provavelmente já havia contado a história vezes demais para sentir-se feliz em repeti-la.

— Tudo bem, vamos lá. Conheci Kónig no Koralle. E um clube noturno no 9º Bezirk, Porzellangasse. Ele simplesmente foi chegando e se apresentando. Disse

que tinha ouvido falar de mim e queria me pagar um drinque. Aceitei. Conversamos sobre as coisas de sempre. A guerra, minha estada na Rússia, minha estada na Kripo antes da SS, o mesmo que você, de fato. Só que você saiu, não foi, Bernie?

— Não mude de assunto.

— Ele disse que amigos falaram de mim. Não os mencionou. Havia uns negócios para os quais me queria: uma entrega regular através da Fronteira Verde. Dinheiro vivo, sem perguntas. Era fácil. Tudo que eu tinha de fazer era recolher um pacote de um escritório aqui em Viena e levá-lo para outro escritório em Berlim. Mas só quando estivesse indo, de qualquer modo, com um furgão carregado de cigarros, esse tipo de coisa. Se eu fosse apanhado, provavelmente nem notariam o pacote de Kõnig. De início pensei que fossem drogas. Mas depois abri um pacote. Eram só alguns fichários; do partido, do exército, da SS. A coisa de sempre. Eu não entendia por que aquilo valia dinheiro para eles.

— Eram sempre apenas fichários? Ele confirmou.

— O capitão Linden trabalhava para o Centro de Documentação em Berlim— expliquei.—Ele era um caçador de nazistas. Esses fichários... lembra de algum nome?

— Bernie, eles eram fichinhas, arraia-miúda. Cabos da SS e pagadores do exército. Qualquer caçador de nazistas os descartaria. Eles estão atrás de peixes grandes, gente como Bormann e Eichmann. Não de uns burocratas fodidos.

— Mesmo assim, os fichários eram importantes para Linden. Quem o matou também providenciou o assassinato de um casal de detetives amadores conhecido dele. Dois judeus que sobreviveram aos campos e saíram para acertar algumas contas. Eu os encontrei mortos alguns dias atrás. Já estavam mortos havia algum tempo. Talvez os fichários fossem para eles. Portanto, seria útil se fizesse uma tentativa para recordar alguns nomes.

— Claro, tudo que você quiser, Bernie. Tentarei encaixar isso na minha agenda.

— Faça isso. Agora me conte sobre Kõnig. Como era ele?

— Vejamos: tinha cerca de quarenta anos, eu diria. Bom físico, moreno, bigode espesso, pesando uns noventa quilos, um metro e noventa de altura; usava um terno fino de tweed, fumava charutos sempre andava com um cachorro, um pequeno terrier. Era com certeza austríaco. Às vezes tinha uma garota por perto, chamada Lotte. Não sei o sobrenome, mas ela trabalhava no Casanova Club. Uma puta de boa aparência, loura. Isto é tudo de que me lembro.

— Você disse que conversavam sobre a guerra. Ele não lhe disse quantas medalhas ganhou?

— Sim, disse.

— E não acha que deveria me contar?

— Não pensei que fosse relevante.

— Eu decidirei o que é relevante. Vamos lá, Becker, desembuche.

Ele olhou fixamente para a parede e depois deu de ombros.

— Até onde me lembro, ele disse que se filiou ao Partido Nazista da Áustria quando era ainda ilegal, em 1931. Mais tarde, conseguiu ser preso por espalhar panfletos.

Assim, fugiu para a Alemanha para evitar a prisão e entrou para a polícia bávara em Munique.

Juntou-se à SS em 1933 e permaneceu até o final da guerra.

— Alguma promoção?

— Ele não disse.

— Deu-lhe qualquer indicação de onde serviu e em que função? Becker sacudiu a cabeça.

— Então não passou de um bate-papo. Sobre o que falaram? O preço do pão? Tudo bem. E quanto ao segundo homem... aquele que foi até sua casa com König e lhe pediu para procurar Linden?

Becker apertou as têmporas.

— Tenho tentado lembrar o nome dele, mas não consigo—disse.

— Ele tinha o tipo do oficial superior. Você sabe, muito rígido e respeitável. Um aristocrata, talvez. Também ele era quarentão, alto, magro, bem-barbeado, calvo.

Usava uma jaqueta Schiller e uma gravata de clube.—Sacudiu a cabeça.—Não sou muito bom com gravatas de clube. Poderia ser do Herrenklub, não sei.

— E o homem que viu sair do estúdio quando Linden foi morto: como era ele?

— Estava longe demais para que eu pudesse vê-lo muito bem. Só sei que era baixo e atarracado. Usava chapéu e casaco pretos e estava com pressa.

— Aposto que estava—eu disse.—A firma de publicidade, Reklame & Werbe Zentrale. Fica na Mariahilferstrasse, não?

— Ficava—disse Becker.—Foi fechada logo após minha prisão.

— Conte-me assim mesmo. Era sempre König que você via lá?

— Não. Havia geralmente um sujeito chamado Abs, Max Abs. Era do tipo intelectual, de cavanhaque, óculos pequenos, você sabe.

— Becker serviu-se de outro dos meus cigarros.—Houve uma coisa que eu pretendia lhe contar. Uma vez em que eu estava lá, ouvi Abs receber um telefonema, de um pedreiro de cantaria chamado Pichler. Parece que encomendou uma lápide. Pensei que você poderia procurar Pichler e descobrir sobre Abs quando for ao funeral de Linden esta manhã.

— Vai ser às doze horas—disse Liebl.

— Achei que valeria a pena dar uma olhada, Bernie—explicou Becker.

— O cliente é quem manda—respondi.

— Veja se algum dos amigos de Linden dá as caras. E depois procure Pichler. A maioria dos pedreiros de cantaria de Viena ficam ao longo do muro do Cemitério Central, portanto não será tão difícil encontrá-lo. Talvez você possa descobrir se Max Abs deixou um endereço quando encomendou sua lápide.

Não gostei muito do modo como Becker estabelecia minhas atividades da manhã, mas isto pareceu melhorar o seu humor. Um homem encarando uma possível sentença de morte pode exigir certas indulgências de seu investigador particular. Em especial quando pagou adiantado. Portanto, eu disse:—Por que não? Adoro um bom funeral.

A seguir me levantei e fiquei medindo passos, como se eu é que estivesse nervoso por me encontrar engaiolado. Talvez ele simplesmente estivesse mais acostumado a isso do que eu.

— Ainda há uma coisa me intrigando aqui—eu disse após um minuto de caminhar pensativo.

— O que é?

— O Dr. Liebl me disse que você não carece de amigos e influência nesta cidade.

— Direto ao ponto.

— Bem, como é que nenhum dos seus pretensos amigos tentou encontrar König? Ou, por falar nisso, a garota dele, Lotte?

— Quem foi que disse que não?

— Vai guardar isto para você ou preciso agradá-lo com duas barras de chocolate?

O tom de Becker tornou-se conciliatório.

— Ora, não é certo o que aconteceu aqui, Bernie, portanto não quero que você interprete erroneamente este serviço. Não há razão para supor que...

— Pare de embromação e conte logo o que aconteceu.

— Certo. Dois de meus associados, companheiros que sabiam o que estavam fazendo, andaram perguntando por aí sobre König e a garota. Vasculharam alguns clubes noturnos.

E...—ele estremeceu, desconfortável—... eles nunca mais foram vistos. Talvez tenham me passado a perna. Talvez simplesmente tenham deixado a cidade.

— Ou talvez tiveram o mesmo fim de Linden—sugeri.

— Quem sabe? Mas é por isso que você está aqui, Bernie. Posso confiar em você. Sei que tipo de camarada você é. Respeito muito o que você fez lá em Minsk. Você não é de deixar que um inocente seja enforcado.—Ele sorriu intencionalmente.—Custo a crer que eu seja o único a usar um homem com as suas qualificações.

— Pare por aí—eu disse rapidamente, não sendo muito chegado à adulação, principalmente de clientes como Emil Becker.—Sabe, você talvez mereça a força—acrescentei.

— Mesmo que não tenha matado Linden, deve ter havido uma infinidade de outros.

— Mas eu simplesmente não me dei conta. Não até que era tarde demais. Não como você. Você foi esperto e caiu fora enquanto tinha escolha. Eu nunca tive essa chance.

Ou obedecia ordens, ou enfrentava uma corte marcial e um pelotão de fuzilamento. Eu não tinha a coragem para fazer outra coisa senão o que fiz.

Sacudi a cabeça. Realmente não me importava mais.

— Talvez você esteja certo.

— Você me conhece. Estivemos na guerra, Bernie.—Ele terminou seu cigarro e se levantou para encarar-me no canto onde eu estava encostado. Baixou a voz, como se não querendo que Liebl ouvisse.

— Olhe—disse ele—,sei que é um serviço perigoso. Mas só você pode fazê-lo. Tem que ser sem alarde e privadamente, do modo que você faz melhor. Precisa de uma ferramenta?

Eu havia deixado em casa a arma que tomara do russo morto em Berlim, não desejando correr o risco de ser preso por cruzar a fronteira portando uma pistola. Eu duvidava que o passe de cigarros de Poroshin pudesse evitar isso. Assim, dei de ombros e disse:

— Você é quem sabe. E a sua cidade.

— Eu diria que você vai precisar de uma.

— Tudo bem—eu disse—,mas, pelo amor de Deus, certifique-se de que esteja limpa.

Quando estávamos de novo do lado de fora da prisão, Liebl sorriu com sarcasmo e disse:

— Uma ferramenta é o que estou pensando?

— Sim. Mas é apenas uma precaução.

— A melhor precaução que você pode tomar enquanto estiver em Viena é evitar o setor russo, especialmente tarde da noite.

Segui o olhar de Liebl através da estrada e além, do outro lado do canal, onde uma bandeira vermelha tremulava na brisa do início da manhã.

— Há diversas gangues de sequestradores trabalhando para os russos em Viena—explicou.—Eles pegam qualquer um que imaginam estar espionando para os americanos e em troca ganham concessões de mercado negro para operar além do setor russo, o que, de fato, os coloca fora do alcance da lei. Eles arrancam uma mulher para fora de sua própria casa enrolada num tapete, tal como Cleópatra.

— Bem, tomarei cuidado para não cair no sono deitado no chão. E agora, como faço para chegar ao Cemitério Central?

— Fica no setor britânico. Você tem que pegar o bonde 71 que sai da Schwarzenbergplatz, só que no seu mapa ela se chama Stalinplatz. Não tem erro: existe uma enorme estátua ao Soldado Soviético Libertador, que nós vienenses chamamos o Saqueador Desconhecido.

Sorri.

— Como eu sempre digo, Herr Doktor, podemos sobreviver à derrota, mas Deus nos livre de outra libertação.

CAPÍTULO XIII

"A cidade dos outros vienenses", foi como Traudl Braunsteiner o descreveu. Não foi exagero. O Cemitério Central era maior do que várias cidades que eu conhecia e um bocado mais afluente também. Lá a chance de o austríaco comum ficar sem uma lápide equivalia a permanecer fora de seu café preferido. Parecia que lá ninguém era pobre demais para ter uma peça decente de mármore, e pela primeira vez comecei a apreciar as atrações do negócio funerário. Um teclado de piano, uma musa inspiradora, os compassos introdutórios de uma valsa famosa—não havia nada adornado demais para os artífices de Viena, nenhum apólogo pretensioso ou alegoria exagerada que estivesse além da perícia de sua arte. A enorme necrópole até mesmo espelhava as divisões religiosas e políticas da sua contraparte dos vivos, com setores católico, protestante e judeu, sem mencionar aqueles das Quatro Potências.

Havia quase uma rotatividade de serviços na capela tipo primeira-maravilha-do-mundo onde foram ouvidas as exéquias de Linden, e descobri que por alguns minutos eu tinha perdido os pranteadores do capitão.

Não foi difícil localizar o pequeno cortejo enquanto se dirigia lentamente para o setor francês, onde Linden, um católico, seria enterrado. Mas para alguém a pé, como eu estava, foi um tanto difícil alcançá-lo; quando o consegui, o caro caixão já estava sendo lentamente baixado para a cova marrom escura, como um escaler baixado numa enseada suja. A família de Linden, braços interligados à maneira de um esquadrão antimotim, enfrentava seu pesar tão indomitamente quanto se houvesse medalhas a ganhar.

A guarda de honra ergueu seus fuzis e mirou na neve flutuante. Tive uma desconfortável sensação quando eles dispararam e por um breve momento me vi de volta a Minsk, quando, numa caminhada de inspeção, fui atraído por disparos. Subindo em um monte de terra, eu tinha visto seis homens e mulheres ajoelhados à beira de uma sepultura de concreto, já repleta de numerosos corpos, alguns ainda vivos. Por trás deles, um pelotão de fuzilamento da SS comandado por um jovem policial. Seu nome era Emil Becker.

— Você é amigo dele?— disse um homem, um americano, surgindo atrás de mim.

— Não—respondi.—Fui atraído porque ninguém espera ouvir tiros num lugar como este.—Eu não saberia dizer se o americano já estava no funeral ou se havia me seguido desde a capela. Não parecia com o homem que estivera plantado diante do escritório de Liebl. Apontei para o túmulo.—Diga-me, quem é...

— Um sujeito chamado Linden.

E difícil para alguém que não fala o alemão como sua língua-mãe, portanto eu devia ter entendido mal, mas me pareceu não haver nenhum traço de emoção na

voz do americano.

Quando eu já tinha visto o bastante, e me certificado de que não havia ninguém sequer vagamente parecido com Kōnig entre os pranteadores—não que eu realmente esperasse vê-lo por lá—,afastei-me silenciosamente. Para minha surpresa, descobri o americano caminhando ao meu lado.

— Cremação é muito mais caridosa com a consciência dos vivos

— disse ele.—Ela consome todo tipo de fantasias nefandas. Para mim, a putrefação de um ente querido é inteiramente impensável. Permanece na lembrança com a persistência de uma tênia. A morte já é ruim o suficiente sem deixar que os vermes façam dela um banquete. Eu já enterrei meus pais e uma irmã. Mas essas pessoas são católicas.

Elas não querem nada que arrisque suas chances de ressurreição corpórea. Como se Deus se incomodasse com...—ele agitou o braço, abrangendo todo o cemitério —... tudo isto. E católico, Herr...

— Às vezes—respondi.—Quando tenho de me apressar para pegar um trem, ou tentar ficar sóbrio.

— Linden costumava orar para Santo Antônio—disse o americano.—Creio que ele é o santo padroeiro das coisas perdidas.

Ele estava tentando ser enigmático, imaginei.

— Nunca recorri a ele—eu disse.

Ele seguiu-me pela alameda que conduzia à capela. Era uma longa avenida de árvores rigidamente podadas, nas quais os flocos de neve assentados nas extremidades dos galhos, parecidos com castiçais, lembravam os tocos de velas derretidas de algum réquiem tamanho gigante.

Apontando para um dos carros estacionados, um Mercedes, ele disse:

— Quer uma carona para a cidade? Estou com meu carro ali. Era verdade que eu não era lá muito católico. Matar gente, até mesmo russos, não era o tipo de pecado fácil de explicar ao Criador. Da mesma forma, eu não precisava consultar São Miguel, o santo padroeiro dos policiais, para farejar um PM.

— Pode me deixar no portão principal, se quiser—ouvi a mim mesmo responder.

— Claro, suba.

Ele não prestou mais nenhuma atenção ao funeral e aos pranteadores. Afinal, ele tinha a mim, uma cara nova, para interessá-lo. Talvez eu fosse alguém que pudesse trazer alguma luz a uma parte nebulosa de todo aquele caso. Imaginei o que ele diria se soubesse que eu tinha as mesmas intenções que ele; e que foi apenas pela vaga esperança de um encontro assim que eu me deixara convencer a vir ao funeral de Linden, para começar.

O americano dirigia devagar, como se fizesse parte do cortejo, sem dúvida esperando sua chance de descobrir quem eu era e por que estava ali.

— Meu nome é Shields—apresentou-se.—Roy Shields.

— Bernard Gunther—respondi, não vendo nenhuma razão para provocá-lo.

— Você é de Viena?

— Não originalmente.

— De onde, originalmente?

— Alemanha.

— Não! Pensei que fosse austríaco.

— Seu amigo... Herr Linden—eu disse, mudando de assunto. Conhecia-o bem?

O americano riu e tirou cigarros do bolso da lapela de seu casaco esporte.

— Linden? Eu nem o conhecia, afinal.—Ele pôs um cigarro entre os lábios e depois me passou o maço.—Ele foi assassinado semanas atrás e meu chefe achou uma boa ideia se eu viesse representar o departamento no funeral.

— E qual é o departamento?—perguntei, embora já estivesse quase certo de saber a resposta.

— A Patrulha Internacional.—Acendendo o cigarro, ele imitou o estilo dos locutores de rádio americanos:—Para sua proteção, disque A29500.—Depois ele passou-me uma caixa de fósforos de um lugar chamado Zebra Club.—Uma perda de tempo precioso, se quer saber, fazer todo esse caminho até aqui.

— Não é tão longe—respondi e depois:—Talvez seu chefe tivesse a esperança de que o assassino aparecesse.

— Diabo, eu esperaria que não—riu ele.—Já temos aquele cara no xadrez. Não, o chefe, capitão Clark, é do tipo que gosta de observar o protocolo.—Shields dobrou uma curva rumo sul, em direção à capela.—Caramba—resmungou—,este lugar parece um maldito campo de futebol! Sabe, Gunther, aquela alameda que acabamos de deixar tem quase um quilômetro, tão reta como uma seta. Avistei você quando ainda se achava a uns duzentos metros do funeral de Linden, e pareceu-me que estava com pressa de se juntar a nós.

— Ele riu, para si mesmo, pareceu.—Estou certo?

— Meu pai está enterrado a pouca distância do túmulo de Linden. Quando cheguei lá e vi a guarda de honra, decidi voltar um pouco mais tarde, quando estivesse mais tranquilo.

— Você andou esse caminho todo e não trouxe uma coroa?

— Você trouxe?

— Claro. Custou-me 50 xelins.

— Custou a você ou ao departamento?

— Acho que o pessoal fez uma vaquinha.

— E você ainda me pergunta por que eu não trouxe uma coroa.

— Deixe disso, Gunther—Shields riu.—Não existe um de vocês que não esteja envolvido em algum tipo de trapaça. Vocês todos trocam xelins por frações de

dólar, ou vendem cigarros no mercado negro. Você sabe, às vezes acho que os austríacos estão fazendo mais para infringir as leis do que nós.

— Isto é porque você é policial.

Atravessamos o portão principal na Simmeringer Hauptstrasse e paramos em frente ao ponto de bonde, onde vários homens se preparavam para subir nos estribos do bonde lotado como se fossem uma ninhada de porquinhos famintos nas tetas da mãe.

— Tem certeza de que não quer uma carona até a cidade?—disse Shields.

— Não, obrigado. Tenho negócios a tratar com alguns desses caras que fazem pedras tumulares.

— Bem, o funeral é seu—disse ele rindo e saiu em disparada. Caminhei ao longo do alto muro do cemitério, onde parecia que a maioria dos jardineiros e artífices de cantaria se havia estabelecido, e deparei com uma velha patética parada na minha frente. Ela segurava uma vela e perguntou se eu tinha fogo.

— Tome—eu disse e dei a ela a caixa de fósforos de Shields. Quando ela fez menção de tirar um só fósforo, eu disse que podia ficar com a caixa.

— Não tenho como pagar por isso—disse ela, realmente se desculpando.

Tão certo como você sabe que um homem esperando um trem vai olhar o relógio, eu sabia que tornaria a ver Shields. Mas desejei que ele voltasse naquele exato instante, de modo que eu pudesse mostrar-lhe uma austríaca que não tinha dinheiro nem para uma caixa de fósforos, quanto mais para uma coroa de 50 xehns.

Herr Josef Pichler era positivamente um típico austríaco: mais baixo e mais magro que o alemão médio, com pele pálida e macia, e um tipo de bigode ralo e incipiente.

A expressão abjeta no seu focinho pronunciado dava-lhe a aparência de alguém que tinha consumido demais do vinho absurdamente verde que os austríacos pareciam considerar bebível. Encontrei-o de pé no seu pátio, comparando o esboço de uma inscrição em pedra com sua execução final.

— Saudações de Deus para você—disse ele, compenetrado, e repliquei no mesmo tom.

— Você é Herr Pichler, o consagrado escultor?—perguntei. Traudl tinha me avisado que os vienenses têm paixão por títulos pomposos e adulação.

— Sou—disse ele, inflando de orgulho.—O distinto cavalheiro deseja encomendar uma peça?—Ele falava como se fosse o curador de uma galeria de arte na Dorotheergasse.

— Uma lápide fina, talvez?

— Ele indicou uma grande peça de mármore negro polido, na qual um nome e uma data tinham sido gravados e pintados em dourado.

— Alguma coisa de mármore? Uma figura esculpida? Uma estátua, talvez?

— Para ser honesto, não tenho muita certeza, Herr Pichler. Creio que recentemente criou uma peça fina para um amigo meu, o Dr. Max Abs. Ele ficou tão satisfeito com a obra que imaginei se conseguiria algo similar.

— Sim, claro que me lembro dele.—Pichler tirou seu pequeno chapéu que parecia um bolo de chocolate e coçou o topo da cabeça.

— Mas o desenho em especial me escapa no momento. Lembra de que tipo era a peça?

— Lamento, só sei que ele ficou deliciado com ela.

— Não faz mal. O distinto cavalheiro se incomodaria em voltar amanhã? Até lá já deverei ter encontrado as especificações de Herr Doktor. Permita-me explicar.—Ele mostrou-me o esboço para um falecido, cujo epitáfio o descrevia como "Engenheiro de Condutos e Conservação Urbana".—Veja este cliente—disse ele, aquecendo o tema de seu próprio negócio.—Tenho aqui um desenho com seu nome e número de ordem. Quando esta peça for completada, o croqui será preenchido de acordo com a natureza da peça. A partir daí devo consultar meu livro de vendas para procurar o nome do cliente. Mas nesse exato momento estou um tanto apressado para concluir esta peça e realmente...—ele bateu no estômago—... estou morto hoje.—Ele deu de ombros, escusatoriamente.—A última noite, o cavalheiro entende. Também estou carente de comida.

Agradei a ele e o deixei com seu Engenheiro de Condutos e Conservação Urbana, que era provavelmente como alguém se intitularia se fosse um dos encanadores da cidade.

Imaginei que tipo de títulos se poderia dar à classe dos investigadores particulares. Balançando-me no estribo do bonde de volta à cidade, distraí a mente de minha precária posição inventando vários títulos elegantes para minha profissão um tanto vulgar: Praticante de Estilo de Vida Masculino Solitário; Agente de Investigação Não-Metafísica; Intermediário Interrogador para os Perplexos e Ansiosos; Representante Confidencial para Deslocados e Extraviados; Descobridor do Cálice Sagrado; Explorador em Busca da Verdade. Gostei mais deste último. Mas pelo menos até onde interessava ao meu cliente neste caso em particular, não havia nada que parecesse mais adequado para refletir o sentido de trabalhar por uma causa perdida, que teria dissuadido o mais dogmático otimista.

CAPÍTULO XIV

Segundo todos os guias turísticos, os vienenses adoram dançar, tão apaixonadamente quanto adoram a música. Mas tais guias foram todos escritos antes da guerra, e eu não achava que seus autores tivessem alguma vez passado uma noite inteira no Casanova Club, em Dorotheergasse. Ali a banda era conduzida de um jeito que lembrava a mais vergonhosa retirada, e a caipirice que passava por algo aproximadamente dançante mais parecia a imitação de um urso polar mantido numa jaula muito pequena.

Por compaixão, você tinha que se limitar a olhar para o gelo submetendo-se ao barulho e à bebida em seu copo.

Após uma hora no Casanova eu estava me sentindo mais azedo do que um eunuco numa terma cheia de virgens. Dizendo a mim mesmo para ser paciente, recostei-me no assento de veludo vermelho de meu reservado e olhei tristemente para os cortinados em forma de tenda no teto: a última coisa a fazer, a menos que eu quisesse acabar como os dois amigos de Becker (fosse lá o que ele dissesse, eu não tinha muitas dúvidas de que estavam mortos), era circular pelo local e perguntar aos fregueses se conheciam Helmut König, ou talvez Lotte, a sua garota.

Com seu verniz ridiculamente suntuoso, o Casanova não parecia o tipo de lugar que um anjo vingador teria preferido evitar. Não havia smokings tamanho gigante na porta, nem ninguém que parecesse estar portando nada mais letal do que um palito de dentes de prata, e os garçons eram todos por demais obsequiosos. Se König deixou de frequentar o Casanova não foi por receio de que lhe batessem a carteira.

— Já começou a mudar?

Ela era uma garota alta, com o tipo de corpo exageradamente construído que poderia ter adornado um afresco italiano do século XVI: todo tetas, barriga e bunda.

— O teto—explicou ela, apontando com sua piteira para cima.

— Acho que ainda não.

— Então você pode me pagar um drinque—disse ela e sentou-se ao meu lado.

— Eu já começava a recluir que você não fosse aparecer.

— Sei disso. Sou o tipo de garota com quem esteve sonhando. Bem, aqui estou.

Acenei para o garçom e deixei que ela pedisse um uísque com soda.

— Não sou daqueles de sonhar muito—eu disse a ela.

— Bem, é uma pena, não é?

— Com que você sonha?

— Ouça—disse ela, sacudindo sua cabeça de compridos e brilhosos cabelos castanhos—,isto aqui é Viena. Não se descrevem os sonhos para qualquer um aqui.

Você nunca sabe, só deve esperar que alguém lhe conte o que realmente significam, e aí onde você estaria?

— Isto soa quase como se você tivesse algo a esconder.

— Não vejo você usando placas de homem-sanduíche. A maioria das pessoas tem algo a esconder, em especial nesses dias. O que lhes passa pela cabeça, mais do que tudo.

— Bem, um nome devia ser fácil o bastante. O meu é Bernie.

— Diminutivo de Bernhard? Como o cachorro que resgata gente perdida na neve?

— Mais ou menos. Se vou ou não resgatar alguém, isto depende de quanto conhaque estou levando. Não sou tão leal quando estou carregado.

— Jamais conheci um homem que fosse.—Ela girou a cabeça na direção do meu cigarro.—Pode me dar um desses?

Passei-lhe o maço e observei enquanto ela enfiava um cigarro na piteira.

— Você não me disse o seu nome—falei, riscando um fósforo para ela.

—Veronika, VeronikaZartl. Prazer em conhecê-lo, tenho certeza. Creio que nunca vi sua cara por aqui. De onde você é? Parece um pifke.

— Berlim.

— Foi o que pensei.

— Alguma coisa contra?

— Não, se a gente gosta de pifkes. A maioria dos austríacos não gosta, por falar nisso.—Ela falava naquela maneira lenta e quase submissa que parecia típica dos modernos vienenses.—Mas não me importo com eles. Às vezes eu mesma sou confundida com uma pifke. Isto é porque não falo como o resto deles.—Ela riu.—É tão engraçado quando a gente ouve algum advogado ou dentista falando como se fosse um motoneiro de bonde ou operário só para não ser confundido com um alemão. A maioria só faz isso nas lojas, para obter o bom tratamento que todos os austríacos acham que merecem. Você mesmo pode experimentar, Bernie, e ver que diferença faz na maneira como é tratado. O linguajar vienense é bem fácil, você sabe. Apenas fale como se estivesse mastigando alguma coisa e acrescente "ish" no fim de cada palavra. Hábil, não?

O garçom voltou com a bebida de Veronika, que ela olhou com certa reprovação.

— Sem gelo—resmungou enquanto eu jogava uma nota sobre a bandeja de prata e deixava o troco, ante seu erguer de sobrancelha questionador.—Com uma gorjeta dessas você deve estar planejando voltar aqui.

— Você não deixa passar nada, hem?

— Você está? Planejando voltar aqui, quero dizer.

— Talvez. Mas isto aqui é sempre assim? O comércio carnal aqui é tão ocupado quanto uma lareira vazia.

— Espere até começar a encher. Aí vai desejar que volte a ser como antes.—Ela bebericou seu drinque e recostou-se no assento de veludo vermelho e dourado, batendo com a mão espalmada no forro de cetim que cobria a parede do nosso reservado.—Você deveria agradecer pelo silêncio—continuou.—Ele nos dá a chance de nos conhecermos melhor. Tal como aquelas duas.—Ela apontou significativamente com a piteira para duas garotas que estavam dançando uma com a outra. Com seus vistosos adornos, coques apertados e reluzentes colares de imitação, elas pareciam uma parilha de cavalos circenses. Captando o olhar de Veronika, elas sorriram e depois relincharam uma confiança mútua à distância de um penteado. Observei-as rodopiar em elegantes pequenos círculos.

— Amigas suas?

— Não exatamente.

— Elas são... amantes? Veronika deu de ombros.

— Só se você fizer com que isso valha o tempo delas.—Ela riu e expeliu fumaça pelo narizinho insolente.—Elas estão apenas exercitando-se com seus sapatos de salto alto, só isso.

— Quem é a mais alta?

— Ibolya. E o nome húngaro para violeta.

— E a loura?

— E Mitzi.—Veronika se eriçou um pouco ao dar o nome da outra garota.— Talvez você prefira falar com elas.—Ela tirou da bolsa o estojo de pó compacto e examinou seus lábios pintados no minúsculo espelho.—Estou sendo esperada cedo, de qualquer modo. Minha mãe já deve estar ficando preocupada.

— Não precisa bancar a Chapeuzinho Vermelho comigo—eu disse a ela.— Ambos sabemos que sua mãe não se importa se você sair da estrada e seguir através dos bosques.

E quanto àquelas duas marafonas ali, um homem pode olhar na vitrine, não é?

— Certo, mas não precisa pressionar seu nariz contra ela. Não na minha companhia, de qualquer modo.

— Parece-me, Veronika—falei—,que você não precisa se esforçar muito para soar como esposa de alguém. Francamente, este é o tipo de som que arrasta um homem para um lugar como este, para início de conversa.—Sorri só para deixá-la saber que eu ainda permanecia amistoso.—E aí você chega com o rolo de pastel na sua voz. Bem, isso poderia pôr um homem de volta ao lugar onde estava quando saiu para a rua.

Ela sorriu de volta para mim.

— Acho que está certo nisso—disse ela.

— Sabe, é um choque para mim saber que você é nova neste negócio de chocodama.

— Caramba—disse ela, seu sorriso ficando amargo—,todo mundo não é?

Não fosse o fato de estar cansado, eu poderia ter ficado mais tempo no Casanova, poderia até levar Veronika em casa. Em vez disso, dei-lhe um maço de cigarros por sua companhia e disse-lhe que voltaria na noite seguinte.

Tarde da noite não era a melhor hora para comparar Viena com qualquer metrópole, com a possível exceção da cidade perdida de Atlântida. Eu já tinha visto um guarda-chuva comido de traças ficar aberto por mais tempo do que Viena. Veronika havia explicado, ao longo de vários outros drinques, que os austríacos preferiam passar as noites em casa, mas quando decidiam dar uma saída noturna, tradicionalmente começavam cedo—por volta de seis ou sete horas. Acabei me arrastando de volta para a pensão, ao longo de uma rua deserta, quando ainda eram apenas dez e meia da noite, tendo como companhia minha sombra e o som de meus passos semi embriagados.

Saindo da atmosfera poluída de Berlim, o ar de Viena cheirava tão puro quanto canto de pássaros. Mas a noite era fria e, tiritando dentro do meu sobretudo, apressei o passo, recordando o aviso do Dr. Liebl acerca da predileção soviética por sequestros noturnos.

Ao mesmo tempo, porém, atravessando a Heldenplatz na direção do Volksgarten, e além do Anel, Josefstadt e minha pensão, era fácil sentir os pensamentos voltando-se para os Ivans. Por mais afastado que eu estivesse do setor soviético, permanecia a ampla evidência da sua onipresença. O Palácio Imperial dos Habsburgos era um dos muitos prédios públicos do centro da cidade sob gestão internacional ocupados pelo Exército Vermelho. Sobre a porta principal estava uma colossal estrela vermelha, no centro da qual havia um retrato em perfil de Stalín, colocado em oposição a um bem menor de Lenin.

Foi quando passei pelo Kunsthistorische em ruínas que pressenti alguém atrás de mim, alguém se esgueirando entre as sombras e pilhas de entulho. Parei, olhei em volta e não vi nada. Depois, a uns trinta metros de distância, perto de uma estátua da qual só restava o tronco, como algo que eu vira certa vez numa gaveta de necrotério, ouvi um ruído e, logo a seguir, vi pequenas pedras rolares de um alto monte de entulho.

— Está se sentido meio solitário?—gritei, tendo bebido apenas o suficiente para não me sentir um idiota ao fazer uma pergunta tão ridícula. Minha voz ecoou no lado do museu em ruínas.—Se quer visitar o museu, estamos fechados. Bombas, você sabe: coisas pavorosas.—Não houve resposta, e me descobri rindo.—Se você é um espião, está com sorte. Essa é a profissão da moda. Em especial se for um vienense. Eu não tenho que garantir isso. Um dos Ivans me disse. Ainda rindo para

mim mesmo, voltei-me e me afastei. Nem me incomodei em verificar se estava sendo seguido, mas ao atravessar a Mariahilferstrasse ouvi de novo os passos quando parei para acender um cigarro.

Como qualquer um que conheça Viena teria dito, este não era exatamente o caminho mais direto de volta a Skodagasse. Eu até disse isso a mim mesmo. Mas havia uma parte de mim, provavelmente a parte mais afetada pelo álcool, que queria descobrir exatamente quem estava me seguindo e por quê.

O sentinela americano postado diante do Stifskaserne tremia de frio. Observou-me cuidadosamente enquanto eu passava do outro lado da rua deserta e achei que ele até poderia reconhecer o homem que me seguia como um colega americano e membro da Seção de Investigações Especiais de sua própria polícia militar. Provavelmente eram do mesmo time de beisebol ou de qualquer outro esporte que os americanos praticavam quando não estavam comendo ou caçando mulheres.

Num trecho mais acima da ampla rua, relanceei para minha esquerda e, através de uma porta, vi uma estreita passagem coberta que parecia conduzir a vários lances de degraus abaixo para uma rua adjacente. Entrei nela instintivamente. Viena podia não ter sido abençoada com uma fabulosa vida noturna, mas era perfeita para qualquer um que estivesse a pé. Um homem que conhecesse seu caminho em torno das ruas e ruínas, que conseguisse se lembrar das passagens convenientes, poderia, pensei, romper o mais determinado cerco policial com mais habilidade do que um Jean Valjean.

À minha frente, além de minha vista, alguém mais descia a escadaria. Imaginando que meu perseguidor poderia tomar esses passos como os meus, pressionei-me contra uma parede e aguardei por ele na escuridão.

Após menos de um minuto, ouvi que se aproximava o som de um homem correndo levemente. Depois os passos pararam no topo da passagem, enquanto ele tentava decidir se era seguro ou não vir atrás de mim. Ouvindo os passos do outro homem, ele começou a se adiantar.

Saí das sombras e o acertei firme no estômago—tão firme que pensei que teria de me abaixar para reconstituir os nós de meus dedos—e enquanto ele jazia arquejante nos degraus onde havia caído, agarrei seu paletó à altura dos ombros e puxei para baixo a fim de imobilizar seus braços. Ele não portava uma arma, portanto me apossei de sua carteira no bolso da lapela e tirei um cartão de identidade.

— "Capitão John Belinski"—li.—"Do 430S CIC dos Estados Unidos." O que é isso? É um dos amigos do Sr. Shields?

O homem sentou-se lentamente.

— Vá se foder, seu chucrute—disse ele, irado.

— Tem ordens para me seguir? -Joguei a identidade no colo dele e vasculhei os outros compartimentos de sua carteira.—Porque seria melhor solicitar outra entrevista, Johnny. Você não é muito bom para essa função... tenho visto dançarinas de striptease que chamam menos atenção do que você.

Não havia muita coisa de interessante na carteira dele: alguns centavos de dólar, uns poucos xelins austríacos, um ingresso para o Cine Teatro Yank, alguns selos, um cartão do Sacher's Hotel e a fotografia de uma bela garota.

— Já acabou com isso?—disse ele em alemão.

Joguei a carteira para ele.

— Você tem uma linda garota lá, Johnny—eu disse.—Costuma segui-la também? Talvez eu devesse dar-lhe minha foto, com meu endereço no verso. Facilitaria as coisas para você.

— Não fode, chucrute.

— Johnny—repliquei, começando a recuar para a Mariahilferstrasse.—Aposto como diz isso para todas as garotas.

CAPÍTULO XV

Pichler jazia debaixo de uma maciça peça de pedra como algum primitivo mecânico de carros consertando um eixo neolítico com as ferramentas de seu ofício —um martelo e um cinzel—seguras firmemente em suas mãos empoeiradas e manchadas de sangue. Era quase como se, enquanto esculpia a inscrição na pedra negra, tivesse parado um instante para respirar e decifrar as palavras que pareciam emergir verticalmente do seu peito. Mas nenhum pedreiro tampouco trabalhava em tal posição, em ângulo reto com sua legenda. E respirar ele nunca mais iria, pois, embora o peito humano seja uma caixa suficientemente forte para órgãos macios e fluidos como o coração e os pulmões, ele é facilmente esmagado por algo tão pesado como meia tonelada de mármore polido.

Parecia um acidente, mas não havia como ter certeza. Deixando Pichler no pátio onde o havia encontrado, entrei no escritório.

Não me lembrava muito bem da descrição que o morto tinha feito do seu sistema contábil. Para mim, os requintes de partida dobrada da escrituração mercantil eram tão úteis quanto um par de galochas de couro. Mas como qualquer um que dirige seu próprio negócio, mesmo um pequeno, eu tinha um conhecimento rudimentar do modo trivial e maçante no qual os detalhes em uma coluna de livro-razão deviam corresponder com aqueles em outra. E não era preciso apelar para William Randolph Hearst para ver que os livros de Pichler haviam sido alterados, não por qualquer contabilidade sutil, mas pelo simples expediente de rasgar duas de suas páginas. Havia apenas uma análise financeira que não servia para nada e o fato de que a morte de Pichler tinha sido tudo menos accidental.

Imaginando se o assassino tencionava roubar o croqui para a pedra tumular do Dr. Max Abs, bem como as páginas relevantes do livro-razão, voltei ao pátio para ver se seria capaz de descobrir. Dei uma boa olhada em torno e, após alguns minutos, descobri diversas pastas de desenhos empoeiradas apoiadas contra uma parede da oficina,

no fundo do pátio. Abri a primeira pasta e comecei a procurar em meio aos desenhos do artesão, trabalhando rapidamente, já que não desejava ser flagrado vasculhando os pertences de um homem que jazia esmagado a cerca de dez metros dali. E quando por fim encontrei o croqui que estava procurando não dei mais que uma olhada superficial antes de dobrá-lo e enfiá-lo no bolso do casaco. Peguei o bonde 71 de volta à cidade e fui para o Café Schwarzenberg, próximo ao terminal no Kàrtner Ring. Pedi uma miscelânia e espalhei o croqui sobre a mesa diante de mim. Era quase do tamanho de um jornal aberto em página dupla, com o nome do freguês—Max Abs—claramente marcado no talão de pedido grampeado no canto superior direito da folha.

Na marcação para o epitáfio, lia-se: "CONSAGRADO À MEMÓRIA DE MARTIN ALBERS, NASCIDO EM 1899, MARTIRIZADO A 9 DE ABRIL DE 1945. COM AMOR DA ESPOSA LENI E FILHOS MANFRED E ROLE E EU VOS REVELO UM MISTÉRIO: NÃO MORREREMOS TODOS, MAS TODOS SEREMOS TRANSFORMADOS NUM INSTANTE, DE REPENTE, QUANDO SOAR A TROMBETA FINAL, PORQUE ELA SOARÁ E OS MORTOS RESSUSCITARÃO INDESTRUTÍVEIS, E NÓS SEREMOS TRANSFORMADOS. I CORÍNTIOS 15: 51-52."

O endereço de Marx Abs estava escrito no pedido, mas além do fato de que o doutor pagou por uma lápide em nome de alguém já morto—um cunhado, talvez?—e que agora provocou o assassinato do homem que a esculpira, eu não achava que tivesse descoberto muita coisa.

O garçom, que usava, como se fosse um halo, o cabelo grisalho encrespado na nuca da cabeça calva, retornou com a pequena bandeja de latão que transportava minha miscelânea e o copo de água habitualmente servido nos cafés vienenses. Ele olhou para o croqui, antes que eu o dobrasse para dar espaço à bandeja, e disse, com uma espécie de sorriso simpático:

— "Bem-aventurados os que choram, pois eles serão consolados." Agradei a ele pela amabilidade e, gratificando-o generosamente, perguntei-lhe, em primeiro lugar, de onde poderia enviar um telegrama e, depois, onde ficava Berggasse.

— O Telégrafo Central fica na Börseplatz, em Schottenring—respondeu ele.— Você achará Berggasse a apenas dois quarteirões ao norte de lá.

Cerca de uma hora mais tarde, tendo enviado meus telegramas para Kirsten e Neumann, caminhei Berggasse acima, que corria entre a prisão onde Becker estava trancafiado e o hospital onde sua garota trabalhava. Esta coincidência era mais marcante do que a rua em si, que parecia na maior parte ocupada por médicos e dentistas. Nem achei particularmente marcante descobrir, através da velha proprietária do prédio no qual Abs ocupava o andar do mezanino, que poucas horas antes ele lhe comunicara que estava deixando Viena para sempre.

— Disse que questões urgentes de trabalho exigiam que fosse para Munique. Ele disse um nome, mas acho que esqueci.

— Não seria Pullach?

Ela tentou parecer pensativa, mas só conseguiu tornar-se irascível.

— Não sei se foi isso ou não—disse ela finalmente. A nuvem ergueu-se de sua face enquanto ela voltava a sua habitual expressão bovina.—De qualquer modo, ele prometeu me comunicar seu endereço tão logo estivesse estabelecido.

— Ele levou todas as suas coisas?

— Não havia muito o que levar. Apenas duas malas. O apartamento é mobiliado, como vê.—Ela franziu o cenho de novo.—Você é policial ou algo

parecido?

— Não, eu estava especulando sobre suas acomodações.

— Ora, por que não disse logo? Entre, Herr...?

— É professor, na verdade—corrigi, de um modo que achei parecido com o típico formalismo vienense.—Professor Kurtz.—Havia também a possibilidade de que, dando a mim o toque acadêmico, isto servisse como apelo ao esnobismo da mulher.—O Dr. Abs e eu somos amigos comuns de um certo Herr Kõnig, que me disse achar que Herr Doktor poderia deixar vagos excelentes aposentos neste endereço.

Segui a velha através da porta até o grande corredor que levava a outra porta, alta e de vidro. Além dela havia um pátio com um solitário sicômoro em crescimento.

Ela contornou uma escadaria de ferro batido.

— Espero que perdoe minha descrição—eu disse.—Só que eu não estava muito confiante na informação de meu amigo. Ele foi mais que insistente em dizer que eram aposentos excelentes, e tenho certeza de que não preciso lhe dizer, madame, o quanto pode ser difícil para um cavalheiro encontrar um apartamento de qualidade mínima na Viena atual. Por acaso conhece Herr Kõnig?

— Não—disse ela com firmeza.—Creio que nunca conheci qualquer dos amigos do Dr. Abs. Ele era um homem muito discreto. Mas o seu amigo está bem informado. O senhor não encontrará acomodações melhores por 400 xelins mensais. Esta é uma vizinhança nobre.—Ela baixou a voz ao chegar à porta dos aposentos.—E inteiramente livre de judeus.—Ela extraiu uma chave do bolso do casaco e a enfiou na fechadura da grande porta de mogno.—Claro, tivemos uns poucos deles por aqui antes do Anschluss.

Até mesmo nesta casa. Mas quando estourou a guerra, a maioria deles caiu fora.—Ela abriu a porta e exibiu-me o apartamento.—Aqui estamos—disse com orgulho.

— Há seis cômodos no total. Não é tão grande como alguns apartamentos nesta rua, mas também não é tão caro. Totalmente mobiliado, como eu disse.

— Uma beleza—comentei, olhando em torno.

— Lamento ainda não ter tido tempo de fazer uma faxina—desculpou-se ela.—O Dr. Abs deixou um monte de entulho para jogar fora. Não que eu realmente me importe.

Ele pagou-me quatro semanas de aviso prévio.—Ela apontou para uma porta fechada.—Ainda há um bocado de danos causados por estilhaços de bomba à mostra ali. Tivemos uma bomba incendiária no pátio quando os russos chegaram, mas em breve tudo estará consertado.

— Tenho certeza de que está ótimo—comentei generosamente.

— Muito bem. Deixarei o senhor à vontade para que dê uma boa olhada, professor Kurtz. Deixarei que sinta o lugar. Apenas tranque a porta ao sair e bata em minha porta quando tiver visto tudo.

Depois que a velha se foi, perambulei pelos cômodos, só para descobrir que, para um homem solteiro, Abs parecia ter recebido uma quantidade extraordinária de pacotes da Ajuda Humanitária, aqueles pacotes de comida que vinham dos Estados Unidos. Conteí as caixas de papelão vazias, que traziam as iniciais características de Broad Street, o endereço em Nova York, e vi que havia mais de cinquenta caixas.

Não parecia que a Ajuda estivesse administrando bem as caixas.

Quando terminei de dar uma olhada, eu disse à mulher que estava procurando por acomodações maiores e agradeci por ter-me permitido ver o lugar. Depois voltei para minha pensão em Skodagasse.

Não demorou muito e houve uma batida na porta.

— Herr Gunther?—perguntou o que usava as divisas de sargento. Assenti.

— Receio que terá de nos acompanhar, por favor.

— Estou sendo preso?

— Como disse, senhor?

Repeti a pergunta no meu inglês incerto. O PM americano mastigava impacientemente a sua goma de mascar.

— Tudo será explicado lá no quartel, senhor. Peguei meu casaco e vesti.

— Não vai esquecer de levar seus documentos, não é?—Ele sorriu educadamente.—Para a gente não ter que voltar aqui para buscá-los.

— Claro—eu disse, pegando meu chapéu e casaco.—Vocês têm transporte? Ou vamos a pé?

— A viatura está bem na porta da frente.

A senhoria captou meu olhar enquanto passávamos pelo vestíbulo. Para minha surpresa, ela não parecia nem um pouco perturbada. Talvez já estivesse acostumada com seus inquilinos sendo presos pela Patrulha Internacional. Ou talvez ela simplesmente acreditasse que alguém mais pagaria o aluguel, quer eu dormisse lá ou numa cela de prisão.

Subimos na viatura e percorremos alguns metros rumo norte de uma breve curva à direita para tomarmos a direção sul da Lederergasse, para longe do centro da cidade e do quartel-general da Patrulha Internacional.

— Não vamos para a Kártnerstrasse?—perguntei.

— Isto não é um assunto da Patrulha Internacional, senhor—explicou o sargento.—É jurisdição americana. Vamos para a Stiftskaseme, na Mariahilferstrasse.

— Para ver quem? Shields ou Belinski?

— Será explicado...

— ...quando chegarmos lá, certo.

A entrada, imitando o estilo barroco da Stiftskaserne, o quartel-general da 796a Polícia Militar, com suas colunas dóricas em meio-relevo, grifos e guerreiros gregos, situava-se, um tanto incongruentemente, entre as portas gêmeas da loja de departamentos Tiller, e fazia parte de um edifício de quatro andares de frente para a Mariahilferstrasse.

Passamos através da arcada maciça e além dos fundos do prédio principal e de um praça-d'armas para outro edifício, que abrigava um quartel militar.

A viatura ultrapassou alguns portões e parou do lado de fora do quartel. Fui escoltado para dentro e alguns lances de escada acima até um grande escritório com uma vista impressionante da torre de defesa antiaérea que se erguia do outro lado da praça-d'armas.

Shields se levantou de detrás de uma mesa e sorriu como se estivesse tentando impressionar o dentista.

— Entre e sente-se—disse, como se fôssemos velhos amigos. Olhou para o sargento.—Ele veio pacificamente, Gene? Ou teve que dar-lhe uns chutes na bunda?

O sargento sorriu um pouco e murmurou algo que não entendi. Não era de admirar que ninguém nunca entendesse o inglês deles. Os americanos estão sempre mascando alguma coisa.

— É melhor aguardar um pouco, Gene—acrescentou Shields.—Só para o caso de precisarmos dar uma prensa neste cara.—Ele deu uma curta risada e, suspendendo as calças, sentou-se diante de mim, as pernas espalhadas como um suserano samurai, só que ele era provavelmente duas vezes maior que qualquer japonês. -Antes de mais nada, Gunther, preciso lhe dizer que há um certo tenente Canfield, um autêntico babaca inglês, lá no QG Internacional, que adoraria que alguém o ajudasse num pequeno problema. Parece que um pedreiro lá no setor britânico morreu esmagado quando uma pedra lhe caiu sobre o peito. Todos acreditam, inclusive o chefe do tenente, que foi provavelmente um acidente. Só que o tenente é do tipo chato. Ele leu Sherlock Holmes e pretende entrar para a escola de detetives quando der baixa no exército. Ele vendeu seu peixe de que alguém adulterou os livros do morto. Bem, não sei se isto é motivo suficiente para matar um homem, mas lembro de ter visto você procurar Pichler ontem de manhã, depois do enterro do capitão Linden. Ele riu.—Diabo, tenho que admitir, Gunther: eu estava espionando você. E agora, o que diz sobre isso?

— Pichler está morto?

— Que tal se você simulasse alguma surpresa? "Não me diga que Pichler está morto!" Ou: "Meu Deus, não acredito no que está me dizendo!" Por acaso você não

sabe o que aconteceu com ele, sabe, Gunther?

Dei de ombros.

— Talvez o negócio o estivesse sobrecarregando.

Shields riu com essa. Ele ria como se algum dia tivesse tomado aulas de riso, exibindo todos os dentes, o que caía especialmente mal numa mandíbula de pugilista que era mais larga do que o topo de sua cabeça morena e calva. Falava alto, como a maioria dos americanos, e um tanto demais. Era um homem corpulento e musculoso, com ombros de rinoceronte, e usava um terno castanho-claro de flanela com lapelas tão largas e aguçadas como duas alabardas suíças. Sua gravata era digna de ser estendida sobre a varanda de um bar e usava pesados sapatos oxford marrons. Os americanos pareciam ter uma atração por sapatos resistentes do mesmo modo que os russos adoravam relógios de pulso: a única diferença era que eles costumavam comprar nas lojas.

— Francamente, cago e ando para os problemas do tenente—disse ele.—A merda está no quintal dos britânicos, não no meu. Eles que tratem de limpá-la. Não, estou meramente explicando sua necessidade de cooperar comigo. Você pode não ter nada a ver com a morte de Pichler, mas tenho certeza de que não vai querer passar o dia explicando isso ao tenente Canfield. Portanto, me ajude e ajudarei você: esquecerei que vi você com Pichler. Entende o que estou lhe dizendo?

— Não há nada de errado com seu alemão—repliquei. Mesmo assim ele me atingia com o veneno com que agredia o sotaque, comendo as consoantes com um grau teatral de precisão, quase como se considerasse que a língua devesse ser falada cruelmente.—Adiantaria alguma coisa se eu dissesse que não sei absolutamente nada sobre o que aconteceu com Herr Pichler?

Shields deu de ombros em tom escusatório.

— Como eu disse, isso é problema dos britânicos, não meu. Talvez você seja inocente. Mas, como eu digo, certamente seria um pé no saco explicar isso a eles. Posso jurar que eles consideram qualquer alemão um maldito nazista.

Ergui as mãos, desistindo.

— E como é que posso ajudá-lo?

— Bem, naturalmente, quando soube que, antes de ir ao funeral, você visitou o assassino de Linden na prisão, minha natureza investigativa não pôde mais ser contida.

— Seu tom ficou mais incisivo.

— Vamos lá, Gunther. Quero saber que diabo há entre você e Becker.

— Presumo que já conhece a versão de Becker da história.

— Como se estivesse gravada em minha cigarreira.

— Bem, Becker acredita nela. Ele está me pagando para investigá-la. E prová-la, assim ele espera.

— Está investigando, você diz. O que faz, afinal?

— Sou detetive particular.

— Um sabujo? Bem, bem.—Ele inclinou-se à frente na cadeira e, pegando a aba do meu casaco, sentiu o tecido com o polegar e o indicador. Foi uma sorte eu não ter costurado giletes naquele casaco.

— Não, não caio nessa. Você não é maltrapilho o suficiente.

— Maltrapilho ou não, é a verdade.—Puxei minha carteira e mostrei-lhe a identidade. E a seguir minha antiga credencial da polícia.—Antes da guerra trabalhei na Kripo. Tenho certeza de que não preciso dizer-lhe que Becker também. Foi lá que o conheci. Tirei um de meus cigarros.—Importa-se que eu fume?

— Fume, mas não pare de mexer os lábios.

— Bem, depois da guerra eu não quis voltar para a polícia. Aquilo lá estava cheio de comunistas.—Com essa eu estava jogando uma isca. Não conhecia um americano sequer que parecesse gostar de comunistas.—Portanto, comecei a trabalhar por conta própria. Na verdade, passei um tempo fora da polícia em meados dos anos 30, e fiz alguns serviços particulares à época. Assim, não sou exatamente um novato no ramo. Com tanta gente deslocada desde a guerra, a maioria das pessoas pode usar um tira honesto. Acredite, graças aos russos eles são poucos e raros em Berlim.

— É, o mesmo acontece aqui.—Porque os soviéticos mal chegaram e foram colocando o seu pessoal nos postos-chave da polícia. As coisas ficaram tão ruins que o governo austríaco teve de recorrer ao chefe do corpo de bombeiros de Viena quando tentavam encontrar alguém honesto para ser o subchefe da polícia.—Então você é um dos velhos colegas de Becker. E aí? Que tipo de policial ele era, que Deus nos livre?

— Corrupto.

— Não admira que este país esteja uma mixórdia. Estiveram também na SS?

— Brevemente. Quando descobri o que estava acontecendo, pedi transferência para a frente de batalha. Pessoas o fizeram, você sabe.

— Nem tantas. O seu amigo, não, por exemplo.

— Ele não era exatamente meu amigo.

— Então, por que assumiu o caso?

— Precisava de dinheiro. E precisava me afastar de minha esposa por uns tempos.

— Importa-se em me dizer por quê?

Fiz uma pausa, percebendo que era a primeira vez que tocava no assunto.

— Ela andava saindo com alguém. Um dos seus colegas de farda. Achei que se eu me ausentasse por uns tempos ela poderia decidir o que era mais importante: o

casamento ou este schâtzi dela.

Shields assentiu e deu um grunhido de simpatia.

— Naturalmente todos os seus documentos estão em ordem, não?

— É claro.—Entreguei-os a ele, que examinou minha identidade e meu passe.

— Vejo que veio através da Zona Soviética. Para um homem que não gosta dos Ivans, você deve ter contatos muito bons em Berlim.

— Só uns poucos desonestos.

— Desonestos russos?

— De que outra espécie seria? Claro que tive de molhar algumas mãos, mas os documentos são autênticos.

Shields os devolveu.

— Tem aí o seu Fragebogen?

Peguei na carteira o meu atestado de desnazificação e passei para ele. Shields só deu uma breve olhada, sem nenhuma vontade de ler as 133 perguntas e respostas que continha.

— Uma pessoa absolvida, ha? Como escapou de não ser classificado como um ofensor? Todos os homens da SS foram automaticamente presos.

— No fim da guerra eu estava no exército. Na frente russa. E, como disse, consegui ser transferido da SS.

Shields devolveu-me o Fragebogen.

— Não gosto do pessoal da SS—resmungou.

— Somos dois, então.

Shields examinou o grande anel de fraternidade que adornava desgraciosamente um de seus dedos bem peludos. Disse:—Conferimos a história de Becker, você sabe. Não tem nada nela.

— Não concordo.

— E o que o leva a esta opinião?

— Acha que ele estaria disposto a me pagar cinco mil dólares para investigar a versão dele se ela fosse furada?

— Cinco mil?!—Shields assoviou.

— Vale a pena, se você está com a corda no pescoço.

— Claro. Bem, talvez você consiga provar que este cara estava em algum outro lugar quando efetivamente o capturamos. Talvez possa descobrir algo que convencerá o juiz de que seu amigo não atirou em nós. Ou que não estava portando a arma que abateu Linden. Já teve algumas ideias brilhantes, sabujo? Talvez aquela que o levou a procurar Pichler?

— Foi um nome que Becker recordou como tendo sido mencionado por alguém na Reklau & Werbe Zentrale.

— Por quem?

— Dr. Max Abs?

Shields assentiu, reconhecendo o nome.

— Eu diria que foi ele quem matou Pichler. Provavelmente foi vê-lo não muito depois de mim e descobriu que alguém, alegando ser amigo dele, andara fazendo perguntas.

Talvez Pichler tenha dito a ele que eu voltaria no dia seguinte. Assim, antes que eu o fizesse, Abs matou-o e rasgou as folhas com seu nome e endereço. Ou assim ele pensava. Ele esqueceu uma coisa que me levou ao seu endereço. Só que na hora que cheguei lá ele já havia caído fora. Segundo disse a senhoria, ele está a meio caminho de Munique a essa altura. Sabe, Shields, talvez não fosse má ideia se você tivesse alguém para encontrá-lo naquele trem.

Shields espichou o queixo mal barbeado.

— Poderia dar certo.

Ele se levantou, foi até sua mesa, pegou o telefone e começou a fazer diversas ligações, mas usando um vocabulário e sotaque que fui incapaz de compreender. Quando finalmente repôs o fone no gancho, consultou seu relógio e disse:

— O trem para Munique sai às onze e meia, então há tempo de sobra para que ele receba um caloroso alô quando embarcar.

O telefone tocou. Shields atendeu, olhando para mim de boca aberta e sem piscar, como se não houvesse muita coisa digna de crédito na minha história. Mas quando depôs o telefone uma segunda vez ele estava rindo.

— Uma das minhas ligações foi para o Centro de Documentação de Berlim—disse ele.—Estou certo de que você sabe o que é. Sabia que Linden trabalhava lá?

Assenti.

— Perguntei a eles se tinham alguma coisa sobre esse tal Max Abs. Eles acabaram de ligar. Parece que ele também foi da SS. Não de fato procurado por crimes de guerra, mas existe uma certa coincidência, não diria? Você, Becker, Abs... todos ex-pupilos da pequena Ivy League de Himmler.

— Uma coincidência, isso é tudo—repliquei debilmente. Shields voltou a se acomodar na cadeira.

— Você sabe, estou perfeitamente preparado para crer que Becker foi apenas o executor de Linden. Que sua organização o queria morto porque tinha descoberto algo sobre você.

— Oh?—eu disse sem muito entusiasmo pela teoria de Shields.

— E que organização é essa?

— A Resistência Lobisomem. Eu me descobri rindo alto.

— Aquela velha história quinta-coluna nazista? Os fanáticos ultrapassados que vão continuar a guerrilha contra nossos conquistadores? Você deve estar brincando, Shields.

— Acha que há algo de errado com isso?

— Bem, é um pouco tarde para começar. A guerra acabou faz quase três anos. Certamente vocês americanos já treparam o bastante com nossas mulheres para perceber que nunca planejamos cortar suas gargantas na cama. Os Lobisomens...— Sacudi a cabeça piedosamente.—Eu pensava que fosse algo inventado pelo seu pessoal de informação.

Mas devo dizer que nunca pensei que alguém acreditasse nessa merda. Olhe, talvez Linden tenha descoberto algo sobre uma dupla de criminosos de guerra, e talvez eles quisessem tirá-lo do caminho. Mas não a Resistência Lobisomem. Vamos tentar descobrir alguma coisa mais original, tá?

Acendi outro cigarro e observei Shields assentir e refletir sobre o que eu dissera.

— O que o Centro de Documentação de Berlim tem a dizer sobre o trabalho de Linden?—perguntei.

— Oficialmente, ele não era mais que o oficial de ligação do Registro Central de Suspeitos de Crimes de Guerra e de Segurança, do exército americano. Eles insistem em que Linden era simplesmente um administrador e não um agente de campo. Bem, mas se ele estivesse trabalhando em informação, aqueles caras não iriam nos dizer, de qualquer modo. Eles têm mais segredos do que a superfície de Marte.

Ele saiu de trás da mesa e foi até a janela.

— Sabe, no outro dia dei uma olhada num relatório que dizia que dois em cada mil austríacos estão espionando para os soviéticos. Ora, esta cidade tem mais de 1,8 milhão de habitantes, Gunther, o que significa que se Tio Sam tem tantos espões quanto Tio Joe, existem mais de sete mil espões bem na minha porta. Sem falar no que os britânicos e os franceses estão fazendo. Ou no que a polícia estatal de Viena organizou... refiro-me à polícia política dirigida pelos comunistas, não à polícia comum de Viena, embora eles também tenham um bando de comunas lá, é claro. E, apenas uns poucos meses atrás, tivemos um bando inteiro da polícia estatal húngara infiltrado em Viena a fim de sequestrar ou matar alguns de seus poucos compatriotas dissidentes.

Ele se afastou da janela e voltou à cadeira à minha frente. Agarrando o espaldar como se fosse erguer a cadeira e quebrá-la na minha cabeça, suspirou e disse:—O que estou tentando dizer, Gunther, é que esta é uma cidade podre. Creio que Hitler a chamava de uma pérola. Bem, ele deve ter tentado dizer que era tão amarela e gasta como o último dente de um cachorro morto. Francamente, eu olho por aquela janela e vejo tanta preciosidade neste lugar quanto posso ver o azul quando estou mijando no Danúbio.

Shields se empertigou. Depois inclinou-se à frente e agarrou as lapelas de meu casaco, forçando-me a levantar.

— Viena me decepçiona, Gunther, o que me deixa péssimo. Com você é diferente, meu chapa. Se descobrir alguma coisa, acho que eu deveria saber, e se você não vier me contar, ficarei realmente chateado. Posso pensar em uma centena de bons motivos para arrastar seu rabo para fora desta cidade mesmo quando eu estiver de bom humor, como estou agora. Estou sendo claro?

— Como se fosse feito de cristal.—Afastei as mãos dele do meu casaco e endireitei-o sobre os ombros. A meio caminho da porta, parei e disse:—Esta nova cooperação com a polícia militar americana inclui a remoção do sujeito que pôs na minha cola?

— Alguém está seguindo você?

— Estava, até que lhe dei umas porradas na noite passada.

— Esta é uma cidade esquisita, Gunther. Talvez ele esteja gamado por você.

— Deve ser por isso que presumi que estivesse trabalhando para você. O homem é um americano chamado John Belinski.

Shields sacudiu a cabeça, os olhos inocentemente arregalados.

— Nunca ouvi falar. Juro, nunca mandei ninguém seguir você. Se alguém o está seguindo, nada tem a ver com esta divisão. Sabe o que devia fazer?

— Pode me surpreender.

— Volte para Berlim. Não há nada aqui para você.

—Talvez eu volte, só que também não tenho certeza. Quem sabe não exista alguma coisa? É um dos motivos por que vim, lembra-se?

CAPÍTULO XVI

Era tarde quando cheguei ao Casanova Club. O lugar estava repleto de franceses e eles estavam cheios do que quer que os franceses bebam quando desejam ficar animados.

Veronika, afinal, tinha razão: eu preferiria o Casanova quando estivesse tranquilo. Fracassei em descobri-la no meio da multidão e perguntei ao garçom que eu gratificara tão generosamente na véspera se ela esteve no local.

— Ela esteve aqui faz só uns dez ou quinze minutos—disse ele.

— Acho que foi para o Koralle, senhor. — Ele baixou a voz e inclinou a cabeça na minha direção.—Ela não gosta muito de franceses. E, para falar a verdade, eu também não. Os britânicos, os americanos, até mesmo os russos, pelo menos a gente pode respeitar como exércitos que tomaram parte ativa em nossa derrota. Mas os franceses?

Eles são uns escrotos. Pode crer, senhor, sei disso. Moro no 15a Bezirk, no setor francês.—Ele estendeu a toalha na mesa.—O que o cavalheiro vai beber?

— Acho que eu preferiria ir dar uma olhada no Koralle. Onde é que fica?

— Fica no 9a Bezirk, senhor. Porzellangasse, logo depois da Berggasse, perto da prisão. Sabe onde é?

Eu ri.

— Estou começando a saber.

— Veronika é uma boa garota—acrescentou o garçom.—Para uma chocodama.

A chuva soprou do leste para a Cidade Interior e o setor russo. Mudou para saraivar no ar frio da noite e fustigar os quatro rostos da Patrulha Internacional quando eles desembarcavam em frente ao Casanova. Acenando brevemente para o porteiro, e sem uma palavra sequer, eles passaram por mim e entraram para fiscalizar a imoralidade da soldadesca, que comprometia a manifestação de desejo exacerbada por uma combinação de um país estrangeiro, mulheres famintas e suprimento infinito de cigarros e chocolate.

Na agora familiar Schottenring, atravessei para a Währinger Strasse e segui rumo norte, através da Rooseveltplatz, à sombra banhada pelo luar das torres gêmeas da Votivkirche, que, apesar da sua enorme altura de varar o céu, havia de algum modo sobrevivido a todas as bombas. Eu estava dobrando na Bergasse pela segunda vez naquele dia quando, de um amplo prédio arruinado do lado oposto da rua, ouvi um grito de socorro. Dizendo a mim mesmo que não era da minha conta, parei por um breve momento, tencionando seguir meu caminho. Mas ouvi de novo o grito: uma voz de contralto que quase reconheci.

Senti o medo rastejar pela minha pele enquanto caminhava rápido na direção do som. Um monte alto de entulho empilhava-se contra a parede curva do prédio.

Subindo ao topo do entulho, olhei através de um vão de janela em arco para uma sala semicircular que tinha as proporções de um pequeno teatro.

Três se engalfinhavam ao pequeno facho de luz do luar, junto a uma parede reta, de frente para as janelas. Dois eram soldados russos, sujos, enraivecidos, e rindo ruidosamente enquanto tentavam arrancar as roupas da terceira figura, uma mulher. Eu soube que era Veronika antes mesmo que ela erguesse o rosto para a luz. Ela gritou e foi esbofeteada pelo russo que segurava seus braços e as duas abas laterais do vestido, que o outro, ajoelhado aos pés dela, tinha rasgado.

— Pakazhitye, dushka (mostre-me, querida)—ele gargalhava, puxando as calcinhas de Veronika até os joelhos trêmulos. Ele sentou-se sobre suas ancas para admirar a nudez da moça.—Pryekasnaya (linda)—disse, como se admirasse uma pintura, e depois empurrou a cara até a penugem púbica. -Vkoosnaya, tozhe (gostosa, também) — rosnou.

O russo olhou por entre as pernas dela ao ouvir meus passos nos destroços espalhados pelo chão. Ao ver o tamanho do cano de chumbo em minha mão, ele levantou-se para ficar junto ao companheiro, que agora empurrava Veronika para o lado.

— Dê o fora daqui, Veronika—gritei.

Necessitando de muito pouco encorajamento, ela pegou seu casaco e correu em direção a uma das janelas. Mas o russo que a havia lambido parecia ter outras ideias e tentou agarrá-la pelo cabelo. No mesmo instante, rodopiei o cano, que acertou o lado de sua cabeça piolhenta com um audível clangor, deixando até minha mão entorpecida com a vibração do golpe. Mal passara por minha mente que eu tinha batido muito forte quando senti um chute violento nas costelas e a seguir um joelho atingindo minha virilha. O cano caiu no chão coalhado de tijolos e, enquanto eu lentamente o seguia, me veio um gosto de sangue na boca. Dobrei as pernas à altura do peito e retesei-me enquanto esperava que a pesada bota do russo esmagasse meu corpo de novo e acabasse comigo. Em vez disso, ouvi um som curto e mecânico, como o som de uma pistola rebitadora, e quando a bota do russo rodopiou outra vez foi bem em cima de minha cabeça. Com uma perna ainda no ar, o russo cambaleou por um segundo, como um bailarino bêbado, e depois tombou morto a meu lado, sua testa perfeitamente varada por uma bala disparada com exímia pontaria. Gemi e por um momento fechei os olhos. Quando os abri de novo e ergui-me apoiado no antebraço, havia um terceiro homem agachado diante de mim e, por um gélido momento, ele apontou o cano com silenciador de sua Luger para o centro do meu rosto.

— Porra, chucrute—disse ele e depois, rindo largamente, ajudou-me a levantar. —Eu mesmo ia arrebentar você, mas parece que aqueles dois Ivans me pouparam do incômodo.

— Belinski—arquejei, segurando minhas costelas.—Você virou meu anjo da guarda?

— É, isso é uma vida maravilhosa. Você está bem, chucrute?

— Talvez o meu peito ficasse bem melhor se eu parasse de fumar. Sim, estou bem. De onde diabo surgiu você?

— Você não me viu? Ótimo. Depois do que me disse sobre como seguir alguém, li um livro a respeito. Disfarcei-me como um nazista para que não me notasse.

Olhei em torno.

— Viu para onde Veronika foi?

— Quer dizer que conhece aquela dama?—Ele contornou o soldado que eu atingira com o cano e que jazia sem sentidos no chão.

— Achei que você fazia simplesmente o tipo quixotesco.

— Eu só a conheci a noite passada.

— Antes de me conhecer, imagino.—Belinski olhou para o soldado por um momento, depois encostou a Luger na nuca do homem e puxou o gatilho. — Ela está lá fora — disse, sem mais emoção do que se tivesse atirado numa garrafa de cerveja.

— Porra—respirei fundo, estarrecido com esta exibição de frieza.

— Certamente podiam ter usado você num Grupo de Ação.

—O quê?

— Eu disse que espero não tê-lo feito perder seu bonde a noite passada. Precisava matar ele?

Belinski deu de ombros e começou a desatarraxar o silenciador da Luger.

— Dois mortos é melhor do que deixar um vivo para testemunhar no tribunal. Pode crer, sei do que estou falando.—Ele chutou a cabeça do homem com o bico do sapato.

— De qualquer modo, não darão por falta desses Ivans. São desertores.

— Como sabe?

Belinski apontou para dois fardos de roupa e equipamento junto à porta, e próximo a eles os restos de uma fogueira e comida.

— Parece que estavam se escondendo aqui há uns dois dias. Aposto que estavam entediados e ansiosos por alguma...—Ele procurou pela palavra certa em alemão e então, sacudindo a cabeça, completou a frase em inglês—...xoxota.—Guardou a Luger no coldre e pôs o silenciador no bolso do casaco.—Se os encontrarem antes que sejam comidos pelos ratos, os tiras locais vão pensar que foi serviço da MVD. Mas sou mais os ratos.

Viena tem os maiores ratos que já se viu. Eles saem direto dos esgotos. Por falar nisso, pelo cheiro desses dois, eu diria que eles próprios já estiveram lá. O esgoto

principal sai do Stadt Park, bem junto à Komendatura soviética e ao setor russo.— Ele se encaminhou para a porta.—Vamos, temos que encontrar a sua garota.

Veronika estava parada a curta distância da Währinger Strasse e parecia pronta a correr para lá se fossem os dois russos a sair do prédio.

— Quando vi seu amigo entrar—explicou ela—,esperei para ver o que ia acontecer.

Ela havia abotoado o casaco até o pescoço e, a não ser por uma leve escoriação na face e as lágrimas nos olhos, eu não diria que parecesse uma garota que escapara por pouco de ser estuprada. Ela relanceou nervosa para o prédio, com uma pergunta nos olhos.

— Está tudo bem—disse Belinski.—Eles não vão mais nos incomodar.

Quando Veronika acabou de me agradecer por tê-la salvado, e a Belinski por me salvar, nós a acompanhamos até a Rotenturm-strasse semi arruinada, onde ela tinha um quarto. Veronika nos agradeceu mais uma vez e convidou-nos a subir. Nós declinamos e, só depois que prometi visitá-la pela manhã é que ela pôde ser convencida a fechar a porta e ir para a cama.

— Pelo seu aspecto, eu diria que você aceitaria uma bebida—disse Belinski.—Permita que eu lhe pague uma. O Renaissance Bar fica logo ali na esquina. É um local tranquilo, onde podemos conversar.

Próximo à Catedral de Santo Estêvão, que estava agora sendo restaurada, o Renaissance Bar, na Singerstrasse, era uma imitação de taverna húngara com música cigana.

O tipo de lugar que se vê representado num quebra-cabeça era sem dúvida popular entre os turistas, mas para meu gosto simples e melancólico não passava de uma arapuca por demais premeditada. Havia uma compensação significativa, como explicou Belinski. Eles serviam csereszne, uma bebida húngara feita de cerejas. E para alguém que não fazia muito tempo, levava alguns pontapés, o gosto era até melhor do que Belinski havia prometido.

— E uma boa garota—disse ele—,mas ela devia ter um pouco mais de cuidado em Viena. E você também, por falar nisso. Se vai sair por aí bancando a porra do Errol Flynn, é preciso ter um pouco mais de volume no meio das pernas.

— Acho que tem razão.—Bebi meu segundo drinque.—Mas parece estranho você estar me dizendo isso, sendo um tira e coisa e tal. Portando uma arma ilegal para qualquer um que não o pessoal aliado.

— Quem disse que eu era um tira?—Ele sacudiu a cabeça.—Sou do CIC, o Corpo de Contra Informação. Os PMs não sabem de porra nenhuma do nosso negócio.

— Você é espião?

— Não, nós somos mais como os detetives de hotel do Tio Sam. Não dirigimos espiões, nós os capturamos. Espiões e criminosos de guerra.—Ele serviu mais um pouco do csereszne.

— Então por que está me seguindo?

— Realmente, é difícil explicar.

— Estou certo de que poderia lhe arranjar um dicionário de alemão.

Belinski sacou um cachimbo já enchido de seu bolso e, enquanto explicava o que queria dizer, começou a sugar a coisa em complacente e constante nuvem de fumaça.

— Estou investigando o assassinato do capitão Linden—disse.

— Que coincidência! Eu também.

— Queremos descobrir o que foi que o trouxe a Viena, em primeiro lugar. Ele gostava de manter as coisas muito em segredo. Trabalhava um bocado por sua própria conta.

— Ele também estava no CIC?

— Sim, no 970S, lotado na Alemanha. Sou do 430S. Estamos lotados na Áustria. Ele podia pelo menos ter avisado que estava entrando na nossa área.

— E nem sequer mandou um postal?

— Nem uma palavra. Provavelmente porque não havia qualquer razão no mundo pela qual devesse ter vindo. Se estava trabalhando em qualquer coisa que afetasse esse país, devia ter nos contado.

— Belinski soltou um anel de fumaça e o abanou para longe do seu rosto.—Ele era o que se podia chamar de um investigador burocrata. Um intelectual. O tipo de sujeito que você podia deixar no meio de uma montanha de arquivos com instruções para encontrar a receita do oculista de Himmler. O único problema é que, por ser um cara tão brilhante, ele não fazia anotações.—Belinski bateu na testa com o cabo do cachimbo.—Ele guardava tudo aqui. O que torna uma amolação descobrir o que ele estava investigando e que lhe valeu um banquete de chumbo.

— A PM de vocês acha que a Resistência Lobisomem pode ter algo a ver com isso.

— Foi o que ouvi dizer.—Ele inspecionou o conteúdo de fumo espesso no forninho de seu cachimbo de cerejeira e acrescentou: Francamente, todos nós estamos meio que cavoucando no escuro neste caso. De qualquer modo, foi onde você entrou na minha vida. Achamos que você talvez descobrisse, sendo um nativo, alguma coisa que não conseguiríamos por nós mesmos, comparativamente falando. E, se o fizer, estarei lá pela causa da democracia livre.

— Investigação criminal por procuração, ha? Não seria a primeira vez que isso aconteceria. Lamento desapontá-lo, mas eu também estou andando meio no escuro.

—Talvez não. Afinal, você já conseguiu que o pedreiro de túmulos fosse morto. Na minha cartilha isso marca um ponto. Significa que você incomodou alguém, chucrute.

Sorri.

— Pode me chamar de Bernie.

— Do modo como imagino a coisa, Becker não o incluiria no jogo sem lhe dar umas poucas cartas. O nome de Pichler provavelmente foi uma delas.

— Você poderia estar certo—concedi.—Mas, mesmo assim, não é uma parada em que eu apostaria minha camisa.

— Posso ver suas cartas?

— Por que deveria?

— Salvei a sua vida, chucrute.

— Muito sentimental. Seja um pouco mais prático.

— Muito bem, então. Talvez eu possa ajudar.

— Melhorou. E muito.

— Do que você precisa?

— E mais do que provável que Pichler foi morto por um homem chamado Abs, Max Abs. Segundo a polícia militar, ele foi da SS, mas por pouco tempo. Seja como for, ele embarcou num trem para Munique esta tarde e estão enviando alguém ao encontro dele. Espero que me mantenham informado. Mas eu precisava descobrir mais sobre Abs.

Por exemplo, quem era este sujeito.—Tirei o croqui de Pichler para a sepultura de Martin Albers e o abri sobre a mesa, diante de Belinski.—Se eu puder descobrir quem era Martin Albers e por que Abs estava disposto a pagar por sua pedra tumular, poderia estar a caminho de estabelecer por que Abs achou necessário matar Pichler antes que ele falasse comigo.

— Quem é esse tal de Abs? Qual é a ligação dele?

— Ele trabalhava para uma agência de propaganda aqui em Viena. A mesma que pertencia a Kõnig. Kõnig é o homem que contratou Becker para passar arquivos através da Fronteira Verde. Arquivos que foram para Linden.

Belinski assentiu.

— Muito bem — prossegui.—Aqui está minha próxima carta. Kõnig tinha uma garota chamada Lotte que frequentava o Casanova. Poderia ser que ela badalasse por lá um pouco, mordiscasse um chocolatezinho, não sei ainda. Alguns dos amigos de Becker circulavam por lá e outros lugares, e não voltavam para o chá em casa. Meu palpite é incluir a garota nisso. Eu achava que deveria conhecê-la um pouco, antes de mais nada. Mas é claro que se ela me visse montado no meu corcel branco e vestindo minha armadura de domingo, eu poderia apressar as coisas.

— Suponha que Veronika não conheça essa Lotte. E aí?

— Suponha que você tenha uma ideia melhor. Belinski deu de ombros.

— Por outro lado, seu esquema tem seus méritos.

— Aqui vai outra. Tanto Abs quanto Eddy Holl, que era o contato de Becker em Berlim, estão trabalhando para uma companhia baseada em Pullach, perto de Munique. A Companhia de Utilização das Indústrias da Alemanha Meridional. Talvez você gostasse de tentar descobrir algo a respeito. Sem mencionar que Abs e Holl decidiram se mudar para lá.

— Não seriam os dois primeiros chucrutes a ir viver na Zona Americana—disse Belinski.—Ainda não notou? As relações estão começando a adquirir um contorno difícil com nossos aliados comunistas. As notícias de Berlim são de que começaram a abrir um monte de estradas ligando os setores leste e oeste da cidade. —O rosto de Belinski denotava sua falta de entusiasmo e então ele acrescentou:— Mas verei o que posso conseguir. Alguma coisa mais?

— Antes de deixar Berlim, deparei com um casal de caçadores de nazistas amadores, chamado Drexler. Linden costumava dar a eles pacotes da Ajuda Humanitária de vez em quando. Eu não ficaria surpreso se estivessem trabalhando para ele: todo mundo sabe o quanto o CIC é lucrativo. Seria útil se descobríssemos quem andavam procurando.

— Não podemos perguntar a eles?

— Não seria muito bom. Eles estão mortos. Alguém empurrou uma bandeja cheia de pelotas de Zyclon-B por debaixo da porta deles.

— Dê-me o endereço mesmo assim.—Ele pegou um bloquinho e um lápis.

Depois de anotar, ele franziu os lábios e esfregou o queixo. Tinha um rosto incrivelmente largo, com sobrancelhas espessas que se curvavam a meio caminho em volta das cavidades oculares, o crânio de um pequeno animal, um nariz e linhas de riso entalhadas que, acrescentado ao queixo quadrado e narinas acentuadamente dilatadas, completavam uma figura perfeitamente septagonal: a impressão geral era a de uma cabeça de carneiro repousando sobre um plinto em forma de V.

— Você estava certo—admitiu ele.—Não é uma grande cartada, não é? Mas, ainda assim, é melhor do que aquela que joguei.

Com o cachimbo preso entre os dentes, ele cruzou os braços e olhou fixamente para seu copo. Talvez fosse pela sua escolha da bebida ou talvez pelo cabelo, de estilo mais comprido que o corte à escovinha preferido pela maioria de seus compatriotas, mas ele parecia curiosamente não-americano.

— De onde você é?—eu disse finalmente.

— William-sburg. Nova York.

— Belinski—pronunciei, medindo cada sílaba. — Que tipo de nome é este, para um americano?

O homem deu de ombros, imperturbável.

— Sou americano da primeira geração. Meu pai é oriundo da Sibéria. Sua família emigrou para escapar de um dos pogroms do czar. Como pode ver, tão boa quanto a de vocês. Belinski era o nome de Irving Berlin antes que ele o trocasse. E, como nomes para uso americano, não creio que um nome iídiche como esse soe nem um pouco pior que um nome chucrute como Eisenhower, não acha?

— Imagino que não.

— Por falar em nomes, se falar de novo com os PMs, seria melhor se você não tocasse no meu nome nem no CIC. Porque recentemente eles melaram uma operação que estávamos fazendo. A MVD conseguiu roubar alguns uniformes da polícia militar americana do batalhão HQ na Stiftskaserne. Eles os vestiram e convenceram os PMs do posto da 19a. Bezirk a ajudá-los a prender um dos nossos melhores informantes em Viena. Dois dias depois, outro informante nos disse que o homem estava sendo interrogado no quartel-general do MVD, em Mozartgasse. Não se passou muito tempo e descobrimos que havia sido morto. Mas não antes que ele abrisse o bico e entregasse vários outros nomes.

"Bem, havia uma fileira de todo-poderosos e o Alto Comissariado americano teve que chutar alguns rabos por causa da precária segurança do 7969. Um tenente foi à corte marcial e um sargento rebaixado. Em consequência disso tudo, ser do CIC equivale a ser leproso aos olhos da Stiftskaserne. Sendo alemão, suponho que seja difícil para você entender tudo isso.

— Pelo contrário—retruquei.—Eu diria que ser tratados como leprosos é algo que nós alemães entendemos muito bem.

CAPÍTULO XVII

A água que chegava pela torneira, procedente dos Alpes Estírios, era mais limpa e cristalina do que as melhores Evian e Perrier. Carreguei um copo cheio desde o banheiro para atender o telefone que tocava na minha saleta, e bebi um pouco mais enquanto esperava que Frau BlumWeiss me passasse a ligação.

— Olá, bom dia—disse Shields com um entusiasmo afetado. Espero não tê-lo tirado da cama.

— Estava acabando de escovar os dentes.

— E como está você hoje?—disse ele, ainda se recusando a ir direto ao assunto.

— Uma leve dor de cabeça, é tudo. Abusei da bebida predileta de Belinski.

— Bem, credite isso ao föhn—sugeriu Shields, referindo-se ao calor fora de época e ao vento seco que ocasionalmente descia sobre Viena das montanhas.— Todo mundo nesta cidade se queixa de todos os tipos de comportamento estranho nessa época. Mas a única coisa que noto é que o cheiro de bosta fica pior do que de hábito.

— É ótimo falar com você de novo, Shields. O que deseja?

— O seu amigo Abs não chegou a Munique. Temos certeza absoluta de que embarcou naquele trem, só que não havia o menor sinal dele no fim da linha.

— Talvez tenha saltado em algum outro lugar.

— A única parada que o trem faz é em Salzburgo, e também estivemos dando cobertura lá.

— Talvez alguém o tenha jogado para fora do trem em movimento.—Eu sabia muito bem como isso acontecia.

— Não na Zona Americana.

— Bem, ela só começa a partir de Linz. Há mais de cem quilômetros de Baixa Áustria russa entre Linz e a sua zona. Você mesmo disse ter certeza de que ele pegou o trem. Assim, o que mais garante essa partida?—A seguir recordei o que Belinski dissera acerca da precária segurança da polícia militar americana.—Claro que é possível que ele simplesmente tenha enganado seus homens. Que seja esperto demais para eles.

Shields suspirou.

— Algum dia, Gunther, quando não estiver ocupado demais com seus velhos camaradas nazistas, levarei você ao campo de refugiados de Auhof para que possa ver todos os emigrantes judeus ilegais que pensavam ser mais espertos do que nós.—Ele riu.—Isto é, se você não tiver medo de ser reconhecido por alguém que veio de um campo de concentração. Seria engraçado deixar você lá. Aqueles sionistas não têm o meu senso de humor com relação aos homens da SS.

— Eu certamente ficaria fora dessa, pode crer. Houve uma suave e quase furtiva batida à porta.

— Olhe, tenho que desligar.

— Apenas veja por onde pisa. Se eu achar que posso sentir cheiro de merda nos seus sapatos, jogarei você no xadrez.

— Sim, bem, se você sentir cheiro de alguma coisa, provavelmente será por causa do fôhn.

Shields deu sua gargalhada de trem fantasma e depois desligou.

Fui até a porta e deixei entrar um tipo baixo e de aspecto matreiro, que lembrava a reprodução de uma gravura de Klimt que estava pendurada na sala de jantar. Ele usava uma capa de chuva bege com cinta, calças pescando siri que expunham as meias brancas e um pequeno chapéu tirolês preto repleto de emblemas e penas, e que mal cobria sua cabeça de longos e lisos cabelos negros. Um tanto incongruentemente, tinha as mãos enfiadas num amplo regalo de lã.

— O que está vendendo, sr. Atravessador?—perguntei a ele. O ar matreiro mudou para desconfiado.

— Você não é Gunther?—articulou ele numa voz improvável, que era tão baixa quanto um fagote fora de tom.

— Relaxe—eu disse.—Sou Gunther. Você deve ser o armeiro pessoal de Becker.

— Certo. O nome é Rudi.—Ele olhou em torno e ficou mais à vontade.—Está sozinho nesta espelunca?

— Como um pelo na teta de uma viúva. Você me trouxe um presente?

Rudi assentiu e, com um sorriso maroto, tirou uma das mãos do regalo. Segurava um revólver, que estava apontado para o croissant que eu comera no desjejum. Após um breve e desconfortável momento, seu sorriso se alargou e ele soltou a coronha para deixar a arma pender do seu dedo indicador enfiado na guarda do gatilho.

— Se eu permanecer nesta cidade vou ter que adquirir um novo senso de humor—eu disse, pegando o revólver. Era um Smith .38 com um cano de seis polegadas e com as palavras "Uso militar e policial" gravadas no revestimento preto.—Suponho que o tira que foi dono dele o trocou por alguns maços de cigarro.—Rudi começou a responder, porém fui mais rápido.—Olhe, eu pedi a Becker uma arma limpa, não uma exibida como prova principal num julgamento por assassinato.

— Esta é uma arma nova—replicou Rudi, indignado.—Dê uma olhada no cano. Continua lubrificado: ainda não foi disparado. Juro que eles lá no topo nem dão por falta dele.

— Onde o conseguiu?

— No Depósito do Arsenal. É verdade, Herr Gunther, esta arma é a mais limpa que poderia encontrar nesses dias.

Assenti, relutante.

— Trouxe alguma munição?

— Há seis balas nele—disse ele e, tirando sua outra mão do regalo, depositou um punhado avarento de cartuchos no aparador, perto das duas garrafas trazidas por Traudl.—E mais esses.

— O quê?! Você os comprou com cupom de racionamento? Rudi deu de ombros.

— É tudo que pude obter no momento. — Ele lambeu os beiços ao ver a vodca.

— Acabei de tomar o café da manhã—disse eu—,mas pode se servir.

— Só para espantar o frio—disse ele e serviu um nervoso copo cheio, que bebeu rapidamente.

— Vá em frente e beba outro. Eu nunca me interponho entre um homem e uma boa sede.—Acendi um cigarro e fui até a janela. Lá fora, pingentes de gelo pendiam da beirada do teto da sacada. Especialmente num dia tão frio como esse.

— Obrigado—disse Rudi—,obrigado mesmo.—Ele sorriu debilmente e serviu um segundo e mais caprichado copo, que bebeu devagar.—Então, como está indo? Refiro-me à investigação.

— Se tiver algumas ideias, eu adoraria ouvi-las. Exatamente agora que os peixes não estão saltando para as margens do rio.

Rudi endireitou os ombros.

— Bem, do jeito como vejo as coisas, o tal capitão, o que pegou o 71...

Ele fez uma pausa enquanto eu fazia a conexão: 71 era o número do bonde que ia para o Cemitério Central. Fiz um aceno para ele continuar.

— Bem, ele devia estar envolvido em algum tipo de extorsão. Pense nisso—disse, aquecendo o seu assunto.—Ele vai até um depósito meio escondido e o local está abarrotado de cigarros. Quero dizer, por que eles foram lá, para começar? Não poderia ter sido porque o assassino planejava matá-lo ali. Não ia fazer aquilo perto do seu esconderijo, ia? Eles deviam ter ido para olhar a mercadoria, e com um bom argumento.

Tive de admitir que havia lógica no que ele dizia. Pensei por um minuto.

— Quem é que vende cigarros na Áustria, Rudi?

— Sem contar todo mundo?

— Os principais operadores do mercado negro.

— Excetuando Emil, tem os Ivans; um sargento americano louco do estado-maior, que vive num castelo perto de Salzburgo; um judeu romeno aqui em Viena; e um austríaco chamado Kurtz. Mas Emil era o maior de todos. A maioria das pessoas já ouviu o nome de Emil Becker ligado a esta atividade.

— Acha que algum deles poderia ter armado para Emil, a fim de tirá-lo do negócio?

— Claro. Mas não ao custo da perda de todos aqueles cigarros, Herr Gunther. É um prejuízo muito grande para alguém assumir.

— Quando foi exatamente o roubo na fábrica de tabaco na Thaliastrasse?

— Meses atrás.

— A polícia militar tem algum palpite de quem seja o culpado? Tem algum suspeito?

— Nenhuma possibilidade. A Thaliastrasse fica no 16Q Bezirk, parte do setor francês. A PM francesa não poderia captar o menor rumor nesta cidade.

— E quanto aos tiras locais? A polícia vienense? Rudi sacudiu a cabeça firmemente.

— Estão ocupados demais na sua guerrinha com a polícia estatal. O Ministério do Interior esteve tentando absorver a gangue do Estado na força policial regular, mas os russos não gostaram disso e estão tentando foder a coisa. Mesmo que isto signifique a destruição de toda a força.—Ele sorriu.—Não posso dizer que lamentaria.

Não, os locais são quase tão ruins quanto os franceses. Para ser franco, os únicos tiras que valem alguma coisa nesta cidade são os americanos. Até mesmo os ingleses são um bocadinho idiotas, se quer saber.

Rudi olhou para os vários relógios que amarrara no braço.

— Bem, preciso ir, se não, vou perder o meu ponto na Ressel. E onde você pode me encontrar todas as manhãs, se precisar de mim, Herr Gunther. Lá, ou então no Hauswirth Café, na Favoritenstrasse, na parte da tarde.—Ele bebeu o que restava no copo.—Obrigado pela bebida.

— Favoritenstrasse—repeti, franzindo o cenho.—Fica no setor russo, não é?

— Fica—disse Rudi.—Mas isto não faz de mim um comunista.

— Ele ergueu seu pequeno chapéu e sorriu.—Apenas prudente.

CAPÍTULO XVIII

O aspecto triste do seu rosto, com os olhos abatidos e a inclinação do forte maxilar, para não mencionar suas roupas de segunda mão, fizeram-me pensar que Veronika poderia não ter muito a ver com uma prostituta. E certamente não havia nada no frio e cavernoso quarto que ela alugava, no coração do bairro do lenocínio, que indicasse nada mais que uma existência dura, com uma mão na frente e outra atrás.

Ela me agradeceu mais uma vez por tê-la ajudado e, tendo indagado solícita por minhas contusões, começou a fazer um bule de chá enquanto explicava que planejava tornar-se artista algum dia. Dei uma olhada sem grande entusiasmo nos seus desenhos e aquarelas.

Profundamente deprimido pelo ambiente que me cercava, perguntei a ela como é que fora acabar naquela vida. Isto era uma tolice, porque nunca se deve questionar uma prostituta sobre nada, muito menos sobre sua própria imoralidade, e minha única desculpa é que lamentava genuinamente por ela. Tivera ela um dia um marido que a vira chupando um americano nas ruínas de um prédio, em troca de duas barras de chocolate?

— Quem foi que disse que estou na vida?—respondeu ela amargamente.

Dei de ombros.

— Não é café que mantém você desperta metade da noite.

— Talvez. Mesmo assim, você não vai me encontrar trabalhando em um daqueles lugares na gurtel, onde os fregueses simplesmente sobem as escadas. E também não vai me achar vendendo aquilo na rua, em frente ao Serviço de Informação americano, ou no Atlantis Hotel. Posso ser uma chocodama, mas não sou uma prostituta. Tenho que agradar os cavalheiros.

— O que não a impede de se machucar. Como na noite passada, por exemplo. Para não falar numa doença venérea.

— Olhe só para você—disse ela com um desdém divertido.—Até parece um daqueles sacanas da delegacia de costumes. Eles pegam a gente, mandam um médico nos examinar e depois nos passam um sermão sobre os perigos da gonorreia. Você está começando a soar como um tira.

— Talvez a polícia tenha razão. Já pensou nisso?

— Bem eles nunca descobriram nada de errado comigo. Nem descobrirão.—Ela deu um sorrisinho astuto.—Como eu disse, sou cuidadosa. Tenho de agradar os cavalheiros.

O que não inclui Ivans ou negros.

— Ninguém jamais soube de um americano ou inglês com sífilis, suponho.

— Olhe, você joga com as percentagens.—Ela fez uma carranca.—Que diabo você sabe sobre isso, de qualquer modo? Salvar o meu rabo não lhe dá o direito de ler os Dez Mandamentos para mim, Bernie.

— Você não precisa ser um nadador para jogar um salva-vidas para alguém. Já conheci prostitutas demais para saber que a maioria começa de um modo seletivo, como você. Até que chega alguém que mete porrada e rouba o dinheiro delas, e da próxima vez, com o senhorio cobrando o aluguel, elas não podem se dar ao luxo de ser tão exigentes. Você fala sobre percentagens Bem, não existe muita percentagem em chupar por dez xelins quando se está com quarenta anos. Você é uma boa garota, Veronika.

Se houvesse um padre por aqui, ele talvez achasse que você merecia uma pequena homília, mas como não há, terá que me aturar.

Ela sorriu tristemente e desmanchou meu cabelo.

— Até que você não é tão mau. Não que eu faça a menor ideia de por que acha isso necessário. Estou realmente muito bem. Tenho dinheiro guardado. Em breve terei o bastante para ir cursar uma escola de arte em algum lugar.

Pensei que era como se ela fosse ganhar um contrato para repintar a Capela Sistina, mas forcei minha boca a dar uma espécie de sorriso polidamente otimista.

— Claro que irá—eu disse.—Olhe, talvez eu possa ajudar. Talvez possamos ajudar um ao outro.—Era uma maneira desesperadamente resoluta de conduzir a conversa ao propósito principal da minha visita.

— Talvez—disse ela, servindo-me o chá.—Mais uma coisa e depois você pode me dar uma bênção. A delegacia de costumes tem fichadas mais de cinco mil garotas em Viena. Mas esse número não chega nem à metade. Hoje em dia, todo mundo tem que fazer coisas que antes eram impensáveis. Você também, provavelmente. Não há muita percentagem em ficar com fome. E muito menos em voltar para a Tchecoslováquia.

— Você é tcheca?

Ela bebericou o chá, depois tirou um cigarro do maço que eu lhe dera a noite passada.

— De acordo com meus papéis, nasci na Áustria. Mas de fato sou tcheca: uma judia alemã dos Sudetos. Passei a maior parte da guerra me escondendo em banheiros e sótãos.

Depois andei uns tempos com os partisanos, e depois disso estive num campo de refugiados por seis meses, antes de escapar pela Fronteira Verde.

— Já ouviu falar de um lugar chamado Wiener Neustadt? Não? Bem, é uma cidade que fica a uns quinze quilômetros de Viena, na Zona Russa, com um centro de triagem para repatriações soviéticas. Há sessenta mil deles aguardando lá há algum tempo. Os Ivans os separam em três grupos: inimigos da União Soviética

são mandados para campos de concentração; aqueles que não conseguem provar ser inimigos são enviados para trabalhar do lado de fora dos campos... de um modo ou outro, você acaba numa espécie de trabalho escravo; e se você cair no terceiro grupo, se estiver doente, ou se for velho ou jovem demais, bem, neste caso, é fuzilado imediatamente.

Ela engoliu em seco e deu uma longa tragada no cigarro.

— Quer saber de uma coisa? Acho que eu iria para a cama com todo o exército britânico se isso significasse que os russos não poderiam me reclamar. E isto inclui aqueles com sífilis.—Ela tentou um sorriso.—Mas por acaso tenho um amigo médico que me deu alguns frascos de penicilina. Eu tomo de vez em quando só como prevenção.

— Deve sair caro.

— Como eu disse, ele é um amigo. Não me custa nada que não poderia ser gasto num tratamento.—Ela pegou o bule de chá.—Quer mais um pouco de chá?

Recusei com um gesto de cabeça. Estava ansioso para cair fora daquele quarto.

— Vamos sair para algum lugar—sugeri.

— Tudo bem. Estou cansada de ficar aqui. Como está sua cabeça para alturas? Porque só há um lugar para ir em Viena aos domingos.

O parque de diversões do Prater, com sua enorme roda-gigante, carrosséis e montanha-russa, era de algum modo incongruente naquela parte de Viena que, como última a cair diante do Exército Vermelho, ainda exibia os maiores efeitos da guerra e a mais nítida evidência de estarmos em um setor de outro modo menos divertido. Destroços de tanques e canhões ainda atulhavam as campinas próximas, enquanto em cada uma das dilapidadas paredes das casas ao longo da Ausstellungsstrasse estava o apagado esboço a giz da palavra em cirílico "Atak'ivat" (vasculhada), o que realmente significava "pilhada".

Do alto da roda-gigante, Veronika apontou para os pilares da Ponte do Exército Vermelho, a estrela no obelisco soviético perto dela e, além deles, o Danúbio. Então, enquanto a gôndola que nos transportava começava sua lenta descida ao solo, ela enfiou a mão dentro de meu casaco e se apossou de meus bagos, mas retirou de novo a mão quando suspirei desconfortavelmente.

— Talvez você tivesse preferido o Prater antes dos nazistas—disse ela, irritada—,quando todos os bichas vinham aqui fazer pegação.

— Não é nada disso—eu disse.

— Talvez se referisse a isso quando disse que eu poderia ajudá-lo.

— Não, eu apenas sou do tipo nervoso. Tente de novo algum dia, quando não estivermos a sessenta metros de altura.

— Medo de altura, hem? Pensei que tinha dito que estava com a cabeça preparada para alturas.

— Menti. Mas você está certa, preciso mesmo da sua ajuda.

— Se o seu problema é vertigem, ficar na horizontal é o único tratamento que estou capacitada a prescrever.

— Estou procurando por alguém, Veronika: uma garota que costumava frequentar o Casanova Club.

— Por que mais os homens vão ao Casanova senão atrás de uma garota?

— Esta é uma garota em especial.

— Talvez você não tenha notado. Nenhuma das garotas do Casanova é especial.

— Ela lançou-me um olhar semicerrado, como se de repente não confiasse em mim.

— Achei que você parecia com aquele pessoal da costumes. Com toda aquela merda sobre gonorreia, essas coisas. Está trabalhando com aquele americano?

— Não, sou um investigador particular.

— Como o Thin Man? Ela riu quando assenti.

— Pensava que só se via isso nos filmes. E você quer que eu o ajude em algo que está investigando, é isso?

Assenti novamente.

— Nunca vi a mim mesma como uma espécie de Myrna Loy disse ela—,mas o ajudarei no que puder. Quem é esta garota que está procurando?

— O nome dela é Lotte. Não sei o sobrenome. Você talvez já a tenha visto com um homem chamado Kõnig. Ele usa bigode e tem um pequeno terrier.

Veronika assentiu lentamente.

— Sim, lembro deles. Na verdade, eu conhecia Lotte razoavelmente bem. Seu nome todo é Lotte Hartmann, mas faz algumas semanas que não aparece.

— Não? Sabe por onde anda ela?

— Não exatamente. Eles iam esquiar juntos... Lotte e Helmut Kõnig, o schátzi dela. Em algum lugar do Tirol austríaco, acho.

— Quando foi isso?

— Não sei. Duas, três semanas atrás. Kõnig parece ser cheio da nota.

— Sabe quando eles voltariam?

— Não faço ideia. Só sei que ela disse que se ausentaria pelo menos um mês se as coisas dessem certo entre eles. Conhecendo Lotte, isso significa que dependeria de até onde ele lhe poderia proporcionar boa vida.

— Tem certeza de que ela vai voltar?

— Só uma avalanche a impediria de voltar. Lotte é uma vienense até debaixo d'água; ela não saberia viver em qualquer outro lugar. Aposto que você quer que eu fique de olho no buraco da fechadura deles.

— E mais ou menos isso—confirmei.—Claro que pagarei a você por isso.

Ela deu de ombros.

— Não é preciso—disse ela e pressionou seu nariz contra a vidraça da gôndola.
—Quem salva a minha vida consegue descontos de todo tipo.

— Pode ser perigoso, devo preveni-la.

— Nem precisa me dizer—replicou ela friamente.—Conheci Kõnig. Ele é todo encanto e gentileza lá no clube, mas não parece tolo. Helmut é o tipo de homem que leva seu soco-inglês para a confissão.

Quando pisamos de novo no chão, usei um de meus cupons para comprar um saco de Ungos, um salgadinho húngaro de massa de pão frita borrifada com alho, num dos quiosques perto da roda-gigante. Depois deste modesto lanche, tomamos o trenzinho para o Estádio Olímpico e caminhamos de volta na neve pelos bosques de Hauptallee.

Bem mais tarde, quando estávamos de volta ao quarto, ela disse:

— Ainda está se sentindo nervoso?

Estendi a mão até seus seios em forma de cuia e vi que sua blusa estava úmida de transpiração. Ela me ajudou a desabotoá-la e, enquanto eu usufruía o peso do seio em minha mão, soltou o fecho da saia. Recuei a fim de dar-lhe espaço para se despir. E quando ela depositou a saia no encosto de uma cadeira, tomei-a pela mão e a trouxe em minha direção.

Por um breve momento segurei-a com firmeza, apreciando sua curta e rouca respiração em meu pescoço, antes de explorar abaixo a curva de seu cingido traseiro, o alto das meias, justas como membranas, e depois a carne macia entre suas coxas envoltas em ligas. E após ela ter feito a subtração do pouco que restava para cobri-la, beijei-a e permiti que um dedo intrépido apreciasse uma curta exploração de seus lugares ocultos.

Na cama, ela manteve um sorriso no rosto enquanto eu lentamente me empenhava em penetrá-la. Captando a visão de seus olhos abertos, que não eram mais que sonhos, como se ela fosse incapaz de esquecer minha satisfação em busca da sua própria, descobri que eu estava excitado demais para me preocupar muito além do que parecia polido. Quando por fim sentiu que os movimentos que eu fazia tornavam-se mais urgentes, ela ergueu as coxas até o peito e, estendendo-se, espalhou-se aberta, apoiada nas palmas das mãos, como se firmando um pedaço de pano para a agulha de uma máquina de costura, de modo que eu pudesse ver a mim mesmo periodicamente me impelindo sobre ela. Um momento depois, flexionei-me contra ela como se a vida fizesse funcionar sua propulsão independente e oscilante.

Novou forte aquela noite, e depois a temperatura baixou, congelando toda Viena para preservá-la para um dia melhor. Eu sonhei, não com uma cidade duradoura, mas com a cidade que estava para vir.

Segunda Parte

CAPÍTULO XIX

—Já foi marcada uma data para o julgamento de Herr Becker—disse-me Liebl—,o que torna absolutamente imperativo que nos apressemos na preparação da nossa defesa.

Espero que me perdoe, Herr Gunther, se o pressiono com a necessidade urgente da prova para consubstanciar as alegações de nosso cliente. Ao mesmo tempo em que deposito a maior fé na sua capacidade como detetive, eu gostaria muito de saber exatamente que progresso fez até aqui, a fim de poder aconselhar melhor Herr Becker sobre como podemos conduzir melhor o caso no tribunal.

Esta conversa aconteceu várias semanas após minha chegada a Viena—mas não era a primeira vez que Liebl me pressionava por alguma indicação do meu progresso.

Estávamos sentados no Café Schwarzenberg, que se havia tornado a coisa mais próxima de um escritório que eu tive desde antes da guerra. Os cafés de Viena se assemelham a um clube de cavalheiros, só que um dia como sócio custa pouco mais que uma xícara de café. Preço pelo qual você pode ficar pelo tempo que quiser, ler os jornais e revistas disponíveis, deixar recados com os garçons, receber correspondência, reservar uma mesa para entrevistas e geralmente conduzir um negócio em total privacidade na frente de todo mundo. O vienense respeita a privacidade do mesmo modo que os americanos cultuam a antiguidade, e um companheiro freguês do Schwarzenberg jamais meteria o nariz por cima do seu ombro, tal como não mexeria uma xícara de café quente com seu dedo indicador.

Em ocasiões anteriores eu disse a Liebl que uma ideia exata de progresso não existia no mundo de um investigador particular. Que não era o tipo de negócio em que se pudesse relatar que um determinado rumo de ação ocorreria definitivamente dentro de certo período. Este é o mal dos advogados. Eles esperam que o resto do mundo funcione como o Código de Napoleão. Nesta ocasião específica, porém, eu tinha muito a contar para Liebl.

— A garota de Kõnig, Lotte, está de volta a Viena—eu disse.

— Ela já voltou de sua temporada de esqui?

— Assim parece.

— Mas você ainda não esteve com ela.

— Alguém que conheço no Casanova Club tem uma amiga que falou com ela há dois dias. Ela pode até já ter voltado há cerca de uma semana.

— Uma semana?—repetiu Liebl.—Por que isso levou tanto tempo para ser descoberto?

— Essas coisas levam tempo.—Dei de ombros de modo provocativo. Eu estava cheio do constante interrogatório de Liebl e comecei a assumir um prazer infantil

em provocá-lo com essas exhibições de evidente despreocupação.

— Sim—murmurou ele—,você disse antes.—Ele não pareceu convencido.

— Não é como se tivéssemos os endereços dessas pessoas. E Lotte Hartmann nem chegou perto do Casanova desde que regressou. A garota que falou com ela disse que Lotte tentou obter um pequeno papel num filme dos Estúdios Sievering.

— Sievering? Sim, fica no 199 Bezirk. O estúdio pertenceu a um vienense chamado Karl Hartl. Ele já foi meu cliente. Hartl dirigiu todas as grandes estrelas: Pola Negri, Lya de Putti, Maria Corda, Vilma Banky, Lilian Harvey. Você viu o Barão cigano? Bem, foi um filme de Hartl.

— Não acha que ele poderia saber alguma coisa sobre o estúdio de cinema onde Becker encontrou o cadáver de Linden?

— O Drittemann Film?—Liebl mexeu seu café, desligado.—Se fosse uma companhia cinematográfica legítima, Hartl saberia sobre ela. Não há nada que aconteça na produção cinematográfica vienense que Hartl não saiba. Mas isto não é mais que um nome num contrato de arrendamento. Não há nenhum filme sendo produzido lá atualmente. Você mesmo já verificou, não?

— Sim — repliquei, recordando a tarde infrutífera que passara lá duas semanas antes. Mas acontecera que o contrato havia expirado e a propriedade revertera para o governo.—Você está certo. A morte de Linden foi o primeiro e último filme a ser rodado lá. Dei de ombros. — Foi só uma suposição.

— E o que fará agora?

— Tentarei rastrear Lotte Hartmann no Sievering. Não seria muito difícil. Ninguém consegue um papel num filme sem deixar um endereço de contato.

Liebl bebericou seu café ruidosamente, e depois bateu de leve em sua boca com um lenço do tamanho de uma vela de barco.

— Por favor, não poupe tempo para rastrear esta pessoa—disse ele.—Lamento ter de pressioná-lo desse jeito, mas não temos nada até descobrirmos o paradeiro de König. Uma vez que o tenha encontrado, podemos pelo menos tentar a obrigá-lo a ser convocado como testemunha material.

Assenti docilmente. Eu poderia ter-lhe contado mais coisas, mas seu tom me irritou e qualquer explicação adicional teria provocado perguntas que eu simplesmente ainda não estava preparado para responder. Eu poderia, por exemplo, ter dado a ele um relato do que Belinski tinha me contado, na mesma mesa no Schwarzenberg, cerca de uma semana após ele me salvar a pele — informação que ainda revirava em minha mente—e tentar fazer algum sentido. Nada era tão direto como de certa forma Liebl imaginava.

— Para começar—explicou Belinski—,os Drexler eram exatamente o que pareciam. Ela sobreviveu ao campo de concentração de Mauthausen, ao passo que ele era oriundo do gueto de Lodz e de Auschwitz. Conheceram-se num hospital da

Cruz Vermelha após a guerra e viveram em Frankfurt por uns tempos, antes que fossem para Berlim. Parece que trabalhavam intimamente ligados ao pessoal do Registro Geral de Suspeitos de Crimes de Guerra e à promotoria pública. Eles mantêm inúmeros arquivos sobre nazistas procurados e investigam muitos casos simultaneamente. Em consequência, nosso pessoal em Berlim não foi capaz de determinar se ocorreu alguma investigação relacionada à morte deles ou à do capitão Linden. A polícia local está desconcertada, como eles dizem. O que é provavelmente como preferem. Na verdade, eles não ligam a mínima para quem matou os Drexler, e a investigação dos PMs americanos não parece que irá muito longe.

"Mas não parece provável que os Drexler estivessem muito interessados em Martin Albers. Ele foi chefe de operações clandestinas da SS e do SD em Budapeste até 1944, quando foi preso por participação no complô de Stauffenberg para matar Hitler, e enforcado no campo de concentração de Flossenburg em abril de 1945. Mas ousa dizer que ele o mereceu. Albert foi um escroto sob todos os pontos de vista, mesmo tendo tramado para acabar com o Führer. Muitos de vocês, rapazes, perderam um bocado de tempo com isso, você sabe. Nosso pessoal de informação até mesmo acha que Himmler sabia do complô o tempo todo e deixou que fosse adiante, na esperança de que pudesse ele próprio assumir o lugar de Hitler.

"De qualquer modo, descobriu-se que este Max Abs foi criado, motorista e pau-para-toda-obra de Albert, portanto tudo indica que estivesse homenageando o seu velho patrão. A família Albers foi morta num ataque aéreo, por isso acho que não há mais ninguém para erigir uma lápide em sua memória.

— Uma atitude um tanto onerosa, não diria?

— Você acha isso? Bem, eu certamente odiaria ser morto por reverenciar o rabo de alguém, chucrute.

A seguir, Belinski contou-me sobre a Companhia Pullach.

— É uma organização patrocinada pelos americanos, dirigida pelos alemães, estabelecida com a meta de reconstruir o comércio alemão através da Bizona. A ideia geral é que a Alemanha se torne economicamente auto suficiente o mais rápido possível, de modo que o Tio Sam não tenha que sustentar vocês indefinidamente. A companhia em si está localizada em uma missão americana chamada Camp Nicholas, que até poucos meses atrás foi ocupada pelas autoridades de censura postal do exército americano. Camp Nicholas é um grande complexo que foi originalmente construído para Rudolf Hess e sua família. Mas depois que ele desertou, foi ocupado algum tempo por Bormann. A seguir foi a vez de Kesselring e seu estado-maior. Agora é nosso. Existe segurança suficiente na área para convencer o povo local de que o campo é a sede de algum tipo de

estabelecimento de pesquisa técnica, mas isso não constitui surpresa, dada a história do lugar. Seja como for, o bom povo de Pullach se mantém ao largo, procurando não saber demais acerca do que está acontecendo lá, mesmo que seja algo inócuo como um reduto de gênios da área comercial e econômica. Imagino que se sintam melhor assim do que com Dachau a poucos quilômetros de distância.

Isto parecia resolver o caso de Pullach, achei. Mas, e quanto a Abs? Matar um inocente apenas para permanecer anônimo não combinava com o caráter de um homem que desejava homenagear a memória de um herói da resistência alemã (se tal coisa tivesse existido). E como podia Abs estar ligado a Linden, o caçador de nazistas, exceto como alguma espécie de informante? Seria possível que Abs também tivesse sido morto, tal como Linden e os Drexlers?

Terminei meu café, acendi um cigarro e fiquei contente de que essas e outras perguntas não pudessem ser respondidas em nenhum outro fórum que não a minha própria mente.

O bonde 39 correu para oeste ao longo da Sieveringer Strasse para Döbling e parou a pouca distância dos Bosques de Viena, um contraforte dos Alpes que se estende até o Danúbio.

Um estúdio de cinema não é um lugar onde se possa ver qualquer grande evidência de uma indústria. Equipamento parece jazer para sempre ocioso dentro de furgões alugados para transportá-lo. Cenários nunca estão mais do que semi-construídos mesmo quando são concluídos. Mas o que existe principalmente são pessoas aos montes, todas aspirando a um cachê, que parecem fazer pouco mais do que ficar por ali de pé, fumando cigarros e tomando café; e só estão de pé porque não são considerados importantes o suficiente para merecer um assento. Para qualquer tolo o bastante para ter financiado uma empreitada tão nitidamente dissipadora, o cinema devia parecer a mais cara extensão de tecido desde a seda chinesa e certamente teria, refleti, deixado o Dr. Liebl semilouco de impaciência.

Indaguei pelo gerente do estúdio a um homem com uma prancheta, que me conduziu a um pequeno escritório no primeiro andar. Lá, encontrei um homem alto e barrigudo de cabelo tingido, usando um cardigã lilás e que tinha os trejeitos de uma tia solteirona. Ele ouviu-me explicar minha missão com uma das mãos aferradas em cima da outra, como se eu estivesse pedindo em casamento a sua protegida sobrinha.

— O que você é? Alguma espécie de policial?—perguntou ele, penteando uma sobrancelha rebelde com a ponta da unha. De algum lugar no prédio veio o som muito alto de um trompete, que o fez estremecer visivelmente.

— Um detetive—respondi, na maior franqueza.

— Bem, nós aqui gostamos de cooperar com o pessoal de cima, tenho certeza. Em que você disse que esta garota está trabalhando?

— Eu não disse. E receio não saber. Mas ela esteve aqui nas últimas duas ou três semanas.

Ele pegou o telefone e apertou um botão.

— Willy? Sou eu, Otto. Poderia fazer a doçura de vir ao meu escritório por um momento?—Ele repôs o fone no gancho e verificou seu cabelo.—Willy Reichmann é gerente de produção. Ele talvez possa ajudá-lo.

— Obrigado—eu disse e lhe ofereci um cigarro. Ele o pôs atrás da orelha.

— Que amável. Fumarei mais tarde.

— O que estão filmando no momento?—perguntei enquanto esperávamos. Quem quer que estivesse no trompete tocou duas notas altas que não pareciam combinar.

Otto emitia um grunhido e olhou malicioso para o teto.

— Bem, chama-se O anjo com o trompete—disse com uma conspícua falta de entusiasmo.—Está mais ou menos terminado agora, mas o diretor é um tremendo perfeccionista.

— Seria Karl Hartl?

— Sim. Você o conhece?

— Só de O barão cigano.

— Ah... aquilo—disse ele, amargo.

Houve uma batida à porta e um baixinho de cabelo ruivo lustroso entrou no escritório. Ele me lembrava um duende.

— Willy, este aqui é Herr Gunther. Ele é detetive. Se estiver disposto a esquecer o fato de que ele gostou de O barão cigano, você poderia ajudá-lo. Ele está procurando uma garota, uma atriz que esteve numa seleção de elenco aqui não faz muito tempo.

Willy sorriu indeciso, revelando pequenos dentes desiguais que pareciam como uma boca cheia de sal-gema, acenou e disse numa voz aguda: — Seria melhor vir ao meu escritório, Herr Gunther.

— Não ocupe Willy por muito tempo, Herr Gunther—avisou Otto enquanto eu seguia a diminuta figura de Willy pelo corredor.

— Ele tem um encontro dentro de quinze minutos.

Willy girou nos calcanhares e olhou confuso para o gerente do estúdio. Otto suspirou, exasperado.

— Você não anota nada em sua agenda, Willy? Temos uma entrevista com aquele inglês da London Film-s, o Sr. Lyndon-Haynes. Lembra-se?

Willy resmungou alguma coisa e a seguir fechou a porta atrás de nós. Ele seguiu ao longo do corredor até outro escritório e convidou-me a entrar.

— Bem, qual é o nome da garota?—disse ele, me indicando uma cadeira.

— Lotte Hartmann.

— Por acaso sabe o nome da companhia produtora?

— Não, mas sei que esteve aqui durante as duas últimas semanas. Ele sentou-se e abriu uma das gavetas da escrivaninha.

— Bem, apenas três filmes foram rodados aqui no último mês, de modo que não vai ser muito difícil.—Seus dedos curtos pegaram três pastas que ele colocou sobre a mesa e começou a vasculhar o seu conteúdo.—Ela se meteu em encrencas?

— Não. E só que ela talvez conheça alguém que pode ajudar a polícia numa investigação que estamos fazendo.—Pelo menos isso era verdade.

— Bem, se ela participou de algum filme no mês passado, seu nome deverá estar numa dessas pastas. Podemos estar carecendo de ruínas atraentes em Viena, mas uma coisa que não falta são atrizes. Metade delas é de chocodamas, você sabe. Mesmo em tempos melhores, uma atriz não passa de uma chocodama com outro nome.—Ele terminou uma pilha de papéis e começou outra.

— Não posso dizer que lamento a sua falta de ruínas—assinalei. — Sou de Berlim. Lá nós temos ruínas numa escala épica.

— Não sabia disso. Mas este inglês que vou encontrar quer montes de ruínas aqui em Viena. Tal como em Berlim. Tal como Rosselini.—Ele suspirou, desconsolado. - Eu lhe pergunto: o que existe aqui a não ser o Anel e o bairro da Ópera?

Sacudi a cabeça em simpatia.

— O que ele espera? A guerra acabou faz três anos. Está pensando que protelamos a reconstrução na eventualidade de uma equipe inglesa vir rodar um filme aqui? Talvez essas coisas levem mais tempo na Inglaterra do que na Áustria. Eu não me surpreenderia, considerando a quantidade de burocracia gerada pelos britânicos. Nunca se viu tanta burocracia. Deus sabe o que vou dizer a este cara. Até a hora em que começarem a filmar, terão sorte se encontrarem uma janela quebrada.

Ele passou uma folha de papel através da mesa. Grampeada no canto superior esquerdo, estava uma fotografia do tamanho de um passaporte.

— Lotte Hartman—anunciou ele. Olhei para o nome e a foto.

— Parece ela.

— Na verdade, me lembro dela—disse ele.—Não era exatamente o que estávamos procurando na ocasião, mas eu disse que talvez pudéssemos arranjar algo para ela nesta produção inglesa. Boa aparência aquela garota tinha. Mas, para ser franco, Herr Gunther, como atriz não valia nada. Dois papéis sem falas no Burgtheater durante a guerra e pára por aí. Ainda assim, os ingleses estão fazendo um filme sobre o mercado negro, por isso querem um monte de chocodamas. Tendo em vista a experiência pessoal de Lotte Hartmann, achei que poderia fazer uma delas.

— Oh, e que experiência é essa?

— Ela costumava ser chamariz no Casanova Club. E agora é crupiê no Cassino Oriental. Pelo menos foi o que me disse. Por tudo que sei, ela poderia ser uma das dançarinas exóticas que eles têm lá. De qualquer modo, se está procurando por ela, este é o endereço que me deu.

— Pode me emprestar esta folha?

— À vontade.

— Mais uma coisa: se por alguma razão Fräulein Hartmann entrar em contato com você, eu agradeceria se mantivesse esta nossa conversa em sigilo.

— Serei mudo como um túmulo. Levantei-me para sair.

— Obrigado — eu disse.—Você foi muito útil. Oh, e boa sorte com seus escombros.

Ele sorriu obliquamente.

— Sim, bem, se você vir alguma parede bamba por aí, dê-lhe um empurrãozinho. Vai me fazer um grande favor.

Fui ao Oriental aquela noite, bem a tempo de pegar o primeiro shoui, às 18:15. A garota que dançava nua na pista de dança parecida com um pagode, acompanhada por um sexteto, tinha olhos que eram tão frios e duros quanto o mármore mais negro do pórfiro de Pichler. O desdém estava estampado no seu rosto de modo tão indelével quanto os pássaros tatuados em seus seios pequenos de garota. Por duas vezes ela abafou um bocejo, e uma vez fez uma careta para o gorila que estava a postos para o caso de alguém querer demonstrar à garota sua apreciação. Quando, após 45 minutos, ela terminou seu número, sua mesura foi um gesto de escárnio para aqueles de nós que observávamos.

Acenei para um garçom e transferi minha atenção para o clube em si. "O maravilhoso Cabaré das Noites Egípcias", era como o Oriental se descrevia nas caixas de fósforos que eu peguei do cinzeiro de latão, e era certamente suntuoso o bastante para ter passado por alguma coisa do Oriente Médio, pelo menos na visão de lugar-comum de algum cenógrafo dos Estúdios Sievering. Uma comprida escada em caracol conduzia para baixo, para o interior estilo mourisco com seus pilares dourados, teto abobadado e muita tapeçaria persa nas paredes de mosaico de imitação. O cheiro úmido de porão e de fumaça de cigarro turco barato, e a quantidade de prostitutas, apenas acrescentavam a atmosfera oriental autêntica. Eu quase esperava ver o ladrão de Bagdá sentado à mesa de madeira marchetada que havia ocupado. Em vez dele, deparei com um cafetão vienense.

— Está procurando uma garota bonita?—perguntou.

— Se estivesse, não teria vindo aqui.

O cafetão interpretou da maneira errada e apontou para uma ruiva grande, sentada no anacrônico bar em estilo americano.

— Eu posso arranjar para você se divertir com aquela dona lá.

— Não, obrigado. Daqui mesmo dá para sentir o cheiro das calcinhas dela.

— Olhe aqui, pifke, aquela dona é tão limpa que você pode até cear na xota dela.

— Não estou com tanta fome assim.

— Talvez algo mais, então. Se é com gonô que está preocupado, sei onde posso encontrar a melhor carne nova, zero quilômetro. Sabe o que quero dizer?—Ele inclinou-se à frente através da mesa.

— Uma garotinha que ainda nem terminou o ginásio. O que acha disso?

— Fora daqui, galo velho, antes que eu torça o seu pescoço. Ele recuou subitamente.

— Ei, devagar com o andor, pifke—escarneceu.—Eu estava apenas tentando...

Ele gemeu de dor quando viu-se erguido por uma das costeletas, seguras entre o polegar e o indicador de Belinski.

— Você ouviu meu amigo—disse ele com uma ameaça velada e, empurrando o homem, sentou-se diante de mim.—Detesto cafetões—resmungou, sacudindo a cabeça.

— Eu nunca imaginaria—comentei e acenei para o garçom, que tendo visto como o cafetão foi despachado, aproximou-se da mesa mais solícito do que um criado egípcio.—O que vai querer?—perguntei a Belinski.

— Uma cerveja.

— Duas Gossers—eu disse ao garçom.

— Imediatamente, senhores—disse ele, saindo apressado.

— Bem, isto pelo menos serviu para deixar o garçom mais atencioso—observei.

— É, mas ninguém vem ao Cassino Oriental esperando um atendimento de primeira. As pessoas vêm para perder dinheiro nas mesas de jogo ou na cama.

— E o show na pista de dança? Você esqueceu o shou..

— Uma ova que esqueci.—Ele riu de modo obsceno e começou a explicar que geralmente tentava ver o show do Oriental pelo menos uma vez por semana.

Quando contei-lhe sobre a garota com as tatuagens nos seios, ele sacudiu a cabeça com uma indiferença mundana e por um instante fui obrigado a ouvi-lo me contar sobre as dançarinas exóticas que tinha visto no Extremo Oriente, onde uma garota tatuada nem era considerada digna de nota. Este tipo de conversa não tinha o menor interesse para mim e quando, depois de vários minutos, Belinski terminou de contar uma piada suja, fiquei contente por poder mudar de assunto.

— Encontrei a garota de Kõnig, Fraülein Hartmann—anunciei.

— É mesmo? Onde?

— Na sala ao lado. Dando as cartas.

— A crupiê? Aquela loura bronzeada com uma pedra de gelo em cima do rabo?

Assenti.

— Tentei pagar um drinque para ela—disse Belinski—,só que parecia que eu estava vendendo escovas de cabelo. Se está pensando em insinuar-se para cima dela, vai perder seu tempo, chucrute. Ela é tão fria que seu perfume faz doer nossas narinas. Se estivesse pensando em sequestrá-la, poderia ter alguma chance.

— Estava mesmo pensando em algo similar. Falando sério: o quanto seu prestígio está baixo com os PMs aqui em Viena?

Belinski encolheu os ombros.

— Mais baixo do que rabo de cobra. Mas explique o que tem em mente e lhe direi com certeza.

— Como é que acontece? A Patrulha Internacional entra aqui uma noite e prende a mim e a garota sob algum pretexto. Depois nos levam para a Kàrtnerstrasse, onde começo a falar sobre o erro que cometeram. Talvez algum dinheiro troque de mãos, para tornar a coisa realmente convincente. Afinal, as pessoas gostam de acreditar que toda a polícia é corrupta, não é? Assim, ela e Kõnig apreciariam esta pequena amostra de sutileza. De qualquer modo, quando a polícia nos libera, explico a Lotte Hartmann que fui levado a ajudá-la porque a achei atraente. Naturalmente, ela fica agradecida e gostaria que eu soubesse disso, só que ela arranhou este amigo alemão. Talvez ele possa me compensar de uma forma ou outra. Arranjar um trabalho para mim, coisa desse tipo.—Fiz uma pausa e acendi um cigarro.—Bem, o que acha?

— Em primeiro lugar—disse Belinski, pensativo—,a Patrulha Internacional não entra nesta espelunca. Há um letreiro enorme na porta explicando isso. Os dez xelins pagos na entrada garantem uma noite como associado do que, afinal, é um clube privado, o que significa que a Patrulha não pode simplesmente entrar marchando aqui, sujando o carpete e assustando as damas.

— Tudo bem, então—repliquei.—Eles esperam lá fora e armam uma barreira para revistar quem sai do clube. Certamente não há nada que os impeça de fazer isso, há?

Eles seguram eu e Lotte como suspeitos: ela, por ser uma chocodama, e eu por trabalhar em algum tipo de extorsão.

O garçom chegou com nossas cervejas. Enquanto isso, o segundo show começava. Belinski bebeu sua cerveja de um gole só e recostou-se em sua cadeira para observar.

— Gosto daquela ali—grunhiu, acendendo seu cachimbo.—Ela tem uma bunda digna da costa ocidental da África. Espere só até você ver.—Dando baforadas de satisfação, o cachimbo fixado entre seus dentes apertados, Belinski ficou de olho na garota que tirava o sutiã.—Eu chuparia ela toda—disse por fim.—Simplesmente desista de querer subornar um dos americanos. Se é propina que está tentando simular, então tem de ser com um Ivan ou um francês. Por acaso, o CIC nomeou

um russo capitão da Patrulha Internacional. Aparentemente, ele está tentando forçar sua ida para os Estados Unidos, portanto é bom para serviços manuais, documentos de identidade, vistos, esse tipo de coisa. Uma detenção simulada estaria dentro de suas especificações. E, por uma feliz coincidência, os russos são os responsáveis este mês, portanto seria fácil demais arranjar uma noite em que ele estará de serviço.

O sorriso de Belinski se alargou enquanto a dançarina tirava as calcinhas que cobriam suas polpudas nádegas para revelar um minúsculo coche-sexe.

— Oh, quer dar uma olhada nisso?—riu ele com uma satisfação infantil.—Se pusessem uma moldura em volta do rabo dela, eu pendurava na minha parede.—Ele pegou de volta sua cerveja e piscou com lascívia para mim.—Uma coisa eu diria a favor de vocês, chucrutes. Você constroem suas mulheres em cada detalhe tão bem quanto constroem seus automóveis.

CAPÍTULO XX

Minhas roupas realmente pareciam cair melhor. As calças haviam parado de pender frouxas em torno da cintura como pantalonas de palhaço. Vestir o paletó não mais lembrava um garoto tentando, cheio de otimismo, caber no terno do pai. E minha camisa social caía tão bem no pescoço quanto uma atadura no braço de um covarde. Não havia dúvida de que dois meses em Viena tinham colocado algum peso em mim, de modo que agora eu parecia mais o homem que ia para um campo de prisioneiros soviético e menos o homem que voltava de um. Mas ao mesmo tempo que isso me agradava, não o via como desculpa para perder a condição física e decidi passar menos tempo sentado no Café Schwarzenberg e praticar mais exercício.

Era a época do ano em que as árvores desnudas do inverno estavam começando a brotar e quando usar um sobretudo não era mais uma decisão automática. Com apenas um vestígio de nuvem num céu de outra forma uniformemente azul, decidi dar uma caminhada em torno do Anel e expor meus pigmentos ao cálido sol de primavera.

Como um candelabro grande demais para a sala na qual está pendente, os prédios públicos na Ringstrasse, construídos à época de um otimismo imperial autoritário, eram de certa forma grandes e opulentos demais para as realidades geográficas da nova Áustria. Um país de seis milhões de pessoas, a Áustria pouco mais é do que a ponta de um charuto muito comprido. E o Anel aonde fui caminhar não era mais que uma espiral de fumaça.

A sentinela do lado de fora do Bristol Hotel, requisitado pelos americanos, tinha o rosto erguido para captar os raios do sol matinal. Sua contraparte russa que guarnecia o igualmente requisitado Grand Hotel, ao lado, parecia ter passado toda a vida ao relento, tão escuras eram suas feições.

Atravessando para o lado sul do Anel a fim de estar mais próximo ao parque enquanto subia o Schuberting, descobri-me perto da Kommendatura russa, o antigo Imperial Hotel, enquanto uma ampla viatura do estado-maior do Exército Vermelho estacionava em frente à enorme estrela vermelha e às quatro cariátides que assinalavam a entrada.

A porta do veículo se abriu e o coronel Poroshin saltou.

Não pareceu nem um pouco surpreso em me ver. De fato, era quase como se houvesse esperado me encontrar caminhando por ali. Por um momento, ele simplesmente olhou para mim como se tivessem decorrido apenas algumas horas desde que eu me sentei em seu gabinete no pequeno Kremlin em Berlim. Acho que meu queixo deve ter caído, porque um segundo depois ele sorriu, murmurou "Dobraye ootra" (bom dia) e a seguir entrou na Kommendatura, seguido de perto

por dois oficiais subalternos que olharam suspeitosos para mim enquanto eu ficava parado ali, sem fala.

Mais do que um pouco intrigado pela aparição de Poroshin em Viena agora, perambulei pelo mesmo caminho até o Café Schwarzenberg, escapando por pouco de uma velha dama de bicicleta, que tocou a campainha furiosamente para mim.

Sentei-me à mesa de sempre, para pensar um pouco sobre a entrada em cena de Poroshin e pedi alguns tira-gostos, já prejudicada a minha nova resolução de manter a boa forma.

A presença do coronel em Viena parecia mais fácil de explicar com o estômago forrado de café e um pedaço de bolo. Afinal, não havia nenhuma razão por que ele não devesse vir. Como um coronel da MVD, podia provavelmente ir aonde bem entendesse. O fato de não ter me dito nada ou indagado acerca de meus esforços em benefício do seu amigo devia-se talvez a não querer discutir o assunto na presença de dois outros oficiais. Ele só precisava pegar o telefone e ligar para a Patrulha Internacional a fim de descobrir se Becker ainda estava ou não na prisão.

O tempo todo eu tinha a sensação de que a chegada de Poroshin a Berlim estava ligada à minha própria investigação, não necessariamente para melhor. Disse a mim mesmo que perceberia alguma coisa muito em breve.

CAPÍTULO XXI

Cada uma das Quatro Potências assumia a responsabilidade administrativa do policiamento da Cidade Interior por um mês, em sistema de rodízio. "Na cadeira", era como Belinski descrevia a coisa. A cadeira em questão localizava-se numa sala de conferências no quartel-general das forças aliadas, no Palais Auersperg, embora isso também afetasse quem sentasse perto do chofer da viatura da Patrulha Internacional. Mas apesar da PI ser um instrumento das Quatro Potências e submetida em teoria às ordens das forças combinadas, para todos os efeitos práticos, ela era operada e mantida pelos americanos. Todos os veículos, combustível, manutenção de viaturas e rádio, operação do sistema de rede radiofônica e organização das patrulhas, tudo isso era de responsabilidade do 796a americano. O que significa que o integrante americano da patrulha sempre guiava a viatura, operava o rádio e se incumbia da manutenção de primeiro escalão. Assim, pelo menos até onde dizia respeito à patrulha, a ideia da "cadeira" era mais ou menos a de um banquete volante.

Embora os vienenses se referissem aos "quatro homens no jipe", ou às vezes aos "quatro elefantes no jipe", na verdade "o jipe" tinha sido há muito abandonado como pequeno demais para acomodar uma patrulha de quatro homens e seu transmissor de ondas curtas, para não mencionar algum prisioneiro. Por isso deu-se preferência ao veículo de comando e reconhecimento de três quartos de tonelada como meio de transporte.

Quem me contou tudo isto foi o cabo russo que comandava caminhão da PI estacionado a curta distância do Cassino Oriental na Petersplatz, no qual sentei-me, preso, esperando que os colegas do kapral prendessem Lotte Hartmann. Não falando nem francês nem inglês, o kapral ficou deliciado por encontrar alguém com quem pudesse conversar, mesmo que fosse um prisioneiro falando russo.

— Acho que não posso lhe contar muito sobre o motivo por que você está sendo preso, a não ser o fato de que é por operação no mercado negro—desculpou-se ele. —Você saberá mais quando chegarmos na Kärtnnerstrasse. Ambos saberemos, não é? Tudo que posso lhe dizer é sobre o procedimento. Meu capitão preencherá um formulário de detenção, em duplicata ...tudo aqui é em duplicata... e deixará ambas as cópias com a polícia austríaca. Eles passarão uma cópia ao oficial do Governo Militar de Segurança Pública. Se você for processado por um tribunal militar, uma folha de acusação será preparada pelo meu capitão; e se for processado por um tribunal austríaco, a polícia local será instruída de acordo.—O kapral franziu o cenho.—Para ser honesto com você, não nos incomodamos muito com os delitos de mercado negro atualmente. Ou com os costumes, por falar nisso. São os

contrabandistas que geralmente perseguimos, ou imigrantes ilegais. Aqueles outros três sacanas, acho que ficaram loucos, eu lhe digo. Mas eu tenho minhas ordens.

Sorri com simpatia e disse o quanto havia apreciado sua explicação. Eu estava pensando em oferecer-lhe um cigarro quando a porta do caminhão se abriu e o patrulheiro francês ajudou uma Lotte Hartmann de aparência muito pálida a subir, para ficar do meu lado. Depois, ele e o inglês vieram atrás dela, fechando a porta por dentro.

O cheiro de seu medo era apenas um pouco mais fraco do que a saturada fragrância do seu perfume.

— Para onde estão nos levando?—sussurrou ela para mim. Eu disse que íamos para a Kärtnerstrasse.

— É proibido conversar—disse o PM inglês num alemão apavorante.—Os prisioneiros devem ficar em silêncio até chegarmos ao quartel-general.

Sorri silenciosamente para mim mesmo. O jargão da burocracia era a única segunda língua que um inglês seria capaz de algum dia falar bem.

O quartel-general da PI ficava num velho palácio, dentro de uma dependência exígua da Ópera estatal. O caminhão parou do lado de fora e fomos conduzidos através de enormes portas de vidro e um corredor em estilo barroco, onde um sortimento de atlantes e cariátides exibiam o estilo onipresente ao pedreiro de cantaria vienense.

Subimos uma escadaria que era tão larga quanto uma bitola de ferrovia, passamos por túmulos e bustos de nobres esquecidos, através de duas portas que eram mais compridas do que as pernas de pau de um anunciante de circo e entramos num conjunto de escritórios envidraçados. O kapral russo abriu uma das portas e nos mandou entrar e esperar.

— O que foi que ele disse?—perguntou Fräulein Hartmann quando ele fechou a porta ao sair.

— Ele mandou esperar.

Sentei-me, acendi um cigarro e examinei a sala. Havia uma mesa, quatro cadeiras e sobre a parede um amplo mural de madeira, do tipo que se vê do lado de fora das igrejas, só que aqui era em cirílico, com colunas de nomes e números escritos a giz, encabeçados por "Pessoas procuradas", "Ausentes", "Veículos roubados", "Mensagens expressas", "Ordens Parte I" e "Ordens Parte II". Na coluna encabeçada por "Pessoas procuradas" apareciam meu próprio nome e o de Lotte Hartmann. O contato russo de Belinski estava fazendo as coisas de modo muito convincente.

— Faz alguma ideia do que se trata tudo isso?—perguntou ela, trêmula.

— Não—menti.—E você?

— Não, claro que não. Deve haver algum tipo de engano.

— É evidente.

— Você não parece nem um pouco preocupado. Ou talvez simplesmente não entenda que foram os russos que ordenaram que nos trouxessem para cá.

— Você fala russo?

— Não, claro que não—disse ela, impaciente.—O patrulheiro americano que me prendeu disse que este é um assunto russo e que nada tem a ver com ele.

— Bem, os Ivans estão na cadeira este mês — falei reflexivamente.

— O que disse o francês?

— Nada. Limitou-se a ficar olhando para a frente do meu vestido.

— Estava certo—sorri para ela.—Bem que merece uma olhada. Ela me lançou um sorriso sarcástico.

— Sim, bem, eu não acho que tenham me trazido aqui só para admirar os contornos do meu corpo, não é?—Ela falou com rude desagrado, mas mesmo assim aceitou o cigarro que lhe ofereci.

— Não posso pensar em motivo melhor. Ela praguejou.

— Acho que já vi você—continuei.—Não foi no Oriental?

— O que foi você durante a guerra? Um observador aéreo?

— Seja gentil. Talvez eu possa ajudá-la.

— Melhor ajudar a si mesmo primeiro.

— Você pode depender disso.

Quando a porta finalmente se abriu, quem entrou foi um oficial do Exército Vermelho alto e de aparência maciça. Ele apresentou-se como capitão Rustaveli e tomou assento atrás da mesa.

— Olhe aqui—começou Lotte Hartmann—,o senhor se importaria em me dizer por que fui trazida para cá no meio da noite? Que diabo está acontecendo?

— Tudo a seu tempo, Fräulein—replicou ele em um alemão impecável.—Por favor, sente-se.

Ela desabou numa cadeira ao meu lado e olhou para ele, carrancuda. O capitão dirigiu-se a mim. — Herr Gunther? Assenti e disse a ele em russo que a garota só falava alemão.

— Ela pensará que sou um autêntico filho da puta se você e eu nos limitarmos a uma língua que ela não entende.

O capitão Rustaveli olhou friamente de volta para mim e por um momento imaginei se alguma coisa tinha dado errado e Behnski não conseguira deixar claro para este oficial russo que nossas detenções haviam sido uma encenação.

— Muito bem—disse ele após um longo momento.—Não obstante, deveremos pelo menos seguir os trâmites normais de um interrogatório. Posso ver seus

documentos, por favor, Herr Gunther? Pelo seu sotaque, percebi que era georgiano. Tal como o camarada Stalin.

Procurei dentro do bolso e peguei minha identidade, dentro da qual, por sugestão de Belinski, inseri duas notas de cem dólares enquanto estava sentado no caminho.

Rustaveli escondeu rapidamente a propina sem um piscar de olhos e, fora do meu campo de visão, percebi Lotte Hartmann ficar de queixo caído.

— Muito generoso—murmurou ele, revirando meu cartão de identidade em seus dedos peludos. A seguir, abriu uma pasta com o meu nome.—Embora totalmente desnecessário, posso lhe garantir.

— É preciso pensar nos sentimentos dela, capitão. Não ia querer que eu desapontasse o preconceito da moça, não é?

— Não, de fato. E bem-apanhada, não diria?

— Muito.

— Uma prostituta, você acha?

— Isso, ou algo similar. Estou apenas especulando, é claro, mas eu diria que é do tipo que gosta de tirar de um homem um pouco mais do que dez xelins e suas cuecas.

— Não o tipo de garota para alguém se apaixonar, não é?

— Seria como oferecer seu pescoço à força.

Estava calor no gabinete de Rustaveli e Lotte começou a abanarse com seu casaco, permitindo que o russo tivesse vários vislumbres do seu busto farto.

— É raro que um interrogatório seja tão divertido—comentou ele e, baixando a vista para sua papelada, acrescentou:—Ela tem uns belos peitos. É o tipo de verdade que realmente tenho de respeitar.

— Imagino que seja bem mais fácil para vocês, russos, simplesmente olhar.

— Bem, seja lá como tenham planejado o final deste pequeno show, espero que você a conquiste. Não posso imaginar melhor razão para se meter em toda esta encrenca.

Quanto a mim, sofro de uma doença sexual: meu pau incha sempre que vejo uma mulher.

— Creio que isso faz de você um russo inteiramente típico. Rustaveli deu um sorriso oblíquo.

— A propósito, você fala um excelente russo, Herr Gunther. Para um alemão.

— Você também, capitão. Para um georgiano. De onde é?

— Tbilissi.

— Cidade natal de Stalin?

— Não, ainda bem. Este azar pertence a Gori.—Rustaveli fechou minha pasta.— Isso já deveria bastar para impressioná-la, não acha?

— Sim.
— O que direi a ela?
— Que recebeu informação de que é uma prostituta—expliquei
— e que por isso está indeciso em soltá-la. Mas que se deixou ser convencido por mim.

— Bem, parece estar tudo em ordem, Herr Gunther—disse Rustaveli, voltando ao alemão. — Minhas desculpas por tê-lo detido. Agora pode ir.

Ele devolveu minha identidade, eu me levantei e segui até a porta.

— E quanto a mim?—queixou-se Lotte. Rustaveli sacudiu a cabeça.

— Receio que vai ter de ficar, Fräukin. O médico da delegacia de costumes estará aqui num instante. Irá interrogá-la sobre seu trabalho no Oriental.

— Mas eu sou crupiê—protestou ela—, não uma chocodama.

— Esta não é a nossa informação.

— Que informação?

— Seu nome foi mencionado por várias outras garotas.

— Que outras garotas?

— Prostitutas, Fräulein. Possivelmente vai ter que se submeter a um exame médico.

— Exame? Para quê?

— Para doença venérea, é claro.

— Doença venérea...?

— Capitão Rustaveli—eu disse, em cima do grito ultrajado de Lotte.—Posso testemunhar por essa mulher. Não diria que a conheço intimamente, mas já a tenho visto por tempo bastante para ser capaz de declarar, categoricamente, que ela não é uma prostituta.

— Bem...

— Eu lhe pergunto: ela parece uma prostituta?

— Francamente, ainda não conheci uma garota austríaca que não esteja se vendendo.—Ele fechou os olhos por um segundo e depois sacudiu a cabeça.—Não posso ir contra o protocolo. Estas são acusações sérias. Muitos soldados russos têm sido infectados.

— Pelo que me lembro, o Oriental, onde Fräulein Hartmann foi detida, está fora da jurisdição do Exército Vermelho. Tive a impressão de que o objetivo de seus homens era o Moulin Rouge, em Walfischgasse.

Rustaveli franziu os lábios e deu de ombros.

— É verdade. Mas mesmo assim...

— Talvez, se voltarmos a nos encontrar, capitão, pudéssemos discutir a possibilidade de eu compensar o Exército Vermelho por qualquer embaraço

relativo à quebra do protocolo. Nesse meio tempo, seria capaz de aceitar minha garantia pessoal pelo bom caráter de Frâuíein?

Rustaveli coçou o restolho de sua barba.

— Muito bem—disse. — Sua garantia pessoal. Mas lembre-se: tenho o seu endereço. Você sempre pode ser preso de novo.—Ele voltou-se para Lotte Hartmann e disse que ela estava livre para ir embora.

— Graças a Deus—suspirou ela e pulou de pé.

Rustaveli acenou para o kapral de guarda do outro lado da imunda porta de vidro e ordenou a ele que nos escoltasse para fora do prédio. A seguir, o capitão bateu os calcanhares e pediu desculpas pelo "equivoco", tanto para benefício de seu kapral quanto por qualquer efeito que pudesse produzir em Lotte Hartmann.

Ela e eu seguimos o kapral de volta pela enorme escadaria, nossos passos ecoando até a elaborada cornija no teto alto e através das portas de vidro em arco dando para a rua, onde ele se inclinou acima da calçada e cuspiu copiosamente no meio-fio.

— Um engano, ha?—Ele soltou uma risada amarga.—Podem apostar: a culpa vai cair em cima de mim.

— Espero que não—eu disse, mas o homem simplesmente deu de ombros, endireitou o gorro de pelo de carneiro e caminhou cansadamente de volta ao seu posto.

— Suponho que eu deva agradecer-lhe—disse Lotte, fechando o colarinho de seu casaco.

— Ora, esqueça—eu disse e comecei a caminhar na direção do Anel. Ela hesitou por um momento e depois saltitou atrás de mim—Espere um minuto—disse.

Parei e encarei-a de novo. De frente, seu rosto era até mesmo mais atraente do que de perfil, já que o comprimento do seu nariz se destacava menos. E ela não era fria, afinal. Belinski tinha se enganado quanto a isso, confundindo cinismo com indiferença geral. De fato, eu achava que ela parecia mais propensa a seduzir os homens, embora uma noite passada no cassino a observá-la tivesse definido que era uma daquelas mulheres frustrantes, que prometem intimidade só para recuar no último momento.

— O que é?

— Olhe, você já foi muito gentil—disse ela—,mas se importaria de me levar em casa? E tarde demais para uma moça direita andar pelas ruas e duvido muito que eu vá encontrar um táxi a essa hora da noite.

Dei de ombros e consultei meu relógio.

— Onde você mora?

— Não é muito longe. No 3.ª Bezirk, no setor britânico.

— Tudo bem.—Suspirei com uma simulada falta de entusiasmo.

— Mostre o caminho.

Seguimos para leste, ao longo de ruas que estavam tão silenciosas quanto um convento franciscano da Ordem Terceira.

— Você não explicou por que me ajudou—disse ela, rompendo o silêncio.

— Imagino que foi isso que Andrômeda disse quando Perseu a salvou do monstro marinho.

— Você parece um pouco menos do que obviamente heroico, Herr Gunther.

— Não se iluda com minhas maneiras—repliquei.—Já tive um peito cheio de medalhas que botei no prego.

— Portanto, também não faz o tipo sentimental.

— Não, até que eu gosto de sentimento. Parece adequado em bordados e cartões de Natal. Só que não funciona muito com os Ivans. Ou talvez você não estivesse olhando.

— Oh, eu estava olhando muito bem. Foi impressionante o modo como você passou a propina a ele. Eu nunca soube que se podia molhar a mão dos Ivans desse jeito.

— Você só tem que conhecer a peça certa da engrenagem. Aquele kapTol provavelmente ficaria com medo de receber bola, e um major seria muito orgulhoso para isso.

Para não mencionar o fato de que eu já conhecia o capitão Rustaveli do tempo em que era um reles tenente e ele e sua garota pegaram gonorreia. Consegui penicilina para eles, pelo que Rustaveli ficou muito grato.

— Você não me parece um atravessador,

— Eu não pareço um atravessador, não pareço um herói. O que você é? A chefe de elenco da Warner Brothers?

— Antes fosse—murmurou ela. E a seguir:—De qualquer modo, você começou isso. Disse ao Ivan que eu não era uma chocodama. Partindo de você, eu diria que soou quase como um cumprimento.

— Como eu disse, já vi você muitas vezes no Oriental, vendendo nada pior do que má sorte. A propósito, espero que você seja boa no carteadado, porque terei de voltar lá e dar ao Ivan alguma coisa pela sua liberdade. Presumindo que queira realmente ficar fora das grades.

— Quanto vai ser isso?

— Duzentos dólares devem resolver.

— Duzentos dólares?!—Suas palavras ecoaram em torno da Schwarzenbergplatz enquanto passávamos por uma grande fonte e atravessávamos para a Rennweg.—Onde é que vou arranjar toda essa grana?

— No mesmo lugar onde ganhou o bronzado e este belo casaco, imagino. Falando isso, você pode convidá-lo ao clube e passar-lhe alguns ases por debaixo

do pano.

— Eu poderia, se fosse boa nisso. Mas não sou.

— Isto é muito mau.

Ela ficou em silêncio enquanto pensava no assunto. Depois disse:

— Talvez você pudesse convencê-lo a aceitar menos. Afinal, parece falar russo muito bem.

— Talvez—concedi.

— Suponho que não seria muito bom eu ir à corte e defender minha inocência, seria?

— Com os Ivans?—ri asperamente. — Seria a mesma coisa que apelar para a deusa Kali.

— Não, acho que não.

Subimos uma rua lateral e paramos diante de um prédio de apartamentos perto de um pequeno parque.

— Gostaria de entrar para um drinque?—Ela remexeu na bolsa procurando a chave.—Eu bem que tomaria um.

— Eu bem que sugaria um entornado no tapete—eu disse e a segui através da porta. Subimos até um apartamento aconchegante e solidamente mobiliado.

Não havia como ignorar o fato de que Lotte Hartmann era atraente. Algumas mulheres, você olha para elas e calcula que modesta extensão de tempo você estaria disposto a comprar. Em geral, quanto mais bem-apessoada a garota, menor o tempo que você acharia satisfatório. Afinal, uma mulher realmente atraente teria que dar conta de um monte de desejos similares. Lotte era o tipo de garota com a qual você poderia ser persuadido a comprar cinco libertos e vaporosos minutos. Apenas cinco minutos para ela deixar que você e sua imaginação fizessem o que bem entendessem. Não é pedir demais, poder-se-ia pensar. Mas, de modo como as coisas aconteceram, ela poderia realmente me conceder um tempo mais longo do que esse. Talvez mesmo a hora plena. Mas eu estava morto de cansaço, e talvez tivesse bebido um pouco demais do seu excelente uísque para prestar muita atenção à maneira como ela mordida o lábio inferior e me olhava fixamente através daqueles cílios de viúva-negra. Eu supostamente deveria jazer quieto em sua cama, com meu focinho descansando no seu colo impressionantemente convexo, com ela me acariciando as orelhas grandes e flácidas, só que terminei adormecido no sofá.

CAPÍTULO XXII

Quando acordei mais tarde, naquela mesma manhã, escrevi meu endereço e telefone num pedaço de papel e, deixando Lotte adormecida na cama, peguei um táxi de volta para minha pensão. Lá chegando, tomei um banho, troquei de roupa e comi um farto desjejum, que restaurou minhas forças. Estava lendo o Wiener Zeitung da manhã, quando o telefone tocou.

Uma voz de homem, com o mais leve sotaque vienense, perguntou se estava falando com Herr Bernhard Gunther. Quando me identifiquei, a voz disse:—Sou um amigo de Frauiein Hartmann. Ela me diz que você, muito amavelmente, a ajudou a livrar-se de uma encrenca a noite passada.

— Ela ainda não está exatamente livre—eu disse.

— Certamente. Eu esperava que pudéssemos nos encontrar e discutir o assunto. Frauiein Hartmann mencionou a soma de duzentos dólares para este capitão russo. E que você se ofereceu para atuar como intermediário.

— Eu me ofereci? Bom, suponho que possa ter feito isso.

— Eu esperava poder dar-lhe o dinheiro para pagar a este deplorável sujeito. E gostaria de agradecer-lhe pessoalmente.

Tive certeza de que era König, mas fiquei em silêncio por um momento, sem parecer ansioso demais em encontrá-lo.

— Alô? Está me ouvindo?

— Onde você sugere?—perguntei, relutante.

— Conhece o Amahenbad, na Reumannplatz?

— Encontrarei.

— Que tal dentro de uma hora? Na sauna?

— Tudo bem. Mas como irei reconhecê-lo? E nem sequer me disse seu nome.

— Não, eu não disse—replicou ele misteriosamente.—Mas estarei assoviando esta melodia.—E começou a assoviar pelo telefone.

— Bella, bella, bella Marie—eu disse, reconhecendo uma melodia que tinha sido irritantemente popular meses atrás.

— Exatamente isso—disse o homem e desligou.

Parecia uma maneira curiosamente conspiratória de reconhecimento, mas disse a mim mesmo que, se era König, ele tinha bons motivos para ser cauteloso.

O Amalienbad ficava no IO2 Bezirk, no setor russo, o que significava procurar o número 67 ao sul da Favoritenstrasse. Era um bairro da classe operária com montes de velhas fábricas imundas. Os banhos municipais na Reumannplatz ficavam em um prédio de sete andares de construção comparativamente recente e, sem qualquer exagero evidente, anunciavam-se como as maiores e mais modernas termas da Europa.

Paguei por um banho e uma toalha e, após ter me despido, saí à procura da sauna masculina. Esta ficava no extremo oposto de uma piscina tão grande quanto um campo de futebol e abrigava apenas uns poucos vienenses que, enrolados em suas toalhas de banho, tentavam perder, através do suor, o peso que era bem fácil de ganhar na capital austríaca. Através do vapor, no extremo oposto da sombria sala azulejada, ouvi alguém assoviando intermitentemente. Caminhei na direção de onde provinha a melodia.

Aproximei-me da figura sentada de um homem com um corpo uniformemente branco encimado por um rosto uniformemente bronzeado: parecia até que ele havia se maquiado de preto, como Al Jolson, mas era claro que essa disparidade de cor devia-se à sua recente quinzena de esquiação.

— Detesto essa música—disse ele—,mas Fräulein Hartmann a estava sempre cantarolando e não consegui pensar em nada melhor.

Herr Gunther?

Assenti, circunspecto, como se só tivesse aparecido ali com muita relutância.

— Permita que eu me apresente. Meu nome é Kõnig. -Trocamos um aperto de mão e sentei-me ao lado dele.

Kõnig era um homem de boa compleição física, com sobrancelhas negras espessas e um enorme e viçoso bigode, que lembrava o de algumas raras espécies de marta, que tinha fugido de um clima setentrional mais frio para cima do seu lábio. Pendendo acima da boca de Kõnig, esta pequena zibelina completava uma expressão geralmente lúgubre que começava com seus melancólicos olhos castanhos. Ele parecia tal qual Becker o descrevera, só faltava o cachorrinho.

— Espero que aprecie uma sauna, Herr Gunther.

— Sim, quando é limpa.

— Então é uma sorte eu ter escolhido esta—disse ele—,em vez da Dianabad. Claro que o Diana está danificado pela guerra, porém o lugar parece atrair mais do que sua cota justa de incuráveis e outros variados humanos inferiores. Eles vão para as piscinas térmicas que existem lá. Você dá um mergulho por sua própria conta e risco. Você poderia entrar com eczema e sair com sífilis.

— Não parece muito saudável.

— Bem, admito que estou exagerando um pouco—sorriu ele. Você não é de Viena, é?

— Não, sou de Berlim—respondi.—Venho e volto de Viena.

— Como anda Berlim esses dias? Pelo que se ouve a situação lá está ficando pior. A delegação soviética saiu da Comissão de Controle, não foi?

— Foi—confirmei.—Em breve, a única maneira de entrar ou sair será por transporte aéreo militar.

König fez um ruído de impaciência e esfregou fracamente seu enorme peito peludo.

— Comunistas!—suspirou.—É nisso que dá quando se faz acordos com eles. Foi terrível o que aconteceu em Potsdam e alta. Os americanos simplesmente deixaram os Ivans tomar o que queriam. Um grande erro, que faz de outra guerra uma virtual certeza.

— Duvido que alguém ainda tenha estômago para mais uma eu disse, repetindo a mesma frase que usei com Neumann em Berlim. Era uma reação minha totalmente automática, mas eu acreditava mesmo que fosse verdade.

— Ainda não, talvez. Mas as pessoas esquecem e, com o tempo

— ele deu de ombros—,quem é que sabe o que pode acontecer? Até então, vamos tocando nossa vida e nossos negócios, fazendo o melhor que pudermos.— Por um instante, ele esfregou o couro cabeludo furiosamente. A seguir, disse:— Qual o seu ramo de negócio? Só estou perguntando porque esperava que houvesse algum jeito de compensá-lo por ajudar Fräulein Hartmann. Como, por exemplo, arranjar-lhe alguns clientes.

Sacudi a cabeça.

— Não é necessário. Se quer realmente saber, estou no ramo de importação e exportação. Mas para ser franco, Herr König, ajudei Fräulein Hartmann porque gostei do cheiro do seu perfume.

Ele assentiu apreciativamente.

— É bastante natural. Ela é muito adorável.—Mas, lentamente, o entusiasmo cedeu lugar à perplexidade.—Muito estranho, não acha, o modo como vocês dois foram detidos.

— Por sua amiga não posso responder, Herr König, mas em minha linha de trabalho há sempre rivais querendo me ver fora do caminho. Um risco ocupacional, se poderia dizer.

— Pelo relato de Fräulein Hartmann, é um risco ao qual você parece mais do que acostumado. Disse que manipulou aquele capitão russo com grande habilidade. E ficou ainda mais impressionada por você falar russo.

— Fui prisioneiro de guerra na Rússia.

— O que certamente explicaria. Mas me diga: acredita que esse russo possa estar falando sério? Que existem acusações contra Fräulein Hartmann?

— Receio que ele esteja falando muito sério.

— Faz alguma ideia de onde ele obteve esta informação?

— Não mais do que tenho acerca de como ele obteve meu nome. Talvez a dama tenha alguma rixa com alguém.

— Talvez você pudesse descobrir quem é. Estarei preparado para pagar por isso.

—Não é o meu ramo—eu disse, sacudindo a cabeça.—As chances são de que seja uma denúncia anônima. Provavelmente feita por despeito. Você vai gastar dinheiro à toa. Se quer meu conselho, é melhor simplesmente pagar ao Ivan o que ele está pedindo. Duzentos não é muito para eliminar um nome de um arquivo. E quando os Ivans decidem livrar a cara de alguém, é melhor acertar a conta sem qualquer contratempo.

König sorriu e depois assentiu.

— Talvez tenha razão—disse ele.—Mas, sabe, ocorreu-me que você e este Ivan possam estar de conluio. Afinal, seria uma ótima forma de levantar dinheiro, não?

O russo dá uma prensa numa pessoa inocente e você se oferece para atuar como intermediário.—Ele continuou assentindo enquanto avaliava a sutileza de seu próprio esquema.—Sim, poderia ser muito lucrativo para alguém com o tipo certo de antecedentes.

— Continue tentando—eu ri.—Talvez consiga extrair leite de pedra.

— Certamente você admite que é possível.

— Tudo é possível em Viena. Mas se acha que estou tentando lhe dar um golpe por míseros duzentos dólares, é problema seu. Talvez não tenha percebido, König, mas foi sua garota quem me pediu para levá-la em casa, e foi você quem me pediu para vir aqui. Francamente, tenho coisas melhores com que me ocupar.—Levantei-me e fiz menção de sair.

— Por favor, Sr. Gunther—disse ele—, aceite minhas desculpas. Talvez eu tenha permitido que a imaginação fugisse ao meu controle. Mas devo confessar que todo este caso me intrigou. E, mesmo no melhor dos tempos, descubro-me suspeito em relação a tantas coisas que acontecem hoje em dia.

— Bem, isso soa como uma receita para uma vida longa—repliquei, sentando-me de novo.

— No meu ramo específico de trabalho paga-se para ser um tanto cético.

— Que ramo de trabalho é?

— Costumava ser publicidade. Mas este é um negócio odioso, não gratificante, cheio de autênticas mentes medíocres sem nenhuma visão real. Dissolvi a empresa e mudei para o ramo de pesquisa. O fluxo de informação acurada é essencial em todos os segmentos do comércio. Mas há uma coisa que deve ser tratada com um grau de cautela. Aqueles que desejam estar bem informados devem primeiro se abastecer de dúvidas. Dúvidas criam perguntas, e perguntas pedem respostas. Essas coisas são essenciais para o crescimento de qualquer novo empreendimento. E novo empreendimento é essencial para o crescimento de uma nova Alemanha.

— Você está parecendo um político.

— Política!—Ele sorriu debilmente, como se o assunto fosse pueril para perder tempo com ele.—Um mero complemento para o evento principal.

— Qual é?

— O comunismo contra o mundo livre. O capitalismo é nossa única esperança de resistir à tirania soviética, não concorda?

— Não sou nenhum amigo dos Ivans—eu disse—,mas o capitalismo tem lá seus próprios defeitos.

Mas Kõnig mal estava ouvindo.

— Nós combatemos a guerra errada—disse ele—,o inimigo errado. Devíamos ter combatido os soviéticos, e só os soviéticos. Os americanos sabem disso agora. Sabem o erro que cometeram ao permitir que a Rússia tenha domínio sobre o Leste europeu. E não podem permitir que a Alemanha ou a Áustria sigam o mesmo caminho.

Estiquei meus músculos no calor e bocejei. Kõnig estava começando a me entediar.

— Você sabe—disse ele—,minha empresa poderia usar um homem com os seus talentos especiais. Um homem com o seu currículo. Em que setor da SS esteve?—Notando a surpresa que deve ter surgido em meu rosto, ele acrescentou:—A cicatriz sob seu braço. Sem dúvida, você foi esperto demais para remover sua tatuagem antes de ser capturado pelos russos.—Ele ergueu seu próprio braço para revelar uma cicatriz quase idêntica na axila.

— Eu estava no serviço de informação militar, o Abwehr, quando a guerra terminou—expliquei—,não na SS. Isso foi muito tempo antes.

Mas ele estava certo sobre a cicatriz, o resultado de uma queimadura obliterante e terrivelmente dolorosa, produzida pelo clarão de fogo de uma pistola que disparei debaixo do braço. Ou isso, ou o risco da descoberta e a morte nas mãos da NKVD.

O próprio Kõnig não ofereceu nenhuma explicação para a remoção de sua tatuagem. Em vez disso, começou a expandir sua oferta de emprego.

Esta superou todas as minhas expectativas. Mas eu ainda tinha que ser cuidadoso: há bem poucos minutos, ele me acusava de estar mancomunado com o capitão Rustaveli.

— Não é que trabalhar para alguém me provoque náuseas ou algo assim—respondi—,mas no exato momento tenho outra garrafa para esvaziar.—Dei de ombros.—Talvez, quando estiver vazia... quem sabe? Mas muito obrigado, de qualquer modo.

Ele não pareceu ofendido por eu ter recusado sua proposta. Limitou-se a encolher os ombros filosoficamente.

— Onde posso encontrá-lo se vier a mudar de ideia?

— Fräulein Hartmann, do Cassino Oriental, saberá como me localizar.

Ele pegou um jornal dobrado junto a sua coxa e o entregou a mim.

— Abra com cuidado quando sair. Aí tem os duzentos para pagar ao Ivan, e mais cem pelo seu incômodo.

Neste momento, ele gemeu e descontraíu o rosto exibindo incisivos e caninos que eram como uma fileira de minúsculas garrafas de leite. Observando minhas sobrancelhas e confundindo seu aspecto indagador com preocupação, ele explicou que estava tudo bem, mas que recentemente tinha colocado dentaduras postizas.

— Não consigo me acostumar com isso em minha boca—disse e permitiu brevemente que o cego e vagaroso verme que era sua língua se contorcesse ao longo das galerias superior e inferior de sua mandíbula.—E quando me olho no espelho, é como ter algum perfeito estranho sorrindo de volta para mim. Muito desconcertante.

— Ele suspirou e sacudiu a cabeça tristemente.—Uma pena, realmente. Eu que sempre tive dentes tão perfeitos.

Ele se levantou, ajustou a toalha em torno do peito e depois apertou minha mão.

— Foi um prazer conhecê-lo, Herr Gunther—disse ele com o afável charme vienense.

— Não, o prazer foi todo meu—repliquei. König deu uma risadinha.

— Ainda o transformaremos num austríaco, meu amigo.—A seguir ele entrou de novo no vapor, assoviando aquela mesma música chata.

CAPÍTULO XXIII

Não há nada que o vienense goste mais do que sentir-se "aconchegado". Eles parecem conquistar este convívio em bares e restaurantes, ao acompanhamento de um quarteto musical composto de baixo, violino, acordeom e citara—um estranho instrumento que parece uma caixa de chocolates vazia com trinta ou quarenta cordas que são dedilhadas como uma guitarra. Para mim, esta combinação onipresente incorpora tudo que havia de falso em Viena, como o sentimento meloso e a polidez afetada. Isso me fazia sentir aconchegado. Só que era o tipo de aconchego que você teria experimentado depois que tivesse sido embalsamado, lacrado num caixão revestido de chumbo e ordeiramente depositado em um daqueles mausoléus de mármore no Cemitério Central.

Eu esperava por Traudl Braunsteiner no Herrendorf, um restaurante no Herrengasse. O local foi escolha de Traudl, mas ela se atrasou. Quando afinal chegou, tinha o rosto afogueado, porque teve de correr e também por causa do frio.

— Você está com um ar menos do que católico, sentado aí no meio das sombras —comentou ela, tomando assento à mesa.

— Faço de propósito—respondi.—Ninguém quer um detetive que pareça tão honesto quanto o carteiro da aldeia. Ser vagamente indistinto é bom para o trabalho.

Acenei para um garçom e rapidamente fizemos os pedidos.

— Emil está contrariado porque você não tem ido vê-lo ultimamente—disse Traudl, largando o seu cardápio.

— Se ele quer saber o que estive fazendo, diga-lhe que vou mandar a conta por uma meia-sola no sapato. Andei por toda esta maldita cidade.

— Você sabe que o julgamento é na próxima semana, não?

— Eu seria incapaz de esquecer, com Liebl me telefonando quase todo dia.

— Emil também não consegue esquecer—replicou ela baixinho, obviamente contrariada.

— Desculpe, falei uma besteira. Olhe, tenho algumas notícias. Finalmente falei com Kõnig.

Seu rosto se iluminou de empolgação.

— E mesmo? Quando? Onde?

— Esta manhã. No Amalienbad.

— O que disse ele?

— Quis que eu trabalhasse para ele. Acho que não seria má ideia, como um meio de me aproximar dele o bastante para descobrir algum tipo de prova.

— Não poderia simplesmente contar à polícia onde ele está, de modo que possam prendê-lo?

— Sob que acusação?—Dei de ombros.—Até onde interessa à polícia, eles já prenderam o seu homem. Seja como for, mesmo se eu pudesse convencê-los a fazer isso, não seria tão fácil prender Kónig. Os americanos não podem ir ao setor russo para prendê-lo, mesmo que quisessem. Não, a melhor chance de Emil é que eu ganhe a confiança de Kõnig o mais depressa possível. E eis por que recusei a proposta dele.

Traudl mordeu o lábio, exasperada.

— Mas por quê? Não entendo.

— Tenho de me certificar de que Kõnig acredite que não quero trabalhar para ele, pois ficou levemente desconfiado do modo como conheci a garota dele. Portanto, eis o que quero fazer. Lotte é uma crupiê no Oriental. Quero que você me dê um dinheiro para perder lá amanhã à noite. O suficiente para fazer parecer como se eu estivesse falido. Isto me daria um motivo para reconsiderar a proposta de Kónig.

— Isto conta como despesas legítimas, não?

— Receio que sim.

— Quanto?

— Três ou quatro mil xelins dariam.

Ela pensou por um minuto e então o garçom chegou com uma garrafa de Riesling. Depois que ele encheu nossos copos, Traudl bebericou o seu vinho e disse:—Tudo bem, então. Mas só com uma condição: quero estar lá para ver você perder.

Pela conformação de seu maxilar, achei que ela estava para lá de determinada.

— Acho que nem preciso lembrar a você que pode ser perigoso. Não que eu não queira que me acompanhe, mas não posso me permitir ser visto em sua companhia no caso de alguém a reconhecer como a garota de Emil. Se isto aqui não fosse um lugar discreto, eu teria insistido para nos encontrarmos na sua casa.

— Não se preocupe comigo—disse ela firmemente.—Eu o tratarei como se você fosse uma vidraça.

Recomecei a falar, mas ela levou as mãos aos pequenos ouvidos.

— Não quero ouvir mais nada. Eu vou, e ponto final. Você é um louco se pensa que simplesmente vou lhe dar quatro mil xelins sem ficar de olho no que vai acontecer com eles.

— Tem razão.—Olhei fixamente por um momento para o límpido vinho no meu copo, depois disse:—Você o ama um bocado, não?

Traudl engoliu em seco e assentiu vigorosamente. Após uma breve pausa, ela acrescentou:

— Estou esperando um filho dele.

Suspirei e tentei pensar em algo estimulante para dizer a ela.

— Olhe—murmurei—, não se preocupe. Nós vamos tirá-lo dessa enrascada. Não há necessidade de fraquejar. Vamos lá, saia dessa tristeza. Tudo vai correr bem, para você e o bebê, tenho certeza disso.

— Um discurso para lá de inadequado, pensei, e sem qualquer convicção autêntica.

Traudl sacudiu a cabeça e sorriu.

— Estou bem, realmente estou. Estava só pensando na última vez em que estive aqui com Emil, quando disse a ele que estava grávida. Costumávamos vir muito aqui. Nunca imaginei que me apaixonaria por ele, você sabe.

— Ninguém nunca imagina.—Notei que minha mão estava sobre a dela.— Simplesmente acontece. Como um acidente de carro.

— Mas, olhando para o seu rosto de criança, não tive certeza de concordar com o que eu estava dizendo. Sua beleza não era do tipo que deixa manchas em sua franha pela manhã, mas do tipo que deixaria um homem orgulhoso de que seu filho tivesse uma mãe assim. Percebi o quanto eu invejava Becker, o quanto eu mesmo desejaria me apaixonar por ela se tivesse entrado em meu caminho. Larguei a mão dela e rapidamente acendi um cigarro para me esconder atrás de alguma fumaça.

CAPÍTULO XXIV

A noite seguinte encontrou-me fugindo de seu tempo fechado e com prenúncio de neve, embora o calendário sugerisse algo menos inclemente, e entrando no calor licencioso e abafado do Cassino Oriental, meus bolsos recheados com maços de notas do dinheiro fácil de Emil Becker.

Comprei um monte de fichas do valor mais alto e depois fui até o bar para esperar a chegada de Lotte numa das mesas de carteadado. Pedi um drinque e tudo que eu tinha a fazer era enxotar as marafonas e chocodamas que enxameavam em torno, tentando resguardar a mim e à minha carteira, o que me deixou com uma avaliação mais acurada do que significaria ser um otário no alto verão. Eram dez horas quando Lotte apareceu numa das mesas, tempo pelo qual o agitar do meu rabo foi se tornando mais apático.

Demorei-me mais alguns minutos para manter as aparências, antes de carregar meu drinque até a extensão de pano verde de Lotte e sentar-me bem em frente a ela.

Ela inspecionou a pilha de fichas que arrumei elegantemente diante de mim com um franzir de lábios igualmente elegante.

— Eu não imaginava que você fosse um jogador compulsivo disse.— Pensava que tivesse mais bom senso.

— Talvez seus dedos me deem sorte—repliquei animadamente.

— Eu não apostaria nisso.

— Sim, bem, certamente mantereis isso em mente.

Não sou muito entusiasta por carteadado. Nem sequer sabia o nome do que estava jogando. Assim, foi com considerável surpresa que, após vinte minutos do jogo, percebi que tinha quase dobrado a minha pilha de fichas original. Parecia uma lógica perversa que tentar perder dinheiro nas cartas fosse quase tão difícil quanto tentar ganhar.

Lotte distribuiu novas cartas e mais uma vez ganhei. Notei de relance que Traudl sentava-se no lado oposto a mim, com uma pequena pilha de fichas. Eu não a tinha visto entrar, mas agora o cassino estava tão cheio que nem notaria a presença de Rita Hayworth.

— Acho que é minha noite de sorte—comentei para ninguém em particular, enquanto Lotte empurrava em minha direção com o rodo tudo que havia ganhado. Traudl limitou-se a sorrir polidamente, como se eu fosse um estranho para ela, e preparou-se para fazer sua modesta aposta.

Pedi outro drinque e, me concentrando, tentei ter êxito em ser um perdedor de verdade, comprando uma carta quando deveria passar, apostando quando deveria ter me segurado, e geralmente tentando evitar a sorte a cada oportunidade viável

que se apresentava. Vez por outra tentava jogar sensatamente, a fim de tornar menos óbvio o que eu estava fazendo. Mas, depois de 40 minutos, consegui perder tudo que ganhara, bem como metade do meu capital original. Quando Traudl saiu da mesa, após ter me visto perder o suficiente do dinheiro do seu amado, satisfazendo-se por ter sido usado para o propósito que eu declarara, terminei meu drinque e suspirei, exasperado.

— Parece que não era mesmo minha noite de sorte—eu disse, carrancudo.

— Sorte não tem nada a ver com a maneira como você joga murmurou Lotte.— Só espero que seja mais hábil ao lidar com aquele capitão russo.

— Oh, não se preocupe com ele. O capitão está cuidando de tudo. Você não vai ter mais nenhum problema lá.

— Folgo em saber.

Joguei minha última ficha, perdi e então me levantei da mesa, dizendo que talvez eu devesse estar grato, afinal, pela proposta de emprego de Kõnig. Sorrindo pesaroso, voltei para o bar, onde pedi um drinque e por algum tempo fiquei observando uma garota com os peitos de fora dançando uma paródia de ritmo latino-americano na pista, ao som metálico e sacudido da banda de jazz do Oriental.

Não vi Lotte sair da mesa para dar um telefonema, mas, após algum tempo, vi Kõnig descer as escadas do clube. Estava acompanhado de seu pequeno terrier, que permanecia grudado nos seus calcanhares, e de um homem mais alto e de aspecto mais distinto que usava um paletó Schiller e uma gravata de clube. Este segundo homem desapareceu através de uma cortina de contas nos fundos do clube enquanto Kõnig fazia uma pantomima para captar meu olhar.

Ele se dirigiu ao bar, acenando para Lotte e tirando um charuto do bolso da lapela de seu terno de tweed ao se aproximar.

— Herr Gunther—disse ele, sorrindo—,que satisfação revê-lo.

— Olá, Kõnig. Como estão seus dentes?

— Meus dentes?—Seu sorriso sumiu como se eu tivesse perguntado como ia o seu cancro.

— Não se lembra?—expliquei.—Você esteve me falando sobre suas dentaduras. Seu rosto se descontraiu.

— É mesmo. Melhoraram bastante, obrigado.—Ostentando de novo um sorriso, ele acrescentou:—Ouvi dizer que não teve sorte no jogo.

— Segundo Fräulein Hartmann, não foi bem assim. Ela me disse que sorte não tem nada a ver com a maneira como eu jogo as cartas.

Kõnig terminou de acender seu charuto de quatro xelins e riu.

— Então permita que eu lhe pague um drinque.—Ele acenou para o barman, pediu um scotch para si e um copo do que quer que eu estivesse bebendo.—Perdeu

muito?

— Mais do que poderia me permitir—revelei, com ar infeliz. Cerca de quatro mil xelins.—Esvaziei meu copo e empurrei-o sobre o balcão para ser reenchido.—Foi realmente uma idiotice. Eu nem devia jogar, afinal. Não levo nenhum jeito para o carteadado. Assim, agora fiquei a zero.—Brindei com Kõnig silenciosamente e engoli mais um pouco de vodca.—Graças a Deus, tive o bom senso de pagar a conta do hotel adiantado. Não fosse isso, há muito poucos motivos para eu me sentir feliz.

— Então permita que eu lhe mostre uma coisa—disse ele e deu vigorosas baforadas no charuto. Soprou um amplo anel de fumaça acima da cabeça do seu terrier e disse:

— Hora de uma fumada, Lingo.—Aí, para grande divertimento do seu dono, o cão se apoiou nas patas traseiras, farejando excitado o ar enriquecido por tabaco como o mais desesperado viciado em nicotina.

— É um belo truque—sorri.

— Oh, não é um truque—disse Kõnig.—Lingo adora um bom charuto, tanto quanto eu.—Ele se curvou e afagou a cabeça do cachorro.—Não é mesmo, garoto?—O cão latiu à guisa de resposta.

— Bem, seja como for que você chame a isso, é de dinheiro e não de risos que estou precisando exatamente agora. Pelo menos até poder regressar a Berlim. Sabe que foi uma sorte você ter aparecido? Eu estava aqui sentado, imaginando como poderia abordar de novo com você aquele negócio do emprego.

— Tudo no seu devido tempo, meu caro. Primeiro, quero que conheça alguém. É o barão Von Bolschwing, que dirige uma ramificação da Liga Austríaca para as Nações Unidas, aqui em Viena. E uma editora chamada Osterreichischer Verlag. Ele é também um velho camarada, e sei que estaria interessado em conhecer um homem como você.

Eu sabia que Kõnig estava se referindo à SS.

— Ele por acaso estaria associado a esta sua firma de pesquisa? — Associado? Sim, associado—concedeu ele.—Informação acurada é essencial para um homem como o barão.

Sorri e sacudi obliquamente a cabeça.

— Esta é uma cidade e tanto para se dizer "festa de despedida" quando o que realmente se quer dizer é "missa de réquiem". Sua pesquisa soa mais ou menos como a minha "importação e exportação", Herr Kõnig: uma cinta enfeitada em volta de um bolo comum.

— Não posso crer que um homem que serviu no Abwehr pudesse ser tão estranho a esses eufemismos necessários, Herr Gunther. Contudo, se deseja que

assim o faça, irei, como se costuma dizer, abrir o jogo com você. Mas antes vamos sair daqui do bar.

Ele me conduziu até uma mesa discreta e sentamos.

— A organização da qual faço parte é basicamente uma associação de oficiais alemães, cujo objetivo primordial é o acúmulo de pesquisa... desculpe, informação...

relativa à ameaça que o Exército Vermelho representa para uma Europa livre. Embora as patentes militares raramente sejam usadas, mesmo assim existimos sob disciplina militar e permanecemos sendo oficiais e cavalheiros. A luta contra o comunismo é uma luta desesperada e há ocasiões em que temos de fazer coisas que podemos considerar desagradáveis. Mas para muitos dos camaradas que lutam para se ajustar à vida civil, a satisfação de continuar servindo à criação de uma nova Alemanha livre supera tais considerações. E claro que há recompensas generosas.

Parecia como se Kõnig tivesse dito essas palavras, ou o seu equivalente, em inúmeras outras ocasiões. Eu começava a achar que era maior do que eu supunha o número de velhos camaradas cuja luta para se ajustar à vida civil via-se remediada pelo simples expediente de continuar seguindo uma disciplina militar.

Ele falou um pouco mais. A maior parte do que dizia entrava por um ouvido e saía pelo outro. Depois, ele esvaziou o resto do seu drinque e disse que se eu estivesse interessado em sua proposta teria de conhecer o barão. Quando falei que estava muito interessado, ele assentiu com satisfação e me conduziu na direção da cortina de contas. Seguimos ao longo de um corredor e depois subimos dois lances de escada.

— Essas são as dependências da chapelaria que fica ao lado—explicou Kõnig.— O proprietário pertence à nossa organização e permite que as utilizemos para recrutamento.

Ele parou junto a uma porta e bateu gentilmente. Após ouvir um grito, ele me introduziu numa sala iluminada apenas pelo lampião da rua. Mas foi o suficiente para delinear o rosto do homem sentado a uma mesa perto da janela. Alto, magro, bem barbeado, cabelo preto e já ficando calvo, calculei que teria seus quarenta anos.

— Sente-se, Herr Gunther—convidou, apontando para uma cadeira do outro lado da mesa.

Afastei uma pilha de caixas de chapéu enquanto Kõnig ia até a janela atrás do barão e sentava-se no amplo peitoril.

— Herr Kõnig acredita que você seria um representante adequado para nossa empresa—disse o barão.

— Você quer dizer agente, não é?—respondi, acendendo um cigarro.

— Se preferir—eu o vi sorrir.—Mas antes que isso possa acontecer preciso saber alguma coisa acerca de sua personalidade e antecedentes.

Interrogá-lo a fim de que possamos determinar a maneira de usá-lo.

— Como um Fragebogen?. Sim, eu entendo.

— Começemos com seu alistamento na SS—disse o barão.

Contei-lhe acerca de meu trabalho na Kripo e no RSHA, e como eu automaticamente me tornara um oficial da SS, Expliquei que tinha ido para Minsk como integrante do Grupo de Ação de Nebe, mas que, não tendo estômago para o assassinato de mulheres e crianças, pedi transferência para o front, sendo, em vez disso, enviado para o Birô de Crimes de Guerra da Wehrmacht. O barão interrogou-me detida mas polidamente, e pareceu o perfeito gentleman austríaco. Só que havia nele um ar de falsa modéstia, uma qualidade sub-reptícia no gestual e um modo de falar que parecia indicar algo do qual qualquer cavalheiro de verdade teria se sentido menos do que orgulhoso.

— Conte-me sobre seu serviço no Birô de Crimes de Guerra.

— Isto foi entre janeiro de 1942 e fevereiro de 1944—expliquei.

— Eu tinha o posto de Oberleutnant e conduzia investigações sobre atrocidades russas e alemãs.

— E onde foi isso, exatamente?

— Eu estava baseado em Berlim, em Blumeshof, perto do Ministério da Guerra. De tempos em tempos, era requisitado para trabalho de campo. Especificamente na Crimeia e na Ucrânia. Mais tarde, em agosto de 1943, o Birô mudou seus escritórios para Torgau, por causa dos bombardeios.

O barão deu um sorriso de desdém e sacudiu a cabeça.

— Perdoe-me—disse ele.—É que eu simplesmente não sabia da existência de semelhante instituição dentro da Wehrmacht.

— Não foi diferente do que aconteceu dentro do exército prussiano durante a Grande Guerra—repliquei.—Tem de haver alguns valores humanitários aceitos, mesmo na guerra.

— Suponho que sim—suspirou o barão, mas não parecia convencido disso.—Tudo bem. O que aconteceu então?

— Com a escalada da guerra, tornou-se necessário mandar todos os homens fisicamente aptos para a frente russa. Juntei-me ao exército do norte do general Schorner, na Bielorrússia, em fevereiro de 1944, promovido a Hauptmann. Eu era oficial de Informação.

— No Abwehr?

— Sim. Eu falava russo razoavelmente na época. Um pouco de polonês, também. O trabalho, na maior parte, era de interpretação.

— E onde foi finalmente capturado?

— Em Königsberg, na Prússia Oriental. Abril de 1945. Fui mandado para as minas de cobre nos Urais.

— Exatamente que lugar dos Urais, se não se importa?

— Nos arredores de Sverdlovsk. Foi lá que aperfeiçoei o meu russo.

— Foi interrogado pela NKVD?

— Claro. Muitas vezes. Eles estavam muito interessados em qualquer um que tivesse sido oficial de Informação.

— E o que contou a eles?

— Para ser franco, contei a eles tudo que sabia. A guerra tinha acabado àquela altura, portanto não parecia fazer muita diferença. Naturalmente, omiti meu trabalho prévio na SS e meu trabalho no Birô. Os SS eram mandados para um campo separado, onde eram fuzilados ou convencidos a trabalhar para os soviéticos no Comitê da Alemanha Livre. Parece que a maioria da Polícia do Povo Alemão foi recrutada. E, ousou dizer, a Staatspolizei aqui em Viena.

— Exatamente.—Seu tom foi irascível.—Continue, Herr Gunther.

— Um dia, alguns de nós fomos notificados de que seríamos transferidos para Frankfurt an der Oder. Seria em dezembro de 1946. Disseram que estavam nos mandando para um campo de repouso. Como pode imaginar, achamos muito engraçado. Bem, no trem de transporte entreouvi dois guardas dizendo que nosso destino era uma mina de urânio na Saxônia. Acho que nenhum dos guardas percebeu que eu entendia russo.

— Recorda o nome desse lugar?

— Johannesgeorgenstadt, no Erzebirge, na fronteira tcheca.

— Obrigado—disse o barão energicamente—,sei onde fica.

— Pulei fora do trem tão logo tive uma chance, mal cruzamos a fronteira polaco germânica, e então fiz meu caminho de volta para Berlim.

— Esteve em alguns dos campos para prisioneiros de guerra retomados?

— Sim. Staaken. Não fiquei muito tempo lá, graças a Deus. As enfermeiras não se interessavam muito por nós. Todas estavam interessadas nos soldados americanos. Felizmente, o serviço social do Conselho Municipal descobriu minha mulher no meu antigo endereço quase imediatamente.

— Teve muita sorte, Herr Gunther—disse o barão.—Em vários aspectos. Concorda comigo, Helmut?

— Como eu lhe disse, barão, Herr Gunther é um homem de múltiplos recursos —replicou König, afagando seu cachorro distraidamente.

— De fato, é. Mas, diga-me, Herr Gunther, ninguém o interrogou acerca de suas experiências na União Soviética?

— Quem, por exemplo? Foi König quem respondeu:

— Membros de nossa organização têm interrogado muitos prisioneiros de guerra retornados—disse ele.—Nosso pessoal se apresenta como assistentes sociais, pesquisadores históricos, esse tipo de coisa.

Sacudi a cabeça.

— Talvez, se eu tivesse sido libertado oficialmente, em vez de escapado...

— Sim—disse o barão.—Deve ser este o motivo. Caso no qual você deveria se considerar duplamente afortunado, Herr Gunther. Porque se tivesse sido oficialmente libertado, seríamos agora, quase com toda certeza, obrigados a tomar a precaução de fuzilá-lo, a fim de proteger a segurança de nosso grupo. Entenda, o que você disse sobre os alemães que foram convencidos a trabalhar para o Comitê da Alemanha Livre foi absolutamente correto. São esses traidores que costumam ser libertados primeiro. Quem é mandado para uma mina de urânio em Erzebirge, como você foi, só pode esperar no máximo oito semanas de vida. Ser fuzilado pelos russos seria bem mais fácil. Portanto, pode ver agora que merece a nossa confiança, sabendo que os russos estariam felizes com a sua morte.

O barão se levantou, o interrogatório estava evidentemente encerrado. Vi que ele era mais alto do que eu supunha. König deslizou do peitoril da janela e ficou ao lado dele.

Levantei-me da cadeira e, silenciosamente, apertei a mão estendida do barão, depois a de König, que sorriu e deu-me um de seus charutos.

— Meu amigo—disse—,bem-vindo à organização.

CAPÍTULO XXV

Durante os dois dias seguintes, König encontrou-me na chapelaria ao lado do Oriental em várias ocasiões, a fim de me orientar nos muitos métodos de trabalho elaborados e secretos da organização. Mas primeiro tive que assinar uma declaração solene de concordância, dando minha palavra de honra, na qualidade de oficial alemão, de nada revelar acerca das atividades secretas da organização. A declaração também estipulava que qualquer vazamento de segredo seria severamente punido e König disse que seria prudente ocultar meu novo emprego não só de quaisquer amigos e parentes, como também "até mesmo"—e essas foram suas palavras exatas—,"até mesmo de nossos colegas americanos". Isto e mais uma ou duas observações que fez me levaram a concluir que a organização era, de fato, plenamente financiada pelos serviços de informação americanos. Portanto, quando o treinamento—consideravelmente encurtado devido a minha experiência no Abwehr—foi completado, iradamente exigi de Belinski que nos encontrássemos o mais rápido possível.

— Que bicho mordeu você, chucrute?—disse ele quando nos sentamos à mesa que reservara para nós num canto discreto do Café Schwarzenberg.

— Se não estou à vontade, é só porque você andou me mostrando o mapa errado da mina.

— Oh? E como foi isso?—Ele começou a usar um de seus palitos aromatizados com cravo-da-índia.

— Você sabe muito bem. König faz parte de uma organização alemã de espionagem montada pelo seu próprio pessoal, Belinski. Sei disso porque eles acabaram de me recrutar.

Portanto, ou você me mantém por dentro das coisas, ou vou até a Istifskaserne e explico por que acredito que Linden foi morto por uma organização alemã de espões, financiada pelos americanos.

Belinski olhou em torno por um momento, depois se curvou decididamente à frente, seus braços enormes abarcando a mesa como se estivesse planejando erguê-la e jogá-la na minha cabeça.

— Acho que não seria uma ideia muito boa—disse ele baixinho.

— Não? Talvez você imagine que possa me deter. Do modo como deteve aquele soldado russo. Eu poderia mencionar isso também.

— Talvez eu o mate, chucrute—disse ele.—Não seria tão difícil. Tenho uma arma com silenciador. Eu provavelmente poderia atirar em você aqui e ninguém notaria.

E uma das coisas que os vienenses têm de bom. Mesmo com os miolos de alguém esparramados sobre suas xícaras de café, ainda assim eles continuam

cuidando da porra da própria vida.—Ele riu da ideia e depois sacudiu a cabeça, falando mais alto do que eu quando tentei replicar.—Mas do que é que estamos falando? Não há necessidade de nos desentendermos. Não mesmo. Você tem razão. Talvez eu devesse ter-lhe explicado antes, mas se você foi recrutado pela organização, então, indubitavelmente, foi obrigado a assinar uma declaração de sigilo. Estou certo?

Confirmei com um aceno.

— Talvez não me leve muito a sério, mas pelo menos pode entender quando lhe digo que meu governo exigiu de mim uma declaração similar, e que de fato eu a levo muito a sério. Somente agora é que posso confiar plenamente em você, o que é irônico: estou investigando a própria organização, e sua atual militância me capacita a tratá-lo como alguém que não mais representa um risco para a segurança. O que acha de um pouco de lógica do absurdo?

— Tudo bem—disse eu.—Você já me deu sua desculpa. Agora que tal me contar a história toda?

— Já mencionei antes a Comissão de Crimes de Guerra, certo?

— Sim.

— Bem, como é que posso explicar? A perseguição aos nazistas e o recrutamento de pessoal alemão de informação não são exatamente considerações à parte. Por um longo tempo os Estados Unidos têm recrutado ex-membros do Abwehr para espionar os soviéticos. Uma organização independente foi montada em Pullach, chefiada por um antigo oficial alemão, a fim de coletar informação em benefício do.CIC.

— A Companhia de Utilização Industrial do Sul da Alemanha?

— A própria. Quando a organização foi montada, eles tinham instruções explícitas acerca de quem exatamente deveriam recrutar. Esta é supostamente uma operação limpa, você entende. Mas já faz algum tempo que tivemos a suspeita de que a organização está também recrutando pessoal da SS, do SD e da Gestapo, em clara violação do objetivo original. Queremos gente de informação, pelo amor de Deus, mas não criminosos de guerra. Meu trabalho é descobrir o nível de penetração que esse pessoal prescrito conquistou dentro da organização, entende?

Assenti.

— Mas onde é que o capitão Linden entra nisso?

— Como expliquei antes, ele trabalhava em registros. É possível que seu cargo no Centro de Documentação o capacitasse a agir como um consultor para membros da organização com relação a recrutamento. Investigar pessoas para ver se suas histórias combinavam com o que podia ser descoberto de seus registros de serviço, esse tipo de coisa.

Estou certo de que não preciso lhe dizer que a organização está atenta para evitar qualquer possível penetração de alemães que já tenham sido recrutados pelos soviéticos em seus campos de prisioneiros.

— Sim—repliquei—,já me explicaram isso claramente.

— Talvez Linden até os tenha aconselhado sobre quem vale a pena recrutar. Mas ainda não temos muita certeza. Isso e seja lá o que for essa coisa para a qual Becker estava servindo de correio.

— Talvez Becker emprestasse a eles alguns arquivos quando estavam interrogando potenciais recrutas que pudessem estar sob alguma suspeita—sugeri.

— Não, isso simplesmente não poderia ter acontecido. A segurança no Centro é mais rígida do que o cu de um marisco. Sabe, depois da guerra o exército receou que o seu povo pudesse tentar tomar de volta os registros do Centro. Ou então destruí-los. Ninguém sai de lá com pastas debaixo do braço. Todas as consultas documentais são feitas lá dentro e devem ser controladas.

— Nesse caso, talvez Linden tenha alterado alguns dos arquivos. Belinski sacudiu a cabeça.

— Não, já aventamos essa hipótese e checamos desde o diário original até cada um dos arquivos que Linden consultou. Não há evidência de que algo tenha sido retirado ou destruído. Parece que nossa melhor chance de descobrir o que diabo ele procurava depende da sua filiação à organização, chucrute. Para não falar que é a sua melhor chance de descobrir algo que colocará seu amigo Becker em liberdade.

—Já estou atrasado com isso. Ele vai a julgamento no início da próxima semana. Belinski pareceu pensativo.

— Talvez eu pudesse ajudá-lo a aparar algumas arestas com seus novos colegas. Se eu o abastecesse com alguma informação de alta qualidade sobre os soviéticos, isso deixaria você bem com a organização. Claro que teria de ser material já examinado pelo meu pessoal, mas os rapazes da organização não precisariam saber disso. Se eu enfeitasse a informação com o tipo certo de fonte, isso o faria parecer um espião muito bom. O que lhe parece?

— É bom. E já que está com uma disposição de ânimo tão inspirada, pode me ajudar em outro dilema. Depois de ter-me instruído no uso da posta-restante, König deu-me a minha primeira missão.

— Ele fez isso? E que era?

— Querem que eu mate a garota de Becker, Traudl.

— Aquela gracinha de enfermeira?—Ele soou quase ultrajado.

— Aquela do Hospital Geral? Disseram por quê?

— Ela foi ao Cassino Oriental para me ver perder o dinheiro do seu namorado. Eu a preveni quanto a isso, mas ela não me deu ouvidos. Imagino que isso deve tê-los deixado nervosos ou algo assim.

Mas este não era o motivo que Kõnig tinha me dado.

— Em geral, um pouco de trabalho sujo é designado como um primeiro teste de lealdade—explicou Belinski.—Disseram como fazer isto?

— Tenho de fazer com que pareça um acidente—repliquei.—Portanto é claro que precisarei retirá-la de Viena o mais depressa possível. E é aí que você entra. Pode providenciar uma permissão de viagem e um bilhete ferroviário para ela?

— Claro—disse ele—,mas tente convencê-la a partir o mais discretamente possível. Nós a levaremos de carro através da Zona e a colocaremos num trem em Salzburgo.

Assim podemos criar a impressão de que ela está desaparecida, talvez morta. O que iria ajudá-lo, não concorda?

— Vamos simplesmente nos certificar de que saia de Viena a salvo—eu disse.—Se alguém tem de correr riscos, prefiro que seja eu e não ela.

— Deixe comigo, chucrute. Levarei umas poucas horas para providenciar, mas a mocinha está praticamente fora daqui. Sugiro que você volte para sua pensão e espere por mim trazendo os papéis dela. Depois iremos apanhá-la. Seria melhor se você não falasse nada com ela antes da hora. Ela poderia não querer deixar seu amigo Becker para enfrentar aparada sozinho. Seria melhor se pudéssemos simplesmente apanhá-la e tirá-la daqui. Assim, se ela tentar protestar, não haverá muito que possa fazer.

Depois que Belinski saiu para cuidar dos arranjos necessários, especulei se ele estaria tão disposto a tirar Traudl a salvo de Viena se acaso tivesse visto a fotografia que Kõnig tinha me dado. Ele me dissera que Traudl Braunsteiner era uma agente da MVD. Conhecendo a garota como eu conhecia, aquilo me pareceu um absurdo completo.

Mas para qualquer um outro—principalmente um agente do CIC—que olhasse a foto, batida em um restaurante de Viena, na qual Traudl estava evidentemente desfrutando da companhia de um coronel russo da MVD, cujo nome era Poroshin, as coisas teriam parecido mais do que evidentes.

CAPÍTULO XXVI

Havia uma carta de minha esposa à espera quando retornei à Pensão do Cáspio. Reconhecendo a caligrafia dura e quase infantil no envelope pardo barato, amassado e sujo de duas semanas à mercê de um fortuito serviço postal, eu a equilibrei sobre a cornija da lareira da sala e olhei fixamente para ela por um instante, lembrando da carta para Kirsten que eu havia colocado de modo similar em nossa cornija lá em Berlim e lamentando o seu tom peremptório.

Desde então eu lhe enviara somente dois telegramas: um, para dizer que tinha chegado a salvo em Viena e dando meu endereço; o outro, dizendo que o caso iria me tomar mais tempo do que previra.

Ouso dizer que um grafólogo poderia ter facilmente analisado a caligrafia de Kirsten e feito em bom trabalho para me convencer de que a carta tinha sido escrita por uma mulher adúltera disposta a revelar ao negligente marido que, apesar de ele ter deixado dois mil dólares em ouro, mesmo assim pretendia divorciar-se e usar o dinheiro para emigrar para os Estados Unidos com seu belo schâtzi americano.

Eu ainda olhava para o envelope sem abri-lo, um tanto apreensivo, quando o telefone tocou. Era Shields.

— Como é que estamos indo hoje?—perguntou ele em seu alemão perfeito.

— Estou indo muito bem, obrigado—respondi, zombando da sua maneira de falar, mas ele nem pareceu notar.—Em que exatamente posso servi-lo, Herr Shields?

— Bem, com seu amigo Becker prestes a ir a julgamento, francamente eu imaginava que tipo de detetive é você. Perguntava a mim mesmo se apresentaria alguma coisa pertinente ao caso: se o seu cliente vai valer os seus cinco mil dólares.

Ele fez uma pausa, esperando minha resposta; como eu não disse nada, continuou, um tanto impaciente:—E então? O que responde? Descobriu a peça vital de evidência que irá salvar Becker do laço do carrasco? Ou ele vai ser enforcado?

— Descobri a testemunha de Becker, se é a isso que se refere, Shields. Só que não obtive nada que o ligasse a Linden. Ainda não, de qualquer modo.

— Bem, é melhor trabalhar depressa, Gunther. Quando começam julgamentos nesta cidade eles costumam ser bem rápidos. Detesto ver você se empenhando para provar a inocência de um homem morto. Isso parece totalmente errado, tenho certeza de que você concordaria. E ruim para você, para nós, e pior ainda para o homem com a corda no pescoço.

— E se eu lhe apresentasse este outro cara para que você o prendesse como testemunha material?—Era uma sugestão quase desesperada, mas achei que valeria

a pena tentar.

— Não existe outro meio de ele aparecer no tribunal?

— Não. Pelo menos isto daria a Becker alguém para dedurar.

— Você está me pedindo para jogar merda no ventilador.—Shields suspirou.—

Detesto não dar uma chance à outra parte, você sabe. Portanto, vou lhe dizer o que farei.

Darei uma palavrinha com meu oficial executivo, o major Wimberley, e verei o que ele recomenda. Mas não prometo nada. O mais certo é o major dizer para eu tirar o meu da reta, obter uma condenação e mandar para o inferno a testemunha do seu cliente. Há um monte de pressão sobre nós para obter um resultado rápido aqui, você sabe. O general não gosta de ver oficiais americanos assassinados nesta cidade. Refiro-me ao general de brigada Alexander O. Gorder, comandante do 796S, um filho da puta durão. Manterei contato.

— Obrigado, Shields. Vou gostar disso.

— Não me agradeça ainda, seu moço—disse ele.

Repus o fone no gancho e peguei a carta. Depois de me abanar com ela e usá-la para limpar as unhas, finalmente a abri.

Kirsten nunca foi muito de escrever cartas. Preferia mandar cartões-postais, só que um postal de Berlim não era muito apropriado para votos de felicidade. Uma vista da arruinada Igreja Kaiser Guilherme? Ou um Teatro da Ópera bombardeado? O patíbulo de execução em Plotzensee? Achei que um bom tempo se passaria antes que houvesse quaisquer postais enviados de Berlim. Desdobrei o papel e comecei a ler:

Querido Bernie,

Espero que receba esta carta, mas as coisas andam tão difíceis aqui que ela pode nem chegar, caso em que posso também tentar mandar-lhe um telegrama, ao menos para dizer-lhe que está tudo bem aqui. Sokolovski exigiu que a polícia militar soviética controlasse todo o tráfego de Berlim para o Ocidente, e isto talvez signifique que o correio não possa passar.

O medo real aqui é que isto tudo irá se tornar um sítio em alta escala da cidade, num esforço para empurrar os americanos, britânicos e franceses para fora de Berlim—embora eu suponha que ninguém lamentaria ver os franceses pelas costas. Ninguém reclama dos americanos e ingleses mandando em tudo por aqui. Mas, os franceses?

Eles são é muito hipócritas. A ficção de um exército francês vitorioso é quase demais para um alemão suportar.

As pessoas dizem que os americanos e britânicos não vão ficar olhando Berlim cair nas mãos dos Ivans. Não estou muito certa quanto aos britânicos. Eles

tomaram a Palestina exatamente agora (todos os livros sobre nacionalismo sionista foram retirados das bibliotecas e livrarias de Berlim, o que nos parece por demais familiar).

Mas justo quando se pensa que os britânicos têm coisas mais importantes a fazer, ouvimos dizer que eles andam destruindo mais barcos alemães. O mar está cheio de peixe para nós comermos e eles estão destruindo barcos! Estão querendo nos salvar dos russos para que possam nos matar de fome?

Continuamos a ouvir boatos de canibalismo. Há uma história circulando em Berlim de que a polícia foi chamada a uma casa em Kreuzberg, onde os vizinhos do térreo tinham ouvido os sons de uma comoção terrível, e descobriu sangue pingando do teto. Foram verificar e encontraram um velho casal jantando a carne crua de um pônei que tinham arrastado da rua e matado a pedradas. Pode ser verdade ou não, mas tenho a terrível sensação de que é. O que é certo é que o moral afundou a novas profundidades.

Os céus estão cheios de aviões de transporte e todas as quatro potências estão cada vez mais apreensivas.

Lembra do filho de Frau Fersen, Karl? Ele voltou de um campo de prisioneiros de guerra russo na semana passada, mas em péssimo estado de saúde. O médico diz que seus pulmões estão acabados, pobre rapaz. Ela esteve me dizendo o que ele contou sobre o tempo passado na Rússia. É apavorante! Por que nunca me falou a respeito, Bernie? Talvez eu tivesse sido mais compreensiva. Talvez pudesse tê-lo ajudado. Estou consciente de que não tenho sido uma esposa muito boa para você desde a guerra.

E agora que você não está mais aqui, parece mais duro de suportar. Assim, quando você voltar, pensei que talvez pudéssemos usar um pouco do dinheiro que deixou — quanto dinheiro! Por acaso roubou um banco? — e sair de férias para algum lugar. Sair de Berlim por uns tempos e passar algumas semanas juntos.

Enquanto isso, usei um pouco do dinheiro para consertar o teto. Sim, sei que você mesmo planejava fazê-lo, mas sei também o quanto ficava protelando. De qualquer forma, está feito agora, e ficou ótimo.

Volte logo. Sinto sua falta. Sua amorosa esposa, Kirsten.

Pior para o meu grafólogo imaginário, refleti, feliz, e servi-me da última dose da vodca de Traudl, o que teve o efeito imediato de dissolver meu nervosismo ao telefonar para Liebl e relatar o meu progresso quase imperceptível. Dane-se Belinski, disse a mim mesmo e decidi solicitar a opinião de Liebl quanto a se Becker seria ou não mais bem servido se eu tentasse obter a imediata detenção de König, a fim de que fosse forçado a prestar testemunho.

Quando Liebl finalmente atendeu, parecia um homem que tinha alcançado o telefone logo depois de rolar por um lance de escadas. Seu jeito normalmente direto e irascível estava intimidado e sua voz equilibrada precariamente à beira do colapso nervoso.

— Herr, Gunther—disse ele e refreou seus modos com um silêncio mais decoroso. A seguir, inspirou profundamente enquanto recuperava o autocontrole.—Aconteceu o mais terrível acidente. Fräulein Braunsteiner foi morta.

— Morta?!—repeti, apalermado.—Como?

— Foi atropelada por um carro.

— Onde?

— Aconteceu virtualmente à porta do hospital onde ela trabalhava. Aparentemente teve morte instantânea. Não houve nada que se pudesse fazer por ela.

— Quando foi isso?

— Há apenas duas horas, quando estava saindo do plantão. Infelizmente o motorista não parou.

Esse detalhe eu já havia adivinhado.

— Deve ter ficado assustado. Possivelmente andou bebendo, quem sabe?—continuou Liebl.—Os austríacos são péssimos motoristas.

—Alguém viu o... o acidente?—As palavras soaram quase raivosas em minha boca.

— Até agora não há testemunhas. Mas alguém parece lembrar-se de ter visto um Mercedes preto em disparada não muito longe, ao longo da Alser Strasse.

— Cristo—murmurei debilmente—,isso é logo depois da esquina. Eu mesmo poderia ter ouvido o ranger dos pneus daquele carro.

— Sim, de fato—retrucou Liebl.—Mas não houve dor. Foi tão rápido que ela não deve ter sofrido. O carro a atingiu no meio das costas. O médico com quem falei disse que sua espinha foi completamente destroçada. Provavelmente estava morta antes de bater no solo.

— Onde está ela agora?

— No necrotério do Hospital Geral—Liebl suspirou. Eu o ouvi acender um cigarro e dar uma longa tragada.—Herr Gunther, é claro que deveremos comunicar a Herr Becker. Como você o conhece bem melhor do que eu...

— Oh, não—cortei rapidamente—,já tive suficientes trabalhos sem contrato prejudicados para transformar este em mais um. Leve consigo o testamento e a apólice de seguro dela, se isso facilitar as coisas para você.

— Posso lhe assegurar que estou tão perturbado com isso quanto você, Herr Gunther. Não há necessidade de ser...

— Sim, tem razão, desculpe. Olhe, detesto parecer insensível, mas vamos ver se podemos usar este fato para obter um adiamento.

— Não sei se isso se qualifica exatamente como piedoso—resmungou Liebl.— Não é como se eles fossem casados ou algo assim.

— Ela ia ter um filho dele, pelo amor de Deus!

Houve um breve e chocado silêncio. Depois Liebl balbuciou:

— Eu não sabia. Sim, você tem razão, claro. Verei o que posso fazer.

— Mãos à obra.

— Mas, ainda assim, o que vou dizer a Herr Becker?

— Diga-lhe que ela foi assassinada—falei. Ele começou a dizer alguma coisa, mas eu não estava com disposição para ser questionado.

— Não foi nenhum acidente, pode crer. Diga a Becker que foi obra de seus velhos camaradas. Diga-lhe exatamente isso. Ele entenderá. Veja se isso não vai sacudir um pouco a memória dele. Talvez agora ele vá se lembrar de algo que deveria ter me contado antes.

Diga-lhe que se isto não o fizer contar tudo que sabe, então ele merece ter a traqueia quebrada.—Houve uma batida à porta. Belinski, com os papéis de viagem de Traudl.—Diga-lhe isso—repeti rudemente para Liebl e bati o telefone.

Depois atravessei a sala e abri a porta.

Belinski segurava diante de si os inúteis papéis de viagem e deu neles um vivaz piparote enquanto entrava, satisfeito demais consigo mesmo para notar meu estado de ânimo.

— Exigiu um pouco de jeitinho para obter essa papelada tão rapidamente, mas o velho Belinski conseguiu. Só não me pergunte como.

— Ela está morta-eu disse categoricamente e observei seu queixo cair.

— Merda, isso é péssimo—disse.—Que diabo aconteceu?

— Atropelamento e fuga.—Acendi um cigarro e desabei na poltrona.—Morte instantânea. Foi o que acabou de me dizer o advogado de Becker pelo telefone. Aconteceu não longe daqui, há duas horas.

Belinski assentiu e sentou-se no sofá a minha frente. Embora eu evitasse seu olhar, ainda sentia como se tentasse olhar dentro da minha alma. Ele sacudiu a cabeça por um instante e então sacou seu cachimbo, que começou a encher de fumo. Ao terminar, começou a acender a coisa e disse, entre sugadas de ar para mantê-la acesa:—Perdoe-me... por perguntar... mas você não... mudou de ideia... mudou?

— Sobre o quê?—resmunguei, beligerante.

Ele tirou o cachimbo da boca e relanceou para o forninho antes de recolocá-lo entre seus enormes dentes desiguais.

— Refiro-me a você mesmo matá-la.—Achando a resposta em meu rosto que rapidamente se afogueou, ele sacudiu a cabeça.—Não, claro que não. Que pergunta idiota.

Desculpe.—Deu de ombros. Mesmo assim, precisava perguntar. Você há de concordar que é um pouco de coincidência, não? A organização lhe pede para forjar um acidente e a seguir, quase imediatamente, ela aparece morta.

— Talvez você o tenha feito—ouvi a mim mesmo dizer.

— Talvez.—Belinski sentou-se mais à frente no sofá.—Vejam agora: eu perco toda a tarde para conseguir um passe e uma passagem para tirar esta infeliz Fräulein da Áustria. Depois eu a atropelo e mato a sangue-frio a garota, que estava a caminho daqui para ver você. É assim?

— Que tipo de carro é o seu?

— Um Mercedes.

— De que cor?

— Preto.

— Alguém viu um Mercedes em disparada rua acima, nas proximidades do local do acidente.

— Aposto que sim. Ainda estou para ver um carro andando devagar em Viena. E caso não tenha notado, quase todos os veículos não-militares nesta cidade são Mercedes pretos.

— Mesmo assim—insisti —, talvez devêssemos dar uma olhada nos para-lamas dianteiros e ver se a lataria está amassada.

Ele espalhou as mãos inocentemente, como se estivesse a ponto de proferir o sermão da montanha.

— Como queira. Só que você vai encontrar amassados em todo o carro. Parece que há uma lei contra dirigir com cuidado aqui. Deu outra baforada no cachimbo.—Olhe, Bernie, se não se importa que eu diga, acho que estamos correndo o risco de pôr a carroça na frente dos bois. É uma verdadeira vergonha que Traudl esteja morta, mas não faz nenhum sentido nos desentendermos. Quem sabe? Pode ter sido mesmo um acidente. Você sabe que é verdade o que dizem sobre os motoristas de Viena. Eles são piores que os soviéticos e vivem batendo um nos outros. Meu Deus, essas ruas parecem uma pista de corrida. Concordo que seja uma tremenda coincidência, mas não é nada impossível, por qualquer exagero de imaginação. Certamente você admite.

Assenti lentamente.

— Tudo bem. Admito que não é impossível.

— Por outro lado, talvez a organização tenha destacado mais de um agente para matá-la. Assim, se você falhasse, alguém mais estaria incumbido de pegá-la. Não é incomum que assassinatos sejam manipulados desta maneira. Não é minha

experiência, de qualquer modo.—Ele fez uma pausa e depois me apontou com o cachimbo.

— Sabe o que eu acho? Acho que da próxima vez em que se encontrar com Kõnig, você deveria simplesmente ficar calado. Se ele mencionar o caso, então você pode presumir que provavelmente foi um acidente e sentir-se confiante de receber o crédito.—Ele procurou no bolso do paletó e tirou um envelope que jogou no meu colo. Isto é um pouco menos necessário, mas não pode ser evitado.

— O que é isto?

— É de um posto da MVD perto de Sopron, perto da fronteira húngara. Contém detalhes do pessoal e métodos da MVD através da Hungria e Baixa Áustria.

— E como eu deveria considerar este pequeno material?

— Prefiro achar que você poderia manipular o homem que nos deu isso. Francamente, é apenas o tipo de material em que eles estão interessados. O nome do homem é Yuri. Isto é tudo que você precisa saber. Há experiências mapeadas e a localização da posta-restante que ele esteve utilizando.

Há uma ponte ferroviária perto de uma cidadezinha chamada Mattersburg. Sobre a ponte há uma trilha de pedestres e a cerca de dois terços do caminho o corrimão está quebrado. A parte de cima é de metal oco fundido. Tudo que você tem a fazer é pegar sua informação lá uma vez por mês e deixar algum dinheiro e instruções.

— Como considerar meu relacionamento com ele?

— Até bem recentemente Yuri esteve lotado em Viena. Você costumava comprar papéis de identidade para ele. Mas agora ele está ficando mais ambicioso e você não tem o dinheiro para comprar o que ele tem a oferecer. Assim, você pode oferecê-lo à organização. O CIC já avaliou o valor dele. Já tiramos tudo que podíamos extrair dele, pelo menos a curto prazo. Não há nenhum dano se ele fornecer a mesma coisa à organização.—Belinski reacendeu o cachimbo e bafou vigorosamente enquanto aguardava minha reação.—Realmente — continuou —, não há nada demais aí. Uma operação deste tipo dificilmente mereceria o título "informação". Pode crer, pouquíssimas delas merecem. Mas, em todos os aspectos, uma fonte como esta e uma aparentemente bem-sucedida pitada de assassinato deixa você muito bem conceituado, meu velho.

— Perdoe minha falta de entusiasmo—repliquei—,só que estou começando a perder de vista o que me trouxe aqui.

Belinski assentiu vagamente.

— Pensei que você quisesse inocentar seu velho camarada.

— Talvez você não tenha prestado atenção. Becker nunca foi meu amigo. Mas realmente acho que é inocente do assassinato de Linden. E Traudl também achava. Enquanto ela estava viva, este caso realmente parecia valer a pena, parecia haver algum sentido em tentar provar a inocência de Becker. Agora não estou bem certo.

— Ora, vamos, Gunther—disse Belinski.—A vida de Becker sem a sua garota ainda é melhor do que vida nenhuma. Acha honestamente que Traudl ia querer que você desistisse?

—Talvez, se ela soubesse o tipo de merda em que ele estava metido. O tipo de gente com quem lidava.

— Você sabe que não é verdade. Becker não era nenhum sacristão, certamente. Mas pelo que me contou sobre ela, eu apostaria que sabia. Não existe mais tanta inocência.

Não em Viena.

Suspirei e esfreguei meu pescoço cansadamente.

— Talvez tenha razão—concedi.—Talvez seja apenas eu. Estou acostumado a ter as coisas um pouco mais bem definidas do que isto. Um cliente chegava, pagava meus honorários, e eu seguia em qualquer direção que me parecesse adequada. Às vezes, até conseguia resolver um caso. Esta é uma sensação muito boa, você sabe. Mas, neste exato momento, é como se houvesse gente demais perto de mim, me dizendo como trabalhar. Como se eu tivesse perdido minha independência. Parei de me sentir como um investigador particular.

Belinski girou a cabeça sobre os ombros, como um homem que se livrou de alguma coisa. Explicações, provavelmente. Mesmo assim, deu mais uma estocada.

— Vamos lá, certamente você já deve ter feito trabalho secreto antes.

— Claro—respondi.—Só que foi com um senso de propósito mais aguçado. Pelo menos podia ver o perfil de um criminoso. Sabia o que era certo. Mas isto não é mais evidente e está começando a encher meu saco.

— Nada permanece sempre o mesmo, chucrute. A guerra mudou tudo para todo mundo, inclusive investigadores particulares. Mas se você quiser ver fotografias de criminosos posso mostrar-lhe uma centena. Milhares, provavelmente. Criminosos de guerra, todos eles.

— Fotografias de chucrutes? Ouça, Belinski. Você é americano e é um judeu. E um bocado mais fácil para você ver o certo aqui. E eu? Sou alemão. Por um breve e infeliz momento, estive até na SS. Se eu encontrar um desses seus criminosos de guerra, provavelmente ele apertará minha mão e me chamará de velho camarada.

Ele não teve resposta para isso.

Encontrei outro cigarro e o fumei em silêncio. Quando acabou, sacudi a cabeça com pesar.

— Talvez seja simplesmente Viena. Talvez seja por estar longe de casa tanto tempo. Minha esposa me escreveu. Não íamos muito bem quando deixei Berlim. Francamente, eu não via a hora de partir, e assim assumi este caso contra o meu melhor julgamento. De qualquer modo, ela diz que tem esperanças de que

possamos recomeçar. E, você sabe, mal posso esperar para voltar e fazer uma tentativa.

Talvez...—sacudi a cabeça.—Talvez eu precise de um drinque.

Belinski riu com entusiasmo.

— Agora está falando a minha língua, chucrute—disse.—Uma coisa eu aprendi neste ofício: em caso de dúvida, encha a cara.

CAPÍTULO XXVII

Era tarde quando voltamos do Melodies Bar, um clube noturno no 19 Bezirk. Belinski estacionou em frente à minha pensão e, enquanto eu saltava do carro, uma mulher surgiu rapidamente de um vão de porta próximo. Era Veronika Zartl. Dei um leve sorriso para ela, tendo bebido demais para me importar com qualquer companhia.

— Graças a Deus você chegou—disse ela.—Há horas que o espero.—A seguir ela recuou, quando, através da porta aberta, ambos ouvimos Belinski soltar um palavrão.

— Qual é o problema?—perguntei a ela.

— Preciso da sua ajuda. Há um homem no meu quarto.

— E qual é a novidade?—disse Belinski. Veronika mordeu o lábio.

— Ele está morto, Bernie. Você precisa me ajudar.

— Não estou bem certo de que posso fazê-lo—respondi, desejando que tivéssemos ficado mais tempo no Melodies. Disse para mim mesmo: "Uma garota não deveria confiar em ninguém atualmente." Para ela, eu disse:—Isso é um caso para a polícia, você sabe.

— Não posso contar à polícia—gemeu ela, impaciente.—Iria envolver a delegacia de costumes, a polícia criminal, funcionários da saúde pública e um inquérito.

Eu provavelmente perderia meu quarto, tudo. Não percebe?

— Tudo bem, tudo bem. O que aconteceu?

— Acho que foi um ataque cardíaco.—Sua cabeça pendeu.—Lamento incomodá-lo, só que não há ninguém mais a quem eu possa recorrer.

Amaldiçoei-me novamente e depois apoiei minha cabeça no carro de Belinski.

— A dama precisa de nossa ajuda—grunhi, sem muito entusiasmo.

— Não é tudo de que ela precisa.—Mas ele ligou o motor e acrescentou:—Vamos, subam, vocês dois.

Seguimos para a Rotenturm-strasse e estacionamos diante do prédio danificado pelas bombas onde Veronika tinha seu quarto. Quando saltamos do carro, aponteí, através dos paralelepípedos da Stephansplatz, para a catedral parcialmente restaurada.

— Veja se você consegue encontrar alguma lona no canteiro de obras da catedral—eu disse a Belinski.—Vou subir e dar uma olhada. Se houver alguma coisa adequada, leve-a até o segundo andar.

Ele estava bêbado demais para argumentar. Em vez disso, acenou estupidamente e caminhou na direção dos andaimes da catedral, enquanto eu me virava e seguia Veronika pelas escadas até seu quarto.

Um homem corpulento com cor de lagosta, de seus cinquenta anos, jazia morto na grande cama de carvalho de Veronika. O vômito é bastante comum em casos de ataque cardíaco congestivo, e cobria seu nariz e boca como uma grave queimadura facial. Pressionei meus dedos contra o pescoço viscoso do homem.

— Quanto tempo ele esteve aqui?

— Três ou quatro horas.

— É uma sorte que você o tenha coberto—eu disse a ela.—Feche aquela janela.
— Tirei os lençóis de cima do corpo do homem e comecei a erguer a parte superior do seu torso.—Ajude-me aqui—ordenei.

— O que está fazendo?—Ela ajudou-me a dobrar o torso sobre as pernas, como se eu estivesse tentando fechar uma pasta super estofada.

— Estou mantendo este sacana em condições—expliquei.—Um pouco de quiroprática deve reduzir o enrijecimento e facilitar o transporte dele para o carro.
— Pressionei mais forte na sua nuca e depois, bufando pelo esforço, empurrei o homem de volta aos travesseiros vomitados.—O titio aqui esteve ganhando cupons extras de comida—resfoleguei.—Deve estar pesando mais de cem quilos.

É uma sorte termos Belinski para ajudar.

— Belinski é policial?—perguntou ela.

— Uma espécie de—eu disse.—Mas não se preocupe, ele não é o tipo de tira que se importe muito com crimes comuns. Tem outros peixes para fritar. Ele caça criminosos de guerra nazistas.—Comecei a dobrar os braços e as pernas do morto.

— O que vai fazer com ele?—disse ela, nauseada.

— Jogá-lo na linha do trem. Com ele estando nu, vai parecer que os Ivans fizeram uma pequena festa com ele e depois o atiraram fora do trem. Com alguma sorte, o trem expresso vai passar sobre ele e providenciará um bom disfarce.

— Por favor, não—disse ela debilmente.—Ele era muito bom para mim.

Quando terminei com o corpo, levantei-me e apertei minha gravata.

— Este é um trabalho duro depois de uma ceia regada a vodca. Droga, onde se meteu Belinski?—Apontando para as roupas do homem, depositadas com capricho no espaldar de uma cadeira junto às cortinas de filó encardidas, eu disse: -Já vasculhou os bolsos dele?

— Não, claro que não.

— Você é novata neste jogo, não é?

— Não está entendendo. Ele era um bom amigo meu.

— É evidente—disse Belinski irrompendo à porta. Trazia um tecido branco.—
Foi tudo que pude encontrar.

— O que é isso?

— Uma toalha de altar, acho. Encontrei num armário dentro da catedral. Parece que nunca foi usada.

Mandei Veronika ajudar Belinski a enrolar seu amigo na toalha enquanto eu revistava os bolsos dele.

— Ele é bom nisso—disse Belinski para ela.—Meteu as mãos nos meus bolsos enquanto eu ainda estava respirando. Diga-me, doçura: o que você e o gorducho estavam realmente fazendo quando ele bateu as botas?

— Deixe-a em paz, Belinski.

— Bem abençoados os que morrem com o Senhor daqui em diante—ele riu.—Mas eu? Eu simplesmente espero morrer com uma boa mulher.

Abri a carteira do homem e bati com um maço de notas de dólares e xelins sobre a penteadeira.

— O que está procurando?—perguntou Veronika.

— Se vou me livrar do cadáver de um homem, gosto de saber pelo menos um pouco sobre ele, além da cor de suas cuecas.

— Chama-se Karl Heim—disse ela. Encontrei um cartão comercial.

— Dr. Karl Heim—eu disse.—Um dentista, ha? É um dos que lhe fornecia penicilina?

— Sim.

— O homem gostava de tomar suas precauções, hem?—murmurou Belinski.—Pelo aspecto do seu quarto posso entender por quê.

— Ele acenou com a cabeça para o dinheiro sobre a penteadeira. É melhor ficar com o dinheiro, doçura, para arranjar um novo decorador.

Havia outro cartão comercial na carteira de Heim.

— Belinski—eu disse.—Já ouviu falar de um major Jesse P. Breen? De uma coisa chamada Projeto de Triagem de Deslocados de Guerra?

— Claro que já—disse ele, se aproximando e tomando o cartão de meus dedos.—O PTDG é uma seção especial do 430S. Breen é o oficial de ligação do CIC para a organização.

Se alguém da organização se meter em apuros com a polícia militar, Breen se encarrega de resolver. A não ser que seja algo realmente sério como assassinato. Eu não me espantaria se ele cuidasse disso também, desde que a vítima fosse um americano ou inglês. Parece que o gorducho poderia ter sido um de seus velhos camaradas, Bernie.

Enquanto Belinski falava, vasculhei rapidamente os bolsos das calças de Heim e encontrei um molho de chaves.

— Nesse caso poderia ser boa ideia se você e eu fôssemos dar uma olhada no consultório do bom doutor—eu disse.—Tenho a intuição de que acharíamos alguma coisa interessante lá.

Depositamos o corpo nu de Heim num trecho deserto da ferrovia perto da Ostbahnhof, no setor russo da cidade. Eu estava ansioso para sair dali, o mais rápido

possível, mas Belinski insistiu para ficarmos sentados no carro e esperar para ver o trem completar o serviço. Após uns 15 minutos, um trem cargueiro que seguia para Budapeste e o Oriente passou estrondando e o cadáver de Heim se desfez sob suas muitas centenas de pares de rodas.

— "Pois toda carne é relva"—então Belinski—"e toda excelência disso é como a flor do campo: a relva fenecida e a flor murcha."

— Pare com isso, tá?—protestei.—Me deixa nervoso.

— "Mas as almas dos justos estão na mão de Deus e não haverá nenhum tormento em tocá-las." O que você quiser, chucrute.

— Vamos—falei.—Vamos cair fora daqui.

Seguimos rumo norte para Währing, no 18º Bezirk, e para uma elegante casa de três andares na Türkenschanzplatz, perto de um amplo parque cortado por uma pequena linha férrea.

— Podíamos ter jogado nosso passageiro aqui—disse Belinski—,bem na sua própria porta. E nos poupado da viagem até o setor russo.

— Este é o setor americano—recordei-lhe.—A única maneira de alguém ser jogado do trem aqui é viajar sem um bilhete. Eles nem esperam o trem parar de todo.

— Assim é o Tio Sam para você, hem? Não, você tem razão, Bernie. Ele está melhor com os Ivans. Não seria a primeira vez que jogam um dos nossos para fora de um trem.

Mas eu certamente detestaria ser um de seus guarda-linhas. Tremendamente perigoso, eu diria.

Deixamos o carro e caminhamos para a casa.

Não havia sinal da presença de alguém no prédio. Acima do amplo sorriso denteado de uma curta cerca de madeira, as janelas às escuras na casa estucada de branco pareciam as órbitas oculares vazias de uma caveira gigante. Uma placa embaçada no pilar do portão, que com o típico exagero vienense ostentava o nome do Dr. Karl Heim, cirurgião consultor ortodôntico, para não mencionar a maioria das letras do alfabeto, indicava duas entradas independentes: uma para a residência de Heim, outra para o seu consultório.

— Você olha na casa—eu disse, abrindo a porta da frente com as chaves. — Darei a volta pelo lado e examinarei o consultório.

— Como quiser.—Belinski extraiu uma lanterna do bolso do sobretudo. Ao ver meus olhos fixos no fecho de luz, acrescentou: Qual é o problema? Tem medo do escuro ou algo assim?—Ele riu.

— Tome aqui. Eu posso enxergar no escuro. Minha linha de trabalho assim o exige.

Dei de ombros e peguei a lanterna. Depois, ele procurou dentro do casaco e tirou sua arma.

— Além do mais—continuou ele, atarraxando o silenciador —, eu gostaria de manter uma das mãos livres para girar as maçanetas.

— Veja lá em quem vai atirar—avisei e me afastei. Contornando a casa, enfiei-me através da porta do consultório e, após fechá-la novamente atrás de mim, acendi a lanterna. Mantive a luz sobre o chão de linóleo e afastada das janelas, para o caso de algum vizinho abelhudo estar de olho na casa.

Descobri-me numa pequena recepção e sala de espera atulhada de vasos de plantas e um tanque cheio de tartarugas, o que já era uma variação dos indefectíveis peixinhos dourados, pensei. E, cômico de que seu dono estava morto, polvilhei um pouco de ração malcheirosa, que as tartarugas comeram, sobre a superfície de sua água. Foi a minha segunda boa ação do dia. A caridade estava se tornando um hábito em mim.

Atrás da mesa de recepção, abri uma agenda e direcionei o foco da lanterna para suas páginas. Não parecia que Heim tivesse uma clientela que ia ficar para seus concorrentes, sempre presumindo que tivesse uma. Não havia muito dinheiro sobrando para dor de dente naqueles dias, e eu não duvidava de que Heim tivesse mais lucro vendendo drogas no mercado negro. Folheando as páginas, pude ver que ele não tinha mais que duas ou três consultas por semana. Vários meses atrás na agenda, deparei com dois nomes que conhecia: Max Abs e Helmut Kõnig. Ambos tinham extrações plenas marcadas com poucos dias de diferença um do outro. Vários outros nomes estavam agendados para extrações plenas, mas nenhum que eu reconhecesse.

Vasculhei os armários de arquivo e vi que a maior parte deles estava vazia, com exceção de um que só continha detalhes de pacientes anteriores a 1940. O armário não parecia ter sido aberto desde então, o que me espantou, pois os dentistas costumavam ser muito meticolosos com relação a tais coisas; e, de fato, o Heim de antes de 1940 tinha sido consciencioso com os registros de seus pacientes, detalhando dentes residuais, obturações e marcas de fixação de dentaduras para cada um deles.

Ele havia ficado simplesmente desleixado, imaginei, ou tinha um volume de consultas insuficiente para que registros tão cuidadosos valessem a pena? E por que tantas extrações plenas ultimamente? Era verdade que a guerra tinha deixado inúmeros homens, eu inclusive, com dentes ruins. No meu caso foi consequência de anos de fome como prisioneiro soviético. Mas, mesmo assim, eu consegui conservar os meus. E havia uma quantidade de outros como eu. Que necessidade tinha Kõnig então, que eu me lembrava de ter dito possuir ótimos dentes, de extrair tudo? Ou ele simplesmente quis dizer que seus dentes haviam sido bons antes que

se estragassem? Embora nada disso merecesse ser transformado em conto por Conan Doyle, certamente me deixava intrigado.

O consultório em si era igual a tantos outros em que eu havia entrado. Um pouco mais sujo, talvez, mas agora nada mais era tão limpo como tinha sido antes da guerra.

Ao lado da cadeira de couro preto estava um comprido cilindro de gás anestésico. Girei a tampa no gargalo e, ao ouvir um som sibilante, fechei de novo. Tudo parecia como se estivesse em perfeitas condições para o trabalho.

Atrás de uma porta trancada descobri um pequeno depósito, e foi lá que Belinski foi me encontrar.

— Achou alguma coisa?—perguntou ele. Conteí a ele acerca da falta de registros.

— Você está certo—disse Belinski com o que pareceu um sorriso—,isto não parece nem um pouco alemão.

Direcionei a lanterna para as prateleiras no depósito.

— Epa — disse ele.—O que temos aqui?—Ele esticou o braço para tocar um tambor de aço ao lado do qual estava pintada em amarelo a fórmula $r50$.

— Eu não faria isso, se fosse você—avisei.—Essa coisa não saiu do estojo de química de um colegial. A menos que esteja muito enganado, é ácido sulfúrico.—Movi o facho da lanterna para o lado do tambor, onde também estavam pintadas as palavras CAUTELA EXTREMA.—O suficiente para transformar você em dois litros de gordura animal.

— Kosher, assim espero—replicou Belinski.—O que quer um dentista com um tambor cheio de ácido sulfúrico?

— Pelo que sei, é para embeber nele os dentes postiços durante a noite.

Sobre uma prateleira ao lado do tambor, empilhadas umas sobre as outras, estavam várias bandejas de aço em forma de rim. Peguei uma delas e a trouxe para debaixo do facho da lanterna. Nós dois olhamos fixamente para o que parecia um punhado de pastilhas de hortelã, de estranho formato, todas grudadas como se tivessem sido meio chupadas e depois guardadas por um garoto nojento. Mas havia também sangue seco em algumas delas.

Belinski torceu o nariz em repulsa.

— Que diabo é isso?

— Dentes.—Passei-lhe a lanterna e peguei um dos pontudos objetos brancos para segurá-lo à luz.—Dentes extraídos. E várias dentaduras completas também.

— Odeio dentistas—sibilou Belinski. Ele procurou no bolso do colete e achou um de seus palitos para mastigar.

— Eu diria que vão parar normalmente no tambor de ácido.

— E daí?—Belinski ainda não notara meu interesse.

— Que tipo de dentista é esse que só faz extrações plenas?—perguntei.—A agenda só tem extrações marcadas, mais nada.—Girei o dente nos meus dedos.—Você diria que havia algo errado com este molar? Nem sequer foi obturado.

— Parece um dente perfeitamente saudável—concordou Belinski.

Com o dedo indicador, remexi a massa viscosa na bandeja.

— O mesmo acontece com todos os outros—observei.—Não sou A dentista, mas não vejo motivo para extrair dentes que nem sequer foram obturados.

—Talvez Heim fosse algum espécie de tarefeiro. Talvez só gostasse de arrancar dentes.

— Mais do que gostava de manter registros. Não há registro de nenhum dos seus pacientes mais recentes.

Belinski pegou outra bandeja e inspecionou seu conteúdo.

— Outra dentadura completa—disse. Mas alguma coisa rolou na bandeja seguinte. Pareciam várias bolas de rolimã minúsculas. Bem, o que nós temos aqui?—Ele pegou uma e examinou-a, fascinado.—Se não estou enganado, eu diria que cada um desses pequenos artefatos contém uma dose de cianeto de potássio.

— Pílulas letais?

— Exato. Eram muito populares entre alguns de seus velhos camaradas, chucrute. Especialmente os homens da SS e altos funcionários do governo e do partido, que tivessem coragem de preferir o suicídio a ser capturados pelos Ivans. Creio que foram originalmente desenvolvidas para os agentes secretos alemães, mas Arthur Nebe e a SS

decidiram que o alto escalão tinha maior necessidade delas. Um homem mandaria seu dentista fazer um dente postiço ou usar uma cavidade já existente, e então ele inseria a bichinha lá dentro. Bem-feito e protegido... você ficaria surpreso. Quando ele fosse capturado poderia até levar no bolso uma cápsula de cianeto como engodo, o que levaria nosso pessoal a não se preocupar em fazer um exame dentário. E aí, quando o homem decidisse que era chegada a hora, ele removeria o dente postiço, lamperia sua cápsula e mastigaria a coisa até quebrar. A morte é quase instantânea. Foi assim que Himmler se matou.

— Goering também, ouvi dizer.

— Não—disse Belinski—,ele usou um dos engodos. Um oficial americano contrabandeou-o para ele enquanto estava no xadrez. O que acha disso, ha? Um dos nossos penalizado com um gordão escroto como aquele.—Ele devolveu a cápsula à bandeja e entregou-a a mim.

Pus algumas cápsulas em minha mão para examinar mais detidamente. Parecia quase espantoso que coisinhas tão pequenas pudessem também ser tão mortais. Quatro minúsculas pérolas para a morte de quatro homens. Eu não achava que teria

carregado uma em minha boca, dente postiço ou não, e ainda desfrutasse tranquilamente do meu jantar.

— Sabe o que acho, chucrute? Acho que temos um monte de nazistas desdentados circulando por Viena.—Acompanhei-o de volta ao consultório.— Presumo que esteja familiarizado com técnicas dentárias para identificação cadavérica.

— Tão familiarizado quanto o tira ao lado.

— Foi tremendamente útil depois da guerra—disse ele.—A melhor maneira que tivemos para estabelecer a identidade de um morto. Naturalmente há muitos nazistas por aí ansiosos para que acreditemos que estejam mortos. E eles criaram uma grande dificuldade para tentar nos convencer disso. Corpos semicarbonizados portando documentos falsos, esse tipo de coisa. Bem, é claro que a primeira coisa que fazíamos era mandar um dentista examinar os dentes do cadáver. Mesmo sem ter os registros dentários de um homem, você pode pelo menos determinar sua idade a partir dos dentes: periodontose, reabsorção de raiz. Pode dizer, com certeza, que um cadáver não é o de quem você pensava.

Belinski fez uma pausa e olhou em volta do consultório.

—Já terminou de procurar por aqui?

Eu disse que sim e perguntei se ele tinha encontrado alguma coisa na casa. Ele sacudiu a cabeça, negando. Depois eu disse que era melhor darmos o fora dali.

Ele resumiu sua explicação enquanto subíamos no carro.

— Veja o caso de Heinrich Müller, chefe da Gestapo. Ele foi visto com vida no bunker de Hitler, em abril de 1945. Müller supostamente foi morto na batalha de Berlim, em maio de 1945. Mas quando seu corpo foi exumado, no fim da guerra, um dentista especializado em cirurgia buco maxilar, num hospital do setor britânico de Berlim, não conseguia identificar os dentes do cadáver como sendo aqueles pertencentes a um homem de quarenta anos de idade. Ele achava que o cadáver era mais provavelmente de um homem de não mais que 25 anos.— Belinski ligou o motor, acelerou por um segundo ou dois e a seguir pôs o carro em movimento.

Curvado sobre o volante, ele dirigia pessimamente para um americano, desembreando, passando mal as marchas. Ficou claro para mim que o ato de dirigir exigia toda a sua atenção, mas ele continuou com calma a sua explicação, mesmo depois que quase atropelamos um motociclista de passagem.

— Quando capturamos alguns desses sacanas, eles portavam papéis falsos, usavam novos penteados, bigodes, barbas, óculos, tudo. Mas os dentes são tão bons quanto uma tatuagem, ou às vezes uma impressão digital. Assim, se qualquer um deles tivesse todos os dentes extraídos, acabaria com qualquer possibilidade de identificação.

Afinal, um homem capaz de detonar um cartucho debaixo do braço para apagar um número da SS não se incomodaria em usar dentes postiços, não é?

Pensei na minha própria cicatriz de queimadura e refleti que ele provavelmente estava certo. Para me disfarçar dos russos eu certamente teria recorrido à extração plena dos dentes, desde que tivesse a mesma oportunidade de extração sem dor que tiveram Max Abs e Helmut König.

— Não, acho que não.

— Você pode apostar sua vida nisso. Motivo pelo qual roubei a agenda de Heim. — Ele bateu no peito do paletó, onde presumi que tinha escondido a agenda. — Poderia ser interessante descobrir quem são realmente esses homens com dentes ruins. Seu amigo König, por exemplo. E também Max Abs. Quero dizer, por que um simples chofer da SS teria a necessidade de disfarçar o que tinha dentro da boca? A menos que não seja um cabo SS, afinal. — Belinski riu com entusiasmo ao pensar nisso. — É por isso que preciso ser capaz de enxergar no escuro. Alguns de seus velhos camaradas realmente sabem como confundir as pistas. Você sabe, eu não ficaria nem um pouco surpreso se ainda estivermos caçando alguns desses sacanas nazistas na época em que seus filhos estiverem adoçando a sobremesa para eles.

— Mesmo assim—eu disse—,quanto mais tempo vocês demorarem para capturá-los, mais difícil será obter uma identificação positiva.

— Não se preocupe—rosnou ele, vingativo.—Não faltarão testemunhas dispostas a depor contra esses merdas. Ou você acha que gente como Müller e Globocnik deveria escapar impune?

— Quem é este Globocnik? Nunca ouvi falar.

— Odilo Globocnik. Ele encabeçou a Operação Reinhard, estabelecendo a maioria dos grandes campos de extermínio na Polônia. Mais um que supostamente cometeu suicídio em 45. E então, o que você acha? Há um julgamento ocorrendo em Nuremberg exatamente agora. Otto Ohlendorf, comandante de um desses grupos de ação especiais da SS.

Acha que deveria ser enforcado por seus crimes de guerra?

— Crimes de guerra?—repeti debilmente.—Ouça, Belinski, trabalhei no Birô de Crimes de Guerra da Wehrmacht por três anos. Portanto, não acho que possa me dar lições sobre essa porra de crimes de guerra.

— Estou apenas interessado em saber onde você se situa, chucrute. Exatamente que tipo de crimes de guerra vocês boches investigaram?

— Atrocidades, de ambos os lados. Ouviu falar na floresta de Katyn?

— Claro. Você investigou aquilo?

— Eu fazia parte da equipe.

— E como é que foi?—Ele parecia genuinamente surpreso. A maioria das pessoas ficava.

— Francamente, acho que acusar combatentes de crimes de guerra é absurdo. Os assassinos de mulheres e crianças deveriam ser punidos, sim. Mas judeus e poloneses não foram os únicos a ser mortos por gente como Müller e Globocnik. Eles mataram alemães, também. Talvez, se vocês nos tivessem dado meia chance, nós mesmos poderíamos tê-los trazido à justiça.

Belinski dobrou a Währinger Strasse e seguiu para o sul, passando pelo comprido edifício do Hospital Geral e saindo na Alser Strasse, onde, tendo a mesma lembrança que eu, ele reduziu o carro a uma velocidade mais respeitosa. Eu poderia dizer que estava a ponto de responder a minha argumentação, mas agora ele ficou em silêncio, quase como se compelido a evitar qualquer resposta que pudesse me ofender. Parando em frente a minha pensão, ele disse:—Traudl tinha família?

— Não que eu saiba. Só tinha Becker.—Especulei sobre isso, porém. A fotografia dela com o coronel Poroshin não me saía da cabeça.

— Bem, está tudo certo. Não vou perder o sono me preocupando com o seu pesar.

— Ele é meu cliente, caso tenha esquecido. Ao ajudar você, eu supunha estar trabalhando para provar a inocência dele.

— E está convencido disso?

— Sim, estou.

— Mas certamente deve saber que ele consta da lista de suspeitos de crime de guerra.

— Você está sendo muito esperto—falei—,deixando-me fazer toda esta corrida só para me dizer isso. Vamos supor que eu tenha sorte e vença a corrida. Vão me permitir levar o prêmio?

— Seu amigo é um assassino nazista, Bernie. Ele comandou um esquadrão de execução na Ucrânia, massacrando homens, mulheres e crianças. Eu diria que ele merece a forca, tenha ou não matado Linden.

— Você está sendo muito esperto, Belinski—repeti, amargo, e comecei a saltar do carro.

— Mas até onde me interessa, ele é peixe pequeno. Estou atrás de peixes maiores do que Emil Becker. Você pode me ajudar. Pode tentar e reparar o dano que seu país causou. Um gesto simbólico, se preferir. Quem sabe? Se outros alemães fizerem o mesmo, então talvez a conta possa ser quitada.

— Do que está falando?—repliquei, já na rua.—Que conta? Apoiei-me na porta do carro e inclinei-me para ver Belinski pegar seu cachimbo.

— A conta de Deus—disse ele baixinho. Eu ri e sacudi a cabeça em descrença.

— Qual é a graça? Não acredita em Deus?

— Não acredito é em tentar fazer um acordo com ele. Você fala sobre Deus como se ele vendesse carros usados. Eu o interpretei mal. Você é muito mais americano do que pensava que fosse.

— Aí é que você se engana. Deus gosta de fazer acordos. Veja aquela aliança que ele fez com Abraão, e com Noé. Deus é um pechincheiro, Bernie. Só um alemão poderia confundir um acordo com uma ordem direta.

— Direto ao ponto, ha? Existe um ponto, não é? Seu jeito assim parece indicar.

— Vou me abrir com você...

— Oh? Me lembro de você ter dito isso antes.

— Tudo que lhe contei é verdade.

— Tem mais por vir, certo?—Belinski assentiu e acendeu o cachimbo. Tive vontade de arrancá-lo de sua boca. Em vez disso, recuei do carro e fechei a porta.

— Com a sua tendência para verdade seletiva, você devia trabalhar numa agência de propaganda. Bem, vamos ouvi-la.

— Mas não vá fazer um escarcéu antes de eu terminar, certo? Assenti brevemente.

— Muito bem. Para começar, acreditamos que Becker está inocente do assassinato de Linden. Veja bem, a arma que o matou foi usada para matar alguém mais em Berlim há quase três anos. O pessoal da balística comparou aquela bala com a que matou Linden, e ambas foram disparadas pela mesma arma. Por ocasião da primeira morte Becker tinha um álibi perfeito: era prisioneiro de guerra na Rússia. Claro que ele podia ter adquirido a arma desde então, mas ainda não cheguei à parte interessante, a parte que realmente me faz querer que Becker seja inocentado.

"A arma é uma Walther P38, de uso padrão da SS. Rastreamos os registros de número de série mantidos pelo Centro de Documentação e descobrimos que esta mesma pistola pertencia a um lote destinado a oficiais superiores da Gestapo. Esta arma em particular foi dada a Heinrich Müller. Era apenas um palpite, mas comparamos a bala que matou Linden com a que matou o homem que desenterramos e que supostamente seria Müller, e adivinhe só. Foi na mosca. Quem quer que tenha matado Linden pode ter sido também o responsável por colocar um falso Heinrich Müller na cova. Está vendo, Bernie? E a melhor pista que já tivemos de que o Müller da Gestapo ainda está vivo. Isto significa que apenas alguns meses atrás ele possa ter estado aqui em Viena, trabalhando para a organização da qual você agora faz parte. Pode até mesmo estar ainda por aqui.

"Sabe o quanto isso é importante? Pense a respeito, por favor. Müller foi o arquiteto de todo o terror nazista. Por dez anos ele controlou a polícia secreta mais brutal que o mundo já conheceu. Era um homem quase tão poderoso quanto o

próprio Himmler. Pode imaginar quantas pessoas ele deve ter torturado? Quantas mortes deve ter ordenado? Quantos judeus, poloneses... até mesmo quantos alemães ele deve ter matado? Bernie, esta é a sua oportunidade de vingar todos aqueles alemães mortos.

Ver a justiça ser feita.

Ri com desdém.

— É assim que você chama quando deixa um homem ser enforcado por alguma coisa que não fez? Corrija-me se eu estiver errado, Belinski, mas isto não faz parte de seu plano, deixar Becker levar a culpa?

— Naturalmente espero que não chegue a tanto. Mas, caso necessário, assim será. Enquanto a polícia militar tiver Becker, Müller não vai virar fantasma. E se isso inclui enforcá-lo, sim. Sabendo o que sei sobre Emil Becker, não vou perder muito sono.—Belinski observou meu rosto cuidadosamente, procurando algum sinal de aprovação.

Vamos lá, você é um tira, sabe como essas coisas funcionam. Não me diga que nunca prendeu um homem por uma coisa porque não tinha como provar outra? Uma coisa compensa a outra, sabe disso.

— Claro, já fiz isso. Mas não quando a vida de um homem está envolvida. Nunca joguei com a vida de um homem.

— Desde que você nos ajude a encontrar Müller, estamos preparados para esquecer sobre Becker.—O cachimbo emitiu um curto sinal de fumaça, que parecia pressagiar uma crescente impaciência por parte de seu dono.—Olhe, tudo que estou sugerindo é que você ponha Müller no banco dos réus no lugar de Becker.

— E se eu encontrar Müller, e aí? Ele não vai deixar eu me aproximar para pôr as algemas nele. Como acha que poderei trazê-lo sem ter minha cabeça explodida?

— Você pode deixar isso por minha conta. Tudo que tem a fazer é estabelecer onde exatamente ele está. Telefone-me e nossa equipe cuidará do resto.

— Como irei reconhecê-lo?

Belinski procurou atrás do seu assento e apanhou uma pasta de couro barata. Abriu o zíper e extraiu um envelope do qual retirou uma fotografia tamanho passaporte.

— Este é Müller—disse.—Parece que ele fala com um sotaque bávaro bastante carregado, assim, mesmo que tenha mudado radicalmente de aparência, certamente você não terá dificuldade em reconhecer sua voz.—Ele me observou virar a fotografia na direção da luz da rua e examiná-la por um instante.

— Ele está com quarenta e sete anos agora. Não muito alto, mãos grandes de camponês. Pode até ainda estar usando sua aliança de casamento.

A fotografia não dizia muito sobre o homem. Não era um rosto muito revelador; e mesmo assim era marcante. Müller tinha um crânio quadrado, testa alta e lábios finos e retesados. Mas eram os olhos que realmente chamavam a atenção, mesmo naquela fotografia pequena. Os olhos de Müller eram como os olhos de um boneco de neve: dois carvões negros e congelados.

— Aqui tem mais uma—disse Belinski.—Essas são as únicas fotos dele que conhecemos.

A segunda era uma foto de grupo. Cinco homens sentados em torno de uma mesa de carvalho como se estivessem jantando num confortável restaurante. Reconheci três deles.

À cabeceira da mesa estava Heinrich Himmler, brincando com o lápis e sorrindo para Arthur Nebe a sua direita. Arthur Neve: meu velho camarada, como diria Belinski.

À esquerda de Himmler, e aparentemente bebendo cada palavra do Reichsführer da SS, estava Reinhard Heydrich, chefe do RSHA, assassinado por terroristas tchecos em 1942.

— Quando foi tirada esta foto?

— Novembro de 1939.—Belinski esticou a mão e bateu com o cabo do cachimbo em um dos dois outros homens na foto.—Este é Müller, sentado ao lado de Heydrich.

A mão de Müller se havia movido na mesma fração de segundo que o obturador da câmera levava para abrir e fechar: estava borrada como se cobrindo a conta sobre a mesa, mas, mesmo assim, a aliança estava claramente visível. Ele estava olhando para baixo, quase sem prestar atenção em Himmler. Em comparação com Heydrich, a cabeça de Müller era pequena. Seu cabelo estava cortado bem rente, aparado até quase o topo do crânio, onde se permitira que crescesse um pouco, num pequeno trecho cuidadosamente cultivado.

— Quem é o homem sentado em frente a Müller?

— O que está tomando notas? É Franz Josef Huber. Ele foi chefe da Gestapo aqui em Viena. Pode ficar com essas fotos, se quiser. São apenas cópias.

— Ainda não concordei em ajudá-lo.

— Mas concordará. Tem que fazê-lo.

— Neste exato momento eu deveria mandar você se foder, Belinski. Entenda, sou como um piano velho... não gosto muito de ser tocado. Mas estou cansado. Talvez amanhã eu consiga pensar um pouco mais claramente.

Belinski estava certo: a lataria do grande Mercedes preto estava coberta de moscas.

— Ligo para você de manhã—disse ele.

— Faça isso—respondi, me afastando.

Ele arrancou com o carro como se fosse o chofer do próprio demônio.

CAPÍTULO XXVIII

Não dormi bem. Perturbado pelo que Belinski disse, os pensamentos deixaram os meus membros sem descanso, e depois de apenas umas poucas horas acordei antes do amanhecer suando frio e não consegui mais dormir. Se ao menos ele não tivesse mencionado Deus, disse comigo mesmo.

Não fui católico até que me tornei prisioneiro na Rússia. O regime no campo era tão duro que parecia que havia até mesmo a chance de me matarem e, desejando fazer a paz com o recesso de minha mente, eu havia procurado o único sacerdote entre meus colegas prisioneiros, um padre polonês. Eu tinha sido criado como luterano, mas a denominação religiosa parecia questão de somenos importância naquele lugar terrível.

Tornar-me católico em plena expectativa da morte só me deixou mais apegado à vida e, depois de eu ter escapado e voltado a Berlim, continuei indo à missa e celebrando a fé que aparentemente tinha me libertado.

Minha religião recém-encontrada não tinha bons antecedentes em sua relação com os nazistas e havia agora se distanciado de qualquer imputação de culpa. Em consequência, se a Igreja católica não era culpada, muito menos seus membros. Havia, parecia, alguma base teológica para uma rejeição da culpa coletiva alemã. Culpa, diziam os padres, era realmente algo pessoal entre um homem e seu Deus, e culpa atribuída a uma nação por outra era blasfêmia, pois isto só podia ser uma questão de prerrogativa divina. Depois disso, tudo que restava a fazer era orar pelos mortos, por aqueles que erraram e por toda aquela época terrível e embaraçosa a ser esquecida o mais rápido possível.

Havia muitos que permaneciam inquietos com o modo como a sujeira moral foi varrida para debaixo do tapete. Mas certamente uma nação não pode sentir culpa coletiva, nem cada homem senti-la individualmente. Só agora eu percebia a natureza de minha própria culpa—e talvez não fizesse muita diferença daquela de todos os demais: era que eu não tinha dito nada, não ergui minha mão contra os nazistas. Também percebi que eu tinha um senso de ressentimento pessoal contra Heinrich Müller, pois como chefe da Gestapo ele tinha feito mais do que qualquer outro homem para corromper a força policial da qual eu tinha sido um dia um orgulhoso membro. E dela fluiu o terror por atacado. Agora parecia que, afinal, não era tarde demais para fazer alguma coisa. Era possível que, descobrindo Müller, o símbolo não só da minha corrupção como também de Becker, e entregando-o à Justiça, eu pudesse ajudar a limpar minha própria culpa pelo que havia acontecido.

Belinski ligou cedo, quase como se já tivesse adivinhado a minha decisão, e eu lhe disse que o ajudaria a encontrar Müller—não para o seu órgão nem para o

Exército dos Estados Unidos, mas para a Alemanha. Mas principalmente, frisei, iria ajudá-lo a pegar Müller para mim mesmo.

CAPÍTULO XXIX

A primeira coisa que fiz aquela manhã, após telefonar para Kònig e marcar um encontro para passar o material ostensivamente secreto de Belinski, foi ir ao escritório de Liebl na Judengasse a fim de pedir que me providenciasse uma entrevista com Becker na prisão.

— Quero mostrar uma fotografia a ele—expliquei.

— Uma fotografia?—Liebl perguntou, esperançoso.—Esta fotografia poderia tornar-se um item de prova?

Dei de ombros.

— Depende de Becker.

Liebl fez duas rápidas chamadas telefônicas, tratando da morte da noiva de Becker, da possibilidade de uma nova prova e da iminência do julgamento, o que nos valeu um acesso quase imediato à prisão. Era um dia bonito e fomos para lá a pé, com Liebl agitando seu guarda-chuva como um sargento porta-bandeira de um regimento de guardas imperial.

— Contou a ele sobre Traudl?

— A noite passada.

— Como ele recebeu?

O cenho grisalho se franziu incerto na testa do velho advogado.

— Surpreendentemente bem, Herr Gunther. Como você, eu supunha que nosso cliente ficaria arrasado com a notícia.—O cenho se franziu de novo, desta vez em consternação.—Mas ele não ficou preocupado. Pareceu ficar somente preocupado com sua própria situação, infeliz também quanto ao seu progresso, ou falta dele. Herr Becker parece depositar uma fé extraordinária na sua capacidade investigativa. Capacidade esta, permita-me dizer, da qual tenho visto pouca ou nenhuma evidência.

— Tem todo o direito a sua opinião, Dr. Liebl. Acho que é igual à maioria dos advogados que conheci: se sua própria irmã lhe enviar um convite para o casamento dela, você só ficará contente se estiver assinado e autenticado na presença de duas testemunhas. Talvez se nosso cliente tivesse sido um pouco mais acessível...

— Você desconfia de que ele andou omitindo alguma coisa? Sim, lembro tudo que disse ao telefone ontem. Mesmo sem entender inteiramente o que você estava falando acerca de eu não me sentir capaz de tirar vantagem...—Ele hesitou por um segundo enquanto avaliava se podia ou não usar a palavra de modo correto, e então decidiu que podia.—...do pesar de Herr Becker, para fazer tal alegação.

— Muito sensível de sua parte, estou certo. Mas talvez esta fotografia avive a memória dele.

— Assim espero. E talvez esta perda já tenha esmorecido e ele faça uma exibição melhor do seu pesar.

Parecia um tipo de sentimento autenticamente vienense.

Mas, quando vimos Becker, ele mal parecia ter sido afetado. Depois de um maço de cigarros que convenceu o guarda a deixar nós três a sós no parlatório, tentei descobrir o motivo.

— Sinto muito sobre a Traudl—falei.—Ela era uma garota realmente adorável.

Ele assentiu inexpressivamente, como se estivesse ouvindo algum maçante procedimento jurídico explicado por Liebl.

— Devo dizer que não parece muito abalado—assinalei.

— Estou lidando com isso da melhor maneira que posso—disse ele.—Não há muita coisa que eu possa fazer aqui. É provável que nem me deixem ir ao funeral. Como acha que me sinto?

Voltei-me para Liebl e perguntei-lhe se não se importaria em nos deixar a sós por um minuto.

Tem uma coisa que quero dizer a Herr Becker em particular. Liebl relanceou para Becker, que lhe deu um breve aceno de cabeça. Nenhum de nós falou até que a pesada porta se fechasse atrás do advogado.

— Desembuche, Bernie—disse Becker, meio que bocejando ao mesmo tempo.—O que tem em mente?

— Foram seus amigos na organização que mataram Traudl—eu disse, observando seu rosto fino atentamente, em busca de algum sinal de emoção. Eu não tinha certeza se era verdade ou não, mas fiquei atento para ver o que isso poderia fazê-lo revelar. Mas nada transpareceu.—Eles de fato me pediram para matá-la.

— Portanto—disse ele, seus olhos se estreitando—,você está na organização.—Seu tom era cauteloso.—Quando foi que isso aconteceu?

— Seu amigo Kõnig me recrutou.

O rosto dele pareceu relaxar um pouco.

— Bem, eu imaginava que fosse apenas uma questão de tempo. Para ser honesto, eu não tinha certeza absoluta se você estava ou não na organização quando chegou a Viena.

Com seu currículo, deve ser o tipo de homem que eles recrutam no ato. Se entrou nela agora, deve andar bastante ocupado. Estou impressionado. Kõnig disse por que queria que você matasse Traudl?

— Ele me disse que ela era espiã na MVD. E me mostrou uma fotografia dela falando com o coronel Poroshin.

Becker sorriu tristemente.

— Ela não era espiã—disse, sacudindo a cabeça.—E não era minha garota. Era namorada de Poroshin. Originalmente ela fingiu ser minha noiva para que eu pudesse manter contato com Poroshin enquanto estivesse na prisão. Liebl nada sabia sobre isso. Poroshin disse que você não havia ficado muito entusiasmado em vir para Viena.

Disse que não parecia ter muito boa opinião a meu respeito. Imaginava se você ia ficar por muito tempo quando chegasse. Portanto achou que seria uma boa ideia se Traudl se empenhasse um pouco em convencê-lo de que havia alguém que me amava lá fora, alguém que precisava de mim. Ele é um arguto juiz de caráter, Bernie. Vamos, admita, ela é metade da razão por que você pegou o meu caso. Porque achava que mãe e filho mereciam o benefício da dúvida, mesmo que eu não merecesse.

Era Becker quem me observava agora, procurando por alguma reação. Estranhamente, porém, descobri que eu não estava furioso afinal. Estava acostumado a descobrir que, durante algum tempo, eu só tive metade da verdade.

— Bem, suponho que ela nem seja enfermeira. Costumava roubar penicilina para que eu vendesse no mercado negro. Fui eu que a apresentei a Poroshin.—Ele deu de ombros.

— Por algum tempo eu não soube do caso dos dois. Mas não fiquei surpreso. Traudl gostava de boa vida, como a maioria das mulheres nesta cidade. Ela e eu fomos amantes por um breve tempo, mas essas coisas não duram muito aqui em Viena.

— Sua esposa disse que você arranjou penicilina para curar uma gonorreia de Poroshin. Isso foi verdade?

— Arranjei a penicilina, certo, mas não foi para ele. Era para o filho dele, que teve meningite. Existe quase uma epidemia disso, acho. E carência de antibióticos, especialmente na Rússia. Há carência de tudo na União Soviética, exceto de gente.

"Depois disso, me fez um ou dois favores. Arranjou-me documentos, deu-me uma concessão de cigarros, esse tipo de coisa. E nos tornamos muito amigos. E quando o pessoal da organização andou sondando para me recrutar, contei-lhe a respeito. Por que não? Considerava König e seus amigos um bando de loucos. Mas estava feliz por poder ganhar o dinheiro deles e, francamente, eu não estava tão envolvido assim com a organização além de servir de correio para Berlim. Mas Poroshin queria que eu me aproximasse mais deles, e quando me ofereceu um bocado de dinheiro, concordei em tentar. Mas eles são absurdamente desconfiados, Bernie, e quando demonstrei algum interesse em fazer mais trabalhos para eles, insistiram para que eu me submetesse a um interrogatório sobre meu serviço na SS e meu internamento num campo de prisioneiros de guerra na Rússia. Incomodava-os bastante o fato de eu ter sido libertado. Eles não disseram nada sobre isso na

ocasião, mas em vista do que aconteceu desde então, imagino que devem ter decidido que não podiam confiar em mim e aí me tiraram do caminho.—Becker acendeu um de seus 'cigarros e recostou-se na cadeira dura.

— Por que não contou isto à polícia? Ele riu.

— Está pensando que não o fiz? Quando lhes contei sobre a organização, aqueles escrotos idiotas pensavam que eu estava falando do Movimento Lobisomem. Você sabe, aquela merda acerca de um grupo terrorista nazista.

— Então foi daí que Shields pegou a ideia.

— Shields?—desdenhou Becker.—Ele é um idiota fodido.

— Tudo bem, mas por que não me contou sobre a organização?

— Como disse, Bernie, eu não tinha certeza de que eles já não o haviam recrutado em Berlim. Ex-Kripo, ex Abwehr, você era exatamente o que eles estavam procurando.

Mas se você não estivesse na organização e eu lhe contasse, você poderia sair por Viena fazendo perguntas a respeito, caso em que teria acabado morto, como meus dois parceiros. E se estivesse na organização, eu achava que talvez fosse só em Berlim. Aqui em Viena você só seria mais um detetive, embora um que eu conhecesse e confiasse. Satisfeito?

Dei um grunhido de concordância e procurei meus cigarros.

— Ainda assim, devia ter me contado.

— Talvez. — Ele tragou ferozmente o seu cigarro.—Ouça, Bernie. Minha proposta original continua de pé. Trinta mil dólares se conseguir me tirar deste buraco. Portanto, se tiver algum trunfo na manga...

— Aqui está—eu disse, interrompendo-o e mostrando a fotografia de Müller, aquela tamanho passaporte.—Você o reconhece?

— Acho que não. Mas já vi esta foto antes, Bernie. Pelo menos, acho que já. Traudl mostrou-a para mim antes que você chegasse a Viena.

— Oh? Ela disse como a conseguiu?

— Com Poroshin, imagino.—Ele estudou a fotografia mais acuradamente. Colarinhos com folhas de carvalho, alamares de prata nos ombros. Pela aparência, um Brigadeführer da SS. Quem é, afinal?

— Heinrich Müller.

— O Müller da Gestapo?

— Oficialmente ele está morto, portanto gostaria que mantivesse isto em segredo por enquanto. Aliei-me com este agente americano da Comissão de Crimes de Guerra que está interessado no caso Linden. Ele trabalhava para o mesmo departamento. Aparentemente a arma usada para matar Linden pertencia a Müller, e foi usada para matar o homem que supostamente seria Müller. O que deixaria

Müller ainda vivo. Naturalmente, o pessoal de Crimes de Guerra está ansioso para pegar Müller a qualquer preço.

O que deixa você firmemente na mira, receio. Pelo menos no momento.

— Eu não me importaria se estivesse firmemente. Mas a mira em particular que eles têm em mente, depende. Você se importaria de me explicar o que isso significa exatamente?

— Significa que eles não estão preparados para fazer alguma coisa que pudesse espantar Müller de Viena.

— Presumindo que esteja aqui.

— Exatamente. Como esta é uma operação de informação, eles não estão preparados para envolver a polícia militar na história. Se as acusações contra você forem retiradas agora, isso convenceria a organização de que o caso estava a ponto de ser reaberto.

— Então, como é que fico, pelo amor de Deus?

— Este agente americano com quem estou trabalhando prometeu deixar você sair se pudermos colocar Müller no seu lugar. Nós vamos tentar e arrastá-lo para ser exposto publicamente.

— Até lá eles simplesmente vão levar o processo à frente? Talvez até mesmo a sentença?

— Mais ou menos isso.

— E você me pede para ficar de bico calado enquanto isso.

— O que você pode dizer? Que Linden foi possivelmente assassinado por um homem que esteve morto por três anos?

— Isso é simplesmente...—Becker jogou seu cigarro no canto da sala.—...é tremendamente desumano.

— Quer tirar esse barrete de padre da sua cabeça? Olhe, eles sabem o que você fez em Minsk, Jogar com a sua vida não é algo que eles se sintam melindrados em fazer.

Para ser honesto, eles nem se importam muito se você vai balançar na forca ou não. Esta é sua única chance, e você sabe disso.

Becker assentiu, taciturno. -- Tudo bem—disse.

Levantei-me para ir embora, mas um pensamento súbito parou-me a meio caminho da porta.

— A propósito—eu disse—,por que o libertaram de um campo de prisioneiros soviético?

— Você foi um prisioneiro. Sabe como era. Sempre com medo de que descobrissem que você foi da SS.

— E por isso que estou perguntando.

Ele hesitou por um momento. Depois disse:

— Havia um homem que devia ser libertado. Ele estava muito doente e em breve acabaria morrendo. De que adiantava repatriá-lo?

— Ele deu de ombros e fitou-me bem nos olhos.—Assim, eu o estrangulei. Comi cânfora para me fingir de doente... aquela porra quase me matou... e assumi o lugar dele.—Fixou o olhar em mim.—Eu estava desesperado, Bernie. Você se lembra como é que era.

— Sim, lembro.—Tentei esconder meu desagrado, mas fracasei. — Mesmo assim, se tivesse me contado isso antes, eu teria deixado que o enforcassem.— Peguei a maçaneta da porta.

— Ainda é tempo. Por que não deixa?

Se eu lhe tivesse contado a verdade, Becker não teria entendido a que eu estava me referindo. Ele provavelmente pensava que metafísica era algo que se usava para fabricar penicilina ordinária para o mercado negro. Assim, sacudi a cabeça e disse:

— Digamos apenas que fiz um acordo com alguém.

CAPÍTULO XXX

Encontrei-me com König no Café Sperl, na Gumpendorfer Strasse, que ficava no setor francês, mas próximo do Anel. Era um lugar grande e escuro, que os muitos espelhos art-nouveau nas paredes em nada ajudavam a iluminar, e abrigava várias mesas de bilhar de tamanho médio. Cada uma delas estava iluminada por uma luz fixada ao teto amarelado com um encaixe de latão que parecia algo saído de um velho submarino.

O terrier de König sentava-se a curta distância de seu dono, como o cão no selo dos discos RCA, observando-o jogar um jogo solitário, mas que o fazia pensar. Pedi um café e me aproximei da mesa.

Ele avaliou sua tacada, a cuidadosa posição do taco e a seguir aplicou uma pressão de giz na ponta, reconhecendo silenciosamente minha presença com um leve aceno de cabeça.

— Nosso próprio Mozart foi particularmente chegado a este jogo — disse ele, baixando os olhos para o feltro. — Sem dúvida, ele descobriu nisso um autêntico fac-símile congênito do próprio dinamismo do seu intelecto.—Ele fixou os olhos na bola como um atirador de tocaia fazendo pontaria e, após um longo e esmerado momento, acenou a bola branca sobre a vermelha e depois a outra. A vermelha percorreu todo o comprimento da mesa, oscilou à beira da caçapa e, instigando um pequeno murmúrio de satisfação de jogador — pois não existe manifestação mais graciosa das leis de gravidade e locomoção—,deslizou silenciosamente para fora de vista.—E, por outro lado, aprecio o jogo por motivos mais sensoriais. Adoro o ruído das bolas em entrechoque, e a maneira como elas correm tão suavemente.—Ele recolheu a bola vermelha da caçapa e reposicionou-a para sua própria satisfação.—Mas, acima de tudo, adoro a cor verde. Sabia que entre os celtas a cor verde era considerada de mau agouro? Não? Eles acreditam que o verde é seguido pelo preto. Provavelmente porque os ingleses costumavam enforcar irlandeses por usarem verde. Ou eram os escoceses?—Por um momento, König olhou quase de modo insano para a superfície da mesa de bilhar, como se ele pudesse lambê-la.—Olhe só para isso—arfou.—O verde é a cor da ambição e da juventude. É a cor da vida, e do descanso eterno. Requiem aeternam dona eis.—Relutante, ele pousou o taco sobre o feltro e, extraíndo um charutão dos seus bolsos, afastou-se da mesa.

O terrier permanecia na expectativa. — Você disse ao telefone que tinha algo para mim. Algo importante.

Entreguei-lhe o envelope de Belinski.

— Desculpe por não estar em tinta verde—falei, observando-o pegar os papéis. — Você lê cirílico?

König sacudiu a cabeça.

— Receio que podia ser também em gaélico que daria no mesmo.

— Mas ele foi em frente e espalhou os papéis sobre a mesa de bilhar e depois acendeu seu charuto. Quando o cachorro latiu, ele o mandou ficar quieto.—Poderia fazer a gentileza de explicar para o que exatamente estou olhando?

— Estes são detalhes das disposições e métodos da MVD na Hungria e Baixa Áustria.—Sorri e sentei-me a uma mesa próxima onde o garçom acabara de depositar meu café.

König acenou de cabeça lentamente, olhou sem entender nada para os papéis por mais alguns segundos, a seguir os recolheu, pôs de volta no envelope e colocou no bolso do paletó.

— Muito interessante—disse, sentando-se à minha mesa.—Presumindo por um momento que sejam autênticos.

— Oh, são para lá de autênticos—respondi depressa.

Ele sorriu complacente, como se eu não fizesse ideia do extenso processo pelo qual esse tipo de informação era adequadamente verificado.

— Presumindo que sejam autênticos — repetiu com firmeza—,como foi exatamente que os conseguiu?

Dois homens se aproximaram da mesa de bilhar e começaram uma partida. König arrastou sua cadeira e fez um sinal de cabeça para que eu o seguisse.

— Está tudo bem—disse um dos jogadores.—Há espaço de sobra para jogarmos.

Mesmo assim, afastamos nossas cadeiras. E quando estávamos a uma distância mais discreta da mesa, comecei a contar-lhe a história que havia ensaiado com Belinski.

Só então König sacudiu a cabeça com firmeza e pegou o cachorro, que lambeu sua orelha alegremente.

— Esta não é a hora certa nem o lugar — disse ele.—Mas estou impressionado. Você andou muito ocupado.—Ele ergueu as sobrancelhas e observou os dois homens na mesa de bilhar com um ar distraído.—Soube esta manhã que você foi bem-sucedido em arranjar alguns cupons de gasolina para aquele médico amigo meu, que trabalha no Hospital Geral.—Percebi que ele estava falando sobre o assassinato de Traudl. E, portanto, logo em seguida discutimos também o assunto.—De fato, você foi muito eficiente, tenho certeza.

— Ele bafejou fumaça no cachorro em seu colo, que a farejou e depois aspirou.—Atualmente é muito difícil obter suprimentos confiáveis em Viena.

Dei de ombros.

— Só é preciso conhecer as pessoas certas, isso é tudo.

— Como você obviamente conhece, meu amigo.—Ele bateu no bolso da lapela do seu terno verde de tweed, onde tinha guardado os documentos de Belinski.—

Nessas circunstâncias especiais, creio que devo apresentá-lo a alguém na organização que será mais capaz do que eu de avaliar a qualidade de sua fonte. Alguém que, aliás, está ansioso em conhecê-lo e decidir qual a melhor maneira de aproveitar um homem com suas habilidades e recursos. Pensamos em esperar algumas semanas antes de fazer a apresentação, mas esta nova informação muda tudo. Antes, porém, preciso dar um telefonema. Só vai levar uns poucos minutos.—Ele olhou para o café e apontou para umas mesas de bilhar disponíveis.—Por que não treina umas tacadas enquanto me espera?

— Não sou muito chegado a jogos de habilidade—repliquei. Desconfio de jogos que exigem algo mais do que sorte, de modo que eu não precisasse me culpar se perdesse.

Tenho uma tremenda capacidade de auto recriminação.

König piscou o olho.

— Meu querido companheiro—disse, erguendo-se da mesa—,isso dificilmente parece coisa de alemão.

Observei-o se encaminhar para os fundos do café para usar o telefone, o terrier trotando fielmente atrás dele. Imaginei para quem ele ia telefonar: o tal que era mais capacitado a julgar a qualidade de minha fonte podia até mesmo ser Müller. Parecia ser esperar demais em tão pouco tempo.

Quando König retornou, minutos depois, parecia animado.

— Como eu pensava—disse, assentindo com entusiasmo—,há alguém que está ansioso para examinar este material imediatamente e conhecê-lo. Tenho um carro lá fora.

Vamos até lá?

O carro de König era um Mercedes preto, como o de Belinski, e ele dirigia rápido demais para ter segurança em ruas que haviam sido castigadas por uma pesada chuva matinal. Eu disse que seria melhor chegar tarde do que não chegar, mas ele nem me deu atenção. Minha sensação de desconforto ficava ainda pior por causa do cachorro de König, que, sentado no colo do dono, latiu excitadamente para a estrada, a viagem inteira, como se a indicar o rumo que devíamos seguir. Reconheci a estrada como aquela que levava aos Estúdios Sievering, mas, no mesmo momento, a estrada se bifurcou e viramos para o norte de novo, para Grinzing Allee.

— Conhece Grinzing?—gritou König acima do incessante latir do cão. Respondi que não.—Então realmente não conhece os vienenses—opinou.—Grinzing é famoso por sua produção de vinho. No verão todo mundo vem para cá à noite, para as tavernas que vendem a nova vindima. O pessoal bebe até se fartar, ouve um quarteto de cordas e canta velhas canções.

— Parece muito aconchegante—disse eu, sem grande entusiasmo.

— Sim, é isso. Eu mesmo sou dono de dois vinhedos aqui. Apenas dois pequenos pedaços de terra, você entende. Mas é um começo. Um homem deve possuir alguma terra, não acha? Voltaremos aqui no verão para que você possa provar do vinho novo. O sangue da vida de Viena.

Grinzing mal parecia um subúrbio de Viena, e sim uma pequena aldeia encantadora. Mas, devido à proximidade da capital, seu aconchegante charme campestre de certo modo parecia tão falso como um dos cenários de filme construídos em Sievering.

Subimos uma colina por uma estreita alameda serpeante que nos levava por entre velhas estalagens Heurige e jardins de chalés, com König declarando como achava tudo aquilo tão lindo agora, com a chegada da primavera. Mas a visão de tanto provincianismo servia meramente para estimular minha propensão citadina para o desdém, e me limitar a um sombrio grunhido e a uma frase resmungada sobre turistas. Para alguém mais acostumado à perene visão de entulho, Grinzing, com suas muitas árvores e vinhedos, parecia muito verde. Não mencionei esta impressão por temor de que König engrenasse um dos seus esquisitos monólogos sobre essa cor doentia.

Ele parou o carro em frente a um muro alto de tijolos amarelos que circundava uma enorme casa pintada de amarelo e um jardim que parecia ter passado o dia inteiro num salão de beleza. A casa em si era um prédio alto de três andares encimado por uma água-furtada elevada. À parte sua cor brilhante, havia uma certa austeridade de detalhes na fachada que emprestava à casa uma aparência institucional. Parecia uma espécie de prefeitura um tanto opulenta.

Segui König através dos portões e subimos uma trilha imaculadamente orlada até uma pesada porta de carvalho tachonada, daquele tipo que se espera que você esteja empunhando uma acha de armas ao bater. Entramos direto na casa, sobre um rangente assoalho de tábuas que teria provocado um ataque cardíaco em um bibliotecário.

König conduziu-me até uma pequena sala de estar, mandou-me esperar lá e depois saiu, fechando a porta atrás de si. Dei uma boa olhada em torno, mas não havia muito a ver além do fato do gosto bucólico do proprietário em relação ao mobiliário. Uma mesa rústica bloqueava a porta envidraçada e duas cadeiras feitas de rodas de carroça de uma casa de fazenda estavam alinhadas diante de uma lareira vazia, que era tão grande como um poço de mina.

Sentei-me numa otomana de aspecto ligeiramente mais confortável e reatei os laços de meus sapatos. A seguir, poli os sapatos na beirada do tapete puído. Devo ter esperado ali por uma indiferente meia hora até König voltar para me buscar. Fui conduzido por um labirinto de cômodos e corredores e subi um lance de escadas até os fundos da casa. König tinha a postura de um homem cujo paletó está

alinhado com os painéis de carvalho. Sem me preocupar nem um pouco se ele se sentisse insultado, agora que eu ia conhecer alguém mais importante, falei:

— Se tirasse esse terno, você daria um mordomo maravilhoso. König não se levantou, mas o ouvi expor a dentadura e soltar uma risada curta e seca.

— Fico contente por você achar assim. Mas devo avisá-lo: embora eu goste de uma piada, é melhor não tentar isso com o general. Para ser sincero, ele tem uma personalidade mais rígida.—Ele abriu uma porta e entramos num cômodo brilhante e arejado, com um fogo na lareira e quilômetros de estantes vazias. Contra a larga janela, atrás de uma comprida mesa de biblioteca, estava uma figura vestida de cinza, com o cabelo cortado rente—meio que o reconheci. O homem voltou-se e sorriu, seu nariz adunco que pertencia, indubitavelmente, a um rosto do meu passado.

— Olá, Gunther—disse o homem.

König me olhou intrigado enquanto eu piscava o olho mudamente para a figura sorridente.

— Acredita em fantasmas, Herr König?—perguntei.

— Não. E você?

— Agora acredito. Se não me engano, o cavalheiro junto à janela foi enforcado em 1945 por participar do complô para matar Hitler.

— Pode nos deixar agora, Helmut—disse o homem à janela. König assentiu brevemente, virou-se e saiu.

Arthur Nebe apontou para uma cadeira diante da mesa sobre a qual espalhavam-se os documentos de Belinski, ao lado de um par de óculos e uma caneta-tinteiro.

— Sente-se—disse ele. — Quer uma bebida?—Ele riu.—Você parece estar precisando.

— Não é sempre que vejo um homem se levantando de entre os mortos—falei baixinho. — É melhor servir uma dose dupla.

Nebe abriu um amplo armário de bebidas de madeira entalhada, revelando um interior de mármore cheio de garrafas diversas. Ele pegou uma garrafa de vodca e dois copos, que encheu até a borda.

— Aos velhos camaradas—disse ele, erguendo seu copo. Sorri incertamente.—Beba. Isso não vai me fazer desaparecer outra vez.

Virei o copo de vodca e inspirei profundamente quando bateu no meu estômago.

— A morte combina com você, Arthur. Você parece ótimo.

— Obrigado. Nunca me senti melhor.

Acendi um cigarro e deixei-o nos lábios por um instante.

— Minsk, não foi?—disse ele.—Em 1941-A última vez em que nos vimos?

— Exato. Você conseguiu minha transferência para o Birô de Crimes de Guerra.

— Eu devia tê-lo acusado pelo que você pediu. Até mesmo tê-lo fuzilado.

— Pelo que ouvi dizer, você andou ávido por fuzilamentos naquele verão.— Nebe deixou passar esta.— Por que me poupou?

— Você era um policial danado de bom. Eis por quê.

— Você também. — Dei uma tragada profunda.— Pelo menos foi, antes da guerra. O que o fez mudar, Arthur?

Nebe saboreou seu drinque por um momento e depois o entornou de um só gole.

— Esta é vodca da boa — assinalou baixinho, quase para si mesmo.

— Bernie, não espere que eu lhe dê uma explicação. Tive minhas ordens a cumprir, e era eles ou eu. Matar ou ser morto. Tal como sempre ocorreu na SS. Dez, vinte, trinta mil... após ter calculado isto para salvar a própria vida você deve matar outros, e aí o número faz pouca ou nenhuma diferença. Esta foi a minha solução final, Bernie: a solução final para o premente problema de minha própria sobrevivência continuada. Você foi sortudo por nunca ter tido necessidade de fazer o mesmo cálculo.

— Graças a você.

Nebe deu de ombros modestamente, antes de apontar para os papéis espalhados diante dele.

— Estou muito contente por não tê-lo fuzilado, agora que dei uma olhada nisto. Naturalmente este material terá de ser avaliado por um perito, mas, à primeira vista, você parece ter ganhado a sorte grande. Mesmo assim, eu gostaria de ouvir mais a respeito de sua fonte.

Repeti minha história, após o quê Nebe disse:

— Esse seu russo. Acha que ele é confiável?

— Ele nunca me deixou na mão antes—declarei.—É claro que à época ele estava somente arranjando papéis para mim.

Nebe reencheu nossos copos e franziu o cenho.

— Há algum problema?—perguntei.

— É simplesmente que, nesses dez anos que o conheço, Bernie, não me entra na cabeça que você seja agora um reles atravessador do mercado negro.

— Isso não seria nada mais difícil do que o meu problema: me convencer de que você é um criminoso de guerra, Arthur. Ou, por falar nisso, de que você não está morto.

Nebe sorriu.

— Ponto para você. Mas com tantas oportunidades apresentadas pelo vasto número de deslocados de guerra, estou surpreso que não tenha voltado ao seu antigo ofício e se tornado de novo um investigador particular.

— A investigação particular e o mercado negro não são atividades inteiramente desassociadas—repliquei.—Boa informação é tal qual penicilina e cigarros. Tem

seu preço. Melhor ainda: quanto mais ilícita a informação, mais alto o preço. Sempre foi assim. A propósito, o meu russo vai querer receber.

— Eles sempre querem. Às vezes acho que os Ivans são mais apegados ao dólar que os próprios americanos.—Nebe fechou as mãos e pousou ambos os dedos indicadores ao longo do nariz de aparência arguta. Depois os apontou para mim como se estivesse segurando uma pistola.—Você agiu muito bem, Bernie. Muito bem, de fato. Mas devo confessar que ainda estou intrigado.

— Por eu ser um atravessador?

— Posso aceitar esta ideia mais facilmente do que posso aceitar a ideia de você matando Traudl Braunsteiner. Assassinato nunca fez o seu gênero.

— Eu não a matei—respondi.—König me pediu para fazê-lo e achei que seria capaz, porque ela era uma comunista. Aprendi a odiá-los enquanto estive num campo de prisioneiros soviético. Ao ponto de matar um deles. Mas quando pensei a respeito, percebi que não conseguiria.- Não a sangue-frio. Talvez eu pudesse tê-lo feito se fosse um homem, mas não uma garota. Eu ia contar isso a ele esta manhã, mas quando ele me congratulou pela façanha, decidi ficar de bico fechado e assumir o crédito.

Imaginei que haveria algum dinheiro nisso.

— Então, alguém mais a matou. Muito intrigante. Faz alguma ideia de quem foi? Sacudi a cabeça, negando.

— Um mistério, então.

— Tal como a sua ressurreição, Arthur. Como foi exatamente que conseguiu?

— Receio que eu não possa assumir qualquer crédito—disse ele.

— Foi algo que o pessoal da informação arquitetou. Nos últimos meses da guerra eles simplesmente falsificaram os registros de serviço do alto escalão da SS e do partido, para o efeito de que estivéssemos mortos. A maioria de nós foi executada por participação no complô do conde Stauffenberg para matar o Führer. Bem, o que era mais uma centena de execuções numa lista que já tinha milhares de nomes? E então alguns de nós fomos listados como mortos num ataque aéreo, ou na batalha de Berlim. Tudo que restava então era fazer com que esses registros caíssem nas mãos dos americanos.

"Assim, a SS transportou os registros para uma fábrica de papel perto de Munique e o proprietário, um bom nazista, foi orientado a esperar até que os americanos estivessem em sua porta antes de começar a destruir tudo.—Nebe riu.—Lembro de ter lido nos jornais como os americanos ficaram satisfeitos, pensando que tinham conseguido uma grande coisa. Claro que a maior parte do que haviam apreendido era bastante autêntica. Mas para aqueles de nós mais expostos ao risco de suas ridículas investigações de crimes de guerra, fornecia um verdadeiro alívio e tempo de sobra para estabelecer uma nova identidade.

Não há nada melhor do que estar morto para alguém ganhar um pouco de espaço.—Ele riu de novo.—Seja como for, aquele Centro de Documentação deles em Berlim ainda está trabalhando para nós.

— Como assim?—perguntei, imaginando se estava a ponto de descobrir alguma coisa que lançasse uma luz sobre a morte de Linden. Teria ele simplesmente descoberto que os registros tinham sido adulterados antes de cair em poder dos aliados? Teria sido o bastante para justificar seu assassinato?

— Não, já falei demais por ora.—Nebe bebeu mais vodca e lambeu os lábios apreciativamente.—É uma época interessante a que vivemos, Bernie. Um homem pode ser o que quiser. Veja a mim: meu novo nome é Nolde, Arthur Nolde, e produzo vinho nesta propriedade. Ressuscitado, você disse. Bem, você não está lá muito longe disso.

Apenas os nossos nazistas mortos são enaltecidos como incorruptíveis. Nós mudamos, meu amigo. São os russos que estão usando os chapéus pretos e tentando assumir o controle da cidade. Agora que estamos trabalhando para os americanos, viramos os mocinhos. O Dr. Schneider, o homem que montou a organização com a ajuda do CIC, tem encontros regulares com eles em nosso quartel-general em Pulach. Foi até mesmo aos Estados Unidos para se encontrar com o secretário de Estado. Pode imaginar isso? Um alto oficial alemão trabalhando com o número dois do presidente? Você não consegue ser mais incorruptível do que isso, não nos dias atuais.

— Se me permite—eu disse—,acho difícil pensar nos americanos como santos. Quando voltei da Rússia, minha esposa estava obtendo ração extra de um capitão americano.

Às vezes acho que eles não são melhores do que os Ivans.

Nebe deu de ombros.

— Você não é o único na organização a pensar assim—disse.—Mas, quanto a mim, nunca ouvi falar dos Ivans pedindo a permissão de uma dama ou presenteando-a primeiro com uma barra de chocolate. Eles são animais.—Ele sorriu enquanto a ideia lhe vinha à cabeça.

— Mesmo assim, deverei admitir que algumas daquelas mulheres deveriam ser gratas aos russos. Não fossem eles, jamais teriam sabido como é que era.

Era uma piada fraca, e de péssimo gosto, mas ri com ele assim mesmo. Estava ainda bastante nervoso com Nebe para querer ser uma boa companhia para ele.

— E aí, o que você fez em relação a sua esposa e este capitão americano?—perguntou ele quando parou de rir.

Algo fez com que eu me avaliasse antes de responder. Arthur Nebe era um homem esperto. Antes da guerra, como chefe da polícia criminal, ele havia sido o mais destacado policial da Alemanha. Teria sido arriscado demais eu dar uma

resposta que sugerisse que eu quisera matar um capitão do exército americano. Nebe percebia fatores comuns merecedores de investigação onde outros homens só viam a mão de um deus caprichoso. Eu o conhecia bem demais para acreditar que ele tivesse esquecido como uma vez tinha designado Becker para uma investigação de homicídio que eu estava conduzindo. Qualquer indício de associação, não importa quão acidental, entre a morte de um oficial americano afetando Becker e a morte de outro afetando a mim, eu não tinha dúvida de que Nebe daria ordens para que me matassem. Um oficial americano morto já era ruim o bastante. Dois, seria coincidência demais. Portanto, dei de ombros, acendi um cigarro e disse:—O que se pode fazer senão se certificar de que a afronta partiu dela e não dele? Oficiais americanos não gostam de ser socados, muito menos por alemães. Este é um dos pequenos privilégios da conquista: você não tem que aturar merda nenhuma de seu inimigo derrotado. Não posso imaginar que tenha esquecido disso, Herr Gruppenführer.

Você, entre todas as pessoas.

Observei seu sorriso com uma curiosidade extra. Era um sorriso astuto, em um rosto de velha raposa, mas seus dentes pareciam bastante reais.

— Foi muito sábio de sua parte—disse ele.—Não se deve sair por aí matando americanos.—Confirmando meu nervosismo em relação a ele, acrescentou, após uma longa pausa:—Lembra de Emil Becker?

Teria sido estúpido tentar simular uma exibição de que puxava pela memória. Ele me conhecia melhor do que isso.

— Claro—eu disse.

— Foi a garota dele que Kõnig lhe pediu para matar. Uma das garotas dele, de qualquer modo.

— Mas Kõnig disse que ela era da MVD.

— E era mesmo. Bem como Becker. Ele matou um oficial americano. Mas não antes que tentasse se infiltrar na organização.

Sacudi a cabeça lentamente.

— Um patife, talvez—eu disse—,mas não consigo ver Becker como um dos espiões dos Ivans.—Nebe acenava a cabeça com insistência.—Aqui em Viena?—Acenou de novo.—Ele sabia que você estava vivo?

— Claro que não. Nós o utilizamos como correio uma vez ou outra. Foi um erro. Becker era operador do mercado negro, como você, Bernie. Só que bem-sucedido, por falar nisso. Mas ele se iludia acerca do seu próprio valor para nós. Achava que estava no centro de uma jogada muito grande. Mas não chegou nem perto disso. Falando sério, se um meteorito tivesse pousado no meio disso, Becker nem teria sequer notado a porra da ondulação.

— Como descobriu a respeito dele?

— Sua esposa nos contou—disse Nebe.—Quando ele voltou de um campo de prisioneiros soviético, nosso pessoal em Berlim mandou alguém até sua casa para ver se podíamos recrutá-lo para a organização. Bem, eles o perderam e, na ocasião em que conseguiram falar com a esposa de Becker, ele havia abandonado o lar e estava vivendo aqui em Viena. A esposa contou a eles sobre a associação de Becker com um coronel russo da MVD. Mas, por um motivo ou outro... na verdade, foi pura falta de competência...

ocorreu exatamente um instante antes que a informação chegasse ao nosso setor aqui em Viena. E por essa época ele havia sido arregimentado por um dos nossos recrutadores.

— Então, onde ele está agora?

— Aqui em Viena. Na cadeia. Os americanos o estão processando por assassinato e é quase certo que será enforcado.

— O que deve ser muito conveniente para vocês—eu disse, espichando um pouco o pescoço.—Pra lá de conveniente, se quer saber.

— Instinto profissional, Bernie?

— Melhor chamar de intuição. Assim, se estou errado, isso não me faz parecer exatamente um amador.

— Ainda se fiando na sua coragem, ha?

— Mais do que nunca, agora que consegui recuperá-la, Arthur. Viena é a boca-rica depois de Berlim.

— Então você acha que ele matou o americano?

— Isso dependeria de quem ele era, e se você tivesse um bom motivo. Então, tudo que você teria de fazer é se certificar de que eles conseguiram a cobertura de alguém para isso. Alguém que você quisesse tirar do caminho. Assim, poderia matar dois coelhos com uma só paulada. Estou certo?

Nebe inclinou a cabeça um pouco para o lado.

— Talvez. Mas nem tente me lembrar de quão bom detetive você foi ao fazer algo tão idiota quanto provar isso. Ainda existe um ponto sensível com algumas pessoas nesta seção, de modo que seria melhor se você parasse de meter o bedelho nisso.

"Sabe, se realmente gosta de bancar o detetive, poderia nos dar o benefício do seu conselho sobre como devíamos proceder para descobrir um de nossos próprios desaparecidos.

Seu nome é Karl Heim e é dentista. Claro que ele pode ter ido à cura local—Nebe se referia à ronda dos bares—,mas nesta cidade existe sempre a possibilidade de que tenha sido sequestrado pelos Ivans. Existem duas gangues de franco atiradores que os russos estão apoiando aqui. Em troca, elas conseguem concessões para vender cigarros no mercado negro. Até onde descobrimos, essas duas gangues

se reportavam ao coronel russo de Becker. Foi provavelmente por isso que ele conseguiu a maior parte de seus suprimentos, em primeiro lugar.

— Claro—eu disse, enervado por esta mais recente revelação do envolvimento de Becker com o coronel Poroshin.—O que quer que eu faça?

— Fale com König—instruiu Nebe—,dê-lhe algum conselho sobre como ele poderia tentar encontrar Heim. Se tiver tempo, você poderia até mesmo dar-lhe uma ajuda.

— É bastante simples. Alguma coisa mais?

— Sim, eu gostaria que voltasse aqui amanhã de manhã. Temos alguém especializado em todos os assuntos relacionados à MVD. Tenho a impressão de que ele está especialmente ansioso para falar com você acerca desta sua fonte. Que tal às dez horas?

— Dez horas—repeti.

Nebe levantou-se e contornou a mesa para apertar minha mão.

— E bom ver um velho rosto, Bernie, mesmo que pareça estar olhando para minha consciência.

Sorriu debilmente e apertei sua mão.

— O que passou, passou—falei.

— Exatamente—disse ele, pousando uma das mãos no meu ombro.—Até amanhã, então. König o levará de volta à cidade.—Nebe abriu a porta e conduziu-me escadas abaixo até a entrada da casa.

— Lamento ter ouvido sobre aquele problema com sua esposa. Se quiser, posso arranjar para que ela receba mantimentos do reembolsável.

— Não se incomode—repliquei rapidamente. A última coisa que eu queria era alguém da organização aparecendo em meu apartamento em Berlim e fazendo a Kirsten perguntas embaraçosas que ela não saberia responder.—Ela trabalha num café americano e consegue todos os mantimentos de que precisa.

Encontramos König no vestíbulo, brincando com seu cachorro.

— Mulheres—riu Nebe.—Foi uma mulher quem comprou o cachorro para König, não foi, Helmut?

— Sim, Herr General.

Nebe abaixou-se para coçar a barriga do cachorro, que rolou e ofereceu-se submisso aos dedos dele.

— E você sabe por que ela lhe comprou um cachorro?—Captei em König um arremedo de sorriso embaraçado e senti que Nebe estava prestes a fazer uma piada.—Para ensinar obediência ao homem.

Ri juntamente com eles. Mas, depois de uns poucos dias de intimidade com König, achei que Lotte Hartmann teria em breve que ensinar seu namorado a recitar a Torah.

CAPÍTULO XXXI

O céu estava cinzento à hora em que retornei a meus aposentos. Ouvi uma pancada de chuva contra as portas envidraçadas. Segundos depois, houve um curto relâmpago e o enorme ribombar de um trovão que obrigou os pombos do meu terraço a buscar abrigo. Levantei-me e observei a tempestade sacudir as árvores e inundar os bueiros, descarregando a atmosfera de toda a sua energia elétrica excedente até o ar ficar de novo limpo e agradável.

Dez minutos depois, os pássaros cantavam nas árvores, como se comemorando a borrasca purgativa. Parecia demais invejá-los em sua rápida cura climática, e desejei que a pressão que sentia nos meus próprios nervos pudesse ter sido assim tão facilmente resolvida. Tentando manter um passo à frente de todas as mentiras, inclusive a minha, eu estava rapidamente chegando ao limite de minha própria engenhosidade e correndo o risco de perder o ritmo de todo aquele caso. Para não mencionar minha vida.

Foi por volta das oito horas que liguei para Belinski no Sacher's, um hotel na Philharmonikerstrasse requisitado pelos militares. Achei que seria tarde demais para encontrá-lo, mas ele ainda estava lá. Ele pareceu descontraído, como se soubesse o tempo todo que a organização iria morder sua isca.

— Eu disse que ligaria—recordei-lhe.—É um pouco tarde, mas andei um bocado ocupado.

— Não tem problema. E então? Eles compraram a informação?

— Praticamente a tomaram da minha mão. König me levou a uma casa em Grinzing. Possivelmente é o quartel-general deles aqui em Viena, não tenho certeza. É bastante grande.

— Ótimo. Conseguiu ver Müller?

— Não. Mas vi alguém mais.

— Oh? E quem foi?—A voz de Belinski ficou fria.

— Arthur Nebe.

— Nebe? Tem certeza?—Ele estava empolgado agora.

— Claro que tenho. Conheci Nebe antes da guerra. Pensava que estivesse morto. Mas esta tarde conversamos por quase uma hora. Ele quer que eu ajude König a encontrar o nosso amigo dentista e que volte a Orinzing amanhã de manhã para discutir as cartas de amor do seu russo. Tenho o palpite de que Müller vai estar presente.

— Como é que vai lidar com isso?

— Nebe disse que vai estar presente alguém especializado em todos os assuntos relativos à MVD.

— Sim, partindo de Arthur Nebe, essa descrição poderia muito bem se adequar a Müller. A que horas é esta reunião?

— Dez horas?

— O que me dá apenas esta noite para organizar as coisas. Deixe-me pensar por um minuto.—Ele ficou em silêncio por tanto tempo que pensei que tivesse desligado.

Mas depois o ouvi inspirar profundamente. — A que distância a casa fica da estrada?

— Vinte ou trinta metros da porta da frente e do lado norte. Atrás da casa, ao sul, há um vinhedo. E também alguns anexos. Dei-lhe as direções para a casa da melhor maneira que pude me lembrar.

— Tudo bem—disse ele bruscamente.—Eis o que vamos fazer. Depois das dez, começarei a dispor meus homens em torno da casa a uma distância discreta. Se Müller estiver lá, você nos dá um sinal e aí nós invadimos e o pegamos. Essa vai ser a parte difícil, porque o estarão observando atentamente. Enquanto estive lá, por acaso usou o lavatório?

— Não, mas passei por um no primeiro andar. Se a reunião for na biblioteca onde encontrei-me com Nebe, como imagino que vá ser, este será o único banheiro em uso. Dá para o norte, na direção de Josefstadt e a estrada. E tem uma janela, com persiana bege. Talvez eu possa usar a persiana para sinalizar.

Houve outro breve silêncio. Depois, ele disse:

— Vinte minutos depois da hora, ou tão próximo disso quanto puder conseguir, vá até o banheiro. Quando estiver lá, puxe a persiana para baixo e conte cinco segundos, depois levante por cinco segundos. Faça isso três vezes. Estarei observando o local de binóculos e, quando vir o sinal, tocarei a buzina do carro três vezes. Será o sinal para que meus homens entrem em ação. Depois, você volta à reunião, senta-se e espera a chegada da cavalaria.

— Parece bem simples. Simples demais, realmente.

— Olhe aqui, chucrute, eu sugeriria que você pendurasse sua bunda fora da janela e assobiasse Dixie, mas isso chamaria muita atenção. — Ele deu uma espécie de suspiro irritado.—Uma ação desse tipo exige um monte de burocracia, Gunther. Tenho que decifrar codinomes e obter todos os tipos de autorizações especiais para uma operação de maior vulto. E depois há uma investigação se a coisa toda resulta num alarme falso. Espero que esteja certo sobre Müller. Você sabe, vou virar a noite preparando esta pequena festa.

— O que realmente já é um abuso — repliquei. — Sou o único a me arriscar e você está mais preocupado com burocracia. Bem, estou cagando e andando para a porra da sua papelada.

Belinski riu.

— Vamos lá, chucrute, não precisa se irritar com isso. Eu só queria dizer que seria legal se pudéssemos ter certeza da presença de Müller. Seja razoável. Ainda nem temos certeza se ele faz parte do ramo da organização aqui em Viena.

— Claro que temos—menti.—Esta manhã fui à prisão e mostrei a Becker um dos instantâneos de Müller. Ele o identificou de imediato como o homem que estava com König quando ele pediu a Becker para tentar descobrir o capitão Linden. A menos que Müller esteja simplesmente enrolando König, isso significa que ele deve fazer parte do setor da organização em Viena.

— Merda—disse Belinski—,por que não pensei nisso antes? É tão simples. Ele tem certeza de que era Müller?

— Sem a menor dúvida.—Eu o provoquei desse jeito por um instante até me certificar de suas intenções.—Tudo bem, pode ficar tranquilo. Na verdade, Becker não o identificou de fato. Mas ele tinha visto a fotografia antes. Traudl Braunsteiner a mostrou a ele. Eu só queria me certificar de que não foi você quem deu a foto para ela.

— Ainda não confia em mim, não é, chucrute?

— Se vou entrar na toca do leão por você, então mereço fazê-lo passar por um teste antes.

— Sim, mas ainda nos resta o problema de onde foi que Traudl Braunsteiner conseguiu uma foto de Müller da Gestapo.

— Foi com um tal coronel Poroshin da MVD, acho. Ele deu a Becker uma concessão de cigarros aqui em Viena, em troca de informação e a habitual comissão por sequestros.

Quando Becker foi abordado pela organização, ele disse a Poroshin tudo a respeito e concordou em tentar descobrir o que pudesse. Depois que Becker foi preso, Traudl se transformou no seu mensageiro. Ela apenas se fazia passar por sua namorada.

— Sabe o que isso significa, chucrute?

— Significa que os Ivans também estão atrás de Müller, não?

— Mas já pensou no que aconteceria se eles o pegassem? Francamente, não há muita chance de que ele vá a julgamento na União Soviética. Como eu disse antes, Müller fez um estudo especial dos métodos policiais soviéticos. Não, os russos querem Müller porque pode ser útil a eles. Poderia, por exemplo, contar quem eram todos os agentes da Gestapo na NKVD. Homens que provavelmente ainda estão lotados na MVD.

— Então vamos esperar que ele esteja lá amanhã.

— Seria melhor você me dizer como encontrar este lugar. Dei-lhe todas as indicações com clareza e disse para que não se atrasasse.

— Aqueles sacanas me assustam—expliquei.

— Ei, quer saber de uma coisa? Todos vocês chucrutes me assustam, Mas não tanto quanto os russos.—Ele riu de uma maneira que tinha quase começado a gostar.—Adeus, chucrute—disse—,e boa sorte.

A seguir, ele desligou, deixando-me a olhar para o receptor com curiosa sensação de que a voz incorpórea com a qual eu estivera falando pertencia a algum lugar fora da minha imaginação.

CAPÍTULO XXXII

A fumaça subia para o teto do clube noturno como o mais espesso nevoeiro subterrâneo. Coroava a solitária figura de Belinski como se fosse Bela Lugosi saído de um cemitério enquanto ele se escarranchava na mesa onde eu estava sentado. A banda que eu estava ouvindo podia sustentar uma batida tão bem quanto um sapateador de uma perna só, mas de algum modo Belinski conseguia acompanhar o ritmo que ela estava gerando. Eu sabia que ele ainda estava zangado comigo por duvidar dele e que Belinski estava bem ciente do quanto, mesmo agora, eu tentava esquadriñar por que motivo ele não tinha pensado em mostrar a fotografia de Müller a Becker. Assim, não fiquei muito surpreso quando ele me agarrou pelos cabelos e bateu com minha cabeça duas vezes sobre a mesa, dizendo apenas que eu não passava de um chucrute indigno de confiança. Libertei-me e corri em direção à porta, mas descobri minha saída bloqueada por Arthur Nebe. Sua presença ali foi tão inesperada que fiquei momentaneamente incapaz de evitar que Nebe me agarrasse pelas orelhas e, batendo meu crânio contra a porta, e mais uma vez, por garantia, dizendo que, se eu não tinha matado Traudl Braunsteiner, então talvez devesse descobrir quem o tinha feito. Libertei minha cabeça de suas mãos e disse que, com tão pouco tempo, eu teria adivinhado que o nome de Hans era mesmo Hans.

Sacudi a cabeça de novo, a contragosto, e pisquei à escuridão. Houve outra batida à porta e ouvi uma voz semi sussurrada.

— Quem é?—eu disse, procurando a luz na cabeceira e depois meu relógio. O nome não causou nenhuma impressão em mim enquanto me levantava da cama e ia até a saleta.

Eu ainda estava praguejando quando abri a porta um pouco mais do que era seguro. Lotte Hartmann estava de pé no corredor, no mesmo reluzente vestido preto e casaco de astracã que eu lembrava de vê-la usando em nossa última noite juntos. Seu olhar exibia um aspecto impertinente e questionador.

— Sim?—eu disse.—O que é? O que você quer?

Ela fungou com frio desdém e empurrou a porta levemente com a mão enluvada, de modo que recuei para a sala. Entrou, fechou a porta, recostou-se nela, olhou em torno enquanto minhas narinas faziam algum exercício graças ao cheiro de cigarro, álcool e perfume que ela carregava em seu corpo venal.

— Desculpe tê-lo acordado—disse. Ela não olhou para mim tanto quanto para a sala.

— Não foi você—respondi.

Agora ela deu uma voltinha pela sala, espiando no quarto de dormir e depois no banheiro. Movia-se tão graciosa e confiantemente quanto qualquer mulher

acostumada à constante sensação de ter um olho masculino fixado no seu traseiro.

— Você está certo—sorriu ela.—Mas desculpe assim mesmo. Você sabe, este lugar não é tão ruim quanto eu pensava que seria.

— Sabe que horas são?

— Muito tarde.—Deu uma risadinha.—A sua senhoria não ficou muito impressionada comigo, afinal. Portanto, precisei dizer a ela que era sua irmã e que tinha vindo de Berlim para lhe dar uma notícia má.

Ela riu de novo.

— E você veio?

Ela ficou amuada por um momento. Mas foi apenas uma encenação. Estava ainda muito satisfeita consigo mesma para melindrar-se.

— Quando ela me perguntou se eu trazia alguma bagagem, eu disse que os russos a haviam roubado no trem. Ela foi extremamente simpática, e até mesmo uma doçura. Espero que com você não seja diferente.

— Oh? Pensei que era por isso que você estivesse aqui. Ou está tendo problemas de novo com a delegacia de costumes?

Ela ignorou o insulto, sempre supondo que ela o tivesse sequer percebido.

— Bem, eu só estava voltando para casa do Flottenbar... fica na Manahilferstrasse, conhece?

Eu não disse nada. Acendi um cigarro e o fixei num canto de minha boca para me impedir de resmungar alguma coisa para ela.

— De qualquer modo, não fica longe daqui. E pensei em dar uma passadinha. Você sabe...—O seu tom de voz ficou mais suave e sedutor.—...não tive oportunidade de falar com você adequadamente

— ela deixou isso no ar por um segundo, e subitamente desejei estar usando um lenço — por ter me livrado daquela pequena confusão com os Ivans.—Ela desatou a cinta de seu casaco e deixou deslizar para o chão.—Não vai nem me oferecer um drinque?

— Eu diria que você já bebeu demais.—Mas mesmo assim fui em frente e peguei dois copos.

— Não gostaria de descobrir isso por si mesmo?—Ela riu descontraindo e sentou-se sem o menor sinal de insegurança. Parecia o tipo que podia beber através da veia e fazer um quatro sem mais que um soluço.

— Quer misturar com alguma coisa?—perguntei enquanto segurava um copo de vodka.

— Talvez—disse ela, pensativa.—Depois que terminar meu drinque.

Entreguei-lhe a bebida e empurrei a minha rapidamente goela abaixo para aguentar firme. Dei outra tragada no meu cigarro e esperei que isso pudesse me encher de coragem para expulsá-la.

— O que há?—disse ela, quase em triunfo.—Deixo você nervoso, ou algo assim?

Imaginei que era provavelmente o "algo assim".

— Eu não—falei.—Só os meus pijamas. Eles não estão acostumados a misturar companhia.

— Pelo aspecto deles, eu diria que estão mais acostumados a misturar concreto.—Ela serviu-se de um dos meus cigarros e soprou um anel de fumaça direto na minha virilha.

— Eu poderia tirá-los, se isso a incomoda—repliquei estupidamente. Meus lábios estavam secos quando traguei o cigarro novamente. Eu queria ou não que ela fosse embora? Eu não estava tendo muito sucesso em pegá-la pela orelhinha perfeita e botá-la para fora.

— Primeiro, vamos conversar um pouco. Por que não senta? Sentei-me, aliviado por ainda poder me dobrar ao meio.

— Muito bem—falei—,que tal me contar onde seu namorado se encontra esta noite?

Ela fez uma careta.

— Não é um bom assunto, Perseu. Arranje outro.

— Vocês estão estremecidos?

— Devemos estar?—resmungou ela. Dei de ombros.

— Isso não me afeta nem um pouco.

— Aquele homem é um escroto—replicou ela.—Mas, mesmo assim, não quero falar sobre isso. Especialmente hoje.

— O que tem hoje de especial?

— Consegui um papel num filme.

— Meus parabéns. Qual é o papel?

— É um filme inglês. Não é um papel de destaque, você sabe. Mas vão participar alguns grandes astros. Faço o papel de uma garota de cabaré.

— Bem, parece ser bastante simples.

— Não é excitante?—exultou ela.—Eu, trabalhando com Orson Welles.

— Aquele cara de A guerra dos mundos?. Ela deu de ombros tolamente.

— Nunca vi esse filme.

— Esqueça.

— Claro que eles ainda não têm muita certeza sobre Welles. Mas acham que há uma boa chance de convencê-lo a vir para Viena.

— Tudo isso soa muito familiar para mim.

— Isso o quê?

— Eu nem sequer sabia que você era atriz.

— Quer dizer que eu não lhe contei? Sabe, aquele emprego no Oriental é apenas temporário.

— Você parece uma crupiê muito boa.

— Oh, eu sempre fui boa com números e dinheiro. Trabalhei no Departamento de Impostos.—Ela inclinou-se à frente e sua expressão tornou-se um tanto enigmática demais, como se pretendesse me questionar sobre meus rendimentos e despesas comerciais do último ano do exercício.—Estive pretendendo perguntar a você... aquela noite em que jogou fora toda aquela grana. O que estava tentando provar?

— Provar? Não tenho certeza se estou entendendo.

— Não?—Ela forçou seu sorriso a dar duas paradas a fim de me lançar uma espécie de olhar conhecedor e conspiratório.—Vejo um monte de gente esquisita, meu caro.

Consigo reconhecer os tipos. Algum dia ainda vou escrever um livro a respeito. Como Franz Josef Gall. Já ouviu falar dele?

— Acho que não.

— Foi um médico austríaco que fundou a ciência da frenologia. Disso já ouviu falar, não?

— Claro. E o que você pode deduzir dos galos em minha cabeça?

— Posso deduzir que você não é o tipo de perder todo aquele dinheiro sem um bom motivo.—Ela espichou a sobrancelha digna de um desenhista até a testa lisa.—Tive uma boa ideia sobre isso, também.

— Vamos ouvi-la—incentivei e me servi de outro drinque. Talvez você tenha mais sorte lendo minha mente do que teve ao ler o meu crânio.

— Não tente representar tanto assim—replicou ela.—Ambos sabemos que você é do tipo de homem que gosta de causar boa impressão.

— E causei?

— Estou aqui, não estou? O que quer mais... Tristão e Isolda? Então era isso. Ela pensava que eu havia perdido o dinheiro por causa dela. Para parecer um caixa-alta.

Ela esvaziou seu copo, levantou-se e o entregou de volta a mim.

— Sirva-me outra dose desta sua poção do amor enquanto vou empoar meu nariz.

Enquanto ela estava no banheiro reenchendo os copos com mãos que não estavam nada firmes. Eu não gostava particularmente da mulher, mas não tinha nada contra seu corpo: era escultural. Eu imaginava que minha cabeça iria objetar a esta pequena travessura, quando minha libido fugiu ao controle; mas, nesse momento em particular, eu nada mais podia fazer senão voltar a sentar e aproveitar a chance. Mesmo assim, eu estava despreparado para o que aconteceu a seguir.

Eu a ouvi abrir a porta do banheiro e dizer alguma coisa banal sobre o perfume que usava, mas, quando me virei com as bebidas, vi que o perfume era tudo que estava usando. Na verdade, ela conservava os sapatos, mas isso só ocupou meu olhar por um breve instante, após o que ele percorreu seu corpo dos seios até o triângulo púbico.

Exceto por aqueles saltos altos, Lotte Hartmann estava tão nua como a lâmina de um assassino, e provavelmente tão traiçoeira.

Ela ficou parada à porta do meu quarto, suas mãos pendendo junto às coxas nuas e deliciosamente reluzentes, enquanto minha língua lambia os lábios um tanto obviamente para que eu tivesse refletido em usá-la em nada mais senão nela. Talvez pudesse ter-lhe passado um pequeno e pomposo sermão a esse respeito. Eu já tinha visto o suficiente de mulheres nuas no meu tempo, algumas delas também com um belo corpo. Eu devia tê-la arremessado de volta como um peixe fogado, mas o suor começando a molhar a palma de minhas mãos, as narinas se dilatando, o bolo na garganta e a dor insistente e entorpecida em minha virilha disseram-me que a mocinha tinha outras ideias quanto ao próximo curso de ação, diferentes das do deus que a chamava de lar.

Deliciada com o efeito que causava em mim, Lotte sorriu feliz e tomou o copo de minha mão.

— Espero que não se importe por eu ter me despido—disse ela—, só que a camisola é cara e tive a estranha sensação de que você ia rasgá-la do meu corpo.

— Por que eu me importaria? Não é como se tivesse acabado de ler o jornal vespertino. Seja como for, gosto de ter uma mulher nua na casa.—Observei o leve bamboleio de suas nádegas enquanto ela caminhava preguiçosamente até o outro lado da saleta, onde terminou seu drinque e jogou o copo vazio no sofá.

De repente, desejei ver seu traseiro se sacudindo como geleia de encontro ao sulco do meu abdome. Ela pareceu sentir isso e, inclinando-se à frente, apoiou-se no aquecedor como um lutador de vale-tudo forçando-se contra as cordas do ringue no seu corner. A seguir, ela ergueu-se um pouco de pernas abertas e permaneceu quieta com as nádegas voltadas para mim, como se esperando por um exame do corpo completamente desnecessário. Olhou para trás por sobre o ombro, flexionou as nádegas e virou o rosto de novo para a parede.

Eu já tivera convites mais eloquentes, mas com o sangue zumbindo em meus ouvidos e ativando aquelas poucas células cerebrais ainda não afetadas pelo álcool ou pela adrenalina, realmente não conseguia lembrar quando. Provavelmente eu nem me importava. Tirei meus pijamas e ataquei-a por trás.

Já não sou jovem, nem magro o bastante, para partilhar uma cama de solteiro com qualquer outra coisa que não uma ressaca ou um cigarro. Então, foi talvez com uma sensação de surpresa que despertei de um sono inesperadamente

confortável por volta das seis. Lotte, que de outro modo poderia ter me causado uma noite fatigante, não estava mais aconchegada na dobra do meu braço e, por um breve e feliz momento, supus que tivesse voltado para casa. Foi então que ouvi um pequeno e abafado soluço vindo da saleta. Relutantemente, deslizei de sob as cobertas, vesti um roupão e fui ver o que havia de errado.

Ainda nua, Lotte tinha se enrolado como uma bola junto ao aquecedor, onde estava mais quente. Agachei-me ao lado dela e perguntei por que estava chorando. Uma grossa lágrima rolou por uma face manchada e pendeu como uma verruga translúcida. Ela lambeu-a e fungou enquanto eu lhe dava meu lenço.

— O que você tem com isso?—disse ela amargamente.—Já se diverti.

Lotte tinha certa razão, mas fui em frente e protestei o suficiente para ser polido. Lotte me ouviu e, quando sua vaidade foi satisfeita, ela tentou uma espécie de sorriso estropiado e me fez lembrar do modo como uma criança infeliz se alegra quando você lhe dá um trocado ou um doce.

— Você é muito gentil—ela se permitiu dizer finalmente e enxugou os olhos vermelhos.—Vou ficar bem agora, obrigada.

— Não quer me contar?

Lotte relanceou para mim com o canto do olho.

— Nesta cidade? Melhor me dizer seus honorários primeiro, doutor.—Ela assoou o nariz e depois soltou uma risada curta e vazia.

— Você daria um bom psiquiatra.

— Você me parece bastante saudável—eu disse, ajudando-a a sentar numa poltrona.

— Eu não apostaria nisso.

— E este o seu conselho profissional?—Acendi dois cigarros e dei um a ela, que o fumou desesperadamente e sem muito prazer evidente.

— Este é o meu conselho como mulher louca o bastante para ter tido um caso com um homem que foi simplesmente capaz de esbofeteá-la como um palhaço de circo.

— Kõnig? Nunca o imaginei como sendo do tipo violento.

— Se ele parece educado, é só por causa da morfina que usa.

— Ele é viciado?

— Não sei exatamente se é viciado. Mas, seja o que for, aconteceu enquanto ele servia na SS. Precisava de morfina para suportar a guerra.

— Então, por que ele bateu em você? Ela mordeu o lábio ferozmente.

— Bem, não foi porque achasse que eu precisava ganhar um pouco de cor.

Eu ri. Tinha de reconhecer isto em Lotte: ela era dura na queda.

— Não tão corada, de qualquer forma—comentei e peguei o casaco astracã do chão, onde ela o havia largado e o enrolei em torno de seus ombros. Lotte o puxou

para cobrir sua garganta e sorriu amargamente.

— Ninguém taca a mão na minha cara—disse ela—, não se um dia quiser tacar a mão em qualquer outro lugar. Esta noite foi a primeira e última vez que me dará duas bofetadas. Portanto, me ajude.—Ela soprava fumaça das narinas tão ferozmente quanto um dragão.—É isso que você consegue quando tenta ajudar alguém, acho.

— Ajudar quem?

— Kõnig chegou ao Oriental por volta das dez da noite passada — explicou. — Estava de péssimo humor e, quando lhe perguntei o motivo, ele quis saber se eu me lembrava de um dentista que costumava ir ao clube e jogar um pouco.

— Ela deu de ombros.—Bem, eu me lembrava dele. Um mau jogador, mas certamente não tão ruim quanto você gostava de simular. — Seus olhos piscaram para mim com incerteza.

Assenti, com urgência.

— Continue.

— Helmut queria saber se o Dr. Heim, o dentista, tinha ido lá nos últimos dois dias. Eu disse a ele que achava que não. Então ele quis que eu perguntasse a algumas das garotas se elas se lembravam de tê-lo visto por lá. Bem, havia uma garota em especial que eu disse que poderia saber. Ela não levava muito jeito, mas tinha suas qualidades. Os médicos sempre saíam com ela. Acho que era porque sempre parecia um pouco mais vulnerável, e tem homens que gostam deste tipo de mulher. Bem, por acaso ela estava sentada no bar, e aí a aponte para ele.

Senti meu estômago se revirar.

— Qual era o nome da garota?—perguntei.

— Veronika não-sei-o-quê — disse ela e, notando minha preocupação, acrescentou:—Por quê? Conhece ela?

— Um pouco. O que aconteceu, então?

— Helmut e um dos seus amigos levaram Veronika para a loja ao lado.

— Para a chapelaria?

— Sim.—Sua voz estava suave agora e apenas um pouco envergonhada.—O mau humor de Helmut...—ela encolheu-se ao se lembrar—...fiquei preocupada. Veronika é uma boa garota. Uma tola, mas legal. Ela teve uma vida dura, mas é cheia de fibra. Talvez demais para seu próprio bem. Achei que do jeito como Helmut estava, de péssimo humor, seria melhor para ela contar-lhe se sabia ou não de alguma coisa, e contar-lhe rapidamente.

Ele não é um homem muito paciente. Só para evitar que ele ficasse desagradável. — Ela fez uma careta.—Não há muitos lugares para onde se possa correr quando se trata de Helmut.

"Por isso, fui atrás deles. Veronika estava chorando quando os encontrei. Eles já haviam batido nela para valer, e eu lhes disse para parar. Foi aí que ele me esbofeteou.

Duas vezes.—Ela tocou suas faces como se a dor persistisse com a lembrança.—Em seguida ele me empurrou para o corredor e disse que aquilo não era da minha conta, que eu não tinha nada que me meter.

— O que aconteceu depois?

— Segui para um bar chamado Ladies e depois vim para cá, nessa ordem.

— Viu o que aconteceu com Veronika?

— Eles saíram com ela. Helmut e o outro homem.

— Quer dizer que a levaram para algum lugar? Lotte encolheu os ombros, sombriamente.

— Acho que sim.

— Para onde poderiam tê-la levado?—Levantei-me e andei pelo quarto.

— Não sei.

— Tente lembrar.

— Vai atrás dela?

— Como você disse, ela já passou por maus bocados.—Comecei a me vestir.—E, pior que tudo, fui eu que a envolvi nisso.

—Você? Como?

Enquanto acabava de me vestir, descobri como, ao voltar de Grinzing com Kõnig, eu havia explicado como tentar encontrar uma pessoa desaparecida, no caso, o Dr. Heim.

— Eu disse a Kõnig que podíamos verificar os lugares frequentados por Heim, se ele me dissesse quais eram—contei a ela. Mas omiti como havia achado que isso não iria muito longe. Presumia que com Müller, possivelmente também Nebe e Kõnig, preso por Belinski e o pessoal do Registro Central, a necessidade de realmente procurar por Heim nunca teria surgido. Como eu também achava que Kõnig ficaria esperando até que a reunião em Grinzing terminasse antes que começássemos a procurar pelo dentista morto.

— Por que eles pensaram que você poderia encontrá-la?

— Antes da guerra fui detetive da polícia de Berlim.

— Eu deveria ter adivinhado.

— De fato, não—repliquei, dando um laço na gravata e acendendo um cigarro para amenizar o amargor da minha boca—,mas eu certamente deveria ter sabido que seu namorado era arrogante o bastante para ir procurar Heim por sua própria conta. Foi besteira minha achar que ele iria esperar.—Vesti o sobretudo e peguei meu chapéu.

— Você acha que a levaram para Grinzing?—perguntei a ela.

— Agora que penso nisso, ocorreu-me que foram para o quarto de Veronika, onde quer que seja. Mas se ela não estiver lá, Grinzing seria um lugar tão bom quanto qualquer outro para procurar.

— Bem, vamos esperar que ela esteja em casa,—Mas mesmo ao dizer isso, no fundo eu sabia que era improvável.

Lotte se levantou. O casaco cobria seu peito e o alto do torso, mas deixava à mostra a moita ardente que falava tão persuasivamente e me deixou tão dolorido quanto um coelho esfolado.

— E eu?—disse ela baixinho.—O que farei?

— Você?—Acenei para baixo, mostrando sua nudez.—Esconda essa coisa mágica e vá para casa.

CAPÍTULO XXXIII

A manhã estava radiante, clara e fria. Atravessando o parque em frente ao novo prédio da prefeitura, em meu caminho para a Cidade Interior, dois esquilos apareceram para dar um alô e ver se eu tinha alguma comida. Mas antes de chegarem mais perto, eles captaram meu ar sombrio e o cheiro de medo em minhas meias. Provavelmente até tomaram uma nota mental do pesado volume no bolso do meu sobretudo e pensaram melhor. Criaturinhas espertas. Afinal, não fazia muito tempo, pequenos mamíferos estavam sendo mortos e comidos em Viena. Assim, eles saíram correndo, como rabiscos vivos de pelo.

Na espelunca onde Veronika morava costumava haver um entra-e-sai de pessoas, principalmente homens, em todas as horas do dia ou da noite, e mesmo se a zeladora fosse a mais insociável das lésbicas, duvido que prestaria muita atenção em mim se acaso me encontrasse nas escadas. Mas felizmente não havia ninguém por perto e cheguei ao quarto de Veronika sem contratempos.

Não precisei arrombar a porta. Estava escancarada, bem como todas as gavetas e armários. Especulei por que se haviam dado ao trabalho, quando toda a prova de que precisavam ainda estava pendurada no espaldar da cadeira onde o Dr. Heim a havia deixado.

— A cadela idiota! — resmunguei furioso.—De que adianta se livrar do cadáver de um homem se se deixa o terno dele no quarto?

Bati a porta do quarto com força, o deslocamento de ar fazendo com que um dos patéticos esboços de Veronika se soltasse da pasta de desenhos e flutuasse para o chão como uma enorme folha seca. König provavelmente tinha revirado o quarto por pura frustração. E depois a levaram para Grinzing. Com uma importante reunião lá naquela manhã, eu não acreditava que pudesse ter ido para outro lugar. Isto é, desde que já não a tivessem matado. Por outro lado, se Veronika contasse a eles a verdade sobre o que tinha acontecido—que dois amigos a ajudaram a dar sumiço no corpo após Heim sofrer fulminante ataque cardíaco—,então (se ela omitisse o meu nome e o de Belinski) talvez a tivessem libertado. Mas havia uma possibilidade real de que ainda poderiam procurá-la para se certificarem de que lhes havia contado tudo que sabia; de que pela hora em que cheguei para tentar ajudá-la, eu já estaria desmascarado como o homem que dera sumiço no corpo de Heim.

Lembrei-me de que Veronika me contou sobre sua vida como uma judia dos Sudetos durante a guerra. Como se havia escondido em banheiros, porões imundos, armários e sótãos. E depois esteve num campo de refugiados por seis meses. "Uma vida um bocado dura", foi como Lotte descreveu. Quanto mais eu pensava a

respeito, mais me parecia que ela tivera muito pouco do que poderia ser adequadamente chamado de uma vida.

Consultei o relógio e vi que eram sete horas. Havia ainda três horas antes que a reunião começasse: muito antes que Belinski pudesse ser esperado com "a cavalaria", como ele chamava. E como os homens que levaram Veronika eram quem eram, comecei a pensar que havia uma real possibilidade de que ela não viveria até lá. Era como se eu não tivesse outra escolha senão salvar minha própria pele.

Peguei meu revólver, abri o tambor de seis balas e verifiquei se estava plenamente carregado antes de descer as escadas. Lá fora, chamei um táxi na fila da Kártnerstrasse e disse ao chofer que tocasse para Grinzing.

— Que lugar de Grinzing?—perguntou ele, acelerando e afastando-se do meio-fio.

— Eu lhe direi quando chegarmos.

— Você manda—disse ele, saindo em disparada pelo Anel.—Só perguntei porque tudo estará fechado a esta hora da manhã. E você não parece que vai caminhar pelas montanhas. Não com esse sobretudo.—O carro trepidou enquanto ele vencia dois buracos enormes.

— E você não é austríaco. Noto pelo seu sotaque. Você fala como um pifke. Acertei?

— Poupe-me da sua escola da vida, tá? Não estou com muito ânimo:

— Tudo bem, senhor. Só perguntei porque pensei que quisesse se distrair um pouco. Sabe, senhor, apenas alguns minutos depois de Grinzing, na estrada para Coblenzl, tem aquele hotel... o SchlossHotel Coblenzl.—Ele pelejou com o volante quando o carro passou por cima de outro buraco.—Atualmente está sendo usado como um campo de refugiados. Tem garotas lá que você pode comer em troca de cigarros. Até mesmo a esta hora da manhã, se estiver a fim. Um homem usando um bom sobretudo como o seu arranjaria duas ou três juntas, talvez. É botá-las para fazer um belo show entre elas e você, se entende o que quero dizer.—Ele riu grosseiramente. Algumas dessas garotas, senhor, cresceram em campos de refugiados; têm a moral de coelhos, elas são assim. Topam fazer qualquer coisa. Pode crer, senhor, sei do que estou falando. Eu mesmo crio coelhos.—Ele riu a valer, ao pensar em tudo isso.—Eu poderia lhe arranjar alguma coisa, senhor. No banco de trás do carro. Por uma pequena comissão, é claro.

Cheguei-me à frente no assento. Não sei por que estava me incomodando com ele. Talvez eu simplesmente não gostasse de cafetões. Talvez não tenha ido muito com a cara dele, que lembrava a de Trotski.

— Isso seria o máximo—eu disse, muito firme—,se não fosse uma armadilha de mesa russa que descobri na Ucrânia. Os partisans punham uma granada acionada

por tensão atrás de uma gaveta que deixavam entreaberta, com uma garrafa de vodca dentro, só para chamar atenção. Eu cheguei, puxei a gaveta, a tensão foi liberada e a granada detonou, arrancando a salsicha e os dois ovos para fora do meu baixo-ventre. Quase morri de choque, depois quase morri de hemorragia. E quando finalmente saí do coma, quase morri de pesar. Eu lhe digo: se eu vir sequer um naco de uma xota, sou capaz de ficar louco de frustração. Provavelmente mataria o homem mais próximo a mim para desabafar minha pura inveja. O motorista olhou por cima do ombro.

— Desculpe—disse ele nervosamente—,eu não pretendia...

— Esqueça—repliquei, quase sorrindo agora.

Quando passamos pela casa amarela, disse ao chofer para continuar até o topo da colina. Eu tinha decidido abordar a casa de Nebe pelos fundos, através dos vinhedos.

Como os taxímetros de Viena eram velhos e desregulados, costumava-se multiplicar por cinco o preço marcado no relógio. A corrida estava dando seis xelins quando mandei o chofer parar, e isso foi tudo que ele me cobrou, sua mão tremendo enquanto pegava o dinheiro. O carro já se distanciava quando percebi que ele havia esquecido a sua aritmética.

Fiquei ali parado, numa trilha enlameada à beira da estrada, arrependido por não ter ficado de boca fechada, já que pretendia pedir ao chofer que esperasse um pouco.

Agora, se eu encontrasse Veronika, haveria o problema de como escapar. Minha maldita língua de trapo, pensei. O pobre sacana só estava oferecendo um serviço, disse a mim mesmo. Mas ele tinha errado numa coisa. Havia alguma coisa aberta, um café pouco acima da Cobenzlgasse: o Rudelshof. Decidi que se eu ia ser baleado, preferia que fosse com o estômago forrado.

O café era um lugar aconchegante se você não se importasse com animais empalhados. Sentei-me sob o olhar vítreo de uma doninha de aspecto purulento e esperei que o proprietário doentiamente balofo se aproximasse trôpego da minha mesa.

— Bem-vindo com a bênção de Deus, senhor—disse ele.—É uma linda manhã. Esquivei-me do seu bafo etílico.

— Tenho certeza de que já a está aproveitando—comentei, mais uma vez usando minha língua de trapo. Ele deu de ombros, sem entender, e anotou meu pedido.

O desjejum vienense de cinco xelins que devorei tinha um gosto que dava a impressão de que o empalhador também fazia as vezes de cozinheiro: o café estava cheio de borra, o pão estava tão fresco quanto um pedaço de pau entalhado e o ovo era tão duro que poderia ter saído de uma pedreira.

Mas comi assim mesmo. Eu tinha tanto com que me preocupar que teria comido até a doninha empalhada se a servissem com uma fatia de torrada.

Saindo do café, desci a estrada por um tempo e depois trepei num muro do que imaginava ser o vinhedo de Nebe.

Não havia muito para se ver. As próprias vinhas, plantadas em fileiras alinhadas, ainda eram jovens rebentos, mal alcançando a altura dos meus joelhos. Aqui e ali, sobre carrinhos altos, estavam o que pareciam ser motores de jato abandonados, mas que eram de fato queimadores rápidos usados à noite para aquecer a atmosfera circundante e proteger os brotos da geada. Estavam ainda quentes ao toque. O campo em si tinha talvez cem metros quadrados e oferecia pouca cobertura. Imaginei exatamente como Belinski faria para posicionar seus homens. Afora rastejando pelo campo, você só podia ficar junto ao muro, abrindo caminho debaixo das árvores imediatamente atrás da casa amarela e seus prédios anexos.

Quando cheguei às árvores, procurei por algum sinal de vida; não vendo nenhum, segui em frente até que ouvi vozes. Junto ao maior dos anexos, uma comprida estrutura de madeira com acabamento de alvenaria que mais parecia um celeiro, dois homens, nenhum dos quais reconheci, estavam de pé conversando. Eles traziam um tanque metálico às costas, conectado por um tubo de borracha a um comprido tubo de metal, empunhado por cada um deles. Presumi que fosse algum tipo de engenhoca para borrifar plantações.

Eles finalmente encerraram sua conversa e seguiram para o lado oposto do vinhedo, como se para iniciar seu ataque às bactérias, fungos e insetos que assolavam as vinhas. Esperei até que estivessem bem do outro lado do campo antes de deixar a cobertura das árvores e entrar no prédio.

Um odor de fruta passada me atingiu as narinas. Amplos toneis de carvalho e tanques de estocagem enfileiravam-se dos caibros abertos do teto, parecendo queijos enormes.

Percorri a extensão de piso de pedra e emergi na outra extremidade deste primeiro prédio para deparar com a porta de outro, construído em ângulo reto com a casa principal.

Este segundo anexo continha centenas de barris de carvalho que estavam dispostos de ambos os lados como se à espera de cães são-bernardo gigantes para recolhê-los. Escadas desciam para a escuridão. Parecia um bom lugar para aprisionar alguém, de modo que acendi a luz e desci para dar uma olhada. Mas só havia milhares de garrafas de vinho, cada prateleira assinalada por um pequeno quadro negro no qual estavam escritos a giz uns poucos números que deviam significar alguma coisa para alguém.

Subi as escadas de volta, apaguei a luz e parei junto à janela da sala dos barris. Estava começando a parecer que Veronika se encontrava mesmo na casa principal.

De onde estava tive uma nítida visão através de um pequeno pátio de paralelepípedos, do lado oeste da casa. Diante de uma porta aberta, um enorme gato preto estava sentado, olhando fixamente para mim. Ao lado da porta ficava a janela do que parecia ser a cozinha. Havia uma ampla forma reluzente na prateleira da cozinha, que presumi ser uma panela ou chaleira. Após um instante, o gato caminhou lentamente para o anexo onde eu estava escondido e miou alto para alguma coisa ao lado da janela em que me encontrava. Por um ou dois segundos, ele fitou-me com seus olhos verdes e a seguir fugiu, sem nenhuma razão aparente. Olhei de novo na direção da casa e continuei a observar a porta e a janela da cozinha. Mais alguns minutos, achei que estava a salvo para sair do meu esconderijo e comecei a atravessar o pátio.

Não tinha dado nem três passos quando ouvi o som de catraca de um cursor automático e quase simultaneamente senti o aço frio do cano de uma arma pressionado firme contra o meu pescoço.

— Mãos atrás da cabeça—disse uma voz um tanto indistintamente.

Fiz como me foi ordenado. A arma pressionada debaixo de minha orelha parecia pesada o bastante para ser uma .45. O suficiente para arrancar uma boa parte do meu crânio. Estremeci quando ele colocou a arma entre minha mandíbula e a veia jugular.

— Um só movimento e amanhã você será lavagem para porcos—disse ele, vasculhando meus bolsos e tomando o revólver.

— Você descobrirá que Herr Nebe está me esperando—falei.

— Não ao conheço nenhum Herr Nebe—retrucou ele espessamente, quase como se sua boca não funcionasse de modo adequado. Naturalmente eu relutava em me virar e dar uma boa olhada para ter certeza.

— Sim, é verdade, ele mudou de nome, não é?—Esforcei-me para lembrar do novo sobrenome de Nebe. Enquanto isso, ouvi o homem atrás de mim recuar dois passos.

— Agora ande para a sua direita—ordenou-me.—Na direção das árvores. E não tropece nos cordões dos sapatos ou coisa assim.

A voz dele soava forte e não muito brilhante. E falava com um sotaque estranhamente alemão: parecido com prussiano, mas diferente; mais como o prussiano antigo que eu ouvira meu avô falar; quase como o alemão que eu ouvira ser falado na Polônia.

— Olhe, você está cometendo um erro—eu disse.—Por que não verifica com o seu patrão? Meu nome é Bernhard Gunther. Há uma reunião às dez horas desta manhã. Sou esperado nela.

— Não são nem oito ainda—grunhiu meu captor.—Se veio para uma reunião, por que chegou tão cedo? E por que não entrou pela porta da frente, como

visitantes normais?

Por que veio pelos campos? Por que andou xeretando nos anexos?

— Cheguei cedo porque sou dono de duas lojas de vinho em Berlim — expliquei.—Achei que seria bom dar uma olhada na propriedade.

— Você já deu mesmo uma boa olhada. Você é um enxerido.—Ele riu de modo cretino.—Recebi ordens de atirar nos enxeridos.

— Ei, espere um minuto...—virei-me para receber uma pancada da arma e, enquanto caía, vi de relance um homem grande com a cabeça raspada e um tipo de mandíbula torta. Ele me agarrou pelo cangote e me fez levantar. Imaginei por que nunca havia pensado em costurar giletes debaixo dessa parte do colarinho de meu casaco. Ele empurrou-me através da linha de árvores e por um declive abaixo, até uma pequena clareira onde havia enormes latões de lixo. Uma trilha de fumaça e um aroma doce e nauseante erguia-se do teto de uma pequena cabana de tijolos: era onde incineravam o refugo. Perto de vários sacos do que parecia ser cimento, uma folha corrugada e enferrujada jazia sobre alguns tijolos. O homem ordenou-me para ficar de lado.

Agora descobri. Ele era um letão. Um enorme e estúpido letão. E concluí que, se estava trabalhando para Arthur Nebe, era provavelmente oriundo de uma divisão letã da SS, que tinha servido em um dos campos de extermínio poloneses. Haviam usado um monte de letões em lugares como Auschwitz. Os letões eram anti semitas fanáticos quando Moses Mendelssohn era um dos filhos favoritos da Alemanha.

Suspendi a folha de ferro do que se revelou como uma espécie de velho dreno, ou fossa. Cheirava insuportavelmente mal. Foi então que vi o gato de novo. Ele emergiu de entre dois sacos de papel com o rótulo "óxido de cálcio", junto ao poço. Miou penalizado, como quem diz: "Eu o avisei que havia alguém naquele pátio, mas você não quis me ouvir." Um acre cheiro de greda subiu do poço e fez minha pele formigar. "Você está certo", miou o gato, como algo saído de Edgar Allan Poe. "O óxido de cálcio é um álcali barato para tratamento de solo ácido. Apenas o tipo de coisa que se esperaria encontrar num vinhedo. Mas é chamado também de cal virgem, um composto extremamente eficaz para apressar a decomposição humana."

Foi com horror que percebi que o letão realmente pretendia me matar. E ali estava eu tentando situar o seu sotaque, como alguma espécie de filólogo, e recordar as fórmulas químicas que aprendera na escola.

Então, pela primeira vez, pude vê-lo bem. Ele era grande e tão robusto quanto um cavalo de circo, mas dificilmente alguém notaria isso ao olhar para o rosto dele: todo o lado direito era retorcido como se ele tivesse um grande pedaço de fumo de mascar na bochecha; seu olho direito fitava arregalado como se fosse de vidro.

Ele provavelmente poderia ter beijado o lóbulo da própria orelha. Faminto de afeto, como qualquer homem com aquela cara seria, ele certamente já o fizera.

— Fique de joelhos ao lado do poço—ordenou ele, como um Neandertal carente de um ou dois cromossomos vitais.

— Você não vai matar um velho camarada, vai? — eu disse desesperadamente, tentando me lembrar do novo nome de Nebe, ou mesmo de um dos regimentos letões. Pensei em gritar por socorro, só que sabia que ele me mataria sem qualquer hesitação.

— Você é um velho camarada?—zombou sem muita dificuldade evidente.

— Fui Qbersturmführer do Primeiro Regimento Letão—eu disse, com uma pobre exibição de indiferença.

O letão cuspiu nos arbustos e me fitou estupidamente com seu olho esbugalhado. A pistola, uma Colt automática de aço azulado, permanecia apontada para o meu peito.

— Primeiro Letão, ha? Você não parece ser um letão.

— Sou prussiano—repliquei.—Nossa família viveu em Riga. Meu pai era um operário naval de Danzig. Casou com uma russa.—Falei umas poucas palavras em russo à guisa de confirmação, embora não conseguisse me lembrar se Riga era predominantemente de fala russa ou alemã.

Os olhos dele se estreitaram, um mais do que o outro.

— Então me diga: em que ano foi fundado o Primeiro Letão?

Engoli em seco e puxei pela memória. O gato miou, encorajando-me. Raciocinando que a criação de um regimento SS letão devia ter se seguido à Operação Barbarossa em 1941, arrisquei:

— Foi em 1942.

Ele sorriu de modo horrível e sacudiu a cabeça com deliberado sadismo.

— Não—disse, avançando dois passos.—Foi em 1943. Agora fique de joelhos ou terei de fazer isso à força.

Lentamente, me ajoelhei à beira do poço, sentindo a umidade do solo através do tecido de minhas calças. Eu tinha testemunhado assassinatos demais da SS para saber o que ele pretendia: um tiro na nuca, meu corpo desabando num túmulo já pronto, e umas poucas pás de cal em cima. Ele se aproximou por trás de mim. O gato sentou-se para observar, seu rabo enrolado caprichosamente em volta do traseiro. Fechei os olhos e esperei.

— Rainis—disse uma voz e vários segundos se passaram. Mal ousei olhar para trás e ver se eu tinha sido salvo.—Está tudo bem agora, Bernie. Pode se levantar.

Minha respiração se soltou num enorme arroto de pavor. Fracamente, meus joelhos batendo, levantei-me da beira do poço e virei-me para ver Arthur Nebe de

pé poucos metros atrás do feioso letão. Para minha irritação, ele estava rindo.

— Estou satisfeito por achar isto tão engraçado, Dr. Frankenstein — eu disse.— A porra do seu monstro quase me matou.

— Que diabo estava você pensando, Bemie?—disse Nebe.—Devia saber disso melhor que ninguém. O Rainis aqui está apenas fazendo o seu serviço.

O letão assentiu e guardou a Colt.

— Ele estava xeretando—disse ele idiotamente.—E eu o apanhei. Dei de ombros.

— É uma linda manhã. Achei que valia a pena dar uma olhada em Grinzing. Eu estava apenas examinando sua propriedade quando o Lon Chaney aqui espetou uma arma na minha orelha.

O letão pegou meu revólver no bolso do seu paletó e o entregou a Nebe.

— Ele estava carregando esta ferramenta, Herr Nolde.

— Planejando caçar alguma coisa, é isso, Bemie?

— Você não pode ser cuidadoso demais nesses dias.

— Estou contente que pense assim—disse Nebe.—Poupa-me do embaraço de pedir desculpas.—Ele sopesou minha arma na mão e depois a pôs no bolso.—De qualquer modo, vou ficar com isto por enquanto, se não se importa. Armas deixam alguns de nossos amigos nervosos. Lembre-me de devolvê-la antes de ir embora.— Voltou-se para o letão.—Está tudo bem, Rainis. Você estava somente fazendo o seu trabalho. Pode ir tomar seu café agora.

O monstrengo assentiu e caminhou de volta para a casa, o gato seguindo atrás dele.

— Eu apostaria que ele pode comer seu peso em amendoins. Nebe sorriu de leve.

— Algumas pessoas têm cães bravios para protegê-las. Eu tenho Rainis.

— Sim, só espero que ele seja bem-treinado.—Tirei o chapéu e enxuguei minha testa com um lenço. —Quanto a mim, não o deixaria passar da porta da frente. Eu o manteria acorrentado no quintal.

Onde ele pensa que está? Em Treblinka? O sacana mal via a hora de atirar em mim, Arthur.

— Oh, não duvido. Ele adora matar gente.

Nebe sacudiu a cabeça em recusa quando lhe ofereci um cigarro, mas teve de ajudar-me a acender o meu, pois minha mão tremia como se eu estivesse falando com um apache surdo.

— Ele é um letão—explicou Nebe.—Foi cabo no campo de concentração de Riga. Quando os russos o capturaram, pisaram em sua cabeça e quebraram-lhe a mandíbula com as botas.

— Creia em mim, eu sei o quanto eles devem ter sentido.

— Deixaram o rosto dele semi paralisado e o coitado meio pancada da cabeça. Ele sempre foi um assassino brutal. Mas agora parece mais um animal. E tão fiel quanto qualquer cão.

— Bem, naturalmente eu estava pensando que ele tinha marcado seus pontos também. Riga, ha?—Movi a cabeça na direção do poço e do incinerador.—Aposto que aquela pequena instalação crematória o faz sentir-se inteiramente em casa.— Dei uma tragada agradecida no meu cigarro e acrescentei:—A propósito, aposto que vocês dois se sentem em casa.

Nebe franziu o cenho.

— Acho que você precisa de um drinque—disse ele, baixinho.

— E não é para menos. Apenas certifique-se de que não tenha cal dentro dele.

CAPÍTULO XXXIV

Segui Nebe até a casa e subi para a biblioteca onde conversáramos na véspera. Ele me trouxe um conhaque do armário de bebidas e depositou-o na mesa diante de mim.

— Perdoe-me por não acompanhá-lo—disse, observando-me beber rapidamente. —Em geral até que aprecio um conhaque com o desjejum, mas esta manhã preciso manter a mente clara.—Ele sorriu indulgente enquanto eu recolocava a garrafa vazia na mesa.—Está mais calmo agora?

Assenti.

— Diga-me: já encontrou o seu dentista desaparecido? O Dr. Heim?

— Agora que eu não tinha mais que me preocupar com minhas próprias perspectivas de sobrevivência, Veronika voltou a ser meu pensamento prioritário.

— Ele está morto, receio. Isso é bastante ruim, mas nem a metade tão ruim do que não saber o que tinha acontecido com ele. Pelo menos agora sabemos que os russos não o pegaram.

— O que aconteceu com ele?

— Teve um ataque cardíaco.—Nebe soltou o seu familiar risinho seco que eu recordava do meu tempo na Alex, onde ficava a sede da polícia criminal de Berlim. —Parece que ele estava com uma garota na ocasião. Uma chocodama.

— Quer dizer que foi enquanto estavam...

— Exatamente. Ainda assim, existem maneiras piores de bater as botas, não acha?

— Depois do que acabei de passar, só me resta concordar com você, Arthur.

— Inteiramente.—Ele sorriu de modo quase tímido.

Passei um momento em busca de uma frase que me capacitasse a indagar inocentemente quanto ao destino de Veronika.

— O que ela fez, afinal? Refiro-me à chocodama. Chamou a polícia?—Franzi o cenho.—Não, espero que não.

— Por que diz isso?

Encolhi os ombros à evidente simplicidade de minha explicação.

— Não posso imaginar que ela fosse se arriscar a uma alteração com a delegacia de costumes. Não, aposto que ela arranjou para que o corpo fosse jogado em algum lugar. Pelo seu cafetão, talvez.—Ergui as sobrancelhas, inquisitivamente.—Então? Estou certo?

— Sim, você está certo.—Ele soava quase como se admirasse meu raciocínio.—Como de hábito.—Depois ele emitiu um suspiro um tanto tristonho.—Uma pena que a gente não esteja mais na Kripo. Sinto muita falta daquilo tudo.

— Eu também.

— Mas você poderia voltar. Certamente não está sendo procurado por nada.

— E trabalhar para os comunistas? Não, obrigado.—Franzi os lábios e tentei parecer injuriado.—Seja como for, prefiro ficar longe de Berlim por uns tempos. Um soldado russo tentou me roubar num trem. Foi legítima defesa, mas acho que o matei. Fui visto deixando a cena do crime coberto de sangue.

— "A cena do crime"—citou Nebe, saboreando a expressão na sua boca como um vinho fino.—E bom falar de novo com um detetive.

— Só para satisfazer minha curiosidade profissional, Arthur: como descobriu a chocodama?

— Oh, não fui eu, foi Kõnig. Ele me diz que foi você quem lhe ensinou a melhor maneira de sair à procura do pobre Heim.

— Foi só coisa de rotina, Arthur. Você poderia ter dito a ele.

— Talvez. De qualquer modo, parece que a garota de Kõnig reconheceu Heim de uma fotografia. Aparentemente, ele costumava frequentar o clube noturno onde ela trabalha.

Ela se lembrou de que Heim costumava ser especialmente feroso com uma das garotas que trabalhavam lá. Tudo que Helmut tinha a fazer era convencê-la a esclarecer isso. Simples assim.

— Obter informação de uma marafona nunca é "simples assim" — repliquei.— Pode ser como arrancar um palavrão de uma freira. Dinheiro é a única coisa que faz uma prostituta falar, e não deixa marcas.—Esperei a contestação de Nebe, mas ele não disse nada.

— E claro que uma marca sai mais barata, e não deixa nenhuma margem para erro.—Sorri para ele como se para dizer que eu não tinha nenhum escrúpulo quando era preciso esbofetear uma chocodama no interesse de uma investigação eficiente.—Eu diria que Kõnig não é do tipo de desperdiçar dinheiro. Estou certo?

Para minha decepção, Nebe limitou-se a dar de ombros e olhar para o relógio.

— Seria melhor perguntar pessoalmente a ele quando se encontrarem.

— Ele também vem para a reunião?

— Ele estará aqui.—Nebe consultou o relógio outra vez.—Acho que terei de deixá-lo agora. Ainda tenho alguns afazeres antes das dez. Talvez fosse melhor se você ficasse aqui. A segurança é rígida hoje e não gostaríamos de outro incidente, não é? Alguém virá lhe trazer um café. Acenda a lareira, se quiser. Está frio demais aqui.

Bati no meu copo.

— Com isso aqui, nem estou notando muito agora. Nebe fitou-me pacientemente.

— Tudo bem, sirva-se de mais conhaque, se achar que vai precisar.

— Obrigado—falei, estendendo a mão para a garrafa.—Não me importo se precisar.

— Mas fique atento. Terá que responder a um monte de perguntas sobre o seu amigo russo. Eu não gostaria de que sua opinião sobre ele fosse posta em dúvida simplesmente porque você bebeu demais.

— Ele caminhou pelo assoalho rangente até a porta.

— Não se preocupe comigo—eu disse, examinando as prateleiras vazias.—Vou ler um livro.

O nariz pronunciado de Nebe se enrugou em desaprovação.

— Sim, é uma pena que a biblioteca tenha acabado. Parece que os antigos proprietários deixaram uma coleção soberba, mas aí os russos chegaram e usaram os livros como combustível para o aquecedor.—Ele sacudiu a cabeça, pesaroso.—O que se pode esperar de subumanos como eles?

Quando Nebe saiu, fiz o que ele havia sugerido e acendi a lareira. O calor ajudou-me a me concentrar no curso seguinte de ação. Enquanto as chamas consumiam o pequeno edifício de achas e gravetos que eu havia construído, refleti que o evidente divertimento de Nebe com as circunstâncias da morte de Heim parecia indicar que a organização estava satisfeita por Veronika ter contado a verdade.

Era verdade, eu não sabia mais do que antes onde ela poderia estar, mas ganhei a impressão de que Kõnig ainda não tinha chegado a Grinzing, e sem minha arma eu não via meios de sair e procurar por ela em outro lugar. Com apenas duas horas antes do início da reunião, parecia que meu melhor curso de ação era esperar Kõnig chegar, na esperança de que pudesse acalmar minha mente. E se ele houvesse matado ou ferido Veronika, eu acertaria esta conta pessoalmente, quando Belinski chegasse com seus homens.

Peguei o atizador da lareira e revolvi o fogo negligentemente. O homem de Nebe chegou com o café, mas não lhe dei atenção. Depois que ele saiu, estendi-me no sofá e fechei os olhos.

O fogo se agitou, crepitou duas vezes e aqueceu meu lado. Por trás das pálpebras fechadas, o vermelho brilhante virou um púrpura acentuado, e depois algo mais repousante...

— Hen Gunther?

Levantei minha cabeça do sofá. Dormir em posição desajeitada, mesmo por uns poucos minutos, tinha deixado meu pescoço tão rígido quanto couro novo. Mas quando olhei para meu relógio vi que tinha dormido por mais de uma hora. Flexionei o pescoço.

Sentado ao lado do sofá estava um homem usando um terno cinza de flanela. Ele inclinou-se à frente e estendeu a mão, que apertei. A mão era larga, forte e

surpreendentemente firme para um homem tão baixo. Gradualmente, reconheci seu rosto, embora nunca o tivesse visto antes.

— Sou o Dr. Moltke—disse ele.—Ouvi falar muito a seu respeito, Herr Gunther.—Era um bávaro dos pés à cabeça, a começar pelo forte sotaque.

Assenti, incerto. Havia algo em seu olhar que achei profundamente desconcertante. Seus olhos eram os de um hipnotizador de circo.

— Muito prazer em conhecê-lo, Herr Doktor.—Mais um que havia mudado de nome. Mais um que supostamente estava morto, como Arthur Nebe. E, ainda assim, este não era nenhum nazista qualquer fugindo da Justiça, se é que existia justiça em algum lugar da Europa durante o ano de 1948. Tive uma estranha sensação ao considerar que eu tinha acabado de apertar a mão de um homem que, não fossem as misteriosas circunstâncias envolvendo sua "morte", poderia bem ser o homem mais procurado do mundo. Era Heinnch Müller da Gestapo, em carne e osso.

— Arthur Nebe esteve me falando sobre você—disse ele.—Sabe, somos quase idênticos, parece. Fui detetive de polícia, como você. Comecei no pesado e aprendi minha profissão na dura escola do trabalho comum de polícia. Como você, também sou especializado: enquanto você trabalhava para a comissão do crime, fui levado para a vigilância dos funcionários do Partido Comunista. Fiz até um estudo especial dos métodos policiais soviéticos. Descobri muita coisa digna de admiração. Como policial, você mesmo apreciaria certamente o profissionalismo deles. A MVD, que já foi a NKVD, é provavelmente a melhor polícia secreta do mundo. Melhor até do que a Gestapo.

Pela simples razão, acho, de que o nacional-socialismo nunca ofereceu uma fé capaz de comandar uma atitude tão consistente em relação à vida. E sabe por quê?

Sacudi a cabeça, negando. Seu longo discurso bávaro pareceu-me sugerir uma genialidade natural que eu sabia que o próprio homem possivelmente não teria possuído.

— Porque, Herr Gunther, ao contrário do comunismo, nunca apelamos realmente para os intelectuais nem para as classes operárias. Você sabe, eu mesmo só me juntei ao partido em 1939. Stalin faz melhor essas coisas. Hoje eu o vejo sob uma luz inteiramente diferente do que via antigamente.

Franzi o cenho, imaginando se esta era a ideia que Müller fazia de um teste, ou de uma piada. Mas ele parecia perfeitamente sério. Pomposo, mesmo.

— Você admira Stalin?—perguntei, quase incrédulo.

— Ele mantém a cabeça e os ombros acima de quaisquer de nossos líderes ocidentais. Até Hitler foi pequeno em comparação. Apenas pense no que Stalin e seu partido enfrentaram. Você esteve em um de seus campos. Sabe como eles são. Ora, você até mesmo fala russo. Você sempre sabe o seu lugar com os Ivans. Eles o

encostam num muro e o fuzilam, ou lhe outorgam a Ordem de Lenin. Não são como os americanos e britânicos.—O rosto de Müller subitamente assumiu uma expressão de intenso desprazer.

—Eles falam sobre moralidade e justiça e ainda assim permitem que a Alemanha passe fome. Escrevem sobre ética e mesmo assim enforcam velhos camaradas num dia, para recrutá-los para seus próprios serviços de segurança no dia seguinte. Não se pode confiar em gente assim, Herr Gunther.

— Perdoe-me, Herr Doktor, mas tive a impressão de que estávamos trabalhando para os americanos.

— Está errado. Trabalhamos com os americanos. Mas na verdade estamos trabalhando para a Alemanha. Para uma nova pátria.

Parecendo mais pensativo agora, ele se levantou e foi até a janela. Seu modo de expressar deliberação era uma rapsódia muda mais característica de um pároco de aldeia em conflito de consciência. Ele juntou pensativo as mãos grossas, separou-as de novo e finalmente pressionou as têmporas entre ambos os punhos.

— Não há nada para admirar na América. Não é como a Rússia. Mas os americanos têm poder. E o que lhes dá poder é o dólar. Esta é a única razão por que devemos nos opor à Rússia. Precisamos dos dólares americanos. Tudo que a União Soviética pode nos dar é um exemplo: um exemplo do que a lealdade e a dedicação podem conquistar, mesmo sem dinheiro. Portanto, pense no que os alemães poderiam fazer com devoção similar e com o dinheiro americano.

Tentei e falhei em soltar um bocejo.

— Por que está me dizendo isto, Herr... Herr Doktor?—Por um breve segundo quase o chamei de Herr Müller. Alguém mais senão Arthur Nebe, e talvez von Bolschwing, que me havia interrogado, sabia quem era realmente Moltke?

— Estamos trabalhando por um novo amanhã, Herr Gunther. A Alemanha pode ser dividida entre eles agora. Mas chegará um tempo em que voltaremos a ser uma grande potência.

Enquanto nossa organização trabalhar junto com os americanos em oposição ao comunismo, eles serão persuadidos a permitir a reconstrução da Alemanha. E com nossa indústria e nossa tecnologia, alcançaremos o que Hitler poderia nunca ter alcançado. E o que Stalin... sim, até mesmo Stalin com seus maciços planos quinquenais...

o que Stalin por enquanto só pode sonhar. A Alemanha pode nunca dominar militarmente, mas pode economicamente. É a marca, não a suástica, que conquistará a Europa.

Tem alguma dúvida sobre isso?

Se eu aparentava surpresa, era apenas porque a ideia da indústria alemã ficando acima de qualquer coisa que não um monte de sucata parecia perfeitamente absurda.

— E justamente o que eu estava me perguntando: será que todos na organização têm a mesma opinião?

Ele encolheu os ombros.

— Não exatamente, não. Há diversas opiniões quanto ao valor de nossos aliados e o mal de nossos inimigos. Mas todos concordamos num ponto: uma nova Alemanha. Quer isso leve cinco ou cinquenta e cinco anos.

Distraído, Müller começou a meter o dedo no nariz, o que o ocupou por vários segundos. Depois, examinou o polegar e o indicador e limpou-os na cortina de Nebe. Achei que isso era um péssimo exemplo da nova Alemanha de que estivera falando.

— De qualquer modo, eu só queria esta oportunidade de agradecer pessoalmente por sua iniciativa. Já dei uma boa olhada nos documentos que seu amigo forneceu e não tenho a menor dúvida: é material de primeira. Os americanos vão vibrar quando virem isto.

— Folgo em saber.

Müller voltou à cadeira junto ao meu sofá e sentou-se de novo.

— Quão seguro está você de que ele possa continuar fornecendo este tipo de material de alto nível?

— Muito seguro, Herr Doktor.

— Excelente. Sabe, isto não poderia ter chegado em ocasião melhor. A Companhia de Utilização Industrial do Sul da Alemanha está solicitando aumento de verba ao Departamento de Estado americano. Seu informante terá um papel importante neste caso. Na reunião desta manhã recomendarei que a exploração desta nova fonte tenha a maior prioridade aqui em Viena.

Ele pegou o atizador e bateu violentamente nas brasas reluzentes na lareira. Não era difícil imaginá-lo fazendo o mesmo com algum ser humano. Olhando para as chamas, ele acrescentou:

— Como um assunto de interesse pessoal para mim, tenho um favor a lhe pedir, Herr Gunther.

— Estou ouvindo, Herr Doktor.

— Devo confessar que tinha esperanças de convencê-lo a deixar que eu mesmo faça contato com este informante.

Pensei por um minuto.

— Naturalmente eu teria de ouvir a opinião dele. Ele confia em mim. Isso pode levar algum tempo.

— É claro.

— E, como disse a Nebe, ele vai querer dinheiro. Muito dinheiro.

— Pode dizer a ele que organizarei tudo. Uma conta em banco suíço. O que ele quiser.

— O que ele quer exatamente agora é um relógio suíço—falei de improviso.— Um Doxa.

— Não tem problema—sorriu Müller.—Vê o que eu quis dizer sobre o russo? Ele sabe exatamente o que quer. Um belo relógio. Bem, deixe isso comigo.—Müller depositou o atizador e sentou-se satisfeito.—Então posso presumir que não faz objeções a minha proposta? Naturalmente será bem recompensado por conseguir-nos um informante de tal importância.

— Já que tocou no assunto, tenho uma quantia em mente—eu disse.

Müller ergueu suas mãos e instou-me a mencioná-la.

— Você pode ou não saber que sofri uma pesada perda no carteador recentemente. Perdi a maior parte do meu dinheiro, cerca de quatro mil xelins. Achei que você poderia gostar de arredondar para cinco mil.

Ele franziu os lábios e começou a assentir lentamente.

— Não parece irrazoável. Nas circunstâncias.

Sorri. Divertia-me ver Müller tão preocupado em proteger sua área de especialidade no seio da organização que se dispunha a comprar de mim o envolvimento com o russo de Belinski. Era fácil ver que, desta maneira, a reputação do Müller da Gestapo como a autoridade em todos os assuntos relativos à MVD estaria assegurada. Ele bateu nos joelhos decisivamente.

— Ótimo. Fico contente em ver tudo acertado. Gostei da nossa pequena conversa. Voltaremos a conversar depois da reunião desta manhã.

Certamente voltaremos, disse para mim mesmo. Só que provavelmente seria na Stiftskaserne, ou lá onde fosse que o pessoal do Registro Central preferisse interrogar Müller.

— Claro que teremos de discutir o procedimento para contactar sua fonte. Arthur me diz que você já tem um arranjo de posta-restante.

— Está tudo escrito—eu disse.—Tenho certeza de que descobrirá que tudo está em ordem.—Consultei o relógio e vi que eram quase dez horas. Levantei-me e apertei o laço da gravata.

— Oh, não se preocupe—disse Müller, pondo a mão no meu ombro. Ele parecia quase jovial agora que havia conseguido o que queria.—Eles esperarão por nós, asseguro-lhe.

Mas quase no mesmo momento a porta da biblioteca se abriu e o rosto levemente irritado do barão von Bolschwing deu uma olhada na sala. Ele ergueu significativamente o seu relógio de pulso e disse:

— Herr Doktor, temos realmente que começar agora.

— Está tudo bem—disse o vozeirão de Müller.—Já terminamos. Pode mandar todo mundo entrar agora.

— Muito obrigado.—Mas a voz do barão estava impaciente.

— Reuniões—zombou Müller.—E uma atrás da outra nesta organização. Uma dor que não tem fim. É como você limpar seu rabo com um pneu de carro. E como se Himmler ainda estivesse vivo.

Sorri.

— O que me faz lembrar: tenho que tirar água do joelho.

— É só seguir o corredor.

Fui até o corredor, desculpando-me primeiro com o barão e depois com Arthur Nebe, enquanto passava entre os homens que chegavam à biblioteca. Esses eram velhos camaradas, tudo bem. Homens com olhar duro, sorrisos frouxos, estômagos bem alimentados e uma certa arrogância, como se nenhum deles houvesse um dia perdido uma guerra ou feito qualquer coisa de que pudessem se envergonhar. Esta era a face coletiva da nova Alemanha que Müller havia mencionado.

Mas nem sinal do König.

No toalete cheirando a azedo, fechei o trinco cuidadosamente, consultei o relógio e fiquei à janela, tentando ver a estrada além das árvores ao lado da casa. Com o vento agitando as folhas era difícil distinguir qualquer coisa muito claramente, mas ao longe pensei discernir o para-lama de um grande carro preto.

Alcansei o cordão da persiana e, esperando que a coisa estivesse presa à parede com um pouco mais de firmeza do que a persiana do meu próprio banheiro em Berlim, puxei-a gentilmente por cinco segundos, depois deixei-a se enrolar de novo por outros cinco segundos. Após ter feito isso três vezes, conforme o combinado, esperei pelo sinal de Belinski e sentime muito aliviado quando ouvi três buzinas de carro ao longe. Depois, dei descarga no vaso e abri a porta.

A meio caminho do corredor, ao voltar à biblioteca, vi o cachorro de König. Ele parou no corredor, farejando o ar e fitando-me com alguma espécie de reconhecimento.

Depois virou-se e trotou escadas abaixo. Achei que a melhor maneira de encontrar König era deixar que seu mascote fizesse isso por mim. Portanto, fui atrás dele.

À porta de andar térreo, o cachorro parou e deu um pequeno latido. Tão logo a abri, ele estava fora de novo, disparando ao longo de outro corredor em direção aos fundos da casa. Ele parou mais uma vez e fez uma tentativa de passar por debaixo de outra porta, que parecia ser a do porão. Por vários segundos hesitei em abri-la, mas quando o cão latiu decidi que era mais sábio deixá-lo passar do que correr o risco de que o barulho alertasse König. Girei a maçaneta, empurrei e, como a porta não se movesse, puxei. Ela veio a mim com apenas um leve rangido, amplamente

camuflado pelo que soou de início como um gato miando em algum lugar no porão. O ar frio e a horrível percepção de que não era um gato tocaram meu rosto, e senti-me arrepiar involuntariamente. O cachorro se enfiou então pela porta entreaberta e desapareceu escadas abaixo.

Mesmo antes que eu chegasse ao fim do lance de escadas na ponta dos pés, onde uma enorme prateleira de vinho me ocultava de descoberta imediata, já havia reconhecido a voz de dor como sendo a de Veronika. A cena exigia muito pouca análise. Ela estava sentada numa cadeira, amarrada pela cintura, seu rosto mortalmente pálido. Um homem sentava-se imediatamente diante dela; estava de mangas arregaçadas e torturava seu joelho com um objeto metálico manchado de sangue. König estava de pé atrás dela, firmando a cadeira e periodicamente abafando seus gritos com um trapo.

Não havia tempo de me preocupar com a falta de uma arma, e foi uma sorte que König ficasse momentaneamente distraído com a chegada do seu cão.

— Lingo — disse ele, olhando para o bicho—, como desceu até aqui? Pensei que o tinha trancado.—Ele abaixou-se para pegar o cachorro e no mesmo momento contornei agilmente a prateleira de vinhos e me lancei à frente.

O homem na cadeira ainda estava sentado quando golpeei suas orelhas com as mãos em concha da forma mais forte que pude. Ele gritou e caiu no chão, agarrando ambos os lados da cabeça e se contorcendo desesperadamente enquanto tentava conter a dor do que era quase certamente tímpanos rompidos. Foi então que vi o que ele estivera fazendo com Veronika. Projetando-se em ângulo reto com a articulação do seu joelho estava um saca-rolha.

A arma de König estava, mesmo agora, ainda sendo sacada do seu coldre de ombro. Pulei sobre ele, acertei firme sua axila e depois golpeei-o no lábio superior com a quina da mão. Os dois golpes juntos foram o suficiente para colocá-lo fora de combate. Ele cambaleou para trás da cadeira de Veronika, o sangue esguichando do nariz. Eu não precisava acertá-lo novamente, mas agora que sua mão não cobria mais a boca de Veronika, os gritos de dor excruciantes da moça me convenceram a desferir um terceiro e mais contundente golpe com meu antebraço, visando o centro do seu esterno. Ele já estava inconsciente antes de desabar no chão. O cachorro interrompeu de imediato seus furiosos latidos e começou a tentar reanimá-lo com sua língua.

Peguei a arma de König no chão, deslizei-a para o bolso de minha calça e comecei rapidamente a desamarrar Veronika.

— Está tudo bem—falei.—Vamos tirar você daqui. Belinski vai chegar a qualquer momento com a polícia.

Tentei não olhar para a mixórdia que tinham feito no joelho dela. Ela gemeu lastimavelmente enquanto eu retirava a última das cordas que atavam suas pernas

ensanguentadas.

Sua pele estava fria e ela tremia toda, claramente a ponto de entrar em choque. Mas quando tirei meu casaco e o pus em volta dos seus ombros, ela agarrou minha mão com firmeza e disse por entre os dentes crispados:

— Tire isso fora, pelo amor de Deus, tire essa coisa do meu joelho.

Com um olho nas escadas do porão, na eventualidade de os homens de Nebe virem me procurar, agora que minha presença lá em cima estava atrasada, ajoelhei-me diante dela e examinei o ferimento e o instrumento que o provocara. Era um saca-rolha de aspecto ordinário, com um cabo de madeira pegajoso de sangue. A ponta aguçada tinha sido enfiada do lado da articulação do seu joelho a uma profundidade de vários milímetros, e parecia não haver como removê-lo sem causar-lhe quase tanta dor quanto tinha causado ao ser enfiado. O mais leve toque no cabo a fez gritar.

— Por favor, tire isso — implorou ela ao sentir minha indecisão.

— Tudo bem—avisei—,mas segure-se firme na cadeira. Isto vai doer.—Puxei a outra cadeira para bem perto, a fim de evitar que ela me chutasse os bagos, e sentei-me.

— Pronta?—Ela fechou os olhos e assentiu.

A primeira torção em sentido contrário deu ao seu rosto um brilhante tom escarlate. Depois ela gritou, com cada partícula de ar em seus pulmões. Mas com a segunda torção, ela piedosamente desmaiou. Examinei a coisa em minha mão por um breve segundo e a seguir arremessei-a no homem que eu nocauteara com um "telefone". Caído num canto, respirando em estertores entre gemidos, o torturador de Veronika parecia em péssimo estado. A porrada tinha sido firme e, embora eu nunca a tivesse empregado antes, sabia, pelo meu treinamento militar, que às vezes chegava a causar uma hemorragia fatal no cérebro.

O joelho de Veronika sangrava copiosamente. Procurei por alguma coisa com a qual improvisar uma bandagem no seu ferimento e decidi fazê-lo com a camisa do homem que eu havia nocauteado. Fui até ele e a arranquei de seu corpo.

Pressionei a camisa firmemente contra o joelho de Veronika e depois usei as mangas para amarrá-lo. Quando o curativo foi concluído, parecia um bom exemplo de trabalho de primeiros socorros. Mas a respiração dela se tornara difícil agora e eu não tinha dúvida de que precisaria de maca para sair dali.

A esta altura, já se haviam passado quinze minutos desde a minha sinalização para Belinski, e ainda não houvera qualquer som indicando que algo tivesse acontecido.

Quanto tempo os homens levariam para se mexer? Eu não ouvira nem sequer um grito a indicar que pudessem ter encontrado alguma resistência. Com gente como

aquele letão por perto, seria esperar demais que Müller e Nebe pudessem ser presos sem lutar.

König gemeu e moveu a perna fracamente, como um inseto esmagado. Chutei o cão para o lado e me abaixei para dar uma olhada nele. A pele debaixo do seu bigode assumira uma tonalidade escura, lívida, e, pela quantidade de sangue que escorrera por suas faces, imaginei que eu devia ter separado a cartilagem do seu nariz da parte superior do maxilar.

— Acho que vai levar um bom tempo antes que você possa apreciar outro charuto daqueles—falei sinistramente.

Tirei a Mauser de König do bolso e verifiquei a culatra. Através do orifício de inspeção vi o familiar brilho de uma cápsula na câmara. Puxei o pente e vi mais delas ordenadamente enfileiradas como num maço de cigarros. Enfieei de volta o pente com a concha da mão e empurrei o percussor. Era hora de descobrir o que havia acontecido com Belinski.

Subi as escadas do porão, esperei atrás da porta por um momento e prestei atenção. Por um breve instante pensei ouvir o som de respiração, até perceber que era a minha própria. Trouxe a arma para o lado de minha cabeça, soltei a trava com a unha do polegar e ultrapassei a porta.

Por uma fração de segundo vi o gato preto do letão, e depois senti como se o teto inteiro desabasse sobre mim. Ouvi um pequeno pipocar, como o de uma rolha de champanhe, e quase ri ao perceber que foi todo o som da arma, disparando involuntariamente, que meu cérebro abalado pôde decifrar. Atordoadado como um salmão em terra, fiquei caído no chão. Meu corpo zumbia como um cabo telefônico. Mais tarde recordei que, para um homem daquele tamanho, o letão era notavelmente leve ao caminhar. Ele se ajoelhou do meu lado, riu na minha cara antes de vibrar o cassetete mais uma vez.

Depois, veio a escuridão.

CAPÍTULO XXXV

Havia uma mensagem a minha espera. Estava escrita em maiúsculas para enfatizar sua importância. Lutei para focalizar os olhos, só que a mensagem continuava a se mover. Turvamente, decifrei as letras uma a uma. Foi trabalhoso, mas eu não tinha outra opção. Finalmente consegui juntar as letras. A mensagem dizia: "AJUDA USA".

Parecia ser algo importante, embora eu falhasse em descobrir por quê. Mas então vi que esta era só uma parte da mensagem, e a segunda metade dela. Engoli em seco, nauseado, e pelejei com a primeira parte da mensagem, que estava codificada: "GR. WT 26 Ibs. CU.FT. O'l O'". O que significava tudo aquilo? Eu ainda estava tentando entender o código quando ouvi passos e depois o som de uma chave girando na fechadura.

Minha cabeça clareou agonizantemente enquanto eu era erguido por dois pares de mãos fortes. Um dos homens chutou a caixa de papelão vazia da Ajuda Humanitária para fora do caminho e eles me arrastaram até a porta.

Meu pescoço e ombro doíam tanto que minha pele se arrepiou no segundo em que me suspenderam pelos braços, que, agora percebi, estavam algemados a minha frente. Provoquei o vômito desesperadamente e tentei voltar para o chão onde me sentia comparativamente confortável. Mas continuei sendo amparado, e ao me debater só fazia aumentar a dor; e assim deixei-me ser arrastado através de um curto e úmido corredor. Passamos por dois barris e subimos alguns degraus até um grande tonel de carvalho. Os dois homens sentaram-me rudemente numa cadeira.

Uma voz, a voz de Müller, mandou que me dessem um pouco de vinho.

— Quero que ele fique plenamente consciente quando o interrogarmos.

Alguém pôs um copo em meus lábios e girei a cabeça dolorosamente. Bebi. Quando o copo foi esvaziado, senti gosto de sangue na boca. Cuspi diante de mim, sem me importar aonde.

— Coisa ordinária—ouvi a mim mesmo resmungar.—Vinho de cozinha.

Müller gargalhou e girei a cabeça na direção do som. As lâmpadas nuas iluminavam fracamente, mas mesmo assim conseguiam ferir meus olhos. Apertei as pálpebras com firmeza, depois voltei a abri-las.

— Ótimo—disse Müller.—Ainda restou alguma coisa em você. Precisará responder a todas as minhas perguntas, Herr Gunther, isto eu lhe asseguro.

Müller estava sentado numa cadeira, os braços e pernas cruzados. Ele parecia um homem prestes a assistir a um teste musical. Sentado ao lado dele e parecendo um pouco menos relaxado que o ex-chefe da Gestapo, estava Nebe. Junto a ele sentava-se Kõnig, usando uma camisa limpa e aplicando um lenço sobre o nariz e a boca, como se sofresse de um grave ataque de alergia. Aos pés deles, deitada no

chão de pedra, jazia Veronika. Estava inconsciente e, exceto pela bandagem em volta do joelho, inteiramente nua. Como eu, estava também algemada, embora sua lividez indicasse que esta era uma precaução inteiramente redundante.

Voltei a cabeça para a direita. A poucos metros de distância estavam o letão e outro capanga que eu ainda não tinha visto. O letão sorria excitadamente, sem dúvida na expectativa da minha humilhação iminente.

Estávamos no maior dos anexos. Além das janelas, a noite testemunhava os acontecimentos com escura indiferença. Em algum lugar, pude ouvir a vibração surda de um gerador. Doía mexer a cabeça e o pescoço, e foi realmente mais confortável olhar de volta para Müller.

— Pergunte o que quiser—eu disse.—De mim, não vai conseguir nada.—Mas, mesmo enquanto dizia isto, eu sabia que, nas mãos peritas de Müller, era mais fácil eu ser eleito o próximo papa do que não contar a ele tudo que quisesse saber.

Müller achou minha bravata suficientemente absurda enquanto ria e sacudia a cabeça.

— Já se passaram anos desde que conduzi um interrogatório. disse ele, parecendo nostálgico.—Contudo, acho que você descobrirá que não perdi minha forma.—Müller olhou para Nebe e Kõnig como se buscando a aprovação deles, que assentiram, implacavelmente.

— Aposto que até ganhou prêmios por isso, seu escroto.

Ao ouvir isso, o letão moveu-se para me golpear firme na face. O súbito oscilar da minha cabeça enviou uma dor agonizante até as unhas dos pés e me fez gritar.

— Não, não, Rainis—disse Müller como um pai para um filho—,queremos que Herr Gunther tenha condições de falar. Ele pode nos insultar agora, mas no final contará tudo que queremos ouvir. Por favor, não bata nele a não ser que eu dê ordem.

Nebe falou:

— Não adianta, Bernie. Fräukin Zartl já nos contou tudo sobre como você e aquele americano se livraram do corpo do pobre Heim. Desconfiei quando você começou a perguntar muito sobre ela. Agora sabemos.

— De fato, sabemos agora um monte de coisas—disse Müller. — Enquanto você estava tirando uma soneca, o Arthur aqui se fez passar por policial a fim de ganhar acesso aos seus aposentos.—Ele sorriu presunçosamente.—Não foi difícil para ele. Os austríacos são uma gente dócil e cumpridora da lei. Arthur, diga a Herr Gunther o que descobriu.

— Suas fotografias, Heinrich. Imagino que o americano as tenha dado a ele. O que diz, Bernie?

— Vá para o inferno...

Nebe continuou, imperturbável:

— Há também um esboço da pedra tumular de Martin Albers. Lembra daquele infeliz acontecimento, Herr Doktor?

— Sim—disse Müller.—Aquilo foi muito descuido de Max.

— Ouso dizer que você deve ter adivinhado que Max Abs e Martin Albers eram uma única e a mesma pessoa, Bernie. Ele era um sujeito antiquado, um tipo um tanto sentimental.

Ele simplesmente não podia ficar morto como o resto de nós. Não, ele tinha que ter uma lápide para celebrar o seu falecimento, fazer a coisa parecer respeitável.

Realmente, um vienense típico, não diria? Eu pensaria que foi você quem avisou a PM em Munique de que Max iria para lá. Claro, você não ia saber que Max estava levando vários jogos de documentos e permissões de viagem. Sabe, documentos eram a especialidade de Max. Ele era um mestre da falsificação. Como ex-chefe da seção de operações clandestinas do SD em Budapeste, ele foi um dos melhores no seu campo.

— Suponho que foi outro conspirador fictício contra Hitler—eu disse.—Outro nome falso na lista de todos aqueles que foram executados. Tal como você, Arthur.

Tenho de cumprimentá-lo: você foi muito esperto.

— Isso foi ideia de Max—disse Nebe.—Engenhoso, sim, mas não muito difícil de organizar com a ajuda de König. Você vê, König comandou o pelotão de execução em Plotzensee e enforcou conspiradores às centenas. Ele fornecia todos os detalhes.

— Bem como os ganchos de açougueiro e as cordas de piano, sem dúvida.

— Herr Gunther-disse König indistintamente através do lenço que aplicava no nariz—,espero ser capaz de fazer o mesmo com você Müller franziu o cenho.

— Estamos perdendo tempo—disse ele rispidamente.—Nebe disse para sua senhoria que a polícia austríaca achava que você havia sido sequestrado pelos russos. Depois disso ela foi muito prestativa. Aparentemente, seus aposentos estão sendo pagos pelo Dr. Ernst Liebl. Este homem é agora conhecido por nós como o advogado de Emil Becker. Nebe é de opinião que você foi contratado por ele para vir a Viena e tentar inocentá-lo do assassinato do capitão Linden. Eu mesmo apoio essa opinião. Tudo combina, pode-se dizer.

Müller acenou para um dos feiosos, que se adiantou e recolheu Veronika nos braços enormes. Ela não fez nenhum movimento e, a não ser por sua respiração, que se tornou mais alta e mais difícil à medida que sua cabeça pendia para trás do pescoço, poder-se-ia pensar que estivesse morta. Ela parecia drogada.

— Por que não a deixa fora disso, Müller?—falei.—Eu lhe direi tudo que quiser saber.

Müller fingiu ficar intrigado.

— Isto certamente é o que falta ser visto.—Ele se levantou, imitado por Nebe e König.—Leve Herr Gunther junto, Rainis.

O letão me levantou. O simples esforço de ser colocado de pé me deixou subitamente fraco. Ele me arrastou uns poucos metros para o lado de um profundo tonel circular de carvalho que tinha as dimensões de um tanque de peixes de bom tamanho. O tonel em si era unido a uma placa retangular de aço que tinha duas abas semicirculares de madeira como as abas de uma ampla mesa de jantar, junto a uma grossa coluna de aço que ia até o teto. O capanga que carregava Veronika desceu no tonel e depositou-a no fundo. Depois ele saiu e puxou para baixo um círculo perfeito e mortal.

— Isto é uma prensa de vinho—disse Müller, de modo prosaico. Lutei debilmente nos braços enormes do letão, mas nada havia que eu pudesse fazer. Era como se tivesse quebrado o ombro ou a clavícula. Eu os xinguei com todos os palavrões que sabia e Müller assentiu aprovadoramente.

— Sua preocupação por esta jovem é estimulante—disse ele.

— Foi ela quem você esteve procurando esta manhã—acrescentou Nebe.—Quando saiu para dar um passeio com Rainis, não foi isso?

— Sim, isso mesmo, foi. Agora deixe-a ir, pelo amor de Deus. Dou-lhe a minha palavra, Arthur, ela não sabe absolutamente nada.

— Isto é verdade—admitiu Müller.—Ou, pelo menos, não muito. Assim me diz König, de qualquer modo, e ele é uma pessoa muito persuasiva. Mas você gostará de saber que ela ainda conseguiu esconder por um bom tempo o papel que você representou no desaparecimento de Heim. Não foi, Helmut?

— Sim, general.

— Mas afinal acabou nos contando tudo—continuou Müller. Mesmo antes da sua heroica e impossível entrada em cena. Ela nos contou que vocês tiveram um agradável relacionamento sexual, e que você foi amável com ela. E que foi por isso que pediu sua ajuda quando precisou se livrar do corpo de Heim. Que foi por isso que você veio procurar por ela quando König a sequestrou. A propósito, devo cumprimentá-lo. Você matou um dos homens de Nebe com bastante perícia. E uma grande lástima que um homem de suas habilidades fantásticas nunca tenha trabalhado para a organização. Mas inúmeras coisas permanecem como um quebra-cabeça e espero que você, Herr Gunther, nos esclareça. Ele relanceou em torno e viu que o homem que depositara Veronika no tonel estava agora de pé junto a um painel elétrico na parede.

— Conhece algo sobre a fabricação de vinho?—perguntou ele, andando em volta do tonel.—O esmagamento, como a palavra sugere, é o processo pelo qual a uva é espremida, tendo sua casca estourada e liberando o suco. Como sem dúvida sabe, antigamente isso era feito pisando-se nas uvas em grandes tonéis. Mas as

prensas modernas são operadas por máquinas pneumáticas ou elétricas. O esmagamento é repetido várias vezes, e portanto é uma indicação da qualidade do vinho, sendo a primeira prensagem a melhor de todas. Uma vez que parte do suco tenha sido espremido, o resíduo... creio que Nebe o chama de "o bolo"... é fornecido a uma destilaria; ou, como no caso desta pequena propriedade, é transformado em fertilizante.—Müller olhou para Arthur Nebe.—Não é, Arthur, não estou certo?

Nebe sorriu com indulgência.

— Perfeitamente certo, Herr General.

— Detesto iludir alguém—disse Müller com bom humor. Até mesmo um homem que vai morrer.—Ele fez uma pausa e olhou para o tonel abaixo.—Claro que neste exato momento não é a sua vida que se encontra em situação mais premente, se me permite essa piadinha de mau gosto.

O enorme letão gargalhou em meu ouvido e minha cabeça foi subitamente envolvida pelo seu hálito azedo de alho.

— Portanto eu previno: dê suas respostas rápida e acuradamente, Herr Gunther. A vida de Fráulem Zartl depende disso.

Ele acenou para o homem no controle do painel; este apertou um botão que deu início a um ruído mecânico, gradualmente aumentando para uma arfada.

— Não pense muito mal da gente—continuou Müller.—São tempos difíceis. Há carência de tudo. Se tivéssemos sódio pentotal nós lhe daríamos. Até mesmo tentaríamos comprar no mercado negro. Mas creio que concordará que este método é tão eficaz quanto qualquer soro da verdade.

— Faça logo a porra das suas perguntas.

— Ah, você está com pressa de responder... Isso é bom. Diga-me então: quem é este policial americano? O tal que ajudou você a se livrar do corpo de Heim?

— Chama-se John Belinski. Trabalha para o Registro Central de Suspeitos de Crimes de Guerra e Segurança.

— Como o conheceu?

— Ele sabia que eu estava trabalhando para provar a inocência de Becker. Ele me abordou com uma proposta de trabalho em etapas. De início, disse que queria descobrir por que o capitão Linden tinha sido assassinado, mas, passado algum tempo, ele me disse que realmente queria descobrir sobre você. Se tinha algo a ver com a morte de Linden.

— Então os americanos não estão contentes com a prisão do homem certo?

— Não e sim. A polícia militar está. O pessoal do Registro Central, não. A arma usada para matar Linden foi uma que eles rastrearam até uma morte em Berlim. Um cadáver que supostamente seria o seu, Müller. E a arma rastreada fazia parte dos registros da SS no Centro de Documentação de Berlim. O Registro Central não

informou a polícia militar por medo que eles pudessem espantar você para fora de Viena.

— E você foi incentivado a se infiltrar na organização para benefício deles?

— Sim.

— Mas até esta manhã você nunca havia me visto antes. Explique o quanto eles sabem, por favor.

— A informação que forneci à MVD destinava-se a enrolar você.

Eles sabem que gosta de se considerar um especialista nesses assuntos. A ideia era que, com informação de tal qualidade, você mesmo se incumbiria do interrogatório.

Se eu o visse na reunião desta manhã, deveria sinalizar para Belinski da janela do banheiro, puxando a persiana três vezes para baixo. Ele estaria observando a janela com binóculos.

— E depois?

— O combinado foi ele vir com agentes para cercar a casa. A intenção era prender você. O acordo foi que, se fossem bem-sucedidos na sua captura, então libertariam Becker.

Nebe relanceou para um de seus homens e fez um sinal de cabeça para a porta.

— Reúna alguns homens e vasculhe os terrenos. Só por precaução.

Müller deu de ombros.

— Então você está dizendo que a única razão por que eles sabem que estou aqui em Viena deve-se a você ter feito algum sinal para eles da janela do banheiro. Não é isso?—Assenti.—Mas então por que este Belinski não entrou com seus homens e me prendeu, como planejado?

— Estou me fazendo esta mesma pergunta, pode crer.

— Ora, Herr Gunther. Isto é inconsistente, não é? Peço-lhe que seja sensato. Como é que posso acreditar nisso?

— Acha que eu iria procurar pela garota se não estivesse contando com a chegada dos agentes?

— A que horas você deveria dar o sinal?—quis saber Nebe.

— Vinte minutos após iniciada a reunião, eu deveria pedir licença para ir ao banheiro.

— Às dez e vinte, então. Mas você esteve procurando por Fräulein Zartl antes das sete da manhã.

— Achei que ela poderia não aguentar até a chegada dos americanos.

— Quer nos fazer crer que teria arriscado toda a operação por causa de uma...—o nariz de Müller se franziu de desagrado—...uma reles chocodama!—Ele sacudiu a cabeça.—Acho muito difícil de acreditar.—Ele acenou para o homem no controle da prensa de vinho, que pressionou um segundo botão e a máquina entrou em

funcionamento.—Vamos lá, Herr Gunther. Se o que você diz é verdade, por que os americanos não vieram quando sinalizou para eles?

— Não sei—gritei.

— Então especule - disse Nebe.

— Eles jamais pretenderam prender você—eu disse, expressando em palavras minhas próprias suspeitas. -Tudo que queriam saber era que estava vivo e trabalhando para a organização. Eles me usaram e, depois que descobriram o que queriam, me deixaram na mão.

Lutei para me livrar do letão enquanto a prensa iniciava sua lenta descida. Veronika jazia inconsciente, seu peito agitando-se suavemente, alheia à descida da placa.

Sacudi a cabeça.

— Olhe, honestamente, não sei por que eles não deram as caras.

— Então vamos deixar isso claro—disse Müller.—A única prova que eles têm da minha continuada existência, a não ser esta prova de balística um tanto frágil que mencionou, é o seu próprio sinal.

— Sim, acho que sim.

— Mais uma pergunta. Você ou os americanos sabem por que o capitão Linden foi morto?

— Não—respondi e depois, levando em conta que eles não queriam respostas negativas, acrescentei:—Imaginamos que ele estivesse sendo abastecido com informação acerca de criminosos de guerra na organização. Isso o trouxe a Viena para investigar você. De início achamos que Kónig o estivesse abastecendo de informação.

— Sacudi a cabeça, tentando relembrar alguma das teorias que eu tinha levantado para explicar a morte de Linden.—Depois pensamos que ele, de alguma forma, pudesse estar abastecendo a organização a fim de ajudar você a recrutar novos adeptos. Desligue aquela máquina, pelo amor de Deus!

Veronika desapareceu de vista enquanto a prensa se fechava sobre a beirada do tonel. Só lhe restavam dois ou três metros de vida.

— Não sabemos por quê, porra!

A voz de Müller soou baixa e calma, como a de um cirurgião:

— Precisamos ter certeza, Herr Gunther. Deixe-me repetir a pergunta...

— Eu não sei...

— Por que era necessário que matássemos Linden? Sacudi a cabeça em desespero.

— Apenas me conte a verdade. O que você sabe? Não está sendo justo com esta jovem. Conte-nos o que descobriu.

O gemido estridente da máquina ficou mais alto. Lembrava-me do som do elevador do meu antigo escritório em Berlim. Onde eu devia ter ficado.

— Herr Gunther—a voz de Müller tinha um tom de urgência—,pelo bem desta pobre jovem, eu lhe peço.

— Pelo amor de Deus...

Ele olhou para o capanga no painel de controle e sacudiu a cabeça pelada.

— Não sei de nada—gritei.

A prensa trepidou ao encontrar seu obstáculo vivo. O gemido mecânico subiu brevemente duas oitavas enquanto a resistência à força hidráulica a combatia, depois retornou ao seu antigo arfar antes que finalmente a prensa chegasse ao fim de sua cruel jornada. O ruído cessou a outro aceno de cabeça de Müller.

— Sabe ou não sabe, Herr Gunther?

— Seu escroto—eu disse, subitamente fraco de desgosto—,seu sacana cruel.

— Não creio que ela tenha sofrido muito—replicou ele com uma indiferença estudada.—Estava dopada. O que é mais do que você terá quando repetirmos este pequeno exercício dentro de, digamos... — consultou seu relógio—...doze horas. Você tem até lá para refletir.

— Ele olhou pela beirada do tonel.—Não posso prometer matá-lo de uma vez, claro. Não como a garota. Eu poderia querer espremê-lo duas ou três vezes, antes de espalhá-lo pelos campos. Tal como as vinhas. Por outro lado, se me contar o que desejo saber, posso prometer-lhe uma morte menos dolorosa. Uma pílula seria muito menos dolorosa para você, não acha?

Senti meu lábio franzir. Müller recuou tediosamente enquanto eu começava a suar, depois sacudiu a cabeça.

— Rainis—disse ele—,você pode bater em Herr Gunther só mais uma vez antes de levá-lo de volta a seus alojamentos.

CAPÍTULO XXXVI

De volta a minha cela, massageei a costela deslocada acima do meu fígado, que o letão de Nebe tinha escolhido para desferir um soco terrivelmente doloroso. Ao mesmo tempo eu tentava apagar na memória as luzes do que havia acontecido com Veronika, mas era inútil.

Eu conheci homens que haviam sido torturados pelos russos durante a guerra. Lembrava deles descrevendo como a parte mais pavorosa de tudo era a incerteza—se você ia morrer, se poderia suportar a dor. Essa parte era certamente verdade. Um deles descrevera um modo de reduzir a dor. Respirar profundamente e engolir podia induzir uma letargia que era quase anestésica. O único problema foi que isso tinha também deixado o meu amigo propenso a crises crônicas de oxidação excessiva do sangue, o que finalmente lhe provocou um ataque cardíaco fatal.

Amaldiçoei-me por meu egoísmo. Uma garota inocente, já uma vítima do nazismo, tinha sido morta por causa de sua associação comigo. Em algum lugar dentro de mim uma voz replicou que foi ela quem pediu minha ajuda, e que eles poderiam tê-la torturado e matado independentemente de meu próprio envolvimento. Mas eu não estava com ânimo para me consolar. Não havia nada que pudesse ter dito a Müller sobre Linden que o satisfizesse? E o que eu lhe contaria quando chegasse a minha própria vez?

Egoísmo de novo. Mas não havia como evitar meu jogo de dados do egotismo. Eu não queria morrer. Mais importante: eu não queria morrer de joelhos, pedindo piedade como um herói de guerra italiano.

Dizem que a dor iminente oferece à mente a mais pura ajuda à concentração. Sem dúvida, Müller teria sabido disso. Pensar sobre a pílula letal que ele tinha me prometido se lhe contasse tudo que queria saber me fez lembrar de alguma coisa vital. Pelejando com as algemas, alcancei o bolso da calça e puxei o forro com o dedo mindinho, permitindo que as duas pílulas que eu pegara no consultório de Heim rolassem para a palma de minha mão.

Eu nem sabia ao certo por que as pegara. Curiosidade, talvez. Ou talvez fosse algum impulso subconsciente que me dissera que eu poderia ter necessidade de uma morte sem dor. Por um longo tempo fiquei olhando para as minúsculas cápsulas de cianureto com um misto de alívio e horrível fascinação. Após um instante, escondi uma das pílulas na bainha das calças e decidi guardar a outra na boca a que iria com toda a probabilidade me matar. Com uma apreciação de ironia que era muito exagerada para minha situação, refleti que tinha de agradecer a Arthur Nebe por ter desviado essas pílulas letais do uso exclusivo dos agentes secretos, para os quais foram criadas, em benefício do alto escalão da SS—e daí para o meu. Talvez a pílula em minha mão fosse a destinada ao próprio Nebe. É de

tais especulações, embora improváveis, que consiste a filosofia de um homem durante as horas que lhe restam.

Pus a pílula na boca e a mantive cuidadosamente entre meus molares de trás. Quando chegasse a hora, teria eu coragem de mastigá-la? Minha língua empurrou a pílula sobre a borda do dente para o canto da bochecha. Passei os dedos pela face e pude senti-la através da carne. Alguém a poderia ver? A única iluminação na cela provinha de uma lâmpada fixada a um dos caibros de madeira cheios de teias de aranha. Mesmo assim, eu não podia evitar o pensamento de que o contorno da pílula em minha boca era por demais visível.

Quando uma chave girou na fechadura, percebi que em breve descobriria.

O letão entrou com a pistola Colt numa das mãos e uma pequena bandeja na outra.

— Afaste-se da porta—disse rudemente.

— O que é isto?—perguntei, recuando.—Uma refeição? Talvez você possa dizer à gerência que eu teria preferido um cigarro.

— Está com sorte de ter alguma coisa—grunhiu ele, agachando-se cuidadosamente e depositando a bandeja no chão poeirento. Havia uma caneca de café e uma grossa fatia de strudel.—O café é fresco. O strudel é feito em casa.

Por um breve e estúpido segundo, pensei em atacá-lo, mas lembrei a mim mesmo que um homem na minha condição enfraquecida atacaria tão rápido quanto uma cachoeira congelada. E a chance que eu teria de superar o enorme letão era tão remota quanto a de envolvê-lo em um diálogo socrático. Ele porém pareceu sentir algum lampejo de esperança no meu rosto, muito embora a pílula em minha boca permanecesse sem ser notada.

— Vá em frente—desafiou ele.—Tente alguma coisa. Eu gostaria que tentasse; seria um prazer golpeá-lo na rótula.—Rindo como um urso retardado, ele recuou para sair da cela e bateu a porta com estrondo.

Pelo tamanho dele, imaginei que Rainis fosse do tipo que adorava comer. Quando não estava matando ou ferindo pessoas, seu único prazer real devia ser este. Talvez ele fosse algum tipo de comilão. Ocorreu-me que se eu deixasse o strudel intocado, Rainis poderia ser incapaz de resistir a comê-lo. Que se eu pusesse uma das minhas pílulas dentro do recheio, então mais tarde, talvez depois que eu mesmo estivesse morto, o estúpido letão comesse o strudel e morresse. Seria, refleti, um pensamento reconfortante saber que, quando eu deixasse o mundo, ele rapidamente me seguiria.

Decidi tomar o café enquanto pensava nisso. A pílula letal seria solúvel em água quente? Eu não sabia. Assim, expeli a cápsula da boca e, pensando que aquela poderia ser a pílula que usaria para pôr meu plano patético em ação, enfiei-a no recheio de fruta com o dedo indicador.

Eu estava tão faminto que poderia ter comido o strudel, com pílula e tudo. Meu relógio dizia que se haviam passado quinze horas desde o meu desjejum vienense, e o sabor do café estava bom. Decidi que só podia ter sido Arthur Nebe quem incumbiu o letão de trazer-me a ceia.

Outra hora se passou. Ainda decorreriam oito horas até que me levassem de novo para cima. Eu esperaria até que não houvesse mais esperança, nenhuma possibilidade de prorrogação, para dar cabo da minha vida. Tentei dormir, mas foi em vão. Começava a compreender como é que Becker estaria se sentindo à espera da força. Pelo menos eu estava melhor do que ele: ainda tinha minha pílula letal.

Era quase meia-noite quando ouvi a chave na fechadura de novo. Rapidamente transferi a segunda pílula da bainha da calça para a bochecha, na eventualidade de que decidissem revistar minhas roupas. Mas quem veio buscar a bandeja não foi Rainis, e sim Arthur Nebe. Empunhava uma automática.

— Não me force a usar isto, Bernie—disse ele.—Você sabe que eu não hesitaria em atirar se fosse preciso. É melhor se encostar na parede mais afastada.

— O que é isto? Uma visita social?—Arrastei-me para longe da porta. Ele jogou um maço de cigarros e fósforos para mim.

— Poderia dizer que sim.

— Espero que não esteja aqui para falar dos velhos tempos, Arthur. Não estou me sentindo muito sentimental exatamente agora. Olhei para os cigarros. Winston. —Müller sabe que está fumando cigarros americanos, Arthur? Cuidado, você pode ter problemas. Müller tem ideias esquisitas sobre os americanos. — Acendi um e traguei com lenta satisfação.—De qualquer modo, muito obrigado.

Nebe arrastou uma cadeira pela porta e sentou-se.

— Müller tem suas próprias ideias de para onde a organização está indo—disse. —Mas não resta dúvida do seu patriotismo e determinação. Ele é inteiramente implacável.

— Receio não ter notado.

— Ele tem, contudo, uma infeliz tendência para julgar outras pessoas por seus próprios padrões insensíveis. O que significa que ele realmente acredita que você é capaz de manter a boca fechada e permitir a morte da garota.—Ele sorriu.—Eu, é claro, conheço você melhor. Gunther é um tipo de homem sentimental, eu disse a ele. Até mesmo um pouquinho tolo. Seria bem típico dele arriscar seu pescoço por alguém que mal conheça. Até mesmo uma chocodama. Foi a mesma coisa em Minsk, eu disse. Ele estava perfeitamente preparado para seguir para a linha de frente em vez de matar gente inocente. Gente à qual nada devia.

— Isso não faz a mim um herói, Arthur. Apenas um ser humano.

— Isso faz de você alguém com quem Müller está acostumado a lidar: um homem com um princípio. Müller sabe quais os homens que aguentarão ficar em

silêncio. Ele viu um monte de pessoas sacrificarem amigos e a si mesmos a fim de nada revelar. Ele é um fanático. Fanatismo é a única coisa que ele entende. E, conseqüentemente, acha que você é um fanático. Está convencido de que existe uma possibilidade de que você o pudesse estar iludindo. Como disse, eu o conheço um pouco melhor. Se você soubesse por que Linden foi morto, acho que teria revelado.

— Bem, é ótimo saber que alguém acredita em mim. Isso fará com que sua safra deste ano sej a muito mais tolerável. Escute, Arthur, por que está me contando isso?

Para que eu possa dizer que você é um melhor juiz de caráter do que Müller?

— Estive pensando: se você contasse a Müller exatamente o que ele quer ouvir, isso poderia lhe poupar um bocado de sofrimento. Detesto ver um velho amigo sofrer.

E, pode acreditar, ele o fará sofrer.

— Não duvido. Não foi esse café que me ajudou a ficar acordado, isso eu lhe garanto. Vamos lá, o que é isto? A velha rotina do amigo inimigo? Como já disse, não sei por que empacotaram Linden.

— Não, mas eu poderia lhe dizer.

Estremeci, enquanto a fumaça do cigarro feria meus olhos.

— Deixe-me entender direito—repliquei, incerto.—Você está querendo me contar o que aconteceu com Linden, a fim de que eu possa desembuchar para Müller, e assim me poupar de um destino pior do que a morte, certo?

— Mais ou menos isso.

Dei de ombros, penosamente.

— Creio que não tenho nada a perder.—Sorri.—É claro que você simplesmente podia me deixar escapar, Arthur. Pelos velhos tempos.

— Você mesmo disse que não íamos falar dos velhos tempos. De qualquer modo, você sabe demais. Você viu Müller. Você me viu. Estou morto, lembra?

— Não é nada pessoal, Arthur, mas gostaria que estivesse.—Peguei outro cigarro e o acendi na ponta do primeiro.—Tudo bem desembuche. Por que Linden foi morto?

— Linden tinha uma formação teuto americana. Até mesmo ha alemão na Universidade Cornell. Durante a guerra ele teve um papel menor em informação, e depois trabalhou como oficial de desnazificação. Era um homem inteligente, e em breve montou um belo esquema fraudulento para si, vendendo certificados para os Velhos Camaradas, você conhece esse tipo de coisa. Depois juntou-se ao CIC como pesquisador burocrata e como oficial de ligação do Registro Central junto ao Centro de Documentação de Berlim. Naturalmente manteve seus antigos contatos no mercado negro e por essa época tornou-se conhecido na organização como

alguém simpático a nossa causa. Nós o contactamos em Berlim e lhe oferecemos dinheiro para realizar um pequeno serviço numa base ocasional.

"Você lembra que eu lhe disse quantos de nós forjamos nossas mortes? Demos novas identidades a nós? Bem, isso foi ideia de Albers... o Max Abs em quem você esteve interessado. Mas é claro que a deficiência fundamental de qualquer nova identidade, especialmente quando isso tem de ser feito tão rapidamente, é que falta um passado.

Pense nisso, Bemie: guerra mundial, cada alemão capaz entre as idades de doze e sessenta e cinco anos em armas, e nenhum registro de serviço sobre mim, Alfred Nolde.

Onde estava eu? O que estava fazendo? Pensávamos que tínhamos sido muito espertos em matar nossas identidades reais, deixando que os registros caíssem nas mãos dos americanos, mas, ao contrário, isso só criou novas perguntas. Não tínhamos a menor ideia de que o Centro de Documentação se mostraria tão abrangente. O efeito disso foi possibilitar a verificação de cada resposta de um homem num questionário de desnazificação.

"Muitos de nós trabalhávamos para os americanos por essa época. Naturalmente isso os habilita agora a especular sobre o passado dos ativistas de nossa organização.

Mas e amanhã? Os políticos têm o hábito de mudar a política. Nesse exato momento somos amigos na luta contra o comunismo. Mas será a mesma coisa daqui a cinco ou dez anos?

"Por isso, Albers surgiu com um novo esquema. Ele criou uma documentação passada para o nosso pessoal mais antigo em suas novas identidades, ele próprio incluído. Todos nós tivéramos participação menor, menos culpada, na SS e no Abwehr do que nossos seres reais. Como Alfred Nolde, fui um sargento na Divisão do Pessoal da SS. Minha ficha contém todos os meus detalhes pessoais, até mesmo registros odontológicos. Travei uma tranquila e razoavelmente inocente espécie de guerra. É verdade que fui um nazista, mas nunca um criminoso de guerra. Isso era outra pessoa. O fato de por acaso parecer com alguém chamado Arthur Nebe é pura coincidência.

"Mas a segurança do Centro é rígida. É impossível sair com arquivos. Mas é relativamente fácil entrar com eles. Ninguém é revistado ao entrar no Centro, só ao sair.

Esta era a função de Linden. Uma vez por mês, Becker entregava documentos novos, forjados por Albers, para Berlim. E Linden os arquivava. Naturalmente isto foi antes de descobrirmos sobre os amigos russos de Becker.

— Por que as falsificações eram feitas aqui e não em Berlim? perguntei.— Assim, seria dispensável a necessidade de um correio.

— Porque Albers se recusava a ir para qualquer lugar perto de Berlim. Ele preferia aqui em Viena, porque a Áustria é a primeira etapa para a fuga. É fácil cruzar a fronteira para a Itália, e depois alcançar o Oriente Médio, a América do Sul. Há muitos de nós que foram para o sul. Como pássaros no inverno.

— Então, o que saiu errado?

— Linden ficou ambicioso, foi isso que saiu errado. Ele sabia que o material que estava recebendo era forjado, mas não entendia o que significava. De início acho que foi mera curiosidade. Ele começou a fotografar o material que lhe dávamos. E depois recorreu à ajuda de um casal de advogados judeus... caçadores de nazistas...

para tentar estabelecer a natureza dos novos fichários, quem aqueles homens eram.

— Os Drexler.

— Eles estavam trabalhando com o exército aliado na apuração de crimes de guerra. Provavelmente os Drexler não faziam ideia de que os motivos que levaram Linden a solicitar sua ajuda eram puramente pessoais, visando ao lucro. E por que não desconfiaram? As credenciais de Linden eram inquestionáveis. Seja como for, creio que eles notaram alguma coisa acerca de todos aqueles novos registros de pessoal da SS e do partido: que mantínhamos as mesmas iniciais de nossas antigas identidades; é um velho truque na construção de uma nova lenda. Faz a gente se sentir mais à vontade com o novo nome. Algo tão instintivo quanto iniciar um contrato torna-se seguro. Acho que os Drexler devem ter comparado esses novos nomes com os nomes de camaradas que estavam desaparecidos ou presumivelmente mortos e sugeriram que Linden comparasse os detalhes de uma ficha de Alfred Nolde com os de uma ficha de Arthur Nebe, Heinrich Müller com Heirich Moltke, Max Abs com Martin Albers.

— Foi por isso que vocês mataram os Drexler.

— Exato. Isso foi depois que Linden apareceu aqui em Viena, querendo mais dinheiro para ficar de boca fechada. Müller foi ao encontro dele e o matou. Sabíamos que Linden já havia feito contato com Becker pela simples razão que o capitão nos contou. Assim, decidimos matar dois coelhos. Primeiro, deixamos vários pacotes de cigarros no armazém onde Linden foi morto, a fim de incriminar Becker. Depois, König procurou Becker e contou-lhe que Linden estava desaparecido. A ideia era que Becker começaria a fazer perguntas sobre Linden, a procurar por ele no hotel, e geralmente se fazendo notar. Enquanto isso, König trocou a arma de Müller pela de Becker. A seguir, ele informou à polícia que Becker havia baleado e matado Linden. Foi um prêmio inesperado que Becker já soubesse onde estava o corpo de Linden e que retornasse ao local do crime com o objetivo de roubar os cigarros. Claro que os americanos estavam esperando por ele e o pegaram com a mão na massa. O caso não podia falhar. Mesmo assim, se os

americanos tivessem sido somente a metade mais eficientes, teriam descoberto o elo entre Becker e Linden em Berlim. Mas não creio que tenham se incomodado em levar a investigação para fora de Viena. Estavam satisfeitos com o que conseguiram. Ou pelo menos assim pensávamos até agora.

— Se Linden sabia tanto, por que não tomou a precaução de deixar uma carta com alguém? Para avisar a polícia do que havia acontecido na eventualidade de sua morte?

— Oh, mas ele o fez—disse Nebe.—Só que o advogado que escolheu em Berlim era também um membro da organização. Bastou ler a carta e passou-a ao chefe do setor em Berlim. — Nebe me olhou fixamente e assentiu, sério.—É isso, Bernie. O que Müller deseja é descobrir se você sabe ou não. Bem, agora que você sabe, pode contar a ele e livrar-se de ser torturado. Naturalmente, eu preferiria que esta conversa permanecesse em segredo.

— Enquanto eu viver, Arthur, pode contar com isso. E obrigado.

— Senti minha voz fraquejar um pouco.—Apreciei muito o favor.

Nebe assentiu em reconhecimento e olhou ao seu redor preocupado. A seguir, seu olhar bateu na fatia intocada de strudel.

— Não estava com fome?

— Não ando com muito apetite—respondi.—Preocupações demais, acho. Leve para Rainis.—Acendi um terceiro cigarro. Eu estava enganado, ou o vi realmente lambe os beijos? Seria esperar demais, mas certamente valia a pena uma tentativa. — Ou então coma você mesmo, se estiver com fome—sugeri.

Desta vez Nebe lambeu os beijos mesmo.

— Posso?—perguntou educadamente. Assenti, negligente.

— Bem, se tem certeza...—disse, pegando o prato sobre a bandeja no chão.—Minha governanta é que fez. Já trabalhou na Demel. O melhor strudel que alguém já provou na vida. Seria uma pena desperdiçar, não?—Ele deu uma grande mordida.

— Nunca fui muito chegado a doce—menti.

— Isso é quase um pecado em Viena, Bernie. Você está na maior cidade confeitaria do mundo. Devia ter vindo aqui antes da guerra. Havia a Gerstern's, Lehmann's, Heiner's, Aida, Haag, Sluka's, Bredendick's... doces que você nunca provou. — Ele deu outra mordida generosa.—Vir para Viena sem gostar de doce? Ora, isso é o mesmo que um cego dar uma volta na roda-gigante do Prater. Você não sabe o que está perdendo. Por que não experimenta um pouco?

Sacudi a cabeça com firmeza. Meu coração batia tão rápido que achei que ele poderia ouvir. E se ele não comesse tudo?

— Realmente eu não conseguiria comer nada.

Nebe sacudiu a cabeça pesaroso e deu mais uma mordida. Os dentes dele não podiam ser reais, pensei, reparando na sua uniformidade branca. Os dentes verdadeiros de Nebe eram muito mais manchados.

— De qualquer modo—acrescentei, descontraído—, preciso controlar o meu peso. Engordei vários quilos desde que vim para Viena.

— Eu também—respondeu ele.—Você sabe, se eu fosse realmente...

Ele nunca terminou a frase. Tossiu e se engasgou numa única contorção da cabeça. Enrijecendo subitamente, ele soltou um pavoroso ruído de sopro através dos lábios, como se estivesse tentando tocar uma tuba, e fragmentos de bolo semi mastigado foram expelidos de sua boca. O prato de strudel se espatifou no chão, seguido pelo próprio Nebe. Lançando-me em cima dele, tentei tomar-lhe a automática antes que pudesse disparar e alertasse Müller e seus capangas lá em cima. Para meu horror, vi que a arma estava engatilhada e, no mesmo meio segundo, o dedo moribundo de Nebe apertou o gatilho.

Mas o cão só deu um estalido inofensivo. Ainda estava travada.

As pernas de Nebe se contorceram debilmente. Uma pálpebra se fechou enquanto a outra permanecia obstinadamente aberta. Seu último suspiro foi um longo gorgolejo mucoso cheirando fortemente a amêndoa. Finalmente ele ficou imóvel, seu rosto já assumindo um tom azulado. Nauseado, cuspi a pílula letal da minha própria boca.

Não lamentei muito por ele. Dentro de poucas horas ele teria presenciado a mesma coisa acontecendo comigo.

Tomei a arma da mão morta de Nebe, que tinha agora a pele cinzenta com cianose. Depois de inutilmente vasculhar seus bolsos à procura da chave das algemas, levantei-me.

Minha cabeça, ombro, costelas, até mesmo o meu pênis, pareciam doer terrivelmente, mas melhorei um pouco ao sentir o peso da Walther P38 em minha mão. O tipo de arma que havia matado Linden. Empurrei o percussor para operação semi automática, como o próprio Nebe tinha feito antes de entrar na cela, destravei a arma, como ele havia esquecido de fazer, e saí cuidadosamente.

Caminhei até o fim do úmido corredor e subi as escadas para a sala de prensagem e fermentação, onde Veronika tinha morrido. Só havia uma luz perto da porta da frente e segui na direção dela, mal ousando olhar para a prensa de vinho. Se eu tivesse visto Müller, o teria mandado entrar na prensa e o espremeria para fora de sua pele bávara. Em outra encarnação eu enfrentaria os guardas e subiria até a casa, onde poderia tentar prendê-lo: provavelmente me limitaria a atirar nele. Havia sido um dia terrível. Agora eu faria tudo que pudesse para escapar com vida.

Apagando a luz, abri a porta da frente. Sem o casaco, me arrepiei ao frio da noite. Rastejei ao longo da linha das árvores, onde o letão tinha tentado me

executar, e me ocultei entre os arbustos.

O vinhedo estava iluminado pelas luzes dos queimadores. Vários homens ocuparam-se em empurrar os altos carrinhos que transportavam os queimadores para cima e para baixo a fim de posicioná-los onde aparentemente consideravam importante. De onde eu estava sentado, suas longas chamas pareciam vaga-lumes gigantes movendo-se lentamente através do ar. Talvez eu tivesse de escolher outra rota de fuga da propriedade de Nebe.

Retornei para a casa e movi-me furtivamente ao longo da parede, passando pela cozinha rumo ao jardim fronteiro. Nenhuma das luzes de chão estava acesa, mas uma outra, de uma janela acima, refletia-se no gramado como uma grande piscina quadrada. Parei na esquina e farejei o ar. Alguém estava de pé na varanda, fumando um cigarro.

Após um momento que pareceu eterno, ouvi os passos do homem no cascalho e, relanceando rapidamente pela esquina, vi a figura inconfundível de Rainis arrastando-se pela trilha rumo aos portões abertos, onde um enorme BMW cinza estava estacionado de frente para a estrada.

Caminhei sobre o gramado da frente, mantendo-me afastado da luz que vinha da casa, e segui Rainis até que ele alcançou o BMW. Abriu a mala do carro e começou a olhar em torno como se procurando alguma coisa. Na hora em que fechou de novo a mala, tive de pôr menos que cinco metros de distância entre nós. Ele virou-se e ficou congelado ao ver a Walther apontada para sua cabeça disforme.

— Ponha as chaves do carro na ignição—ordenei suavemente.

O rosto do letão ficou mais feio ainda à perspectiva da minha fuga.

— Como conseguiu sair? — disse, zombeteiro.

— Havia uma chave escondida no strudel—respondi e apontei com a pistola para as chaves do carro em sua mão.—As chaves do carro—repeti.—Faça isso. Bem devagar.

Ele recuou e abriu a porta do motorista. Depois inclinou-se para dentro e ouvi o chocalhar das chaves, enquanto ele enfiava a da ignição. Empertigando-se de novo, ele descansou o pé quase descuidadamente sobre o estribo e, apoiando-se no teto do carro, deu um sorriso que tinha a forma e a cor de uma bica enferrujada.

— Quer que o lave antes de partir?

— Desta vez não, monstrengo. O que gostaria que fizesse era me dar a chave para isso aqui.—Exibi meus punhos ainda algemados.

— Chave para o quê?

— Chave para as algemas.

Ele encolheu os ombros e continuou sorrindo.

— Não tenho a chave das algemas. Não acredite em mim, me reviste e vai achar.

Quase estremeci ao ouvi-lo falar. Letão e retardado ele podia ser, mas Rainis não tinha a menor noção da gramática alemã. Ele provavelmente achava que uma conjunção era um cigano jogando cartas num beco.

— Claro que você tem a chave, Rainis. Foi você quem me algemou, lembra? Vi você guardá-la no bolso do colete.

Ele permaneceu em silêncio. Comecei a querer matá-lo friamente.

— Escute aqui, seu letão babaca. Se eu disser "pule" de novo, é melhor não olhar para baixo procurando uma corda de pular. Isto aqui é uma pistola, não a porra de uma escova de cabelo.—Dei um passo à frente e ameacei por entre dentes cerrados.—Agora ache a porra da chave ou farei na sua cara um buraco de fechadura que não precisa de chave.

Rainis fez uma pequena encenação de vasculhar seus bolsos e surgiu com uma pequena chave de prata tirada do bolso do colete. Segurou-a como se fosse um peixinho de aquário.

— Jogue-a no assento do chofer e afaste-se do carro.

Agora que estava mais próximo de mim, Rainis pôde ver pela expressão em meu rosto que eu tinha um bocado de ódio em minha mente. Desta vez ele não hesitou em obedecer e jogou a pequena chave sobre o assento. Mas se eu o considerara estúpido, ou de súbito obediente, cometi um erro, provavelmente devido à fadiga.

Ele apontou para uma das rodas.

— E melhor me deixar apertar aquela calota—disse.

Olhei para baixo e depois para cima novamente, enquanto o letão se lançava contra mim, suas mãos enormes buscando o meu pescoço como um tigre. Meio segundo depois, pressionei o gatilho. A Walther alimentou e girou outro cartucho na câmara em menos tempo do que levei para piscar. Disparei de novo. Os tiros ecoaram através do jardim e na direção do céu como se os sons gêmeos estivessem conduzindo a alma do letão para o julgamento final. Não duvidei de que ela voltaria de novo na direção da terra, e para debaixo do chão, com a mesma rapidez. O corpo dele desabou de cara no cascalho e ficou imóvel.

Corri para o carro e pulei no assento, ignorando a chave das algemas debaixo do meu traseiro. Não havia tempo para nada exceto dar partida no carro. Girei a chave na ignição e o grande carro, novo em folha, despertou para a vida. Ouvi gritos atrás de mim. Recolhendo a pistola no meu colo, fiz dois disparos na direção da casa.

Depois joguei a arma sobre o assento do passageiro, engatei a marcha, bati a porta e pisei no acelerador. Os pneus traseiros deixaram estrias na alameda para carros enquanto o BMW se lançava à frente. No momento pouco importava que minhas mãos ainda estivessem algemadas: a estrada à frente se estendia reta colina abaixo.

Mas o carro guinava perigosamente de um lado para outro sempre que eu soltava a direção por um breve segundo para passar as marchas. Minhas mãos de volta ao volante, desviei para não bater num carro estacionado e quase joguei o BMW do lado de uma cerca. Se eu ao menos pudesse chegar à Stiftskaserne e a Roy Shields, contaria a ele tudo a respeito da morte de Veronika. Se os americanos fossem rápidos, poderiam ao menos pegá-los por esse crime.

Explicações sobre Müller e a organização podiam ficar para depois. Quando a polícia militar tivesse Müller engaiolado, não haveria limite para o embaraço que eu ia causar a Belinski, ao Registro Central, ao CIC—a toda a banda podre americana.

Olhei pelo espelho lateral e vi os faróis de um carro. Eu não tinha certeza se estava ou não me perseguindo, mas forcei ainda mais o já castigado motor e quase imediatamente freei, jogando o volante com firmeza para a direita. O carro bateu no meio-fio e voltou para a estrada. Meu pé tocou o chão de novo, o motor queixando-se em voz alta contra a velocidade mais baixa. Mas eu não podia correr o risco de engatar a terceira, agora que havia mais curvas a vencer na estrada.

No cruzamento da Billrothstrasse com a gurtel, quase me abaixei a fim de manter o carro alinhado e ultrapassar um furgão que lavava as ruas. Não vi o bloqueio de estrada até que fosse tarde demais e, a não ser pelo caminhão estacionado atrás da barreira improvisada que ergui, acho que eu não me importaria em tentar dar uma guinada ou frear. Do jeito que foi, girei firme à esquerda e as rodas traseiras perderam o contato com a estrada.

Por um momento tive uma visão de câmara escura enquanto o BMW girava fora de controle: a barreira, o policial militar americano agitando os braços ou me perseguindo, a ladeira que tinha acabado de descer, o carro que estivera no meu encalço, uma fileira de lojas, uma vitrine de vidro laminado. O carro dançava de lado sobre duas rodas, como um Charlie Chaplin mecânico, e a seguir houve uma catarata de vidro quando bati contra uma das lojas. Rolei desamparado através do banco do passageiro e atingi a porta como algo sólido vindo do outro lado. Senti alguma coisa aguçada debaixo do cotovelo, depois minha cabeça bateu no chassi e devo ter apagado.

Devia ter durado só uns poucos segundos. Em um momento havia barulho, movimento, dor e caos; e no seguinte era tudo silêncio, com apenas o som de uma roda girando lentamente para me dizer que eu ainda estava vivo. Piedosamente o carro havia afogado, de modo que minha primeira preocupação, que era a de que pegasse fogo, foi apaziguada.

Ao ouvir passos sobre cacos de vidro e vozes americanas anunciando que vinham em meu socorro, gritei meu encorajamento, mas, para minha surpresa, isto

soou como pouco mais que um suspiro. E quando tentei erguer o braço para alcançar a maçaneta da porta, perdi de novo a consciência.

CAPÍTULO XXXVII

— Bem, como está se sentindo hoje?—Roy Shields se inclinou à frente na cadeira ao lado do leito e bateu no aparelho de gesso no meu braço. Um arame e uma roldana o mantinham suspenso no ar.

— Isso deve ser muito conveniente—disse ele.—Uma saudação nazista permanente? Merda, vocês alemães podem parecer patriotas até de braço quebrado!

Dei uma breve olhada em torno. Parecia uma enfermaria razoavelmente normal, só que havia grades nas janelas e tatuagens nos antebraços das enfermeiras.

— Que tipo de hospital é este?

— Você está no hospital militar da Stiftskaseme—disse ele. Para sua proteção.

— Quanto tempo passei aqui?

— Quase três semanas. Você ganhou um galo na sua cabeça de boche. Fratura do crânio. Clavícula deslocada, braço quebrado, costelas idem. Esteve delirando desde que chegou.

— É mesmo? Bem, a culpa é do fõhn, acho. Shields riu e depois seu rosto ficou mais sombrio.

— É melhor preservar seu senso de humor—disse.—Tenho más notícias para você.

Consultei meu fichário mental. A maior parte das fichas tinha sido lançada ao chão, mas aquelas que peguei primeiro, de algum modo pareciam especialmente relevantes. Alguma coisa em que eu havia trabalhado. Um nome.

— Emil Becker—falei, recordando um rosto maníaco.

— Ele foi enforcado anteontem.—Shields deu de ombros escusatoriamente.—Sinto muito. Realmente sinto.

— Bem, certamente você não perdeu tempo—assinalei.—É aquela velha e boa eficiência americana? Ou algum dos seus monopolizou o mercado de cordas?

— Eu não perderia o sono com isso, Gunther. Se Becker matou Linden ou não, ele merecia ser enforcado.

— Não soa como uma referência muito boa da justiça americana.

— Deixe disso, você sabe que foi um tribunal austríaco que encaçapou a sua bola da vez.

— Com você fornecendo o taco e o giz, não é?

Shields desviou a vista por um momento e depois esfregou o rosto com irritação.

— Ora, que diabo. Você é um tira. Sabe como é que é. Essas coisas acontecem com qualquer sistema. Não é só porque pisou na merda que você vai comprar sapato novo.

— Claro, mas você aprende a permanecer na estrada em vez de tomar um atalho pelo campo.

— Garoto esperto. Nem mesmo sei por que estamos tendo esta conversa. Você ainda não me deu um fiapo de prova para me convencer de que Becker não matou Linden.

— Então você pode pedir reabertura do processo?

— Um arquivo nunca está completo—disse ele com um encolher de ombros.— Um caso nunca está realmente encerrado, mesmo quando todos os participantes estão mortos.

Eu ainda tenho um ou dois fios soltos.

— Não estou nem aí para os seus fios soltos, Shields.

— Talvez devesse estar, Herr Gunther—Seu tom era mais firme agora.—Talvez eu deva lembrá-lo de que este é um hospital militar, sob jurisdição americana. E, se está lembrado, já tive oportunidade de avisá-lo para não se intrometer neste caso. Agora que você fez exatamente isso, eu diria que ainda me deve explicações. Posse de uma arma de fogo por um cidadão alemão ou austríaco. Bem, isso contraria, para começar, o Manual de Segurança Pública do governo militar austríaco. Só por isso você poderia pegar cinco anos. Depois há o carro que estava dirigindo. Sem falar no fato de que dirigia algemado e não portava uma carteira de motorista válida, existe a pequena questão de furar uma barreira militar.—Ele fez uma pausa e acendeu um cigarro.—Portanto, você escolhe: informação ou xadrez?

— Muito bem colocado.

— Sou um tipo de cara objetivo. Todos os policiais são Vamos lá. Conte.

Afundi de volta no travesseiro, resignado.

— Estou lhe avisando, Shields, você se arrisca a ter mais fios soltos do que já tem. Duvido que eu pudesse provar metade do que poderia lhe contar.

O americano cruzou seus braços musculosos e recostou-se de volta na cadeira.

— Quem gosta de prova é tribunal, meu velho. Eu sou um detetive, lembra? Isto é para meu próprio arquivo particular.

Contei-lhe quase tudo. Quando terminei, seu rosto adotou uma expressão lúgubre e ele assentiu sabiamente.

— Bem, certamente posso sugar um pouco disso.

— Isso é bom—suspirei—,mas minhas tetas estão ficando doídas neste exato momento. Se tiver perguntas, que tal guardá-las para outra ocasião? Gostaria de tirar uma soneca.

Shields se levantou.

— Voltarei amanhã. Mas só uma pergunta, por ora: este cara do Registro Central...

— Belinski?

— É, Belinski. Como foi que ele saiu do jogo antes de estar encerrado?

— Sua suposição é tão boa quanto a minha.

— Melhor, talvez.—Deu de ombros.—Perguntarei por aí. Nossas relações com os rapazes de Informação melhoraram desde aquela coisa de Berlim. O governador militar americano disse a eles e a nós que precisamos apresentar uma frente unida no caso dos soviéticos tentarem a mesma coisa aqui.

— Que coisa de Berlim?—perguntei.—No caso de tentarem aqui?

Shields franziu o cenho.

— Você não sabe sobre isso? Não, claro, você não saberia, não é?

— Olhe, minha esposa está em Berlim. Poderia me explicar melhor o que aconteceu?

Ele sentou-se de novo, apenas na beirada da cadeira, o que aumentou seu óbvio desconforto.

— Os soviéticos impuseram um bloqueio militar completo em Berlim—explicou.—Não estão deixando ninguém entrar ou sair da Zona. Portanto, estamos abastecendo a cidade por via aérea. Aconteceu no dia em que seu amigo Becker fez o seu vôo pessoal: 24 de junho.—Ele sorriu debilmente.—Pelo que ouvi, há um tipo de tensão por lá. Vários colegas acham que vai haver uma grande declaração de intenções todo-poderosas entre nós e os russos. Eu não ficaria de todo surpreso. Deveríamos ter chutado o rabo deles há muito tempo. Mas não estamos a ponto de abandonar Berlim, pode crer.

Se todo mundo mantiver a cabeça no lugar, ajeitaremos isso.

Shields acendeu um cigarro e o pôs entre meus lábios.

— Lamento saber sobre sua esposa—disse ele.—São casados há muito tempo?

— Sete anos. E você? É casado? Ele sacudiu a cabeça.

— Acho que nunca encontrei a garota certa. Perdoe a pergunta: o casamento funcionou bem para vocês dois? Sendo você um detetive e tudo mais?

Pensei por um minuto.

— Sim—disse.—Funcionou muito bem.

O meu leito era o único ocupado no hospital. Naquela noite, uma barcaça atravessando o canal me acordou com seu apito que mais parecia um mugido bovino, e depois me deixou fitando insone a escuridão enquanto o seu eco sumia na eternidade como o toque da trombeta final. Olhando para o vazio da escuridão de breu, minha respiração sussurrada só servia para lembrar-me de minha própria mortalidade; parecia que, não vendo nada, eu pudesse enxergar além do que era mais tangível: a morte em si, uma figura magra e comida por traças envolta em pesado veludo negro, sempre pronta a pressionar o silencioso pano embebido em clorofórmio sobre o nariz e boca da vítima, e depois carregá-la para um seda preto à espera, rumo a um medonho campo de refugiados, onde a escuridão nunca acaba

e de onde ninguém escapa. Quando a luz voltou a pressionar contra as grades da janela, retomou a coragem, embora eu soubesse que os Ivans da Morte não viam com bons olhos aqueles que os encaravam sem medo. Se um homem está pronto a morrer ou não, seu réquiem soa sempre igual.

Shields levou vários dias para voltar ao hospital. Desta vez estava acompanhado por dois outros homens que, pelo corte de cabelo e aparência bem alimentada, só podiam ser americanos. Como Shields, usavam ternos impecavelmente cortados. Mas seus rostos eram mais velhos e mais sábios. Tipos Bing Crosby com pastas, cachimbos e emoções restritas às sobrancelhas. Advogados, ou investigadores. Shields fez as apresentações.

— Este é o major Breen—disse ele, indicando o mais velho dos dois.—E este é o major Medlinskas.

Investigadores, então. Mas de qual organização?

— O que são vocês?—perguntei.—Acadêmicos de medicina? Shields sorriu, incerto.

— Eles gostariam de lhe fazer algumas poucas perguntas. Eu ajudarei como intérprete.

— Diga-lhes que estou me sentindo bem melhor. E agradeça a eles pelas uvas. E talvez um deles pudesse me trazer o penico.

Shields me ignorou. Eles arrastaram três cadeiras e sentaram-se como uma equipe de juizes numa exposição de cachorros, ficando Shields mais próximo de mim. As pastas foram abertas e blocos extraídos.

— Talvez eu devesse ter meu advogado aqui.

— E realmente necessário?—disse Shields.

— O que acha? Basta eu olhar para esses dois para saber que não são turistas americanos querendo conhecer os melhores lugares de Viena para um programa com uma garota bonita.

Shields traduziu minha preocupação para os dois, o mais velho dos quais grunhiu e disse alguma coisa sobre criminosos.

— O major diz que isto não é um assunto criminal—reportou Shields.—Mas se quiser um advogado, mandaremos buscar um.

— Se isto não é um assunto criminal, então como é que estou num hospital militar?

— Você estava usando algemas quando foi retirado daquele carro—suspirou Shields.—Havia uma pistola no chão do carro e uma metralhadora no porta-mala. Você não estaria levando isso se fosse para uma maternidade.

— Mesmo assim, não gosto disso. Não acho que esta bandagem em minha cabeça lhes dê o direito de me tratar como um idiota. Quem são esses caras, afinal? Eles me parecem espiões. Sei reconhecer o tipo. Sinto o cheiro da tinta invisível

em seus dedos. Diga isso a eles. Diga-lhes que o pessoal do CIC e do Registro Geral me deixou com acidez no estômago devido a ter confiado num deles antes e ter sido rifado. Diga-lhes que eu não estaria mentindo aqui agora se não fosse por um agente americano chamado Belinski.

— É sobre isso que eles querem falar com você.

— É? Bem, se eles guardarem esses blocos, eu me sentirei mais à vontade.

Eles pareceram entender isto. Deram de ombros simultaneamente e guardaram os blocos nas pastas.

— Mais uma coisa—eu disse.—Sou um interrogador experiente, lembrem-se disso. Se eu começar a ter a impressão de que estou sendo enxaguado e moldado para acusações de crime, a entrevista terminará.

O homem mais velho, Breen, remexeu-se na cadeira e enlaçou as mãos no joelho. Isso não o fez parecer nem um pouco mais afável. Quando ele falou, seu alemão não foi tão ruim quanto eu tinha imaginado que seria.

— Não faço nenhuma objeção a isso—disse, baixinho.

E então começou. O major fez a maior parte das perguntas, enquanto o mais jovem assentia e interrompia vez por outra em seu péssimo alemão para pedir que eu esclarecesse algum ponto. Pela maior parte de duas horas, respondi ou neutralizei suas perguntas, somente recusando responder diretamente em duas ocasiões, quando pareceu-me que haviam ultrapassado a linha de nosso acordo. Gradualmente, porém, percebi que seu maior interesse em mim residia no fato de que nem o 970a CIC na Alemanha, nem o 430S CIC na Áustria nada sabiam sobre John Belinski. De fato, nem havia um John Belinski ligado, sequer tenuemente, ao Registro Central de Suspeitos de Crimes de Guerra e Segurança do exército americano. A polícia militar não tinha ninguém com esse nome; nem o exército. Havia porém um John Belinski na Força Aérea, mas ele estava com quase cinquenta anos; e a Marinha tinha três John Belinski, todos eles no mar. O que foi exatamente como me senti.

O tempo todo os dois americanos fizeram sermões sobre a importância de eu manter o bico calado a respeito do que tinha descoberto sobre a organização e suas ligações com o CIC. Nada poderia ter se adequado melhor a mim, e considerei isto um forte indício de que, tão logo eu tivesse alta, me deixariam partir. Mas o meu alívio foi temperado por uma grande dose de curiosidade quanto a quem tinha sido realmente John Belinski e o que ele esperava que eu conseguisse. Nenhum dos meus interrogadores me deu o benefício de suas opiniões. Mas é claro que eu tinha minhas próprias ideias.

Várias vezes nas semanas seguintes, Shields e os dois americanos voltaram ao hospital para continuar seu interrogatório. Eram sempre escrupulosamente educados, quase comicamente; e as perguntas eram sempre sobre Belinski. Como

ele parecia? De que parte de Nova York ele disse proceder? Eu podia me lembrar da placa do carro dele?

Contei-lhes tudo que pude lembrar sobre ele. Vasculharam seu quarto no Sacher's e nada encontraram: ele tinha caído fora no próprio dia em que supostamente deveria chegar em Grinzing com a cavalaria. Eles percorreram alguns bares que ele costumava frequentar. Acho que até interrogaram os russos sobre ele. Quando tentaram falar com o oficial georgiano da Patrulha Internacional, o capitão Rustaveli, que havia prendido Lotte Hartmann e a mim sob instruções de Belinski, transpirou que ele tinha sido subitamente chamado a Moscou.

Claro que era tarde demais. O mal já estava feito. Agora estava claro que Belinski tinha trabalhado para os russos o tempo todo. Não era de admirar que tivesse tirado proveito da rivalidade entre o CIC e a polícia militar, eu disse para os meus novos amigos de fé americanos. Disse a mim mesmo que foi muito inteligente eu ter percebido isso tão prontamente como fiz. A esta altura, ele presumivelmente já tinha contado ao seu chefe na MVD tudo sobre o recrutamento de Heinrich Müller e Arthur Nebe por parte dos americanos.

Mas houve diversos assuntos acerca dos quais permaneci mudo. O coronel Poroshin era um deles: eu não gostava de pensar no que poderia ter acontecido se tivessem descoberto que um oficial superior na MVD havia providenciado minha vinda a Viena. A curiosidade deles sobre meus documentos de viagem e concessão de cigarros foi bastante desagradável. Eu disse que tivera de pagar uma grande quantia em dinheiro para subornar um oficial russo, e eles pareceram satisfeitos com a explicação.

No íntimo, especulei se meu encontro com Belinski sempre fez parte do plano de Poroshin. E as circunstâncias de nossa decisão de trabalhar juntos: era possível que Belinski tivesse matado aqueles dois desertores russos só para me impressionar quanto a sua arraigada aversão a tudo que fosse soviético?

Houve outra coisa sobre a qual mantive um resoluta silêncio: a explicação de Arthur Nebe sobre como a organização havia sabotado o Centro de Documentação de Berlim com a ajuda do capitão Linden. Decidi que isto era problema deles. Eu não achava que fosse me importar em ajudar um governo que estava preparado para enforcar nazistas nas segundas, terças e quartas, e recrutá-los para seus próprios serviços de segurança nas quintas, sextas e sábados. Heinrich Müller tinha pelo menos feito sua parte.

Quanto ao próprio Müller, o major Breen e o capitão Medhnskas foram inflexíveis: eu devia ter me equivocado em relação a ele. O ex-chefe da Gestapo estava morto havia muito, me garantiram.

Belinski, insistiram, por motivos que só ele sabia, quase certamente teria me mostrado a foto de outra pessoa. A polícia militar fez uma busca rigorosa no

vinhedo de Nebe, em Grinzing, e só descobriram que o proprietário, um tal Alfred Nolde, estava no exterior a negócios. Não encontraram nenhum corpo, nem qualquer evidência de que alguém houvesse sido assassinado. E embora fosse verdade que existia uma organização de ex-burocratas alemães que trabalhava em conjunto com os Estados Unidos para evitar a expansão do comunismo internacional, era, insistiram eles, totalmente inconcebível que esta organização pudesse ter incluído criminosos de guerra nazistas foragidos.

Ouvi impassível todo esse absurdo, exausto demais com tudo aquilo para me importar com o que eles acreditavam ou, a propósito, com o que eles queriam que eu acreditasse.

Reprimindo minha primeira reação face à indiferença deles à verdade, que era mandá-los para o inferno, limitei-me a assentir polidamente, minhas maneiras beirando o estilo vienense. Concordar com eles parecia ser o melhor meio possível de conquistar minha liberdade.

Shields, porém, foi menos tolerante. Sua ajuda na tradução ficava mais ríspida e não-cooperativa, e tornou-se óbvio que estava infeliz com o modo como os dois oficiais pareciam estar mais preocupados em esconder do que revelar as implicações do que eu tinha revelado primeiro a ele, e no que certamente tinha acreditado. Para grande contrariedade de Shields, Breen declarou-se contente por ter o caso do capitão Linden chegado a uma conclusão satisfatória. A única satisfação de Shields poderia ter vindo do conhecimento de que a 796a companhia de polícia militar, ainda sofrendo em consequência do escândalo envolvendo russos se fazendo passar por PMs americanos, poderia agora se desforrar do 430a CIC: um espião russo, passando por membro do CIC, com o cartão de identidade adequado, permanecendo num hotel requisitado pelos militares, dirigindo um veículo registrado para um oficial americano e geralmente indo e vindo como lhe aprouvesse através de áreas restritas a pessoal americano.

Eu sabia que isso seria apenas um pequeno consolo para um homem como Roy Shields: um policial com um fetiche bastante comum pela retidão. Era fácil para mim simpatizar com ele. Com frequência eu me descobria com o mesmo sentimento.

Nos dois últimos interrogatórios Shields foi substituído por outro homem, um austríaco, e nunca mais o vi.

Nem Breen nem Medlinskas me disseram quando afinal tinham concluído o seu inquérito. Nem me deram qualquer indicação de que ficaram satisfeitos com minhas respostas.

Simplesmente deixaram o assunto pendente. Mas o pessoal dos serviços de segurança é assim mesmo.

Em duas ou três semanas fiquei plenamente recuperado de minhas fraturas. Contudo, fiquei tanto divertido quanto chocado ao ouvir do médico da prisão que eu vinha sofrendo de gonorreia.

— Para começar, você deu uma sorte danada em ser trazido para cá, onde temos penicilina. Se o tivessem levado para outro lugar que não um hospital militar americano, eles teriam usado Salvarsan, e aquela coisa queima que nem o cuspe de Lúcifer. Em segundo lugar, tem sorte de que seja uma simples gonô e não a sífilis russa. As prostitutas locais estão todas contaminadas. Vocês alemães nunca ouviram falar de preservativos?

— Quer dizer camisinhas? Claro que já. Mas não as usamos. Nós as damos para os quinta-colunas nazistas, que fazem buracos nelas e as vendem para os soldados americanos, a fim de que adoeçam quando comerem nossas mulheres.

O médico riu. Mas eu sabia que, no fundo de sua alma, ele acreditava em mim. Este foi apenas um dos muitos incidentes similares que encontrei durante minha recuperação, com o meu inglês levemente melhorado, capacitando-me a conversar com as duas americanas que eram as enfermeiras do hospital. Enquanto ríamos e fazíamos piadas, sempre me parecia que havia algo estranho nos olhos dela, mas não consegui identificar o quê.

E então, poucos dias antes da minha alta, uma doentia percepção se abateu sobre mim. Como eu era alemão, as americanas estavam de fato frias comigo. Era como se, quando olhavam para mim, um cinejornal dos horrores de Belsen e Buchenwald fosse projetado no interior de suas mentes. E o que havia nos olhos delas era uma pergunta: como você pôde permitir que isso acontecesse? Como pôde deixar esse tipo de coisa prosseguir?

Talvez, por várias gerações pelo menos, quando outras nações nos fitarem nos olhos, será sempre com esta mesma pergunta não formulada nos seus corações.

CAPÍTULO XXXVIII

Era uma agradável manhã de setembro quando, usando um terno mal ajustado emprestado pelas enfermeiras do hospital militar, retornei à minha pensão em Skodagasse.

A proprietária, Frau BlumWeiss, saudou-me calorosamente, informou-me que minha bagagem estava guardada a salvo no porão, entregou-me um bilhete que tinha chegado cerca de meia hora antes e perguntou-me se eu desejaria um café da manhã. Eu disse que sim e, agradecendo a ela por guardar meus pertences, perguntei se lhe devia algum dinheiro.

— O Dr. Liebl acertou tudo, Herr Gunther—disse ela.—Mas se quiser seus aposentos de volta, está tudo bem. Eles estão vagos.

Como eu não fazia ideia de quando poderia retornar a Berlim, aceitei o oferecimento.

— O Dr. Liebl me deixou alguma mensagem?—perguntei, já sabendo a resposta. Ele não fizera qualquer tentativa de entrar em contato comigo enquanto estive internado.

— Não, nenhuma mensagem—disse ela.

A seguir ela levou-me de volta aos meus antigos aposentos enquanto seu filho carregava as malas. Agradei a ela de novo e disse que faria meu desjejum tão logo tivesse vestido minhas próprias roupas.

— Está tudo aí—disse ela quando seu filho chegou com as malas.

— Pedi um recibo pelas poucas coisas que a polícia levou: papéis, esse tipo de coisa.—Depois ela sorriu docemente, desejou-me outra agradável estada e fechou a porta ao sair. Tipicamente vienense, ela não demonstrou nenhum desejo de saber o que havia acontecido comigo desde a última vez em que me hospedara em sua pensão.

Tão logo ela saiu do quarto, abri as malas e descobri, quase para meu espanto e muito para meu alívio, que estava ainda de posse de meus 2.500 dólares em dinheiro e meus vários maços de cigarros. Deitei-me na cama e fumei um Memphis com uma sensação de quase prazer.

Abri o bilhete enquanto comia meu desjejum. Só havia uma frase curta, escrita em cirílico: "Encontre-me na Kaisergruft às onze horas desta manhã." O bilhete não estava assinado, mas dificilmente precisava ser. Quando Frau BlumWeiss retornou a minha mesa para retirar os pratos, perguntei-lhe quem entregara o bilhete.

— Foi só um garoto de escola, Herr Gunther—disse ela, reunindo a louça numa bandeja.—Um estudante comum.

— Tenho que me encontrar com alguém na Kaisergruft—expliquei.—Onde fica isso?

— A Cripta Imperial? — Ela limpou a mão num bem-passado avental, como se estivesse prestes a encontrar o Kaiser em carne e osso, e depois se benzeu. Mencionar a realeza sempre parecia deixar os vienenses duplamente respeitosos. - Ora, fica na Igreja dos Capuchinhos, no lado oeste do Neuer Markt. Mas vá cedo, Herr Gunther.

Só fica aberta de manhã, das dez ao meio-dia. Tenho certeza de que achará muito interessante.

Sorri e acenei, grato. Não restava dúvida de que eu de fato iria achar muito interessante.

Neuer Markt dificilmente parecia uma praça de mercado. Inúmeras mesas tinham sido dispostas na calçada de um café. Havia fregueses que não estavam tomando café, garçons que não pareciam dispostos a servi-los e pouca evidência de que café pudesse ser obtido ali. Parecia inteiramente improvisado, mesmo para os fáceis padrões de uma Viena reconstruída. Havia também umas poucas pessoas apenas observando, quase como se um crime houvesse ocorrido e todo mundo estivesse aguardando a polícia.

Mas prestei pouca atenção a isso e, ao ouvir as badaladas das onze da torre do relógio próxima, apressei-me para dentro da igreja.

Era melhor para qualquer um que fosse o zoólogo que batizou o famoso macaco, que o estilo de hábito dos monges capuchinhos fosse um pouco mais marcante do que sua desprestigiada igreja em Viena. Comparada com a maioria de outros lugares de culto naquela cidade, a Kapuzinerkirche parecia ter flertado com o calvinismo à época em que foi construída. Ou isso, ou o tesoureiro da Ordem tinha fugido com o dinheiro para pagar os pedreiros; não havia nenhum entalhe nela. A igreja era suficientemente comum para que eu passasse pelo local sem sequer reconhecê-la. Eu poderia ter feito isso outra vez não fosse o grupo de soldados americanos aglomerados a uma porta e dos quais entreouvi uma referência aos "stifs". Minha nova intimidade com o inglês falado pelas enfermeiras no hospital militar me confirmou que o grupo pretendia visitar o mesmo local que eu.

Paguei um xelim de entrada a um velho monge ranzinza e entrei por um longo e arejado corredor, que achei ser uma parte do mosteiro. Uma escadaria estreita levava até a cripta.

De fato não era uma, mas oito criptas intercomunicantes, e o ambiente era muito menos sombrio do que eu esperava. O interior era simples, de um branco sem adornos com paredes parcialmente revestidas de mármore, e que contrastava fortemente com a opulência de seus conteúdos.

Aqui estavam os restos de mais de cem Habsburgos e seus famosos queixos, embora o guia turístico que eu tinha pensado em trazer comigo dissesse que os corações deles estavam conservados em urnas localizadas no subsolo da Catedral de Santo Estevão. Era tanta evidência pela mortalidade da nobreza quanto a que se encontraria em qualquer lugar ao norte do Cairo. Parecia que não faltava ninguém exceto o arquiduque Ferdinando, que estava enterrado em Graz, sem dúvida separado do resto deles por ter insistido em visitar Sarajevo.

O ramo menos nobre da família, da Toscana, estava empilhado em caixões simples de chumbo, um em cima do outro, como garrafas numa adega, no canto mais afastado da comorida criota. Eu meio que esperava ver um velho abrindo dois deles para testar uma marreta nova e um conjunto de estacas. Era bastante natural que os Habsburgos com os maiores egos ocupassem os sarcófagos maiores. A esses caixões de cobre morbidamente ornamentados só parecia faltarem lagartas de tanque e torretas de tiro para capturarem Stalingrado.

Apenas o imperador José II demonstrava um pouco de moderação na escolha do caixão; e somente um guia de turismo vienense poderia ter descrito o caixão de cobre como "excessivamente simples". Encontrei o coronel Poroshin na cripta de Francisco José. Ele sorriu calorosamente e pôs a mão no meu ombro.

— Sabe, eu estava certo. Você lê cirílico, afinal.

— Talvez você possa ler minha mente, também.

— Com certeza. Você está imaginando o que podíamos possivelmente dizer um ao outro, dado tudo o que aconteceu. Pelo menos tudo neste lugar. Você está pensando que num lugar diferente poderia tentar me matar.

— Devia estar no palco, palkovnik. Você poderia ser outro professor Schaffer.

— Está enganado, acho. O professor Schaffer é um hipnotizador, não um leitor da mente.—Ele bateu com as luvas na palma da mão aberta com o ar de quem marcou um ponto.—Eu não sou um hipnotizador, Herr Gunther.

— Não se subestime. Você conseguiu me fazer acreditar que eu era um investigador particular e que devia vir para Viena a fim de tentar inocentar Emil Becker de assassinato.

Uma fantasia hipnótica, não tenho dúvida.

— Uma sugestão poderosa, talvez—disse Poroshin—,mas você estava agindo sob seu próprio livre-arbítrio.—Ele suspirou.—Uma pena o que aconteceu com o pobre Emil. Você está errado se acha que eu não esperava que provasse a inocência dele. Mas, usando um termo de xadrez, esse foi meu gambito Viena: tem uma pacata aparência inicial, mas a sequência é cheia de sutilezas e possibilidades agressivas. Tudo de que se precisa é um forte e valente cavaleiro.

— E este sou eu, suponho.

— Tochno (exatamente). E agora o jogo está ganho.

— Importa-se em explicar como?

Poroshin apontou para o caixão à direita daquele mais elevado que continha o imperador Francisco José.

— O príncipe herdeiro Rodolfo—disse Poroshin.—Ele cometeu suicídio no famoso pavilhão de caça em Mayerling. A história geral é bem conhecida, mas os detalhes e os motivos permanecem obscuros. Praticamente, a única coisa de que podemos ter certeza é a de que ele jaz nesta exata tumba. Para mim, certamente já basta saber disso. Mas nem todo mundo que acreditamos ter cometido suicídio está realmente tão morto quanto o pobre Rodolfo. Por exemplo, Heinrich Müller. Provar que continua vivo, bem, isso foi algo que valeu a pena. O jogo foi ganho quando soubemos disso com certeza.

— Mas eu menti a respeito disso—falei despreocupadamente. Nunca vi Müller. A única razão que me levou a sinalizar para Belinski era porque queria que ele e seus homens viessem e me ajudassem a salvar Veronika, a chocodama do Oriental.

— Sim, admito que os arranjos de Belinski com você fossem menos do que perfeitos em seu conceito. Mas por acaso sei que você está mentindo agora. Belinski esteve realmente em Grinzing, com uma equipe de agentes. Claro que não eram americanos, mas meus próprios homens. Cada veículo que deixava a casa amarela em Grinzing foi seguido, inclusive o seu. Quando Müller e seus amigos descobriram sua escapada, ficaram tão tomados de pânico que fugiram quase imediatamente. Nós simplesmente os seguimos, a uma distância discreta, até que acharam que estavam novamente a salvo. A partir de então, nós mesmos fomos capazes de identificar Herr Müller positivamente.

Está vendo? Você não mentiu.

— Mas por que simplesmente não o prendeu? Que bem ele lhe traz se for deixado em liberdade?

Poroshin fez seu rosto parecer astuto.

— No meu ramo, nem sempre é necessariamente boa política prender um homem que é meu inimigo. Ocasionalmente, ele pode ser muitas vezes mais valioso se lhe permitimos permanecer ao largo. Desde o início da guerra Müller foi um agente duplo. Por volta de 1944 ele estava naturalmente ansioso para desaparecer de Berlim por completo e ir para Moscou. Bem, você pode imaginar isto, Herr Gunther? O chefe da Gestapo fascista vivendo e trabalhando na capital do socialismo democrático? Se as agências de informação britânica e americana tivessem descoberto uma coisa dessas, sem dúvida teriam vazado esta informação para a imprensa mundial em algum momento politicamente oportuno. Então, ficariam assistindo de camarote ao nosso constrangimento e embaraço. Portanto, ficou decidido que Müller não poderia vir.

"O único problema era que ele sabia demais sobre nós, sem falar no paradeiro de dezenas de espiões da Gestapo e do Abwehr espalhados pela União Soviética e Europa oriental. Ele tinha de ser neutralizado antes que pudéssemos enxotá-lo de nossa porta. Portanto, o enganamos para que nos desse os nomes de todos esses agentes, e ao mesmo tempo começamos a alimentá-lo com informação nova que, embora não ajudasse no esforço de guerra alemão, poderia mostrar-se de considerável interesse para os americanos. Sem falar que a informação também era falsa.

"De qualquer modo, durante todo esse tempo continuamos a protelar a deserção de Müller, dizendo a ele que esperasse só um pouco mais e que não tinha nada com que se preocupar. Mas quando estávamos prontos, permitimos que ele descobrisse que, por várias razões políticas, sua deserção podia não ser sancionada. Esperávamos que isso o convencesse agora a oferecer seus serviços aos americanos, como outros fizeram. O general Gehlen, por exemplo. O barão von Bolschwing. Até mesmo Himmler...

embora ele fosse simplesmente bem conhecido demais para que os britânicos aceitassem seu oferecimento. E louco demais, não é?

"Talvez tenhamos calculado mal. Talvez Müller tenha partido tarde demais e não conseguido escapar à vigilância de Martin Bormann e dos soldados da SS que guardavam o bunker de Hitler. Quem sabe? Seja como for, Müller aparentemente cometeu suicídio. Isto ele camuflou, mas não demorou muito até que pudéssemos provar isto para nossa própria satisfação. Müller é um homem muito inteligente.

"Quando descobrimos sobre a organização, achamos que não levaria muito tempo para Müller aparecer de novo. Mas ele permaneceu persistentemente nas sombras. Era visto ocasionalmente e sem confirmação, mas nada com certeza. E então, quando o capitão Linden foi morto, notamos pelos relatórios que o número de série da arma do crime era o mesmo da que originalmente pertencia a Müller. Mas esta parte você já sabe, acho. Assenti.

— Belinski me contou.

— Um homem de muitos recursos. A família é siberiana, você sabe. Eles voltaram para a Rússia após a Revolução, quando Belinski ainda era um menino. Mas à época já era americano da gema, como se diz. Toda a família estava em breve trabalhando para a NKVD. Foi ideia de Belinski se fazer passar por agente do Registro Central de Suspeitos de Crimes de Guerra e Segurança. Não só o Registro Central e o CIC trabalham com frequência em objetivos conflitantes, como também o Registro costuma ser equipado com pessoal do CIC. E é bastante comum que a polícia militar americana ignore as operações desses órgãos. Os americanos são até mais bizantinos em suas estruturas organizacionais do que nós mesmos. Belinski era plausível para você; mas ele era também plausível, como

uma ideia, para Müller: o suficiente para assustá-lo a ponto de sair da toca quando você lhe contou que um agente do Registro Central estava no encalço dele; mas não o suficiente para enxotá-lo para tão longe quanto a América do Sul, onde não seria de nenhuma utilidade para nós. Afinal, há outros no CIC, menos escrupulosos acerca de empregar criminosos de guerra, a cuja proteção Müller poderia recorrer.

"E assim aconteceu. Tal como falamos, Müller está exatamente aonde o queríamos: com seus amigos americanos em Pullach. Sendo útil para eles. Dando-lhes o benefício de seu maciço conhecimento das estruturas da espionagem soviética e métodos da polícia secreta. Falando sobre a rede de agentes leais que ainda acredita que estão na ativa. Esta foi a primeira etapa do nosso plano: desinformar os americanos.

— Muito esperto—comentei, com genuína admiração.—E a segunda?

O rosto de Poroshin adotou uma expressão mais filosófica.

— Quando o momento for propício é que iremos vazar alguma informação para a imprensa mundial: que o Müller da Gestapo é um instrumento da espionagem americana. Então nós é que vamos assistir de camarote ao embarço deles. Pode ser daqui a dez anos, ou mesmo vinte. Mas, desde que Müller permaneça livre, acontecerá.

— E se a imprensa mundial não acreditar em vocês?

— Não será difícil obter a prova. Os americanos são ótimos para manter registros e arquivos. Veja o Centro de Documentação deles. E nós temos outros agentes. Desde que eles saibam onde e o que procurar, não será difícil demais encontrar a prova.

— Vocês parecem ter pensado em tudo.

— Mais do que você algum dia saberá. E agora que respondi suas perguntas, tenho uma a lhe fazer, Herr Gunther. Responderá, por favor?

— Não posso imaginar o que eu tenha a lhe dizer, palkovnik. O jogador é você, não eu. Sou apenas um peão no seu gambito Viena, lembra?

— Mesmo assim, há uma coisa. Dei de ombros.

— Desembuche.

— Sim—disse ele—,voltando ao tabuleiro de xadrez por um momento: é esperado que uma peça seja sacrificada. Becker, por exemplo. E você, claro. Mas às vezes deparamos com perda inesperada de peças.

— Sua rainha?

Ele franziu o cenho por um momento.

— Se preferir. Belinski me disse que foi você quem matou Traudl Braunsteiner. Mas ele foi um homem muito determinado em todo este caso. O fato de que eu tinha um interesse pessoal em Traudl não representou nada de especial para ele. Sei que isto é verdade. Ele a mataria sem pensar duas vezes. Mas você...

"Um dos meus homens verificou você no Centro de Documentação. Você falou a verdade. Nunca foi membro do partido. E o resto está lá também. Como pediu para ser transferido da SS, o que podia causar seu fuzilamento. Portanto, um tolo sentimental, talvez. Mas não um assassino. Eu lhe direi na cara, Herr Gunther: meu intelecto diz que você não a matou. Mas devo saber isso também. Ele bateu no estômago.—Talvez mais do que tudo.

Ele fixou em mim seus olhos azul claros, mas não desviei meu olhar nem pisquei.

— Você a matou?

— Não.

— Você a atropelou?

— Quem tinha carro era Belinski, não eu.

— Então você não tomou parte no assassinato dela.

— Eu ia até avisá-la. Poroshin assentiu.

— Da—disse ele—,dagavareelees (faz sentido). Você está falando a verdade.

— Slava bogu (Graças a Deus).

— Você está certo em agradecer a Ele.—Poroshin bateu no estômago mais uma vez.—Se eu não tivesse intuído isso, teria de matar você também.

— Também?—Franzi o cenho.—Quem mais foi morto? Belinski? -Sim, infelizmente. Ele estava fumando aquele infernal cachimbo dele. Um hábito tão perigoso, fumar.

Você deveria parar.

— Como foi?

— Há um velho método da Cheka. Uma pequena quantidade de tetrilo na boquilha ligada a um estopim que leva a um ponto abaixo do forninho. Quando o cachimbo é aceso, acende o estopim. Muito simples, mas também muito mortal. Explodiu a cabeça dele.

— O tom de Poroshin foi quase indiferente.—Vê? Minha mente me disse que você não a matou. Eu só queria ter certeza de que não precisaria matar você também.

— E agora já tem certeza?

— Claro—respondeu ele. — Não só permitirei que saia daqui vivo...

— Teria me matado bem aqui?

— É um lugar bastante adequado, não acha?

— Oh, sim, muito poético. O que vai fazer? Morder meu pescoço? Ou eletrificou um dos caixões?

— Existem muitos venenos, Herr Gunther.—Ele manteve uma pequena faca retrátil na palma da mão.—Tetrodotoxina na lâmina. Basta o mais leve arranhão e... adeus.

— Ele pôs a faca no bolso da túnica e encolheu os ombros.—Eu ia lhe dizer que agora não só você pode sair vivo daqui, mas também que, se for ao Café Mozart agora, encontrará alguém a sua espera.

Meu ar de espanto pareceu diverti-lo.

— Não adivinha quem?—falou, deliciado.

— Minha esposa? Você a trouxe de Berlim?

— Kanyeshna (Claro). Não sei como ele conseguiria sair de outro jeito. Berlim está cercada por nossos tanques.

— Kirsten está esperando no Café Mozart agora? Ele consultou o relógio e assentiu.

— Já faz 15 minutos—disse.—E melhor não deixá-la esperando por muito tempo. Uma mulher atraente como ela, sozinha numa cidade como Viena? Deve-se tomar cuidado hoje em dia. São tempos difíceis.

— Você é cheio de surpresas, coronel—eu disse a ele.—Cinco minutos atrás estava pronto para me matar, por nada mais tangível que sua indigestão. E agora está me dizendo que trouxe minha esposa de Berlim. Por que está me ajudando assim? Ya nye paneemayo (Não entendo).

— Digamos simplesmente que era parte de todo o romantismo fútil do comunismo, vot i vsyo (isso é tudo).—Ele bateu os calcanhares como um bom prussiano.—Adeus, Herr Gunther. Quem sabe? Depois dessa coisa de Berlim, podemos nos reencontrar.

— Espero que não.

— Isso é muito mau. Um homem com os seus talentos...—Ele voltou-se e foi embora.

Deixei a Cripta Imperial mais renascido do que Lázaro. Lá fora, na Neuer Markt, havia ainda mais gente observando o estranho café que não tinha café. A seguir, vi as câmeras e as luzes e ao mesmo tempo descobri Willy Reichmann, o ruivo baixinho que era gerente de produção nos Estúdios Sievering. Ele falava em inglês com outro homem que segurava um megafone. Devia ser o filme inglês de que me falara: aquele para o qual as ruínas cada vez mais raras de Viena tinham sido um pré-requisito.

O filme no qual Lotte Hartmann, a garota que me deu uma bem merecida dose de gonorreia, tomou parte no elenco.

Parei para observar por alguns momentos, imaginando se poderia vislumbrar a garota de König, mas nem sinal dela. Achei improvável que ela tivesse deixado Viena com ele e dispensado seu primeiro papel no cinema.

Uns dos circunstantes me disse:

— Que diabo estão eles fazendo? E outro respondeu:

— Supostamente é o Café Mozart. Risos percorreram a multidão.

— O quê? Aqui?—disse outra voz.

— Parece que eles acham a vista melhor aqui—replicou um quarto homem.—
Isso é o que se chama de licença poética.

O homem com o megafone pediu silêncio e gritou "luz, câmera, ação!". Dois homens, um deles carregando um livro como se fosse algum tipo de ícone religioso, trocaram um aperto de mão e sentaram-se a uma das mesas.

Deixando que a multidão visse o que se seguiria, caminhei rápido para o sul, rumo ao autêntico Café Mozart e à esposa que lá esperava por mim.

NOTA DO AUTOR

Em 1988, Ian Sayer e Douglas Botting, que estavam compilando uma história do Corpo de Contra Informação norte-americano, intitulada *America's SecretArmy: The Untold Story of the Counter-Intelligence Corps*, foram solicitados por uma agência do governo dos EUA para verificar um arquivo contendo documentos assinados por agentes do CIC em Berlim, por volta de fins de 1948, relacionados com o emprego de Heinrich Müller como consultor do CIC. O arquivo indicava que agentes soviéticos haviam concluído que Müller não havia sido morto em 1945 e que provavelmente estava sendo usado por agências de informação ocidentais. Sayer e Botting rejeitaram o material como uma contrafação "falsificada por uma pessoa habilidosa porém confusa". Esta opinião foi corroborada pelo coronel E. Browning, que foi chefe de operações do CIC em Frankfurt à época em que os documentos foram supostamente produzidos. Browning indicou que toda a ideia de algo tão delicado quanto ao emprego de Müller como consultor do CIC era ridícula. "Lamentavelmente", escreveram os dois autores, "temos de concluir que o destino do chefe da Gestapo no Terceiro Reich continua envolto em mistério e especulação, como sempre esteve e provavelmente sempre estará."

Tentativas de um prestigiado jornal britânico e de uma revista americana de investigar a história em detalhes também redundaram em fracasso.

Este livro foi composto na tipologia Goudy Old Style em corpo 11/13 e impresso em papel Chamois Fine 80g/m² no Sistema Cameron da Divisão Gráfica da Distribuidora Record.

Table of Contents

RÉQUIEM ALEMÃO

Primeira Parte

CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII

Segunda Parte

CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXII
CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXIV
CAPÍTULO XXV
CAPÍTULO XXVI
CAPÍTULO XXVII
CAPÍTULO XXVIII
CAPÍTULO XXIX
CAPÍTULO XXX
CAPÍTULO XXXI
CAPÍTULO XXXII
CAPÍTULO XXXIII

CAPÍTULO XXXIV
CAPÍTULO XXXV
CAPÍTULO XXXVI
CAPÍTULO XXXVII
CAPÍTULO XXXVIII

NOTA DO AUTOR